

nunca
olhe
para
dentro

Amanda Ághata Costa
autora da série *A Escolhida*



The background of the entire page is a light gray, repeating floral pattern. It features stylized flowers with five petals and long, slender leaves, arranged in a dense, overlapping manner.

nunca
olhe
para
dentro

Amanda Ághata Costa
autora da série A Escolhida

INFORMAÇÃO DE DIREITOS E REGISTRO INTELECTUAL

Todos os direitos reservados à Amanda Ághata Costa. Nenhuma parte desta edição deverá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da autora.

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Capa		Marcus Vinícius Pallas
Revisão		Luciane Rangel

DADOS NACIONAIS DE CATALOGAÇÃO

C837n Ághata Costa, Amanda
Nunca olhe para dentro / Amanda Ághata Costa. - 2017
039 f. : 1ª ed.

Romance Drama Ficcional - Amanda Ághata Costa, Santa
Catarina, 2017.

ASIN: 000-00-00000-00-0

1. Literatura Brasileira; 2. Romance; 3. Drama; I. Título.

CDD. 869.93 CDU. 821.13

REVISADO CONFORME O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO.

[WWW.FACEBOOK.COM.BR/AETRILOGIA](https://www.facebook.com.br/aetriologia)
[WWW.INSTAGRAM.COM/AACOSTA](https://www.instagram.com/aaccosta)



*As suas cores podem ser infinitas.
Dê valor a todas elas.*



Prólogo



A música é delicada e embala a nossa noite de sábado em família. Papai e mamãe garantem que o jazz é a moda da década passada, e que por isso nós temos que ouvi-lo, afinal, parece que ninguém mais escuta esse tipo de canção. Não entendo o que é este jazz, nem porque meus pais pensam que devemos escutar tantos barulhos sem sentido, mas se eles dizem que é assim, devem saber do que estão falando.

Já pra mim a música não faz tanta diferença. Eu viveria em silêncio e não reclamaria nem mesmo uma só vez, o que não posso dizer sobre a pintura. Um mundo sem paletas, pincéis e telas para despejar todas as cores contidas nos meus pensamentos não seria um lugar onde eu gostaria de viver.

Alguns pensam através de situações, eu penso através de cores.

Cada emoção representa uma cor na minha mente. Automaticamente, filtro o humor e os comportamentos de uma pessoa, transformando-a em diferentes tons. Agora nós somos todos *azuis*.

A noite de hoje foi um grande marco na minha carreira como pintora. Estamos voltando da primeira exposição onde dois dos meus melhores quadros estiveram em destaque. “A menina prodígio de Ostala”, é o que dizia o enunciado em letras garrafais logo acima do grande mural, contendo uma foto em que estou sorrindo tanto que poderia ser considerada *laranja* naquele momento. Eu queria ser laranja para sempre, se isso significasse poder sorrir para centenas de pessoas através das minhas pinturas. Repetidas vezes. Imortalizada através de uma infinidade de pinceladas e significados.

Papai está tão orgulhoso por tudo o que viu no evento, que cantarola alegremente até metade do caminho, assoviando sem parar. Assim que a

canção chega ao fim, o aparelho de som dá início a uma outra que parece tão igual àquela de antes. Ele olha para minha mãe e sorri. Percebo que agora eles são *vermelhos*.

Eles começam a falar algo sobre perdão e do quanto fizeram tudo por amor, mas não estou muito focada no que dizem, porque quero lembrar das luzes em cima de mim e das pessoas me cumprimentando por causa da minha arte. Hoje eu só quero pensar que aquele museu estava todo voltado a homenagear um talento que poucos reconheciam até algumas horas atrás.

Então meu pai pausa a música e olha ligeiramente para trás, apenas para dizer as seguintes palavras: — Amarelinha, hoje é seu dia de escolher o sabor da pizza! Você merece todos os sabores que existem no planeta, por isso pode escolher o que quiser. Nem que o atendente tenha que colocar meio sabor em cada fatia de um centímetro.

Minha mãe dá uma gargalhada doce, tão suave e ao mesmo tempo cheia de energia. Também começo a rir, mas não sem antes erguer os braços e comemorar.

— Oba! Pizza de todos os sabores! Posso pedir calabresa com morango e peixe com chocolate?

Ele ergue os dedos de uma mão para cima, e vejo que pelo espelho ele franze a testa, porém não me contraria ou diz que isso seria loucura, muito pelo contrário. Meu pai me incentiva.

— Olhe só, você pode ter o que quiser e o mundo estará lá esperando por você, amarelinha. Se achar que o sabor de calabresa com morango e peixe com chocolate tem sentido, ninguém tem o direito de dizer que não é certo. O que faz sentido para você é a única coisa que importa.

Mamãe cutuca o braço do marido, e se vira para me olhar antes que ele fale mais alguma coisa.

— Não escute nada disso, Betina. É o orgulho bobo que está fazendo ele concordar com mais uma das suas ideias malucas. Depois que você tiver uma intoxicação alimentar, quem passará as noites em claro serei eu.

Ela pisca o olho e se não estivéssemos dentro de um carro, no meio de uma pista escura e ainda distante de casa, com certeza ela receberia uma sessão de cócegas.

— Ei, amarelinha, ela está blefando. — papai olha mais uma vez para trás, sustentando o meu olhar. — Você pode ter o mundo e os sabores de pizzas que quiser.

Sorrio com a forma engraçada e gentil que eles têm de contrariar um ao outro, mas meu sorriso é congelado assim que viro o rosto, ao mesmo tempo em que ouço o grito estourando dos lábios de minha mãe.

— Cuidado, Antônio!

A luz alta de um farol vem em nossa direção, e instintivamente meu pai gira o volante inteiro para o lado, o suficiente para fazer o veículo perder o controle e sermos arremessados para o outro lado da pista. Caímos em direção a um lago extenso, sentindo o corpo chacoalhar enquanto o carro capota algumas vezes. O cinto me prende no banco, mas minha consciência não se apaga com a pancada, o que me faz ficar ainda mais assustada. Meu coração salta dentro do peito, e começo a gritar, por mais que nenhum som pareça estar saindo da minha boca.

Logo o carro começa a afundar, e a primeira coisa que consigo fazer é me soltar do cinto para tentar acordar os meus pais e fugirmos daqui. A água parece mais densa do que deveria ser e logo me puxa para baixo junto com ela, fazendo com que tudo em mim arda mais do que o normal. Meus pulmões exigem ar e quanto mais me debato, menos oxigênio eu tenho. Tento abrir a porta do passageiro, só que minha força parece tão escassa, que nem consigo assimilar os meus movimentos e o que estou fazendo ao certo.

Em uma fração de segundos, o que antes mais se parecia com as cores do arco-íris, agora tem apenas tom de desespero. Forço meus olhos a ficarem abertos, porém é em vão. Meu mundo colorido desaba e em um estalo fica totalmente preto.

1



Um ser humano normal pode suportar até mesmo dez minutos embaixo da água. Dependendo das condições e da temperatura, este número cai para três, mas por alguma razão inexplicável, eu pude aguentar vinte longos minutos dentro de um inferno sem escapatória. Os médicos não entendem como sobrevivi e afirmam que algo assim não se vê todos os dias. Dizem que nasci de novo. Eu fui uma exceção.

— Você sabe que cedo ou tarde vai ter que deixá-los ir, né? Não pode viver o luto até o fim da sua vida, Betina.

Paola começa a falar com a voz firme, porém vai diminuindo a intensidade conforme vê que continuo agachada, sentindo a água gelada batendo nos meus dedos. O narciso amarelo boia de forma suave até eu soltá-lo completamente, contrastando na cor escura do lago. Sexta-feira é o dia em que eu completo o meu ritual sagrado, o único dia da semana em que eu choro por tudo aquilo que perdi. Contemplo a flor se perdendo naquele breu, do mesmo jeito que meus pais se perderam na noite do acidente. Uma única lágrima escorre silenciosa pela minha bochecha, enquanto me viro para encarar a amiga que faz questão de me acompanhar até aqui. Todas as sextas-feiras, faça chuva ou faça sol. Embora nunca queira admitir, sei que Paola faz isso por medo de que eu possa cometer alguma loucura.

O que ela não sabe é que suicídio *nunca* me pareceu uma saída, nem mesmo um atalho. As merdas da vida acontecem todos os dias, com milhares de pessoas. O detalhe fodido é que eu tive o azar de ter acontecido várias merdas de uma só vez.

— Eu só vou deixá-los ir quando descobrir quem causou o acidente, e você sabe muito bem disso, Paola.

Ela me olha com o seu olhar de *não* posso discutir com isso e através desse pequeno gesto, sei que ela não tentará me convencer de mais nada. O que mais gosto em nossa amizade é que, apesar de saber boa parte dos detalhes sobre o que houve comigo, Paola nunca me trata com pena. O que ela diz é sincero e os sermões não são à toa, pois entendo que a intenção dela é me ver seguindo em frente e não olhando para dentro do passado que eu deveria tentar esquecer. Mas hoje é sexta-feira, o dia em que eu levanto da cama, encaro o teto, e penso que somente por hoje, eu posso me conceder o direito de sofrer.

Antes de nos afastarmos, olho diretamente para o narciso que parece dizer adeus do ponto onde estamos, entre outras pétalas já soltas que permanecem ali, secas e sem vida. Assim como aqueles pedaços aleatórios do que um dia já formaram uma flor exuberante, se houvesse uma cor para mim, certamente não seria *amarelo*.

— Vê se coloca um sorriso nesse rosto. — Paola ri e me cutuca, dando uma piscadinha. — Hoje nós vamos sair! Aquela prova que o professor Rafael passou na terça-feira ainda está zunindo na minha cabeça. Qual é o jeito que você fala mesmo? Ah, é, hoje eu estou meio *verde*.

O carro acelera tanto que sai derrapando dali, o que é ótimo, porque me obriga a não ficar olhando para o lago, deixando Paola mais feliz e menos perturbada emocionalmente. Sei ser divertida e, mesmo que relutante, eu tento sair com os meus colegas da faculdade. Cursar Psicologia foi a minha segunda opção mais provável, já que além de ajudar com a investigação particular que venho fazendo a respeito do que houve conosco há exatos doze anos, fez com que eu tentasse entender melhor a mente humana. Se a primeira opção ainda fosse válida, sei que jamais a largaria, mas ela deixou de ser uma opção há muito tempo. A única coisa que me faz pensar nela é quando olho para o único quadro escondido embaixo do meu colchão, e admito baixinho o quanto eu gostaria que aquela tragédia não tivesse acontecido para que eu pudesse ser *laranja* mais uma vez.

O celular de Paola toca a música que nunca sai de sua lista musical, uma mistura de rock alternativo com uma versão eletrônica, e mostra o nome de Caio na tela, nosso amigo que costuma falar mais alto do que um

megafone. Ela estica o braço para atender e colocar no viva-voz, já ciente de que eu a repreenderia se colocasse o aparelho no ouvido enquanto dirige. Depois de quase morrer em um acidente de carro, a menor das atitudes tende a parecer bem pior para você do que para os outros que estão *com* você.

— Onde estão as minhas garotas? Estou esperando aqui na frente de casa, o sol está brilhando mais do que eu, e nem preciso dizer o quanto isso é ridículo. Enfim, e aí? A Betina está bem? Diz pra mim que a Betina está bem, querida, e que não foi dessa vez que ela se jogou naquele lago horrroso. — Caio continua falando, como se parecesse não saber que eu estou escutando tudo, só que é óbvio que sabe disso. — Não sei como é que vocês estão, mas eu acordei tão bem, que até parece que eu sou uma mistura de rosa *choquei* com azul metálico. Quase um unicórnio feliz.

Não só Caio, como Paola, costumam tirar sarro da minha mania de comparar as emoções com cores. Não é todo dia que se conhece alguém que realmente faz esse tipo de comparação, por isso entro na brincadeira junto com eles. Depois de passar por todas as cores, dar de cara com a morte e viver na penumbra por muitos anos, a última coisa da qual eu preciso é voltar para o *preto*. O cinza é aceitável. O preto é o que eu mais abomino.

Tudo começou por causa da pintura. Eu mal era um bebê falante e já conhecia as texturas das tintas, enquanto outros brincavam na areia e aprendiam a andar de bicicleta. Algumas meninas pediam bonecas e sonhavam com presentes comuns, à medida que eu explorava as mais variadas ferramentas para pintar os meus quadros. A menina prodígio de Ostala viveu o seu maior auge aos oito anos, justamente entre o ápice e o término. Um pássaro que aprende a voar e, sem querer, acaba chocando-se contra uma árvore. Um sonho bom que a gente nunca quer que acabe, mas sempre desaparece na melhor parte. Esse tipo de coisa que, embora possa parecer ruim, sempre pode ser ainda pior.

Entre outras, essas são as lembranças que eu guardo na minha caixa proibida. *Nunca olhe para dentro. Você não pode olhar para dentro.* Independentemente do que vier a acontecer, eu não preciso enfrentar todas as memórias armazenadas lá. Eu já as revivo demais na minha própria cabeça.

— Não finja não saber que ela está escutando tudo, Caio. Você sabe que ela sempre está ouvindo.

— Eu sei que vocês sabem o que eu sei, mas qual a graça de nem sequer fazer uma cena sobre isso? — ele ri pelo quanto se enrola. — Tem uma cadela abanando o rabo bem aqui do meu lado, o que significa que ela também quer que vocês cheguem logo. Então acelera esse carro aí, Paola, e deixa de ser tão *mulherzinha*.

É o que ela faz, ao mesmo tempo em que desliga o celular e dirige rapidamente o olhar para mim. Contenho o impulso de gritar para ela não fazer isso, tendo vontade de dizer para ela manter os olhos fixos na estrada, não em mim, não em qualquer lugar além da pista. Não faço isso, porém desconto a apreensão nos dedos que estou apertando. Cerro tanto as mãos que elas chegam a doer.

— Diga que você está bem. Eu devo ser a pior amiga da face da Terra por sair de lá, daquele maldito lugar, e nem sequer perguntar isso ao menos uma vez.

Consinto com a cabeça em câmera lenta, assegurando para ela e também para mim.

— A cada sexta-feira fica mais fácil.

Mentira. Nunca fica mais fácil. Crio essas mentiras para fingir que a ardência no meu peito fica menor a cada semana, que a sensação um dia vai deixar de ser tão devastadora.

Paola é a melhor amiga que eu poderia ter, porque sabe que estou mentindo, mas compreende que é justamente baseada nas mentiras inventadas que eu consigo ser livre e respirar de novo.



Permanecemos em silêncio durante o trajeto até a casa de Caio, pois tanto Paola quanto eu ficamos tensas após contemplarmos o meu cemitério particular. Observo as ruas pouco movimentadas de Ostala, mordiscando o canto da unha a cada curva acentuada em que o carro se aventura. Pequenos vultos de residências e das pessoas passam pela minha visão apurada. Quando estou em movimento, nem me dou conta do quanto devo estar quase parando por dentro.

Durante o dia é comum que seja desse jeito, pacífico demais até para quem já está acostumado com o ritmo da cidade. Para quem não conhece a região, pode pensar que aqui se trata de um lugar deserto, o que muda completamente ao verem no que Ostala se transforma durante a noite. É radicalmente badalada, cheia de sons e rostos de etnias e formas variadas. Uma mistura tão bonita quanto a de um quadro feito por um pintor dedicado, que mesmo quando se mantém em um único estilo, ainda consegue mesclar várias informações. Todos juntos e misturados, como em uma obra mundialmente conhecida. Querendo ou não, nós somos parte da maior pintura do universo.

Antes de chegarmos ao bairro onde Caio mora, meu celular apita com o som padrão já instalado no aparelho. Não sou tão moderna quanto Paola, apesar de ela ter tentado baixar algumas músicas esquisitas nele, apagadas por mim em poucas horas. Basta eu dar uma olhada no visor para um pequeno calafrio passear pelo meu corpo. Paola nota o meu desconforto, rápida como um raio.

— É ela. Sempre é.

Paola nem pergunta, só afirma o que meus amigos já sabem. Quando recebo mensagens, todas costumam vir dela. Aperto as mãos no rosto e

tomo coragem para ler o que acabei de receber. Que minha tia não esteja com seu humor ácido no limite, *por favor*.

Onde você está, sua imprestável?

Essas cinco palavras deveriam me surpreender, no entanto, por incrível que pareça, Cecília está pegando leve demais. Deve ter recebido seu salário, transado bastante com o namorado estúpido ou sabe-se lá o que a deixa menos infeliz. Para ela, há inúmeras definições de infelicidade, desde a mais grave até a mais sutil. Um termômetro instalado nos olhos dela indica quando a barra de “hora infeliz” está chegando ao máximo ou quando coisas legais acontecem, o que faz esse nível de amargura descer um pouco mais. Já a felicidade não faz parte dela. *Nunca*.

Com a morte repentina dos meus pais, minha guarda foi passada para o único familiar vivo que não tinha quase noventa anos de idade e podia olhar por mim em vez de mijar nas próprias calças, o que me levou diretamente para os braços *dela*. Ou melhor, para debaixo dos seus pés. Tia Cecília é irmã de minha mãe e deveria ser a pessoa mais amorosa, a opção indicada para conceder amor a uma menina órfã de oito anos de idade. Foi o que o conselho tutelar achou na época, pelo menos. Ninguém pode culpá-los.

A vida é que ensina da pior maneira que as teorias nem sempre funcionam na prática. Se você espera carinho, muitas vezes recebe o desprezo. Se precisa de segurança, lida com agressões e abandono. Comigo, a prática foi exatamente assim.

— Me leva até lá, Paola? — pergunto, com desânimo. — Eu sei que nós já tínhamos combinado de passar a tarde juntas e estudar com o Caio, mas ele vai entender. Por favor?

Paola engole os palavrões que costuma dizer quando essa cena se repete. É muito comum nós desistirmos de um plano porque minha tia entra em ação e estraga os raros momentos em que me divirto. Talvez eu devesse parar de agir como uma garotinha indefesa, contudo, não é tão fácil deixar a menina assustada de oito anos sair do meu corpo. Apesar de

saber que é errado, tenho medo do que a tia Cecília pode fazer e, sobretudo, de como eu posso acabar reagindo. Prefiro não me rebelar para não causar mais discórdia.

Depois dos dez minutos de silêncio eterno, minha amiga para no acostamento e continua com a boca fechada. Pelo tanto que a conheço, essa não é uma cena tipicamente normal. Eu e Paola somos amigas desde que eu possa lembrar do céu mudando de cor e do fogo não sendo sempre vermelho. Desprendo meu cinto e avanço um pouco para a frente, afim de abraçá-la sem o seu consentimento. Ela é muito temperamental e adora dizer alguns desaforos, principalmente quando é contrariada.

Sua língua afiada já atacou tantos egos que ela teve que aprender a segurar um pouco os seus pensamentos, para o bem de todos. É por isso que eu estranho a sua recente postura de tranquilidade, já que não sou os outros e ela não precisa encenar na minha frente. Tanta paciência não cola direito comigo.

— Pode desembuchar, vai. — bato a mão na coxa, suspirando. — Eu deixo.

Ela faz exatamente o que peço. Nos exatos cinco minutos seguintes, escuto toda a versão dos fatos vista do lado de fora. Do quanto eu não mereço ser tratada como um objeto descartável. De eu ter que dar um basta e fazer uma mudança para bem longe da vadia cretina que é a minha tia. Além de, obviamente, aproveitar para denunciá-la por todas as vezes em que fui agredida por ela e pelos namorados que arrumou ao longo dos anos.

Como se nada disso nunca tivesse passado pela minha cabeça.

— Você é mais adestrada do que a chihuahua do Caio. — ela chia, batendo a mão no volante. — E olha que ela roda, senta e finge que está morta. A Cecília pisa em você todos os dias e quem é que fala alguma coisa? Só eu! Já avisei que qualquer dia desses eu vou dar um belo soco na cara daquela mulher.

Não duvido nem um pouco que ela seria bem capaz de cumprir a ameaça. Enquanto Paola é explosiva e incontrolável, eu aprendi a lidar com a raiva da melhor forma possível, tentando ignorar o que minha tia faz. Todas as atitudes têm consequências, elas sempre mostram algum

resultado. Independentemente de ser o responsável ou não, precisa absorver o efeito daquilo, cedo ou tarde. Portanto, eu convivo com as minhas lições todos os dias.

— Depois nos falamos, amiga. Peça desculpas para o Caio e a dona Eduarda. Quero provar aquele bolo de cenoura, então, amanhã vê se leva um pedaço pra mim. — aceno, com as pernas praticamente já fora do carro. — Ah, eu te amo. Obrigada por me acompanhar de novo.

Dobro o corpo para dar um beijo na bochecha dela, e fecho a porta com destreza, evitando que ela continue a despejar mais sermões em meus ouvidos. Já bastam os gritos que serão ouvidos por toda a vizinhança assim que os meus pés pisarem na entrada de casa.

Ando até a porta e puxo a maçaneta quando ouço o meu celular apitando de novo. Cecília deve ter enviado outra mensagem porque não respondi a primeira, o que a deixa ainda mais irritada. Embora eu não esteja ligando para sua ira infundada, seguro firme o celular e quase desisto de ler o que está escrito, quando ligeiramente percebo que dessa vez o caminho está seguro, pois não é um *sms* venenoso ou cruel. Abro a mensagem e não tenho como negar o conforto que aquelas poucas palavras conseguem oferecer ao meu coração.

Conte sempre comigo, *amarelinha*.



Levo o celular ao peito, segurando-o com as duas mãos, relendo a mensagem que Paola enviou agora há pouco. Merdas realmente acontecem todos os dias. O importante é lembrar que no meio de merdas e dificuldades, algumas dádivas aparecem diante de nossos olhos. Ter Paola em minha vida fodida é a maior dádiva que eu poderia ter recebido.

— Será que eu vou ter que desenhar da próxima vez? — mal entro em casa, e já sou surpreendida pelos gritos dela. — Com desenhos você lida melhor, não é, vadia?

Paro em seco ao notar a fúria estampada nas feições da mulher que avança em minha direção. O processamento do meu cérebro fica extremamente lento diante dessa criatura maluca que só sabe gritar e resmungar o tempo inteiro. Tanta amargura não deveria caber em um único corpo, porém cabe. E cabe até demais.

Em vez de apenas me xingar, agora ela começa a jogar folhas de papel em minha direção, e estou no corredor sem ter qualquer noção de como agir. Não consigo entender o que ela tem contra mim. Obedeço todas as ordens, a trato com o respeito que ela não merece, e o que recebo em troca são doses de humilhação.

— Quantas vezes vou ter que repetir que sexta-feira é o meu dia de curtir e que você precisa cuidar da casa? O Manuel não te suporta e não é à toa.

Respiro fundo, puxando o máximo de ar que posso, fingindo que nada demais está acontecendo e que depois de cuspir mais algumas duras palavras, ela vai passar pela porta e só vai voltar no domingo. Do jeito que sempre fez questão de deixar claro. Cecília jamais se preocupou comigo, e não é agora que vai começar a se preocupar.

— Você tem sorte por ele ter se atrasado. Do contrário, teria que se ver com o *meu* namorado. — ela faz questão de esfregar na minha cara um fato que não me importa nem um pouco. — Sabe que o Manuel não gosta de ter que tirar satisfação com quem desobedece, né?

Consinto, com a cabeça baixa.

— Desculpa, não vai se repetir.

— Por sorte eu só volto no domingo. Não suporto olhar para essa sua cara de santa imaculada que precisa fazer tudo dar certo. Você é tão patética quanto... — ela para de falar, puxando sua pequena mala de rodinhas. — Deixa para lá. Vocês duas nunca valeram a pena.

Seu ombro esbarra no meu propositalmente, apesar de ter espaço para que caminhe ao meu lado sem tocar na minha pele. Suas cenas exibicionistas servem para tentar me mostrar o quanto é superior. Mal percebe ela que quanto mais esforço faz para isso, mais inferior ela se torna. A grandeza é altruísta e vem de dentro, mas é impossível algo assim

brotar em um lugar vazio e frio. Os grandes nunca precisaram provar nada para ninguém. Eles simplesmente eram gigantes.

A buzina do carro importado do namorado dela logo apita na frente de casa, o que me faz espiar pelo vão da janela, dando a certeza de que posso ignorar a existência deles por cinquenta e oito maravilhosas horas. Os finais de semana são reconfortantes, já que me permitem recarregar as energias que insistem em desaparecer ao longo da semana. Até isso a Cecília rouba de mim sem precisar de muito esforço.

Vendo por esse lado, eu poderia cogitar a proposta da Paola de sairmos hoje, no entanto, estou exausta demais para sequer pensar na ideia. Achei que minha tia sairia de casa sem impor uma barreira ridícula, mas se não discutir comigo pelo menos uma vez a cada oito horas, acredito que ela não pode se sentir como ela mesma. Deve ser meio cruel.

Escorrego as costas na parede até sentir minha bunda encostar no piso gelado. Cogito enviar uma resposta para minha melhor amiga, porém também acabo desistindo. Se eu responder, ela não vai se contentar, vou ter que atender sua ligação, pois ela não fica satisfeita com meia dúzia de explicações, e eu não estou disposta a passar por isso. O melhor a fazer é fingir que a tia Cecília ainda está por perto e que não posso, de jeito nenhum, sair daqui.

A casa onde moro com ela é minúscula, o que cabe no orçamento e ela pode pagar com o salário miserável que ganha trabalhando como secretária. Mais maluco do que ela, só o patrão que a contratou e não teve o bom senso de demiti-la nas primeiras semanas. Ou ele é mesmo muito doido ou um santo que merece ser canonizado.

Todo mês eu recebo um valor monetário do governo como uma forma de me ressarcir pela morte dos meus pais. O meu luto vale tão pouco, que eles acham que pode ser trocado por notas de papel. Até os dezoito anos o dinheiro caía obrigatoriamente na conta da minha tia, mas agora que já tenho vinte, posso recorrer para que eu seja a responsável pela pensão, assim como sou pela minha vida.

A indignação de Paola é justamente sobre esse assunto. Ainda não entrei com o pedido de transferência, porque preciso da assinatura da minha guardiã para validá-lo. Burocracias inúteis. Tento usar essa

exigência do advogado como desculpa para adiar o processo, mas no fundo é porque fico incomodada com o pensamento de ganhar alguma coisa com o acidente. Porque, na verdade, eu não ganhei *nada*.

Óbvio que não admito o real motivo para os outros. Me contento em enganá-los, assim eu não olho para dentro do passado. Eu preciso viver o presente e planejar melhor o meu futuro. O máximo que posso fazer é me focar no acidente e encontrar o responsável pela morte dos meus pais. Está longe de ser o ideal, porém é o meu ponto final merecido.

Empurro a porta do cubículo que chamo de quarto e observo o mural do crime sem ter que procurá-lo. Um ímã já me atrai até ele por natureza. Caio diz que chamar a fatalidade de crime é radical demais, entretanto, alguém fugiu naquela noite e nos deixou para morrer. Não consigo pensar como se fosse um ato admissível ao ponto de poder pegar leve com o assassino. Omissão de socorro é grave demais para ser considerado como uma simples tragédia.

Dezenas de matérias de jornais estão coladas na parede, com bilhetes grudados em alguns pontos aleatórios. Todas as colagens não têm fotos, porque fiz questão de guardar aqueles tipos de reportagens na caixa proibida. Ou melhor, a Paola guardou por mim. O máximo que posso enxergar desta caixa é o seu exterior.

Os recortes que estão expostos no mural são todos com conteúdo informativo, suficientes para eu tentar traçar algum perfil do motorista e entender como a perícia não conseguiu descobrir nada sobre o que aconteceu. A investigação terminou com um simples carimbo de *arquivado*. Esquecido. Sem motivos para ir adiante.

Quando eu tinha dezessete anos, tentei reabrir a investigação. Falei com um policial e expliquei sobre as pequenas visões que restaram na minha memória. relatei o farol vindo para cima do nosso carro e do meu pai precisando desviar, para que o outro condutor também não se ferisse. Preciso admitir que até nisso meu pai soube ser incrível. Se tivéssemos nos chocado contra aquele automóvel, talvez eles teriam saído ilesos. O outro motorista seria forçado a bater em nós e haveria uma remota possibilidade de meus pais não terem morrido. Só que ele não era egoísta. Meu pai era melhor.

Tudo para aí. Não consigo lembrar de nada além da grande luz ardendo nos meus olhos, e depois só recordo da ardência nos pulmões pela quantidade de água que entrou no meu corpo. Fora esses detalhes, o meu cérebro insiste em rejeitar as lembranças ruins para que eu não me sinta pior, dá para supor. Na Psicologia, chamamos isso de estresse pós-traumático. Eu chamo apenas de sobrevivência.

Não posso dizer que não tentei encontrar uma solução para o meu caso juntamente com a polícia. Eu fiz isso, eu lutei até onde pude. O problema é que a palavra de uma garota órfã, que além de ter perdido tudo, presenciou o acidente com somente oito anos, não é levada muito em conta. Eles acharam que era inútil investir nisso. Deram o melhor que puderam na época, garantiram que os melhores profissionais criminalistas se empenharam, mas que sem os corpos dos adultos, tudo dificultava ainda mais.

Nunca conseguiram achá-los por causa da coloração escura e a densidade exclusiva do lago onde caímos. Só existem duas versões dele em todo o mundo. Em uma dessas é que nós tivemos a infelicidade de despencar.

O que eu poderia fazer? Criei coragem e comecei a minha própria caça às bruxas, ou como prefiro dizer, caça ao vampiro. Ou vampira, tanto faz. A pessoa que estava por trás daquele volante não só tirou o carro da sua pista e invadiu a nossa, como fez o que um vampiro faz: sugou tudo o que eu tinha de melhor.

Desde então eu estou focada na busca por respostas. Até agora não fiz nenhum avanço significativo, mas não vou desistir. Eu sei que meu pai não foi o culpado. Eu sei que alguém aí fora saiu impune e não é justo permitir que um criminoso não pague pelo seu erro.

Ninguém é perfeito. Não há só uma pessoa que não erre pelo menos uma vez por semana. O que diferencia nossos erros e acertos, é a responsabilidade que tomamos pelas nossas falhas. A decência de admitir a incapacidade de ter acertado, nos dá o maior dos créditos, o caráter.

Abaixo do painel e dos poucos vestígios listados nos jornais sobre o acidente, nota-se a minha escrivadinha e alguns pertences. Um porta-joias quase nunca aberto, visto que não perco tempo dando bola para detalhes

superficiais. Alguns livros da faculdade também podem ser encontrados espalhados sobre a mesa de madeira. A fase final de provas está chegando, e com tanta matéria acumulada para estudar, tenho grifado muitos termos e assuntos para não deixar nada de fora.

É só bem atrás de todos os outros objetos que um dos meus maiores pesadelos se mostra real. Palpável, mas igualmente intocável. A caixa de lembranças não permitidas. *Nunca olhe para dentro.*

É o que está escrito na tampa. *Nunca* olhe para dentro. A melhor forma para lembrar do que não pode ser visto, é repetir de todas as maneiras possíveis o quanto não se deve fazer aquilo. Por isso, essas quatro palavras me mantêm ainda mais afastada do conteúdo armazenado ali.

O que é estranho, porque essa caixa já pertenceu à minha mãe. Não exatamente da forma como ela é hoje, mas posso dizer que se resume a uma das poucas heranças afetivas que ainda existem sobre ela. Ganhei quando comecei a ler e escrever, antes mesmo do primeiro ano do colegial, e só sei o porquê de ter recebido esse presente por causa da mensagem que ela teve o prazer de gravar no fundo.

Você é especial, assim como suas memórias sempre serão. Não as deixe desaparecer. Olhe para dentro e repita comigo: Guarde cada uma.
Ame todas elas.

Durante algum tempo, eu segui essas instruções. Costumava escrever sobre as lembranças e colocava todas na antiga caixinha do sucesso, aliás, adorava. Não dormia sem antes acrescentar uma nova lembrança. Tudo o que acontecia, eu relatava em um papel, depois guardava para não cair no esquecimento. Já naquela época eu aprendi que o verdadeiro sucesso não se trata de contar quantas vezes as coisas dão certo, mas saber aproveitar mesmo quando elas não dão. Eu amava minhas lembranças como poucos lembravam de amar.

O segredo que eu e minha mãe compartilhávamos parecia nos unir além do normal. Ela me ensinou a valorizar as derrotas, não só as vitórias. Fui mais forte por causa da força que ela tentava transmitir.

O problema é que depois do acidente, houve uma sucessão de perdas maior do que pude suportar. Em vez de amar as memórias, eu passei a odiá-las. Odiava pensar nos meus pais mortos. Odiava sentir o luto corroendo cada centímetro da mente que antes pensava em pinturas e nas cores mais bonitas. Odiava ser maltratada pela minha tia sem ao menos saber o que eu havia feito para merecer todo o seu ódio. Odiava lembrar do dia em que ela quebrou as minhas paletas e se desfez de todas as tintas, dizendo que naquela casa eu jamais pintaria novamente. Diferente do que minha mãe havia pedido, eu só queria que todas aquelas memórias desaparecessem de uma vez.

Em um acesso de raiva, descontei todo o ódio que estava acumulado dentro de mim naquela mesma caixa. O entalhe na tampa dizia parte da frase gravada no fundo. *Olhe para dentro*. A letra cursiva de minha mãe, bem delineada e cheia de detalhes que provavelmente causavam inveja quando era viva, parecia demonstrar muito de sua personalidade. A grafia impecável combinava com a aparência vista nas fotos. Olhar para dentro era realmente necessário até um tempo atrás, só que... eu jamais faria isso de novo. Simplesmente não conseguia. Em meio a tanto caos, apenas sentimentos ruins reinavam no meu peito, e o propósito da caixa nunca foi esse.

Passo o dedo no *nunca* entalhado na madeira com a minha própria letra, logo acima da frase escrita com tanto carinho no passado. Uma simples palavra pode mudar todo um contexto, assim como uma noite pode destruir todos os planos de uma vida. *Nunca olhe para dentro*.

Solto a caixa com força sobre a escrivaninha, libertando-a do meu toque. Não tenho por que pensar nisso. Manter o foco na investigação é o mais importante.

Deito na cama, afundando minha cabeça entre os dois travesseiros macios e agarro a almofada fofa que o Caio apelidou de *dentão*, porque tem uma boca e um sorriso enorme estampado nela. Ele me deu no meu último aniversário, alegando que eu mereço ser feliz e devo encontrar mais motivos para sorrir. O dentão está ali para me lembrar disso. Deve parecer bobagem, mas eu tenho inveja da almofada, já que também gostaria de voltar a dar um sorriso assim.

3



Ao que tudo indica, sábado de manhã não é sinônimo de descanso, pois faz parte do sofrido cronograma acadêmico. Os professores querem nos fazer acreditar que os profissionais da saúde precisam se submeter a todo tipo de emergência. Isso inclui plantão em qualquer dia, a qualquer instante.

Teimo em dizer que eles são de outro planeta por exigirem um estágio durante o final de semana. A cama estava convidativa e aquecida, mas eu e um grupo de vinte estudantes estamos prestes a encarar a realidade de um hospital durante um sábado que poderia ser feliz, porém, conseguiu ficar bem triste entre as paredes brancas e o cheiro de morte pairando no ar. Quero muito sair daqui.

— Quem planejou um estágio nos únicos dias em que poderíamos curtir a vida adoidado, merece mesmo é um castigo lento e doloroso. — Caio cruza os braços. — Espero que pelo menos apareçam alguns médicos bonitões nos corredores. Estamos precisando de atendimento.

Paola dá uma gargalhada e pula para a frente, balançando a saia rodada que escolheu para chamar a atenção dos líderes do estágio.

— Ai, é verdade, acho que estou passando mal. — Paola começa a encenação. — Doutores, onde vocês estão?

Ela coloca a mão na testa e inclina-se para o lado, atuando tão bem que faz os outros colegas chegarem perto para ver o que aconteceu. Reviro os olhos porque sei que Paola está blefando. Em seguida ela confirma o que eu sabia, abre os olhos e começa a rir alto, quebrando a tensão e fazendo os outros rirem. Até um professor balança a cabeça, contudo, também ri baixinho.

— Foco, alunos. — ele pede, e volta a conversar com o diretor do hospital.

Paola olha pra mim e faz um sinal com o dedo, pedindo silêncio. A maior ironia do século. Levo minha mão até a dela e dou um peteleco, vendo graça em seu comportamento. Arrasto a palma das mãos no meu jeans azul e tento prestar atenção nas instruções que os professores estão nos dando.

Eles avisam que a nota do estágio terá um peso alto na nossa média do semestre e que falta pouco para finalizarmos o curso. Mais um ano, e estarei formada na primeira graduação. Tenho que me sair muito bem nesse estágio. Tudo o que for pedido, vou fazer com o máximo de dedicação.

Caio, que está a uns dois passos de distância, vira-se para nós e sussurra sem que os mestres percebam: — Suas preces foram atendidas com sucesso.

Franzo a testa sem captar o que Caio quer dizer, contudo, ele faz um gesto com a cabeça e dá a entender que precisamos olhar para trás. Paola é curiosa e não perde a chance, apoiando-se em meu ombro com um dos braços, mas levando a mão livre para o alto, até o rosto. Vejo-a abrir os lábios ligeiramente, com uma expressão de admiração.

— Agora estou passando mal de verdade, caramba. — ela começa a se alterar, parecendo maluca. — Abana o meu rosto, porque eu vou pegar fogo. Betina, olha, olha ali!

Faço um esforço para continuar ouvindo a explicação das pessoas que estão lá na frente, entretanto, não dá. É impossível. Paola começa a chacoalhar meu pulso e quero dar um tapa para que ela pare e me deixe ouvir pelo menos uma entre as dez palavras que estou perdendo por causa do barulho, porém ela continua sussurrando cada vez mais alto, então me dou por vencida.

Giro a cabeça o suficiente para ver o que ela está admirando. Ou melhor, quem. Um homem vestido de branco, segura uma prancheta e dirige o olhar para o nosso grupo. Ele passa os dedos entre os fios loiros do cabelo curto, e a aparência de *médico comportado* vai embora assim como o ar dos pulmões da Paola. Ela arfa do meu lado como se nunca tivesse visto um cara bonito. Seu comportamento de adolescente chega a dar tédio.

Olho para ela e dou o meu melhor sorriso amarelo, esperando que seja o suficiente para passar o recado. Não estou em um hospital fazendo o maldito estágio para relevar flertes fora de hora. Foco no professor Rafael e na psicóloga Ana, que se dispôs a vir conversar conosco durante os dois dias. Aliás, tem isso, domingo também não será um típico dia de descanso. Mais estágio, mais dor de cabeça.

Consigo ouvi-los falando da importância de estarmos em um hospital para presenciar os casos que chegam, compreender os diferentes tipos de pacientes que iremos encontrar, e que teremos um pouco desse contato direto através do estágio. Bocejo com sono, pois não dormi tão bem durante a noite. Apesar do cansaço, ainda tento extrair as orientações o máximo que posso, diferente dos meus amigos escandalosos.

Paola surta de repente ao meu lado e até esqueço que meus olhos estavam pesados a menos de três segundos. Pior ainda é ver que Caio bate palmas e está quase dando pulos, se bobear, prestes a abrir um buraco no piso. Eles devem ter batido a cabeça e precisam de uma consulta de *verdade*, já que estão passando dos limites.

— Ele está vindo para cá!

— Paola, chega. — continuo imóvel, bufando de leve. — Não tô a fim de ouvir você, e sim os professores. Dá pra parar quieta por um minuto?

Não mexo mais do que meus lábios, pois estou irritada demais para encarar os olhos da minha amiga. Percebo que o professor e a psicóloga param a explicação e dão um leve sorriso, apontando para o mesmo lugar que Paola e o Caio estavam olhando.

— Agora, antes de darmos sequência ao que preparamos, o doutor Nicolas vai conversar com cada um de vocês, para que possamos atualizar alguns dados do nosso sistema de alunos. Não se preocupem com isso. — o professor Rafael ri. — Ele não morde, mas pode rosnar um pouquinho.

A turma inteira cai na gargalhada, inclusive os meus melhores amigos que adoram uma piada desprezível. Viro totalmente para trás, já que o restante da turma também se vira. O doutor Nicolas a quem o professor se refere, é o homem por quem metade dos estudantes, entre elas garotas, acabam quase babando. Paola e Caio que o digam.

Ele está longe de ser feio. Ou desinteressante. Ou estranho. Se eu estivesse na posição que ele está, minhas bochechas estariam pegando fogo, pois esqueci como é ser o centro das atenções há um bom tempo. Ele, no entanto, parece estar adorando ser o alvo dos burburinhos e elogios silenciosos. No mínimo nove garotas já jogaram os cabelos para o lado e sorriram com o máximo de força, para mostrar o quanto gostaram de ele ter sido encarregado dessa tarefa.

Seguro firme minha bolsa e continuo olhando para a frente, o que me faz captar os olhos dele em cima dos meus. Porque ele está olhando fixamente para mim? Não é uma simples encarada. Ele está me destrinchando com os olhos.

— E o bonitão não para de olhar para você.

Paola me cutuca de novo, e agora solto a alça da bolsa deixando-a pendida sobre o ombro, para tamborilar os dedos em minha cintura.

Estamos esperando que ele se apresente, explique sua trajetória e no que atua nesse hospital, já que chamá-lo de doutor é abrangente e não se restringe a uma única área. Não estou muito interessada em saber a função dele, mas acho que é o mais comum de se esperar em uma situação como essa.

Antes de sequer abrir a boca, pressinto que ele gosta de quebrar o padrão. Suas cores mostram isso. O silêncio e o sorriso que aparece em seguida, comprovam que não pensa como eu, mostram que os termos burocráticos não são a sua praia. Esse é o típico cara *rosa*. Em vez de se prolongar na apresentação, ele dá uma olhada rápida em redor, e é categórico ao dizer: — Betina? — para ao ver minha mão erguida, gesto que faço em modo automático por ser a única aluna da sala com esse nome. — Por favor, me acompanhe.



Sigo o médico para sua sala, escutando os burburinhos dos alunos. O som daquelas vozes só se torna imperceptível quando o doutor fecha a porta, passando ao meu lado.

— Sente-se. — ele indica para uma das cadeiras, enquanto também se senta. — Vou fazer algumas perguntas para atualizar o seu cadastro. Não devo demorar quase nada. É apenas uma burocracia da faculdade, para saber se os estudantes estão com a saúde em dia.

As mãos dele estão espalmadas sobre a mesa branca e apesar de eu adorar o *branco*, aqui eu odeio. O branco representa a paz de espírito. A sensação mais límpida e reconfortante. O branco, ao contrário do preto, é muito especial, devido a poucas pessoas serem *brancas*. Eu não lembro de ter conhecido alguém que realmente fosse.

Na minha imaginação, as paredes ganham cores de várias tonalidades. Até mesmo a roupa que o médico está usando seria bem melhor se fosse de outra cor. O branco não parece fazer justiça ao que um hospital merece ter. Não há conforto neste lugar. Não há nada de bom aqui.

— Eu odeio suas roupas brancas.

Digo sem perceber. As palavras saem como se fossem as mais comuns a serem ditas. Nem sei por que estou falando isso, afinal, o médico vai me achar maluca.

Percebo que ele franze a testa, fazendo com que as sobrancelhas fiquem quase unidas. Estamos mais próximos e vejo que eu estava enganada. Seu cabelo não é exatamente loiro, na verdade, é castanho com uns fios mais amarelados. Até se pareceria com um surfista se quisesse.

Os olhos são verdes e enigmáticos, um pouco aconchegantes. Quem não se sente bem no meio de uma floresta? A natureza é encantadora. Os

olhos dele também.

— Ah, tudo bem? — Ele anota no seu prontuário e mantém-se atento aos meus movimentos. — Você tem fobia a cores?

Penso em responder à pergunta, mas o discurso seria tão grande que ele pensaria em desistir de sua profissão. Estou longe de ser cromofóbica. Em vez de ter medo, eu idolatro as cores. Respiro elas.

Por isso, nego com a cabeça. As perguntas continuam vindo uma atrás da outra e respondo a muitas delas com gestos. Por fim, ele levanta e se aproxima com o estetoscópio, o colocando entre o meu decote de freira e a pele pálida que denuncia o meu grande desgosto por tomar sol. Eu adoraria ter nascido com a pele morena como a de Paola, porque nem que eu quisesse, conseguiria ficar com um tom tão dourado e radiante como o dela. O máximo que consigo adquirir é uma vermelhidão horrível e dolorosa. Fora isso, o único pensamento passeando pela minha cabeça, é que uma blusa mais aberta seria menos constrangedora do que ele tentando enfiar aquele negócio na parte interna da minha camiseta básica.

O mesmo sorriso galanteador que ele deu nas outras vezes continua grudado nos seus lábios carnudos enquanto ele solta o estetoscópio e busca o aparelho para medir a pressão. Não que eu passe o meu tempo reparando nos lábios das pessoas, mas ele está em minha frente, e é meio inevitável não reparar. Paola terá pensamentos muito mais indecentes e, no mínimo, vai ficar imaginando onde aqueles lábios poderiam se encaixar com perfeição.

— Você sempre faz isso? — aquilo de dizer algo sem pensar volta a se repetir.

Costumo ser mais gentil com as pessoas, até com a tia Cecília eu sou agradável. O fato desse homem estar se sentindo a última bolacha do pacote está me tirando do sério, o que é anormal demais para um ser humano tão pacífico quanto eu. Quero quebrar o seu ego inflado em mil pedacinhos, só para mostrar que não há mal nenhum em ser mais humilde. É irritante perceber o quanto ele tenta arrancar as calcinhas das meninas com os olhos, quase o tempo todo. Pelo menos para quem está apenas assistindo, é muito desconfortável.

— Faço o quê? — ele se faz de desentendido. Dá a volta em redor de onde estou, volta a sentar na cadeira branca aparentemente confortável, anotando o que quer que seja ao meu respeito.

— Fica despindo suas pacientes com o *super* olhar.

Ele ergue um pouco o corpo sobre a mesa, parcialmente apoiado e dá uma risada tímida. Fico confusa sobre a sua atitude, preciso admitir. Não gosto de me sentir desnorteada. Agora as cores dele estão oscilando.

— Eu definitivamente não estou te despindo. — ele diz, a voz rouca ficando ainda mais grave. — Se um dia eu quiser tirar a sua roupa, você vai saber.

Engulo em seco pela audácia da sua afirmação. O ataque partiu de mim, ele está certo em retrucar, mas estamos em um hospital. Durante o turno dele. O respeito vem em primeiro lugar, são os princípios básicos.

— Mas obrigado por elogiar o meu *super* olhar. — o doutor termina de preencher a folha, e dá uma piscada atrevida. — Peça para que a próxima aluna entre. Boa sorte com o seu estágio, Betina.

Consinto uma vez e levanto com pressa dali. Quero morrer agora mesmo. Um avião pode cair em cima da minha cabeça, um pássaro gigante, tanto faz. Qualquer coisa vale, desde que eu desapareça dessa sala claustrofóbica, no meio de tanto branco, cercada ao mesmo tempo por tantas outras cores vindas desse homem.

Sequer olho para trás. Passo pela saída e aponto para sua porta, exatamente do jeito que ele pediu para que eu fizesse. Chamo a aluna que já está em sua posição, pronta para atacar o doutor linguarudo. Mal sabe ele que essa não vai ser tão difícil. Magda não é adepta aos mesmos costumes que os meus. Em vez de esperar que ele tome alguma atitude, ela mesma já estará tirando as roupas sem que ele sequer precise pensar em despi-la.



O restante do primeiro dia do estágio corre normalmente. Tirando a cena vergonhosa com o doutor Nicolas, os outros momentos são menos desagradáveis. Não chegam a ser tão bons quanto seria se estivéssemos em uma praia, assistindo a um filme ou fazendo uma maratona de corrida, porém dá para suportar as horas seguintes sem querer cometer um assassinato. Embora Paola e Caio continuem falando sobre o médico gostoso do ano, comentários dispensáveis que eu não estou a fim de ouvir, nós sobrevivemos intactos ao sábado desgastante de estudos.

Às oito horas nós somos dispensados e os planos para o resto da noite já estão prontos, não tenho nem tempo para inventar outra desculpa e fugir das garras dos meus amigos. Hoje será a noite do pijama na casa da minha tia, segundo as regras. A cada semana a nossa festa particular é feita na casa de um dos três. No último sábado fizemos no apartamento da Paola. Novamente, sobra para mim a vez de ceder o espaço. Não tem problema nenhum em eles irem para lá, afinal, a tia Cecília nem está em casa. O que me incomoda é criar lembranças boas em um ambiente que só me traz memórias ruins. Parece inadequado.

Não retruco, tento dar o meu melhor sorriso e seguimos para o mercado, já que uma noite do pijama sem guloseimas não é nada inteligente. Seríamos uma fraude como organizadores de eventos dos trajes de dormir. Não queremos adicionar esse título nos nossos currículos.

A última parada é a casa maldita. Todas as lâmpadas estão apagadas, graças a minha boa memória, mas pelo menos isso quer dizer que Cecília não veio para cá. Nenhuma cor dá algum sinal de personalidade para a construção de concreto. O que se vê do lado de fora é o mesmo que se vê do lado de dentro da minha tia. Ambos os lados são isentos de qualquer coloração, portanto, não têm sentimentos. Uma casa vazia só pode vir de um dono igual.

Como de costume, peço que meus amigos fiquem para trás e saiam do esconderijo somente com o meu aviso, só para ter certeza de que a bruxa má não está mesmo nas redondezas. Ela não permite que eu traga ninguém para cá. Se um dia souber que eu os trago regularmente para farrear e passar a noite em sua residência, teria um surto enorme. Não seria nada bonito.

Depois de conferir os quatro cômodos e garantir a ausência da minha tia, eu faço um sinal para que eles entrem. Por precaução, o carro de Paola fica três casas à frente. Tantas medidas ridículas existem pelos motivos certos. Não quero ver Cecília com mais raiva do que já existe dentro dela. A barra de infelicidade não precisa explodir por minha causa, se posso evitar que aconteça.

— Você sabe que ela só volta amanhã, Betina. — Paola joga a bolsa no chão, suspirando pela minha atitude neurótica. — Respire, relaxe. Vamos ver um filme engraçado e tirar esse peso morto de cima de todo mundo.

Três baldes de pipocas e muito refrigerante conseguem fazer milagres. Em meia hora de filme nós damos mais risadas do que posso contar que dei a semana inteira. No sábado passado quem escolheu o roteiro foi o Caio, e mesmo que não pareça, ele adora filmes de ação. Com muito sangue e guerras insanas.

Apesar de nunca ter vivido um, eu gosto de assistir aos romances. As histórias de amor que começam sem contar com qualquer previsão, e de repente viram do avesso a vida de duas pessoas, são as que eu mais gosto. As melhores surpresas são justamente aquelas que ninguém faz ideia de quando serão feitas. Elas só acontecem.

Continuo prestando atenção na cena onde o garoto entrega uma rosa para a pretendente, e ela começa a espirrar por causa de uma aparente alergia a pólen, passa a derrubar todos os objetos que estão em cima da mesa e o jantar romântico vai para o espaço. Caio dá gargalhadas tão altas, que tenho medo de os vizinhos ligarem para tia Cecília e notificarem sobre o barulho que vem da casa dela.

Quase tenho um ataque do coração quando meu celular apita, e posso jurar que a mensagem é dela, porque a única que poderia enviá-la é ela ou meus amigos. Considerando que os dois estão do meu lado, tendo um surto de risadas, a opção restante é a que me faz tremer no sofá. Preciso olhar o que ela enviou, mesmo que eu não queira. Se ela estiver avisando que houve uma mudança de planos e está vindo para cá, teremos que pausar o filme e eles terão que ir embora. Já. Correndo.

O que eu não espero é dar de cara com um número estranho em minha tela. Nunca o vi antes. Até o número do Manuel, namorado da Cecília, eu gravei nos contatos em uma pasta chamada “nunca atender”, para ter certeza de não cair na bobagem de dar ouvidos a ele. Um desconhecido é que me mandou a mensagem. Mas quem?

No instante em que eu leio aquela frase de arrependimento, eu mudo a pergunta para “por que”, sem precisar de esforços para descobrir quem a enviou. Não evito em sorrir ao ler o conteúdo pela segunda vez.

Eu não deveria ter dito aquilo. Não sou tão ruim quanto pareceu. Da próxima vez, juro que só vou agradecer pelo super olhar.

5



Eu: Como conseguiu o meu número?

O filme continua ótimo para meus amigos, embora eu tenha perdido o interesse depois da mensagem que recebi. Estou intrigada e um pouco maravilhada também. Tenho que admitir que ele foi corajoso. Inclusive, bastante gentil.

A resposta é quase imediata, e agora Paola me olha pelo canto dos olhos. A cena é realmente incomum. Eu não costumo responder mensagens, assim como não costumo admitir as coisas que admiti para ele durante a entrevista desastrosa no consultório. Está virando um padrão esquisito. Preciso descobrir até onde isso vai.

Desconhecido: No seu prontuário. Sorte a minha você não ser mesmo minha paciente. Eu meio que poderia ser expulso.

Eu: Preciso dizer que eu não teria pena, doutor. Você merece isso. Talvez eu faça uma denúncia para o reitor da faculdade. Pense direito da próxima vez.

Digito tão rápido que nem parece que não tenho prática em usar as letrinhas minúsculas do telefone. A ansiedade em ver a tela piscar de novo é outra novidade esquisita. Estou eufórica e mal pisco até vê-la iluminando-se outra vez.

Desconhecido: É, foi mal. Eu sei que não deveria ter copiado o número do seu telefone, e provavelmente você está me achando um perseguidor por ter feito isso, mas eu me senti meio estranho depois que saiu do consultório. Precisava pedir desculpas pela forma como falei com você. Eu... passei dos limites.

Dou uma risada nervosa por causa do que acabei de ler. Até ele falar sobre o que eu deveria estar *achando* da sua atitude, nem havia me dado conta do quanto eu não estava sequer *pensando* nela. É claro que eu deveria ter cogitado a possibilidade de ele ser um maluco que rouba números de prontuários e passa cantadas em garotas inocentes através do papel de doutor renomado. Deveria ter criado inúmeras possibilidades aleatórias antes de tentar responder. Ou talvez nem devesse ter respondido, justamente pelo fato de ele poder ser um maluco vestindo um jaleco. E se for isso?

Não me reconheço. Quero parar de digitar, ao mesmo tempo em que quero continuar falando com ele. Estou tão acostumada a conversar somente com a Paola e o Caio, que nem tinha me dado conta do quanto precisava de um empurrão para trocar ideias com alguém diferente.

Eu: Só te perdoo porque eu também passei dos limites quando falei que você arrancava as calcinhas das alunas com o seu olhar. Não foi muito legal da minha parte.

A luz torna a piscar, porque a resposta vem ainda mais rápida do que a anterior. Paola começa a morder a boca, mas finge que está olhando para o lado com o intuito de pegar mais pipoca.

Desconhecido: Agora passou para só “olhar” então? Deixou de ser super? Foi rápido.

Coro com o seu comentário. Ele não vai esquecer sobre o elogio, já deu para perceber. O problema é que eu não faço elogios com frequência. Paola tem um cabelo maravilhoso e cheio de cachos fartos, daqueles que

as modelos imitam nas passarelas. Eu demoro uns bons minutos com um aparelho que queima os meus dedos, para conseguir um resultado nem ao menos semelhante ao dela. Se eu digo o quanto ele é lindo? Não. Caio é provavelmente o melhor dançarino que eu já conheci. Ele dança qualquer tipo de música e arrasa em todos os gêneros que colocarem para tocar. A melodia conversa com ele de uma forma impressionante. É como se os dois fizessem parte de algo único, a canção e ele. Se eu já cheguei a falar o quanto eu admiro sua sensibilidade? Nem perto disso.

Finjo estar de olho no filme e a pequena pausa que dou entre uma resposta e outra, é o que basta para a tela acender novamente. Nova mensagem recebida de “desconhecido”.

Desconhecido: Me desculpa se falei besteira. Foi legal você falar sobre os meus olhos. Costumam dizer que eles são o espelho da alma, sabia? Li em algum lugar sobre isso.

Decido gravar o número dele e colocar o nome no meio dos meus contatos. Não deve fazer mal adicionar o número de um médico na agenda. Afinal, se um dia eu começar a ter sintomas anormais, tenho a quem recorrer. Não é nada demais. Somos só conhecidos.

Começo a digitar. Doutor... apago. Devo chamá-lo de doutor ou só de Nicolas? Não faço ideia. Estou oscilando entre três cores, o que é péssimo.

Eu: Devo te chamar de doutor ou de Nicolas? Sobre o que disse a respeito dos olhos, eu tenho a minha própria teoria.

Betina, você pirou? Desde quando conta as suas teorias para alguém que nem conhece direito?

Desconhecido: Nada de doutor, senão em vez de ter vinte e seis, me sinto com oitenta anos. Só Nicolas está bom. E que teoria magnífica você tem? Fiquei curioso.

Estou me sentindo péssima por não rir com o filme. A risada que estou dando é por causa dele. Chamar alguém de doutor faz automaticamente uns bons anos caírem na conta, ele tem razão, é um bom motivo para rir. Acontece que rio justamente no meio de uma cena do filme que não é engraçada, fazendo Caio perceber que se estou rindo, não é por causa da garota alérgica. Paola se levanta, pega o controle da televisão, e salta na minha frente. Ela tentou se policiar durante todo o tempo em que conversei com Nicolas. Embora pareça pouco, ela merece algum crédito por ter segurado sua curiosidade.

— Vai nos dizer com quem está falando? Eu tentei te dar privacidade, Betina, você deve saber. Desde a primeira mensagem eu fiquei caladinha. O idiota do Caio nem notou. — ela enrola um cacho no seu dedo. — Foi mal aí, amigão. Você sabe que te amo, só que a sua percepção é bem vaga.

— Eu sei, paixão. O que vem de baixo não me atinge. — ele joga um beijo pelo ar. — Pega essa, hein.

Coloco o celular entre minhas pernas e agarro uma almofada. Olho para os dois, tentando conter uma risada. As discussões entre eles são as mais engraçadas, até mais hilárias que as cenas do filme que estava passando agora há pouco. Talvez se ficarem focados nisso, esqueçam do assunto principal. Tento incentivar o duelo em vão, porque Paola percebe que estou torcendo para esquecerem o bate-papo que eu tive com outra pessoa.

— Seu tiro vai sair pela culatra, minha querida. Não vamos cair nessa. — ela aponta um dedo, diretamente para onde escondi o aparelho. — Caio, pegue o celular.

Paola ordena, fazendo meu amigo vir para cima de mim, tentando puxar a almofada. Começo a rir e falar algumas bobagens para que ele pare de uma vez. Nem acredito que eles estão me forçando a abrir a boca.

— Fala sério. — ergo a cabeça, inconformada. — Não é nada demais.

— Claro que é algo demais. — Paola também tenta vir para cima, e não posso contra os dois. Injusto demais para chamar de batalha. — Você nunca conversa por *sms*. Com ninguém.

Ela frisa as últimas palavras com a maior convicção já empregada em uma fala, agarrando o aparelho sem vacilar. Odeio que ela me conheça como eu mesma me conheço. Isso diminui as minhas chances de debater em mais de noventa por cento.

Além de tudo, os outros dez por cento desaparecem como fumaça, quando a tela acende pela quarta vez nessa noite, colocando um enorme sorriso sarcástico no rosto oval de Paola.

— Nicolas enviou uma nova mensagem.

Me enterro entre os cobertores e começo a rezar. No meio de cada oração, tento formular as desculpas certas para fazê-la acreditar no que tenho a dizer. Se eu a conheço tão bem quanto ela me conhece, consigo prever que a noite será longa. Há muito a ser explicado.



— Eu deveria perguntar quem é Nicolas? — Paola coloca o dedo no queixo enquanto me encara. — Acho que não precisa. Fica meio óbvio depois de conhecermos um médico gato e maravilhoso no hospital durante o estágio, por pura coincidência, com qual nome? Adivinhem? Ah, Nicolas!

Ela bate palmas ainda com o meu celular na palma da mão. Estou dividida entre pedir o telefone para dar uma espiada na última mensagem recebida, ou ir para o meu quarto e torcer para que ela deixe essa conversa para amanhã. O pior é que não quero ir para a cama, se não puder ler o que Nicolas disse. Esse lance de enviar e receber mensagens é meio viciante.

— Ele enviou uma mensagem para pedir desculpas por algo que tinha me dito no consultório. Eu já tinha te falado que não era nada demais.

Até que não estou mentindo. É a verdade. Paola só não precisa saber o que foi dito, nem porque ele decidiu que teria que pedir desculpas. Se ela souber o que houve durante a entrevista, tudo estará perdido. Ela não consegue se controlar com tanta regularidade assim.

— Tá. E ele descobriu o seu número com um truque de mágica?

— Não, ele pegou do meu prontuário médico.

Decido falar antes que foquem nos motivos para ele enviar a mensagem, em primeiro lugar. Caio se mete no meio de nós duas e joga uma das almofadas para o alto.

— Meu Deus, eu adorei esse garoto. — ele fala, com um sorriso de orelha a orelha. — Um bofe corajoso e lindo? Que sonho de princesa.

Os torpedos continuam vindo, fazendo a luz apagar e acender repetidamente. É angustiante não poder espiar o que está chegando para mim. Nunca fiquei tão ligada em tecnologia como estou agora. A sensação chega a ser contraditória.

Doce e amarga. Boa e ruim.

— Me dá a porcaria do celular, Paola. — ranjo, impaciente. — Eu estou falando sério.

Seus dentes brancos contrastam com a pele morena. Ela está adorando tudo isso e nem disfarça. Deve ser como ver uma flor desabrochar no inverno, incomum e raro de acontecer. Não me ver com medo do celular, e sim sentindo a falta dele, chega a ser impressionante.

— Uau, quem diria? Preparem os foguetes, porque o milagre aconteceu. — Paola ri. — Precisamos de mais guloseimas, sério.

— Quer dizer que ela superou aquele mané e vai transar com o médico dos deuses? Que reviravolta. — ele diz, boquiaberto. — Vou pegar mais pipoca.

Caio sai saltitante da sala em direção à cozinha. Coloco a ponta da unha entre meus lábios, na expectativa do que ela vai dizer agora que estamos sozinhas. É ridículo estarmos relevando um caso qualquer que não vai fazer diferença na vida de nenhum de nós. Não entendo o porquê de tanta euforia. Como eu disse, é ridículo.

— O Caio não vai ouvir nada agora, amarelinha. Vocês estavam conversando sobre o quê? Óbvio que eu nunca leria suas mensagens pessoais — ela entrega meu celular, suspirando alto. — Não foi só um pedido de desculpas, nem vem com essa. Pode até ter sido a intenção, só

que tem algo a mais aí. Quero saber se a passagem é mesmo segura pra você embarcar nessa viagem sem ter medo. — Paola acrescenta, com pesar. — Pra que eu também não fique com medo.

Olho para baixo, pressiono um botão na lateral do celular, e me deparo com três notificações recentes. Pelo visto, Nicolas não gosta de esperar. Esse é um bom motivo para sentar, explicar tudo para minha melhor amiga, e só mais tarde revelar a ele sobre a minha teoria do verdadeiro espelho da alma. Eu o conheci há exatas quinze horas. A garota que está em minha frente, com um olhar de preocupação e a boca torcida em uma careta, manteve-se por perto durante dezesseis anos. Ele pode esperar.



Caio acaba pegando a última parte da minha explicação, o que me deixa mais constrangida do que normalmente ele vê acontecendo. Não é que eu não confie nele para falar dos meus sentimentos, mas é estranho. Ele é um ótimo amigo, só não é a Paola. Ela é a única que entende o que eu perdi e o que eu evito em ganhar. Às vezes é assustador se deparar com algo que quase não se teve antes. Caio não entenderia isso. Ele só sabe de alguns pontos superficiais das minhas feridas. As cicatrizes remendadas e ainda entreabertas, são as piores para expor. Tento contar com a Psicologia nisso, porém os estudiosos não estão ajudando tanto. Eles parecem meio equivocados em algumas afirmações. Pena que eu não possa dizer o que penso para a maioria deles.

— Então, você disse que ele arrancava as calcinhas das alunas só com o olhar? — Paola solta uma gargalhada. — Quem é você e cadê a minha melhor amiga?

Nem eu acredito que falei aquilo.

— Eu estava ficando possessa com tanta falta de profissionalismo. Ele bem que mereceu.

— E depois ele quase trepou na mesa e disse o quê mesmo? Ai, que calor! — ele fala. — Pega água pra mim, querida. Vou entrar em combustão.

Caio abana seu rosto, nos fazendo rir ainda mais alto. Os vizinhos devem estar adorando. Vou ter que coagi-los depois, se não quiser que a tia Cecília saiba dos escândalos desse sábado à noite.

— Gostei ainda mais do médico gostoso depois de descobrir que ele te fez usar as palavras “tirar” e “calcinha” na mesma frase. Ele parece ser legal. — Paola dá uma piscada breve, e morde o lábio no meio de um sorriso. — Depois de deixá-lo cozinhando por pouco mais de duas horas,

se você mandar um torpedo *agora* e ele te responder na mesma hora, eu te pago um lanche amanhã.

Gosto de desafios, é uma ótima maneira de saber dos próprios limites. Topo com um aceno instantâneo, o que faz eles vibrarem de alegria. Aperto o botão para ligar o aparelho e vejo duas novas mensagens.

Cinco ao total.

Nicolas: Você gosta mesmo de fazer suspense, né? Deu para perceber.

Nicolas: Já passaram dez minutos. Ou você já cansou de responder e está me dando um fora antes mesmo de eu sequer te impressionar com uma cantada, ou a sua mensagem é maior que um romance de época. Cheio de detalhes e complexo demais para ser escrito em nove minutos e cinquenta e nove segundos.

Sério. Espero que não seja a segunda opção.

Mas eu odiaria muito mais se fosse a *primeira*.

Nicolas: Tô sendo chato pra caramba. Você deve estar curtindo o final de semana com o seu namorado e eu estou enchendo o saco. Desculpa.

Nicolas: Tá, eu não deveria estar mandando mais uma mensagem, mas eu queria dizer que você é diferente. Não é todo dia que alguém te esculacha e te elogia ao mesmo tempo. Você ficou vermelha quando saiu da sala. Acho que não costuma ser desbocada daquele jeito.

Nicolas: Diga ao seu namorado que ele tem sorte. Você parece ser uma boa garota, Betina.

Não sei se ele chegou à conclusão de que eu tenho um namorado por conta própria ou se eu dei a entender essa bobagem em algum momento. Eu não namoro. Nunca namorei, nem pretendo namorar. Não sirvo para os romances que estou acostumada a assistir. Pela televisão, eles são bem

mais fáceis do que na realidade devem ser. Quando você não sabe onde está a verdadeira parte de si, não é possível doá-la para outra pessoa.

Paola espera que eu cumpra com a minha palavra e não desista do desafio. Digito rapidamente a frase mais óbvia que surge na minha cabeça.

Eu: Sorte sua que eu não namoro. O dentão é meio ciumento, mas acho que ninguém tem coragem de competir com ele.

Um coro de “tic, tac” começa a preencher a sala assim que aperto no botão de enviar. Quando concordei, achei que teria um tempo de pelo menos uns cinco minutos para que Nicolas respondesse, mas pela minha demora em enviar a resposta, eles deram uma punição e diminuíram para um mísero minuto. O barulho que sai de suas bocas é para lembrar que estão contando os sessenta segundos que deram de limite. Até parece que o Nicolas vai responder tão rápido. É lógico que já perdi o desafio.

— Dez... nove... oito...

Eles estão em contagem regressiva, alegres demais para o meu gosto. Trapacear não vale. Começo a retrucar no meio dos números, e assim que eles chegam ao *três*, o celular apita. Nós três olhamos para o telefone, ligeiramente impressionados, sem acreditar que ele esperou tanto por uma mensagem minha e nem se deu ao orgulho de demorar mais para dar um retorno.

Paola me cutuca perguntando o que ele respondeu, e eu apenas deixo que os braços caiam de frustração ao ver a nova mensagem. Entrego o aparelho na mão dela, sem ter ânimo para ler em voz alta. Aconteceu de novo, só para variar.

— Caio, precisamos ir embora. — diz, balançando os cachos de tanto que move a cabeça. — A Cecília não vai demorar para chegar aqui.

Ela me dá um sorriso triste, que chega a ser meio raivoso, e eu entendo. Não sei como eles ainda não procuraram uma amizade menos problemática do que a que eu tenho a oferecer. Chega a ser exaustivo o peso de ter que lidar constantemente com essa carga de drama incrustada

em mim. Embora eu continue lutando para ter forças, é complicado não ceder ao cansaço.

Limpamos a bagunça com pressa, atentos a não deixar nenhuma migalha perdida no assoalho. Vamos ter que descobrir o final da comédia romântica na próxima semana. A garota alérgica mal perde por esperar. Daremos uma boa trégua a ela.

Nem dou bola quando o celular apita de novo. O que quer que seja, não pode melhorar o meu humor. Dessa vez, eu deixo passar.



A manhã começa mais cedo do que nos outros finais de semana devido ao segundo e último dia de estágio no hospital. O *alarme precisa sair do modo soneca*, a voz da minha consciência avisa baixinho. Eu tenho que levantar. Repito o mantra diário “o curso está praticamente no final” e crio um pouco de vergonha, não o bastante, somente o necessário para que eu levante. Não posso me atrasar.

Paola vai passar às sete e meia para me buscar. Entro no banheiro e vou para debaixo do chuveiro, tomando uma ducha de cinco minutos, o suficiente para permitir que eu desperte. Completo toda a higiene pessoal e sigo para o meu quarto só de toalha, sem me preocupar em fechar a porta, porque Cecília está dormindo. Ela nunca acorda de *madrugada*. Pego a peça de roupa que está mais acessível e passo pela cabeça com pressa, pensando que as horas de sono perdidas serão por uma boa causa.

Estou só com a parte de cima já coberta, minhas pernas estão nuas, exceto a calcinha que tive tempo de colocar. Caminho até o armário para puxar uma calça, quando uma mão forte agarra o meu braço. Ele me vira com estupidez. Sei que é ele, porque ela não age pelas costas, muito menos em silêncio. Meu coração pula dentro do peito, movido pelo pavor.

O primeiro instinto que tenho é o de tentar cobrir o meu corpo seminu. Manuel nunca me violentou sexualmente, mas nunca sei até onde ele é capaz de ir. Eu não fazia ideia de que ele havia passado a noite aqui, pois não vi os dois chegando juntos. Ele nunca costuma passar. Geralmente a

minha tia vai para a casa dele, não o contrário. Eu não andaria só de toalha se pudesse cogitar a chance de esbarrar com o namorado dela.

— Acha mesmo que quero te comer, sua piranha? — Manuel ri, vendo o esforço que faço para me esconder. — Se pensa assim, é realmente uma carente de merda, como a Cecília diz. Eu só quero deixar um aviso bem claro, e você vai ouvir tudo direitinho.

Ele aperta o meu braço com ainda mais força, praticamente torcendo minha pele. Estou piscando contra a dor e contra todo o resto. Não posso chorar.

— Você tem irritado a minha namorada mais do que o normal. Se sair da linha de novo, eu não vou ser mais tão bacana. Ficou claro?

Seu sussurro me atinge mais do que se fosse um grito estrondoso. A tranquilidade em suas feições é assustadora. Tia Cecília, pelo menos, demonstra sentir coisas ruins ao meu respeito. Manuel, não. No seu rosto não há evidência de absolutamente nenhum resquício de humanidade.

— Ficou claro? — pausadamente, ele faz a mesma pergunta. — Ou preciso ser mais direto?

Nego, sussurrando que entendi o recado. Manuel, no entanto, continua me machucando. Ameaço gritar, mas sei que só pioraria tudo. Ele aperta o mesmo local de novo, de novo, quase fundindo os dedos em meu braço. De repente o solta e sai, agindo como se nada tivesse acontecido.

Corro até a porta e a tranco, meu instinto gritando para eu agir antes que ele resolva voltar e piorar o que, pelas leis do azar, não tem como ser piorado. A ardência na pele me destrói em milhões de pedaços. Tudo ali queima, no hematoma roxo que já está dando *olá* em meu corpo, na respiração entrecortada que falha mais a cada minuto, entre as lágrimas que começam a escorrer e levam o pouco do que já não tenho. A liberdade está longe de ser minha.

Os soluços vêm e eu não os reprimo. Deixo que pelo menos eles sejam livres, já que eu não consigo ser. Fico sentada com os joelhos encostados na barriga, paralisada em uma cena congelada, questionando como alguém pode não ter *cor*.

Perco a noção do tempo enquanto continuo chorando e ardendo no presente. Levanto os olhos e vejo a caixa proibida, visível mesmo vista de baixo. Quero ir até ela e quebrá-la, em vez de apenas riscá-la. Como minha mãe poderia querer que eu amasse essas memórias? Como posso amar as coisas boas se elas praticamente não existem no meu mundo monocromático?

Como amar as ruínas se elas são terríveis?

Não consigo sair do chão, embora os minutos continuem a passar depressa. Quando resolvo olhar no relógio, já passam de sete e quarenta. No meu celular, há duas ligações perdidas da Paola e uma mensagem não lida do Nicolas. Ignoro os dois e coloco as mãos no rosto, enquanto meus olhos começam a arder de novo. Nem tinha notado que não estava mais chorando.

O toque padrão de chamadas começa a tocar e dessa vez eu o ouço, já que tirei o aparelho do modo silencioso. Não posso atender ao telefonema de Paola, porque ela vai perceber que algo grave aconteceu. Recuso a ligação e começo a digitar uma mensagem para ela.

Eu: Perdi o horário e acordei mais tarde do que devia. Estou quase pronta! Em cinco minutos chego aí.

Tiro a força de vontade de algum lugar que eu mesma não sei de onde vem, alcanço a calça com as mãos trêmulas e tento colocar a peça de roupa que ainda falta. Estou lutando para respirar fundo. Me proíbo de lacrimejar de novo. Meus olhos já devem estar vermelhos demais, tanto que o colírio talvez nem faça efeito.

Destancar a fechadura e puxar a maçaneta requer mais valentia do que o simples ato costuma exigir. É uma porta inofensiva. Eu só tenho que abri-la, ir até o banheiro, dar um jeito no meu rosto marcado pelas lágrimas e sair correndo dali para o hospital. Nada demais.

Faço isso com um nó na garganta. As mãos não param de tremer, apesar de eu exigir que elas parem, elas precisam se acalmar. Todo o meu corpo é obrigado a relaxar, senão eu não vou chegar a tempo para o estágio. Se eu não for, minha nota cairá drasticamente e ficará abaixo da

média. Eles não têm o direito de acabar com o último resquício de uma juventude mais normal para mim. No mínimo um pouco normal, vale acrescentar. Eu não tenho o direito de fazer comigo mesma o que os dois torcem para que eu faça.

Se não posso ser maior que os dois, que eu seja mais insistente. Não saí viva daquele acidente por acaso. Não vou agir como se tivesse sido.

O corredor está vazio assim que o encaro com a cabeça para fora da porta. Por sorte o banheiro fica a uns cinco passos de distância do quarto, o que me faz agradecer mentalmente ao patrão dela por lhe pagar um salário ruim.

Corro até lá e o tranco em um piscar de olhos. Abro ao máximo a torneira da pia e jogo um pouco de água fria no meu rosto, tentando amenizar a vermelhidão em minhas bochechas e no nariz, principalmente. Os olhos estão meio inchados, mas não muito vermelhos. Posso inventar uma desculpa que complemente a minha mentira anterior. *Eu dormi demais.*

Paola ama maquiagens, de todos os tipos, marcas, formatos e cores. Uma pintora também deveria amar, o que torna os meus gostos contraditórios. Nunca gostei de cosméticos. Homens nunca precisaram passar uma tonelada e meia de porcarias no rosto para parecerem mais atraentes. Então, descarto os motivos para ter que mascarar o meu verdadeiro eu. O que é bonito não precisa de retoques, pode ter qualquer aparência, pois o que está escondido por trás do que se vê, é onde justamente ele se mostra mais bonito.

O meu hematoma é que não tem uma aparência interessante, nada bonita. Ele precisa urgentemente de retoques. Tentei vestir um casaco fino, porém com trinta graus fazendo lá fora, deixaria a todos desconfiados. A marca dos dedos de Manuel ficou evidente em uma parte do braço que nenhuma blusa dará conta de cobrir.

Abro o tubo de base que está na bolsinha de maquiagens da tia Cecília e retiro uma pequena quantidade, cuidando para não deixar nada fora de onde estava. Esfrego o produto na mancha levemente arroxeadada e espero secar, torcendo para que tenha coberto direito. Cobre, apesar de não ficar perfeito.

Jogo meus cabelos pretos por cima dos ombros, as ondas dos fios se espalhando sobre o peito e algumas mechas parando em cima do hematoma dolorido. Nenhum colega vai reparar, eles não podem perceber a mancha, não vão ver nada.

Pego todos os materiais da faculdade e os coloco na bolsa a tiracolo, mentalizando novamente que estou no fim da minha graduação e que tudo valerá a pena. Sigo para a porta da entrada com o mesmo pensamento, aliado à esperança de que um dia o meu futuro seja diferente. Que eu seja capaz de dizer adeus para tudo o que me prende ao passado e consiga dar continuidade a alguns dos meus sonhos. Sair dessa casa é o maior deles.



Chegamos em cima do horário, como já havia previsto. Saímos com quase vinte minutos a mais do que o combinado, mas pelo menos o trânsito continuou parado como sempre. Não temos como prever quando um acidente na pista ou um carro quebrado irá congestionar o trajeto. Paola não fica convencida sobre a desculpa para o meu atraso e permanece quieta, engolindo suas próprias suposições. Ela sabe que atrasos não combinam comigo. Sou prática demais para ter essa capacidade.

A psicóloga Ana e o professor Rafael dizem ter preparado uma aula especial para encerrarmos o estágio em grande estilo. Os alunos vibram, é claro. Já que estamos na selva, precisamos aprender a sobreviver.

Durante três horas, absorvermos o conhecimento dos dois profissionais. Eles são incríveis, se complementam e acrescentam informações às explicações um do outro, parecendo conectados pelo amor à Psicologia. Talvez seja por conta da admiração e o foco que dedicamos a eles, que nenhum colega repara em meu braço. O hematoma deve ter piorado se for igual à dor que vem dali. Um aperto não deveria machucar tanto. Manuel não brincou em serviço.

Não é a primeira vez que ele toma a iniciativa e age em favor de Cecília. Também não é o primeiro namorado a voltar-se contra mim por causa das mentiras que ela conta. Não sei o que fiz para merecer tanta violência.

— Já é meio-dia, vocês podem ir almoçar e depois continuamos. — Ana diz, nos indicando o refeitório do hospital. A maioria levanta-se rapidamente assim que ela nos libera para o almoço.

Vamos almoçar junto com os outros profissionais do hospital. É quase oficial. Estamos tecnicamente entre o time da saúde, só falta o nosso

diploma para ser de verdade.

— Até que enfim. — escuto meu amigo dizer, cheio de entusiasmo. — Vamos comer.

Caio vibra com a notícia, pois é a parte favorita do dia para ele. Eu não estou com fome. Não vou conseguir engolir nem metade da comida. Sigo para o refeitório porque todos se dirigem para lá, o que torna obrigatória a nossa ida. Vou pegar uma salada para disfarçar, algo mais leve que não faça o meu estômago ficar mais embrulhado do que está.

Paola repara nas minhas escolhas e cutuca com ironia, perguntando se estou de dieta. Quero socá-la por ser tão sensível, porque é um saco ter que me esforçar para não preocupá-los, e ela sempre perceber quando algo não está certo.

Em compensação, o prato de Caio e de Paola comporta todos os tipos de alimentos que não estão no meu. As massas parecem apetitosas, além de as carnes parecerem bem assadas, do jeito que eu gosto. A conversa de que comida de hospital é horrível não se aplica ao refeitório dos doutores. Deve dar gosto de comer as refeições daqui. Bem que eu gostaria de estar em um dia melhor. Nem mesmo a melhor comida abriria meu apetite depois do que passei pela manhã.

O hospital de Ostala é um dos maiores e mais bem equipados em um raio de quilômetros. Muitos casos de difícil tratamento são enviados para cá, o que explica a quantidade de médicos que estão almoçando no mesmo horário que nós. Há uma grande quantidade de pessoas vestidas de branco se movendo entre as mesas, servindo-se, sentando e saboreando os pratos deliciosos que têm à sua disposição.

A cor branca se multiplica agora.

Arrasto os talheres na cerâmica do prato branco, admirando o fato de o garfo e a faca também não serem iguais. Estou concentrada demais no verde do alface, o laranja da cenoura, mas o batique que Paola faz com o seu garfo é irritante e levanto o olhar para ela. Antes que ela diga o que está a incomodando, uma mão macia encosta no meu braço. Bem onde tem um machucado coberto por meio quilo de maquiagem.

A voz sussurra em meu ouvido, fazendo com que eu não foque no quanto a dor deve ter triplicado agora que a despertaram. O meu foco está

apenas na rouquidão e no timbre aveludado daquela voz.

— Quinze horas, onze minutos e quarenta segundos.

Demoro um pouco para entender o que ele está dizendo. Balanço a cabeça depois de captar a mensagem. Nicolas aponta para o meu celular que está jogado sobre a mesa. Presumo que ele ficou esperando a resposta, de novo.

— Foi mal, não fiz de propósito. — dou de ombros — Tive outras preocupações mais importantes.

Nicolas parece ser um cara legal, do tipo de legal que muitas garotas adorariam encontrar por aí. Em outra época eu também adoraria. Confesso que ele é interessante.

Por isso quero contrariar minha consciência e mandar o juízo para longe. Quero dar toda a atenção pela qual ele está quase implorando, sair para conhecê-lo, quero até beijá-lo. Admito que quero, porque faz tempo que não sinto outra boca tocando a minha. O beijo dele deve ser ótimo.

Vou além. Imagino suas mãos passeando pelas minhas curvas e acariciando partes em que a roupa não esteja mais cobrindo minha pele. Quero tudo isso porque ele é mesmo um cara legal.

Quero porque não vai acontecer.

Como eu disse, ele é legal demais para eu não ser legal de volta. Seria injusto metê-lo nos meus dramas. Nicolas vai encontrar outra pessoa menos fodida assim que eu dispensá-lo e tudo ficará bem. Não preciso de outro problema, outro cara para esconder. Ele não precisa de uma conquista como eu. Estou fazendo um favor para nós dois ao sair fora.

Paola arregala seus olhos, querendo dizer *você não está fazendo o que acho que está*, enquanto eu consinto na mesma hora. Eu só ajo quando tenho grandes motivos.

Nicolas não é o primeiro homem que eu resolvo dispensar por causa de tudo o que eu passo, seja por conta da Cecília e seu namorado, a investigação envolvendo o acidente, ou pelas coisas que perdi e o buraco que foi aberto em meu peito. No final, dá no mesmo. Os meus encontros não costumam durar mais que três semanas, já que basta a minha tia descobrir para que eles parem de acontecer. Quando ela não consegue

fazer com que eu desista das paqueras, ela faz com que os garotos desapareçam. As histórias de terror sobre a garota desprezada que perdeu tudo devem ser ótimas, pois funcionam muito bem.

Nicolas sai de trás do banco e penso que consegui convencê-lo, quando ele dá meia-volta e senta ao meu lado, piscando um olho para os meus amigos. Talvez eu esteja com a boca aberta demais pela surpresa do seu gesto. Mordo o lábio tentando me mostrar indiferente.

Detesto admitir que gosto muito do jeito dele.

— Hoje à noite você também tem alguma preocupação importante? Eu estou livre depois das sete.

— Não vai dar.

Engato logo em seguida, porém Nicolas nem se move. Porque ele não desiste? É o segundo fora que dou nele em menos de dez minutos de conversa. Outro cara já teria saltado fora. A maioria não aguenta tanto.

— Amiga, você pode ir. — Paola interrompe, enquanto Caio admira Nicolas descaradamente. — Nós podemos cancelar o que tínhamos combinado. O Nicolas pode te levar para comer algo que não tenha gosto de roupa suja. Nem que seja esquentado por mais de dois dias.

Não acredito que Paola está fazendo isso. Quero ir para cima dela e estapeá-la de verdade. Como ela acha que vou sair de casa em pleno domingo, com tia Cecília monitorando cada passo que penso em dar? Manuel deixou claro que estou proibida de irritá-la mais. Como se fosse possível deixar a própria irritação mais irritada.

Meus batimentos cardíacos se alteram com a sugestão. Olho para Caio, esperando que ele seja um álibi e interrompa a máquina maquiavélica chamada Paola. No entanto, ele dá um sorriso, mostrando que também está contra mim.

Meus próprios amigos me sabotam.

Eles são uns bichinhos terríveis.

Nicolas encara o meu rosto, coloca a mão atrás do pescoço e espera uma resposta. Seus olhos verdes parecem ainda mais brilhantes, iguais a esmeraldas recém lapidadas.

Engulo em seco. Ele dá um sorriso típico dele próprio, aquele que me faz querer socar a mim mesma. Nicolas é lindo, de um jeito bastante adorável, muito diferente dos caras com quem eu já saí.

Começo a anotar mentalmente os prós e os contras, percebendo rápido demais que há mais riscos ruins do que bons em optar por ir a qualquer lugar com ele.

Maldita indecisão.

Resolvo ser sincera com Nicolas. O que posso oferecer a ele é a minha honestidade. Fecho os olhos antes de dispensar o cara mais interessante que conheci nos últimos meses.

— Não posso ir, Nicolas. Você não quer ser só meu amigo, e para falar a verdade, sei que nem amigos nós poderíamos ser. — gesticulo, sem parar de falar. — A minha tia não gosta disso. De ver o meu sucesso, e nem sequer posso te falar a minha teoria sobre o sucesso, porque assim que ela descobrir, vai te convencer a parar de falar comigo. Eu seria uma vadia se te desse esperanças de mantermos o contato. Não podemos trocar mais mensagens. Estou te fazendo um favor.

Paola e Caio estão perplexos. Fico em dúvida se a reação deles se dá por eu nunca ter sido tão aberta sobre a minha tia com um estranho, ou se é porque eu estou perdendo a chance de trocar uns beijos com alguém que, além de um gato, parece ter um cérebro em bom uso.

Nicolas continua sem se mover. Ele não está mais me encarando, olha somente para baixo. Parece estar chegando aonde eu queria que ele chegasse. Sequer muda de expressão até que começa a rir sem parar.

Ele está mais do que rindo.

Ele está gargalhando como um louco, os olhos ficando cheios de lágrimas, atraindo a atenção de um grande número de pessoas para nossa mesa. Meu Deus, ele é realmente diferente.

Minha teoria tinha algum sentido, afinal. Deve mesmo ser um maluco que veste um jaleco nas horas vagas.

Aos poucos ele se recompõe e enxuga o rosto molhado. Paola também está com a mesma expressão de *que porra é essa*, enquanto Nicolas suspira e se ajeita no banco. Seu timbre de voz é único, o que traz um

efeito colateral estranho para o meu corpo. Estou reagindo a um doido que ri das desgraças alheias.

— Essa é a melhor explicação que pode dar para que eu não queira sair com você? — pergunta ele — Porque se for, você está achando que eu desisto fácil. E não desisto. Hoje vamos conhecer a sua tia.



As noites de domingo costumam seguir um padrão conhecido como o velório do final de semana. Não se escuta um som sequer vindo de dentro de casa. É como se estivéssemos mortos. Considerando que tia Cecília deve ter engolido um gravador qualquer dia desses, não ouvi-la gritando é uma ótima forma de começar a semana. São sete e quinze, e não que eu esteja contando os milésimos de segundos, é que Nicolas combinou que chegaria às sete e eu estou pronta faz mais de vinte e cinco minutos. Depois de ele ter deixado claro que não desistiria do nosso encontro, acabei cedendo e passei meu endereço para ele. Escrevi o nome da rua e o número da casa, com a pior caligrafia da Terra, graças aos meus dedos trêmulos. Culpa da ansiedade. Além de Paola e Caio, ninguém chegou a vir para cá. Nenhum dos caras com quem eu fiquei.

Nicolas insistiu tanto que fez por merecer o encontro com a minha tia. Ele que não reclame assim que conhecê-la. Ela vai mostrar em primeira mão o que é o inferno para ele.

Paola achou que a data merecia uma roupa especial. O vestido cor de rosa que estou usando é um empréstimo importado exclusivamente do guarda-roupa da minha amiga. Tia Cecília espia pelo canto dos olhos, enquanto lavo a louça que ela não limpou, para variar.

— Onde você pensa que vai com essa roupa? Eu e o Manuel vamos sair para jantar. Você vai ficar em casa.

— Não tem problema, tia. — enxaguo o prato, colocando-o no escorredor. — Vou ficar em casa mesmo, fique tranquila. Espero que se divirta.

Ela não contava com o meu consentimento. Demonstra claramente o quanto estava esperando por uma brecha para engatar uma discussão.

Quero evitar uma cena, considerando que Nicolas pode tocar a campainha a qualquer instante.

E toca. Minha garganta fica seca ao ouvi-la tocar. Não sabia que um encontro casual chegaria a causar nervosismo em proporções como essa.

Ele está do outro lado da porta. Minha tia está do lado de dentro, esperando para dar o seu pior. Posso ter um ataque do coração e não perceber até estar acontecendo. Inspiro o máximo de ar que consigo, puxando a maçaneta com a maior calma que é possível para alguém que está acabando de atravessar um tiroteio de emoções dentro do próprio corpo. Sei que estou totalmente *roxa*.

Solto o ar ao vê-lo parado com um buquê de narcisos amarelos em uma das mãos. Ele só pode estar de brincadeira. Nem fodendo que está falando sério.

Cogito seriamente em fechar a porta na cara dele, porque não gosto de piadas. Menos ainda tendo esse teor emotivo em jogo. Ele não tem o direito de brincar comigo, não é justo.

Mal reparo na sua aparência, pois meus olhos estão fixos nas flores favoritas da minha mãe. Elas parecem ter sido colhidas recentemente, por causa do perfume acentuado. Esse era o cheiro da *minha* casa.

As palavras ficam presas na boca, o que faz Nicolas dar um passo para a frente e estender o buquê em um gesto rápido. Um sorriso tímido surge nos lábios dele.

— Oi, de novo. Trouxe essas flores para você. — coça a cabeça, meio sem jeito. — Espero que goste de narcisos?

Ele está perguntando. Não é uma afirmação. É uma maldita pergunta, que aumenta as chances de ele levar um chute no saco. Nicolas deve agradecer depois à tia Cecília pela interrupção. Ela para ao meu lado e faz um esforço para sorrir, mas sei que não está nada feliz com a visita. Uma visita para *mim*.

— Quem é o seu amigo, Betina? — Cecília o encara de cima até embaixo. — Não vai apresentá-lo para sua tia?

O deboche é nítido, ela só falta rir para comprovar. Resolvo entrar no jogo dela e alfinetá-la também. O chute nas *bolas* pode ficar para mais

tarde.

— Nicolas, essa é a Cecília, irmã da minha mãe. — comento, com sarcasmo. — Você vai adorar conhecê-la.

Ela pisca, a ira explodindo em seu rosto. Convida ele para juntar-se a nós, contudo, no fundo quer expulsá-lo. Sua falsidade coloca uma pulga gigante atrás da minha orelha.

Nicolas se senta, deixando o buquê de narcisos em cima da bancada. Eu nem sequer cheguei a segurá-lo. A indignação falou mais alto do que a gentileza, por culpa da atitude dele. Ninguém mandou passar dos limites.

— E então, como vocês se conheceram?

Abro a boca para responder, mas Nicolas fala primeiro.

— Na verdade, não dá pra dizer que nos conhecemos. A Betina me achou jogado na rua e resolveu fazer uma caridade, me convidando para jantar. Sua sobrinha vale ouro, hein? — ele sorri abertamente. — Não faço uma refeição completa faz meses, a senhora deve saber como é. Mendigos vivem como podem. Enfim, chega de papo furado, a coroa não vai gostar de ficar ouvindo as histórias que tenho pra contar. O que vamos ter para o rango, afinal?

Sou obrigada a colocar a mão na boca para não rir da expressão incrédula que aparece no rosto dela. Gostaria de filmar tudo o que acabou de acontecer, para rever muitas vezes no futuro. É uma cena épica.

Sem dizer nada, tia Cecília afasta a cadeira e desaparece da nossa frente, batendo a porta ao sair pela entrada. Então nós dois nos encaramos e caímos na risada. Eu até tinha esquecido da sensação de rir até o fôlego ficar escasso.

A atuação de Nicolas foi perfeita. Caramba, ele é inacreditável. Em uma hora dá a maior mancada do século, em outra me faz querer abraçá-lo e agradecer sem parar.

Dez minutos atrás eu poderia matá-lo.

Dez segundos depois que Manuel toca a buzina e tenho certeza de que a megera foi para longe daqui, sinto que posso vir a gostar dele para valer.

— Sua tia má aguenta pouco, estou desapontado.

— Ela deve estar furiosa.

— Que bom que eu não ligo.

Tento controlar um sorriso, mas mordo o lábio quando percebo que quero *muito* sorrir.

— De onde você tirou essa ideia de inventar que era um mendigo? — inevitavelmente, coloco meus dedos na pétala do narciso. — Foi inesperado.

— Só queria tirar a prova de que você estava sendo sincera e não me enrolando para evitar um encontro. — Nicolas sorri. — Ela é um pouquinho desagradável.

Concordo com a cabeça, querendo acrescentar que ele está sendo gentil, no entanto, não falo nada. Dizer que tia Cecília é desagradável é só mais um eufemismo barato. Ela transpassa todas as barreiras do desagradável e cria um próprio termo exclusivo.

— Não teria por que inventar isso. Se eu não quisesse te ver, eu só diria que não.

— Então quer dizer que você quer me ver?

Dou uma risada baixinha de frustração. Ele, além de insistente, é direto. Que diabo preciso fazer para que ele vá atrás de alguma garotinha ingênua e sem cicatrizes tão profundas quanto as que eu coleciono?

— Acho que vai se arrepender por ter insistido. — respondo indiretamente. — Você sempre faz isso?

Faço a mesma pergunta que soltei no consultório, ainda confusa sobre o que está acontecendo. Nós somos dois desconhecidos e ele vem agindo como se o risco valesse a pena, apesar de não ter a menor noção do que está prestes a encarar.

— Eu quero te conhecer. Que mal há nisso?

Só tem um jeito de mostrar a ele o porquê de não podermos ser amigos. Olho pelo corredor e vejo o meu quarto com a porta escancarada. Devo ter perdido o restante do juízo por cogitar levá-lo até lá.

— Vou te mostrar.

Se não bastasse o ter trazido até a casa da minha tia, estou segurando a mão desse cara ainda *estranho*, e o carregando até o meu templo sagrado.

Devo ter sofrido uma lavagem cerebral.

Ele me acompanha em silêncio, apertando carinhosamente os meus dedos até chegarmos ao quarto. Penso em retribuir o gesto, porém fico imóvel. Nossas mãos se encaixam como se elas já se conhecessem e apenas estivessem se reencontrando.

Eu sou a primeira a soltar. *É claro que sim*. Nicolas suspira e segue os passos que dou para a frente, olhando em redor. Minha cama ainda desarrumada exibe o dentão em um canto, fora o casaco que deixei jogado desde cedo. Lá vamos nós para a missão “Nicolas caindo na real”.

Aponto para o meu mural do crime e chamo a atenção dele para lá. Terminando de ver toda a bagagem negativa que está ao meu redor, as coisas serão diferentes. Qual cara vai querer toda essa merda pra cima de sua cabeça?

— Quis chutar o seu saco quando vi o buquê de narcisos amarelos, acredito que deve ter percebido. — fecho os olhos, colocando o dedo sobre a primeira matéria. — Tem um grande motivo para eu não gostar de receber essas flores. Na verdade, um motivo gigante. Eu e meus pais sofremos um acidente há doze anos, quando eu tinha apenas oito. Estávamos voltando de uma exposição de arte contemporânea e um maldito carro invadiu a nossa pista pela contramão, forçando meu pai a tentar desviar. Não deu muito certo. Nós capotamos cinco vezes e caímos em um lago. O mais gelado e escuro dos lagos. Eu sobrevivi, mas eles...

Faço uma pausa, tomando fôlego. Reviver o acidente é um teletransporte direto para o local onde tudo aconteceu. Sinto meu peito em chamas.

Nicolas não interrompe e eu prossigo.

— Nessa matéria disseram que não havia como provar a existência de um condutor além do meu pai, pois na estrada não tinha quaisquer sinais de colisão entre os veículos, nem no chão ou no próprio carro da minha família. Eles conseguiram tirar o automóvel do lago, só que os corpos

nunca foram encontrados. — sento na cadeira em frente à escrivaninha. Aponto para a próxima matéria sem precisar olhá-la para saber qual foi a opinião dos jornalistas da época. — Nessa outra, alguns disseram que meu pai devia estar embriagado, porque o acidente tinha uma proporção inimaginável. Para causar tamanha destruição, ele só poderia ter bebido algumas latas de cerveja. Sensacionalismo barato, jornalistas que são como urubus e gostam de fazer da desgraça dos outros, o seu jantar. As três matérias seguintes tinham o mesmo cunho apelativo, tentativas de atrair o público com mentiras dolorosas.

Ele continua em silêncio, escutando o meu relato. Se minha tia não o assustou, tudo o que estou prestes a contar, vai fazê-lo mudar de ideia na hora.

— O pior é que se falam de você e está vivo para responder, existe a chance de dar a sua versão, mas quando se está morto, os outros é que tiram as conclusões que preferirem. — afirmo, com tristeza. — Meus pais mortos não tiveram a chance de dar o testemunho do quanto eram corretos. Alguém tinha roubado isso de nós. Principalmente de mim.

Expiro o ar pela boca, depois prossigo: — Ninguém sabe como eu sobrevivi. Os médicos apenas falaram que suportar tantos minutos dentro da água, com os pulmões cheios de líquido, na temperatura daquela noite e nas condições frágeis após o acidente, deveria ser impossível. Para a medicina, eu era uma exceção. Para mim, eu era só um caso perdido. — dou de ombros. — O caso permaneceu aberto durante dois anos, aproximadamente. Depois de meses uma nova matéria saiu no jornal, dizendo que a perícia havia encontrado vestígios deixados por outro pneu próximo, na direção contrária ao ponto em que o nosso carro capotou pela primeira vez. Assim puderam supor que realmente havia uma nova pessoa envolvida. Um automóvel tinha cortado a nossa frente.

Olho para Nicolas, que não tira os olhos do mural. Ele se levanta para ver mais de perto as matérias que por muito tempo me fizeram perder o sono.

Vamos lá, você consegue.

— Nada foi pra frente. Aquela região do lago é um trecho sem movimento, sem câmeras de segurança, sem qualquer tipo de provas a

favor dos meus pais e contra quem foi o verdadeiro culpado. A delegacia municipal desistiu do caso, alegando que tinham dado o melhor por muitos meses. Não poderiam gastar mais com algo que não estava dando resultado, foram as palavras do policial.

Lembro daquilo até hoje. A forma que trataram o acidente como se fosse... perda de tempo.

— Minha guarda foi passada para a tia Cecília, e como pode ver, ela não é a minha maior fã. Sempre foi assim. Ela nunca me tratou com o carinho de um parente ou o amor que uma tia deveria dar a uma menina órfã. Os próprios vizinhos me acolheram mais do que ela.

Ele dá alguns passos, ficando quase do meu lado.

— Com 17 anos eu tentei reabrir o caso, porque eu queria um desfecho. Encontrar o responsável não traria meus pais de volta, mas pelo menos eu saberia que a justiça venceu. Parecia razoável. O problema é que o pessoal da delegacia novamente não concordou com a minha decisão em retirar o caso dos arquivos e trazê-lo à tona depois de tantos anos. — suspiro, derrotada. — Foi aí que o mural do crime ganhou vida. Comecei a juntar todas as matérias e reuni-las para tentar traçar algum perfil, encontrar qualquer pista que pudesse me levar ao condutor que destruiu a minha felicidade. Parece egoísta, eu sei, e realmente é. Eu não quero nada além de encontrar o desgraçado que fez isso, Nicolas. Vou fazê-lo pagar.

Nicolas agarra um dos bilhetes e franze a testa.

— 13 de maio?

Balanço a cabeça, em sinal positivo.

— Não é engraçado? De um jeito ruim, claro. Tudo isso é tão fodido que em um piscar de olhos pode virar de cabeça para baixo e mudar as perspectivas como se elas nem fossem importantes. — levanto, quase encostando o braço em Nicolas. — Não existe segurança quando se fala em viver. A vida é a maior das aventuras selvagens e não oferece nenhum tipo de garantia. É pegar ou largar.

— Ninguém precisa de segurança quando se vive cada minuto como se fosse o seu último. — ele estala a língua. — Desde que a gente faça tudo o

que tem vontade, morrer não é tão ruim assim. Todos vamos morrer mesmo.

A perspectiva de Nicolas é diferente, porém ele tem razão. Na verdade, percebo que tudo o que ele disse é justamente o que eu não costumo fazer. Preciso de menos segurança e mais vontade de experimentar o que ainda desconheço.

Nicolas nota o quanto estou pensativa e sorri, antes de fazer a pergunta que mexe ainda mais com os parafusos soltos da minha cabeça.

— Qual é a sua maior vontade, querida?



O atendente relutou muito para aceitar o pedido. Nicolas teve que pagar o dobro para convencê-lo a produzir algo tão esquisito. Ele garantiu que não experimentaria nem que eu pagasse o triplo para ele pôr aquilo na boca.

O motoqueiro buzina na frente de casa após quarenta minutos de espera. Nicolas se antecipa e atende a porta como se fosse de casa. Paga pela pizza e vem com a caixa em direção à cozinha como se fosse uma cena cotidiana. Não sei o que pensar sobre a mudança brusca dos acontecimentos. Não sei se gosto de saber que ele está se sentindo tão à vontade, principalmente depois de tudo que contei a ele. Parece que as peças não se encaixam.

— Pronta para comer a maior atrocidade que o mundo já conheceu?
— seu sorriso largo acompanha uma piscada de olho demorada.

— Esperei anos para experimentar isso, então, não zombe dos desejos de uma garota criativa.

Arrumo a mesa, colocando dois pratos, os talheres e copos. Dispensou uma organização perfeita, pois não há nada de especial nesse jantar. Dois amigos que não deveriam ser amigos vão comer uma pizza, então, dispensei a decoração dessa vez. Podemos pular direto para a segunda etapa.

— Já falei que não vou comer esse negócio. — cruza os braços. — Nada no mundo vai me fazer mudar de ideia.

— Nem com chantagem emocional?

Nicolas senta-se em frente à mesa e levanta a tampa da caixa, fazendo uma careta engraçada. Dou uma olhada para a pizza e penso que os meus desejos de criança eram anormais mesmo. A aparência não é nada boa.

Puxo a cadeira e corto as fatias, segurando o riso, quando deveria estar segurando o nariz. Isso tem cheiro de chulé.

Metade da pizza é de peixe com chocolate, enquanto a outra é de calabresa com morango, os sabores que eu teria escolhido assim que voltássemos para casa na noite do acidente. Embora seja a coisa mais insana que alguém pensaria em comer, essa é uma lembrança que me faz estranhamente feliz. Não sei porque eu deixei a memória trancafiada em um lugar inacessível durante tantos anos. Deveria tê-la libertado há mais tempo.

— Eu te desafio a comer uma fatia. Vamos lá, não custa nada. — acrescento, com um sorriso incentivador. — É só uma pizza inofensiva, Nicolas.

Solto a fatia da caixa e olho para Nicolas fazendo um bico com os lábios, esperando que ele tope. Apelo para a chantagem emocional, porque acho que preciso de companhia para passar por uma memória antiga não tão boa e transformá-la em algo melhor no presente.

— Tudo bem, eu me rendo. Se você aceitar participar de uma brincadeira, eu como a sua invenção destruidora. Mas as regras serão diferentes. A cada mordida, é a vez de alguém pagar o preço.

— E que brincadeira é essa?

— O jogo do eu sempre. — Nicolas explica. — É um jeito prático de nos conhecermos e também de passar por esse momento trágico de digestão. Os nossos estômagos vão sofrer mais do que a gente, vai por mim.

Pego a fatia de peixe com chocolate, a que está fedendo para valer a cozinha da minha tia. Um bom desodorizador de ambientes vai ter que fazer efeito, caso contrário, vou me arrepender amargamente por dar ouvidos a Nicolas e a todo o lance de querer experimentar coisas novas.

Tá que nem em um milhão de anos ele diria isso se imaginasse que a minha maior vontade seria comer uma pizza mais parecida com uma bomba nuclear do que qualquer outra coisa. De toda forma, foi ele quem incentivou.

— Tudo bem, eu topo.

— Nem vai perguntar como funciona?

— Tanto faz. — dou de ombros, sem me preocupar com as regras. — Vamos fazer isso. Você começa.

Ele põe um sorriso gigante no rosto. Até o dentão fica em desvantagem se comparado com os dentes visíveis na boca de Nicolas. É um belo sorriso.

— Eu sempre quis ser médico por causa da minha mãe. Ela morreu de um aneurisma.

Pode ser que nos damos bem e sentimos uma ligação por causa das tragédias que aconteceram conosco. Eu diria a ele que sinto muito se resolvesse. As pessoas sentem muito, mas nunca mais do que nós mesmos. Engulo os discursos de pêsames e faço um gesto para que ele deguste a fatia que está segurando.

Quase caio da cadeira com o ataque de gargalhadas que dou por causa das piores reações à comida que já vi pessoalmente. Uma mordida minúscula faz isso. Ele se contorceria na cadeira se pudesse, tenho certeza. Encho o copo de água e dou a ele, que agarra e bebe em um gole só.

— Meu Deus! — para, colocando o copo em cima da mesa. — O gosto consegue ser mil vezes pior do que o cheiro e a aparência!

Ainda bem que não somos nada além de amigos conhecendo um ao outro. Seria desastroso se um primeiro encontro amoroso terminasse com uma intoxicação alimentar.

— Sua vez. — ele intima. — A vontade era sua, então honre a memória da criança maluca que você já foi.

Mostro a língua para ele e o comentário. A de calabresa com morango não parece ser pior que a de peixe. Nenhuma das combinações são boas, mas pelo menos uma delas é comestível. Pernil com abacaxi existe há mais tempo e ninguém nunca julgou o pobre coitado.

O gosto é estranho na língua, só que não tanto. A fruta acaba tirando o sabor picante da calabresa, e chega a ser uma mistura interessante. Não é o melhor pedido de todos, contudo, vale a experiência.

— Eu sempre pinte. Comecei a pintar quando era um bebê, e a pintura sempre foi a minha maior paixão. Nem dá para acreditar que uma criança pudesse saber o que queria com tanta convicção, né? A maioria das crianças querem ser coisas que depois descartam. Os desejos podem ir mudando, mas os meus permaneceram. — relembro, nostálgica. — Eu sempre me expressei através das pinturas. Eu sempre quis mostrar as minhas cores nas telas. O sempre tem aquilo de achar que será para sempre, até que de repente vira um nunca. Até o sempre se engana.

— Nisso que você era prodígio, então? Vi a matéria de longe, não prestei muita atenção no mural. A sua explicação parecia ser mais importante.

— Aham. — concordo, com um aceno. — Eu parei de pintar por causa da tia Cecília. Ela... jogou tudo no lixo. Falou que eu não podia pintar na casa dela. Que a pintora tinha morrido no lago.

— Ela é cruel.

— Eu avisei.

Nicolas agora pega uma fatia de *calabrerango*, e não se aprofunda no assunto sobre a pintura. Dá uma mordida e não faz uma careta como a de antes. Acho que, sem querer, criei um novo sabor de pizza.

— Eu sempre quis compor uma música. Meu pai tinha uma banda de rock quando eu era adolescente e eu os escutava ensaiando. Meu pai também compôs várias canções naquela época. A música é um escape pra mim, mas eu não arrisco nada além de ouvir outras bandas, não sei por que. Até um violão aposentado eu tenho no meu quarto. Quem sabe um dia eu crie coragem.

Por mais que eu não goste de música, entendo o que ele quer dizer. Expressar o que se sente através da arte é para poucos. Um escritor que coloca sua alma para fora através de seus textos, um pintor que se doa a cada pincelada em uma tela, um músico que se entrega às suas canções e não escuta nada além da sua própria voz, é uma magia concedida a uma pequena parcela da humanidade.

Nós somos os azarados mais sortudos do mundo.

— Porque ainda não criou a coragem?

— Não devo ter encontrado a inspiração certa.

Consinto, trocando a fatia pela de *peixolate*. Os nomes que crio para os sabores são ainda mais estranhos do que as combinações. Preciso saber se ela é mesmo tão repugnante quanto Nicolas fez parecer. Coloco entre os dentes e na primeira mordida, eu cuspo com pressa dentro do prato.

Eu. Cuspo.

Na frente dele. De um cara que eu conheci ontem.

— Que horror! Como você conseguiu engolir? — agora estou esfregando a língua no guardanapo, e em seguida, agarrando o copo de água. Engulo o líquido inteiro em menos de um minuto. Pareço ter passado uma temporada longa e desesperadora no deserto.

Nicolas ri e dá de ombros.

— Eu falei que você já foi uma criança muito estranha. Como alguém tem a capacidade de inventar uma mistura assim? Sua próxima confissão deveria ser “eu sempre tive uma mente maluca”. Sério, é assustador.

Sorrio sem mostrar os dentes, pegando outra fatia. Dessa vez eu não mordo, embora fale como se tivesse comido.

— Eu sempre quis contar para alguém as coisas que te contei. Tenho os melhores amigos e nem sei se a Paola sabe de algumas dessas coisas. O Caio, você viu, ele é sempre daquele jeito, um cara incrível. Só que parece que eu... travo na frente dele. Não sei se é porque ele é todo pra cima, esbanja tanta alegria, que simplesmente tenho medo de ele me olhar com outros olhos se souber toda a verdade.

— Algumas pessoas parecem se encaixar sem precisar de muito esforço. Tem gente que se conecta como se fosse pra ser daquele jeito desde o começo.

Não sei em qual sentido ele está se referindo, mas é verdade. Eu e a Paola sempre estivemos conectadas, é uma ótima forma de falar sobre encaixes que deram certo. Não somos peças de um quebra-cabeça, mas de um jeito esquisito, talvez existam pessoas que foram mesmo feitas para estarem juntas.

Eu sou um quebra-cabeça com poucas peças encaixadas, no entanto.

— Sabe por que eu não gosto de narcisos?

Ele nega, encarando o meu rosto.

— Na verdade, eu gosto deles. Eram os favoritos da minha mãe. A minha casa tinha cheiro de narcisos, era aconchegante. Depois do acidente, eu parei de gostar dessas flores porque a tia Cecília dizia que o cheiro era horrível. Só vejo os narcisos amarelos quando eu os levo ao lago onde o nosso carro caiu. Todas as sextas-feiras eu vou até lá. — seguro as flores, sentindo o queixo tremer. — E então você apareceu com um buquê. De narcisos. Amarelos.

Digo cada palavra com pausas propositais. O espaço entre uma palavra e outra parece dar vida à indignação que eu senti.

— Foi por isso que você quis cortar as minhas bolas? — ele sorri, colocando as mãos no meu joelho nu. Um arrepio sobe pelos meus braços. Amigos não tocam uns nos outros desse jeito. Muito menos amigos que não são amigos. — Você pode não acreditar, mas narcisos amarelos também eram as flores favoritas da minha mãe. Ela dizia que rosas eram simples demais. Que uma garota gostaria é de ganhar uma flor diferente, algo inesperado.

Ele está certo. É difícil de acreditar, embora a teoria das rosas seja interessante.

— E tem mais. — ele tira as mãos dos meus joelhos, aí é que percebo que a sensação não era desagradável. Eu estava ficando acostumada com o calor dos seus dedos. — O amarelo costuma representar luz e otimismo. Minha mãe dizia que flores amarelas são como joias de ouro.

Seguro o maço de narcisos e levanto da cadeira para pegar um vaso com água e pô-los dentro dele. Tia Cecília não ficará nada contente quando chegar do seu passeio e encontrar as flores na cozinha, entretanto, não estou ligando tanto assim. Dane-se os gostos dela.

— Sou a pessoa mais adequada para falar sobre cores. — sorrio, colocando as flores em um canto da bancada. A desculpa dele me convence. Ele parece estar sendo sincero. — Dizem que eu sou sinestésica, as pessoas que me conhecem há mais tempo. É que eu

transformo as cores em emoções, ou emoções em cores. A ordem não importa.

Começo a explicar para Nicolas sobre a minha forma de ver as pessoas. Digo que a princípio ele parecia ser rosa, porque pra mim, essa é a cor dos exibicionistas. O rosa não é nem vermelho, nem laranja. É o tom dos que querem estar acima dos outros, não se contentando em não chamar atenção o bastante. Para mostrar a minha versão com todos os significados que eu mesma criei, busco a minha tabela das cores. Ele parece fascinado, diferente dos meus amigos que a princípio acharam engraçado.

cores da Petina

Cor	Significado
Amarelo	Iluminado, entusiasmado.
Azul	Calmo, sereno.
Laranja	Otimista, alegre.
Branco	Purificado, pacífico.
Vermelho	Quente, intenso.
Roxo	Sábio, intuitivo.
Verde	Revigorado, equilibrado.
Marrom	Tradicional, sólido.
Rosa	Exibicionista, sensual.
Cinza	Neutro, discreto.
Preto	Vazio.

A tabela segue a partir das minhas cores favoritas, até chegar naquela que mais detesto. Alguns dos significados que estão ali são diferentes dos que os especialistas afirmam. Nem todas as pessoas enxergam com a mesma sensibilidade. Eu tenho a minha própria forma de ver as cores. Pra mim, elas são especiais e únicas.

Continuamos conversando até perto da meia-noite, o que me surpreende muito. Ao lado de Nicolas, eu nem noto que as horas continuam passando, e quando me dou conta, já estou pedindo para que ele vá embora. Não quero correr o risco de ele estar aqui quando a tia Cecília voltar. É melhor encerrarmos a conversa enquanto a abóbora ainda é uma carruagem e não vira um grande ensopado preparado pelas mãos dela.

Eu não esperaria um beijo de boa noite, mas quando ele se despede e me dá um abraço, sinto sua respiração mais pesada. Chego a pensar que ele vai me beijar. Não sei o que espero, se torço para que ele faça isso, ou se vá para casa logo.

Ele abaixa a cabeça para ficar quase da minha altura e beija a minha testa. Não é na boca, mas o carinho é quase maior do que se tivesse sido. Sorrio ao mesmo tempo que ele, que dá alguns passos para trás, ainda olhando em meus olhos. Não consigo virar o rosto até ele sumir de vista.

Entro na cozinha e bato a porta da entrada, tentando assimilar tudo o que aconteceu ao longo da noite. Antes de fazer qualquer outra coisa, meu celular vibra, e pulo para pegá-lo. Só então eu percebo que o sorriso que estava em meus lábios não saiu dali em momento nenhum.



Na segunda-feira, não vejo nenhum sinal de minha tia, porém os narcisos não estão mais no vaso. Ela os viu. Ela os jogou no lixo. Nada inesperado.

Minha rotina de ir para a faculdade é a mesma, mas as perguntas que meus amigos fazem são novas. Em vez de perguntarem como eu estou, querem saber sobre Nicolas. Do que ele gosta. Como se comporta. Qual foi a reação da tia Cecília ao conhecê-lo. O que nós fizemos e aonde fomos. Respondo a todas as perguntas sem dar importância a elas. Eu não sei o que nós somos, para ser sincera. Estamos no meio da linha da amizade e do tesão. Por mais carente que eu esteja desde o meu último lance casual com o Roger, tenho medo de cruzar a segunda linha e comprometer a primeira.

A companhia de Nicolas é boa demais para pôr em risco por uma transa qualquer.

— Ele nem tentou te beijar? Que frouxo. — Caio resmunga, anotando os tópicos do conteúdo que a professora Carla acabou de escrever no quadro branco. Temos mais um trabalho para entregar até o fim do mês, o que compromete totalmente a minha investigação. Conciliar os estudos ao caso está a cada dia mais difícil.

À tarde tenho uma hora marcada com o mecânico que avaliou o carro dos meus pais. Os policiais deixaram claro que nada no automóvel poderia dar indícios sobre o acidente. Cansaram de repetir que o caso estava em um beco sem saída.

Eles podem ter desistido, no entanto, eu nunca vou parar.

Não vou deixar que a chance de descobrir o culpado também morra. O caso já ocasionou mortes demais. A confiança não pode ser a próxima a morrer.

— Eu daria tudo para ver a cara da Cecília quando o Nicolas chegou lá. — Paola dá uma gargalhada, juntando seus livros e cadernos. — Deve ter sido engraçado.

Conto a eles sobre a atuação de Nicolas, inventando que era um mendigo que estava esperando para comer da comida dela. Paola não consegue se controlar de tanto que ri. Sabia que eu deveria ter gravado a cena.

— Além de ser um fofo, ops, frouxo, ele ainda te mandou uma mensagem falando que adorou comer a pizza mais estranha do planeta, só por ter sido com você?

Não pude evitar de falar sobre os sabores das pizzas que comemos. Paola não gostou por eu ter escondido isso dela, ainda mais por tantos anos. Disse que teríamos feito o experimento muito antes de Nicolas aparecer. Entre todas as memórias da minha família, essa foi a única da qual ela não participou ativamente. Entendo sua frustração. Parece que eu a traí, embora seja só uma massa idiota.

Passo a mão nas ondas rebeldes do meu cabelo, colocando uns fios atrás da orelha. Saí com tanta pressa de casa que nem o escovei direito. A mancha que virou esverdeada dos dedos de Manuel em meu braço ainda está sendo escondida com maquiagem e eu não pretendo possibilitar um novo cruzamento com ele tão cedo.

O que eu posso fazer é torcer para que tia Cecília não despeje mais drama em cima dele. A ameaça de Manuel havia sido clara. Eu passei por cima das instruções como se não tivesse medo. A impressão que dei foi essa.

Entretanto, correr para fora do jeito que fiz hoje de manhã deixa claro o quão assustada eu estou.

— Mas não combinaram de se ver de novo? Tá aí um casal sem graça. — meu amigo balança cabeça, inconformado. — Até eu e a Paola somos mais quentes do que vocês dois, e olha que eu gosto de homens!

Caio não tem limites, é um caso à parte. É impossível não se sentir *amarelo* quando se está perto dele. O que Paola e ele não entendem é que não preciso de um romance. Uma paixão avassaladora me faria desviar do que realmente preciso achar. Atualmente, eu busco ser *branco*.

Eu só preciso de paz.



Diogo, o mecânico de confiança da família, fica debaixo de uma caminhonete vermelha enquanto continuo disparando questionamentos e esperando para coletar informações extras. Qualquer nova descoberta irá parar no mural do crime.

— Então, o carro do meu pai estava em dia? Nenhuma chance de ter dado algum problema nos freios? No motor? Nos faróis? Qualquer coisa.

— Não, Betina. — ele diz. — Eu mesmo havia feito a inspeção do carro do Antônio dias antes do acidente. Você sabe que ele era um grande amigo pra mim. O que aconteceu foi uma grande tragédia.

Tragédia. É o que sempre dizem.

— Não foi apenas uma tragédia qualquer, senhor Diogo. — resmungo, irritada. — Tragédias não envolvem terceiros que invadem a pista e destroem toda a sua família e levam o chão para longe de você. O que houve ali foi mil vezes mais grave do que um simples golpe de azar.

Detesto quando dão a entender que por considerarem que houve uma tragédia, não há nada a ser feito além de chorar e se lamentar pelo que aconteceu. Tragédias acontecem. Para eles, tragédias são do jeito que são e temos que aceitar.

— Os policiais se empenharam muito na época, menina. — ele escorrega para fora, levantando em um pulo de gato. Nem parece ter mais de cinquenta anos. — Sei que é difícil admitir que eles se foram. Eu sinto falta do Antônio e da Júlia. Apesar de a relação dos dois ter sido conturbada por muito tempo, eles tinham amor nos olhos. Seu pai nunca se arrependeu por ter escolhido sua mãe, isso posso te garantir.

Seco as lágrimas que já insistem em cair pelo queixo, molhando a camiseta branca que contém uma única estampa. “A vida é um quadro muito mal pintado”, frase de autoria da Paola, que diz ser uma afronta às merdas que aconteceram conosco.

Pessoas fodidas devem falar uma língua padrão.

O pai dela servia ao exército e morreu em treinamento pela porcaria de uma bala perdida quando ela tinha quinze anos. A mãe entrou em depressão e cedeu às drogas pela segunda vez, visto que havia cedido ao vício quando era mais jovem. Paola fica dividida entre pagar os materiais da faculdade, sendo que conseguimos uma bolsa integral para facilitar a situação financeira, ao mesmo tempo em que precisa dar um jeito de manter a Patrícia em uma clínica de reabilitação.

Paola prefere não visitar a mãe, embora eu diga que ela deveria se manter próxima o bastante. Lidar com surtos dos narcóticos é barra pesada, e a Patrícia feriu minha amiga de maneiras inimagináveis. O pior é que nunca sabemos quando podemos perder os nossos bens mais preciosos. Arrependimento não traz ninguém de volta.

— Eles eram felizes, não eram? — senhor Diogo entende que a minha pergunta é retórica, por isso não a responde.

— Siga o seu caminho, menina. Seja a *amarelinha* que seu pai tanto queria que você fosse.



Já está escurecendo quando o táxi estaciona a alguns metros de distância da casa de Cecília. Evito parar na frente dela, do mesmo modo que Paola faz. Pago pela corrida com alguns dos trocados que recebo da tia Cecília pela pensão que ainda está sendo depositada na conta dela. É pouco, mas o suficiente para me virar durante o mês. Não ligo para o luxo.

Tudo está escuro assim que giro a chave na fechadura e tiro as sapatilhas, jogando-as no canto da soleira, sem nem me abaixar para tirá-las. Movo a mão para ligar a luz, quando algo tapa a minha boca.

— Eu avisei. Eu avisei a você.

A luz fraca que vem do poste da rua faz com que eu possa ver tudo que está na cozinha. Isso inclui Manuel, prensando a palma áspera em meus lábios. E a tia Cecília, sentada, observando tudo.

Ele acende a luz e me empurra, fazendo com que eu caia, as mãos espalmadas no chão. O silêncio mortal da minha tia é igual ao dele. Os dois são geralmente sem cores, mas agora eu vejo *preto* em ambos.

— O que fez você pensar que poderia trazer aquele rapaz para cá? — ela é quem fala, tranquilidade nadando em sua voz. — Sabe que não pode ter amigos, vadia. Sabe que você não merece ser amada.

Tento sair do chão, levantar o corpo e também o meu orgulho, e sou impedida antes mesmo de fazer um esforço maior. Manuel pisa na minha coluna sem piedade.

Busco forças dentro do meu peito para não soluçar de tanto ódio. Eu odeio eles. Eu odeio muito.

— Não vale a pena pisar no estrume, Manuel. O seu recado não valeu de nada. Ela continua achando que pode se safar sem ser punida.

— Conte a ela o que vamos fazer com a herança, Cecília. Sua sobrinha vai ficar feliz por saber.

Continuo sem me mover, com medo do que eles podem fazer se eu tentar sair correndo. Minha tia dá uma gargalhada cruel, e escuto o seu salto de quinze centímetros favorito ecoando no chão. Ela para ao meu lado, puxa o meu cabelo, fazendo com que eu olhe para cima. Para ela.

— Está vendo essa papelada? Eu encontrei em cima da sua escrivaninha enquanto você estava fora. Então quer dizer que você acha que todo o esforço que eu fiz ao te manter durante anos embaixo do meu teto não serviram de nada? Agora quer ser adulta e recorrer ao dinheiro?

Meu Deus. A paranoia dela se estendeu a mexer nas minhas coisas e invadir o mínimo de privacidade que restou pra mim? Até o meu quarto ela não consegue ver sem estar arruinado; precisa ir além, e cavar o pouco de liberdade até ver tudo embaixo da terra.

— Manuel teve uma ideia espetacular para resolver essa falta de gratidão. O dinheiro cai na minha conta! É meu, até que alguém reclame o contrário. — o puxão fica mais forte, é difícil não chorar ou emitir qualquer som de dor — E adivinhe só? Você não vai reclamar o contrário.

Consigo ver Manuel parando ao lado de Cecília, ela entrega os papeis na mão dele, e os rasga em pedacinhos. Cada tira de papel cai em cima da minha cabeça.

— Eu só não te expulso daqui... porque o seu pai ficaria muito magoado se eu tocasse no ouro dele. — ela se abaixa, soltando meu cabelo, usando de todo o seu deboche para continuar a falar. — De *amarelinha* você não tem absolutamente nada. Você não vale nem um centavo.

Dói tanto saber que a única pessoa que restou da minha família é ela. Não posso evitar a dor, embora possa evitar as lágrimas por enquanto. Permaneço estática ao longo de alguns minutos. Estou tão machucada, por dentro e por fora, que não ouço o casal saindo de perto de mim. Eles nem ao menos estão em casa mais.

No fundo, quero ligar para Paola e pedir para que ela venha e me dê um pouco de segurança. Nicolas está totalmente riscado da lista; não posso mais responder suas mensagens, suas visitas, sua influência sobre o

meu corpo inteiro. Detesto saber que ele não tem culpa de nada, e ainda assim, é o culpado por toda essa bagunça.

Como eu disse, tia Cecília sempre dá um jeito de destruir as coisas, seja de um jeito ou de outro.

Eu só não sabia que dessa vez ia doer mil vezes mais.



Esfrego o meu corpo com a esponja até sentir que eu estou limpa de verdade. Minha pele sai vermelha após o banho. Agora estou vermelha, mas não do jeito que deveria ser. O *vermelho* tem um sentido que eu não conheço há anos.

Visto um pijama de estrelas pretas, o que faz todo o sentido depois do que vivi há quarenta minutos. As estrelas amarelas viraram pretas à força.

Deito na cama, apertando o dentão entre os braços, me mexendo devagar entre os lençóis. Hematomas nas costas e na barriga são bem visíveis, se tornando primos da mancha roxa do outro dia.

Tentei ser durona e não chorar, porque sei que nenhum dos dois merece as minhas lágrimas, porém a tarefa se torna quase impossível. Paola que me perdoe, eu fui fraca.

Olho pela janela e vejo a lua preguiçosa, com medo do seu crescimento. Hoje ela está mais para nova do que para crescente. Por pouco tempo, eu a entendo. Crescer machuca. Crescer exige deixar muitas características pelo caminho. Você não pode crescer e carregar tudo consigo. Ou deixa para trás, ou segue em frente.

Dizer adeus para sua antiga versão é duro demais. Talvez seja por isso que a lua não queira crescer tão cedo.

Me perco em minhas divagações, contudo, sou arrancada de lá com o toque do meu celular. Torço profundamente para que não seja o Nicolas.

Alívio toma conta do meu coração quando vejo o nome de Paola estampado na tela.

Paola: Se não estiver tudo bem, faça um sinal de luz no céu. Os vingadores estarão na sua porta quando mais precisar.

Aliás, o unicórnio vingador está ansioso por sua missão. Não o desaponte.

Paola entende que o meu silêncio nunca é bom. Se fico mais isolada do que de costume, ela já sabe que Cecília aprontou de novo. Não posso contar a ela sobre as agressões. Se disser, elas serão ainda mais reais, e só quero que elas sejam outro pesadelo que está prestes a terminar.

Eu: Desculpe por te desapontar, querido unicórnio. Nada de missões por hoje.

Rolo pela cama, com sentimento de culpa. Não suporto mentiras. Merda, eu deveria repensar e dizer a ela o que eu estou passando.

Mal olho o nome que aparece quando o aparelho toca de novo. Ela não deve ter acreditado, por isso abro a mensagem.

As cambalhotas que sinto agitadas em meu peito não são por Paola, porque o torpedo não veio dela.

Nicolas: O gosto dos teus lábios não sai Da minha boca E eu, maluco que sou, Nem sequer te beijei.

Releio a frase sem acreditar no que estou lendo. Definitivamente, cruzamos a linha da amizade, e eu nem sequer fiz nada. Ele agiu por conta própria e mostrou a sua versão errada. Soco o colchão por não conseguir entender aonde esse cara quer chegar e por eu não poder responder a porcaria da mensagem.

Nicolas: É só uma música, tecnicamente.

Nicolas: Não tão tecnicamente, já que músicas nunca são apenas músicas, e sempre querem dizer mais do que parecem.

Nicolas: O que quer dizer que o nosso não-beijo foi o beijo mais especial que eu já tive, e por isso eu não paro de pensar no quanto um sim-beijo seria incrivelmente melhor. Tô parecendo mais maluco do que a sua pizza.

Os torpedos não param de chegar, um em seguida do outro, e estou tentada a jogar o celular na parede. Aí eu penso que, se eu jogá-lo lá, o aparelho vai ficar em inúmeros pedaços, dos quais irei me arrepender depois. Não tenho dinheiro para comprar um novo aparelho, mas ainda tenho algumas economias para comprar um novo chip.

Eu enlouqueci? O que estou pensando?

Não devo ser tão imatura por causa de um cara que posso simplesmente ignorar, fingir que não existe, jogar para o escanteio.

Antes de desligar o celular, uma nova mensagem chega e eu não consigo deixar de lê-la. Talvez amanhã eu o bloqueie, não hoje, não agora.

Nicolas: Se eu tivesse mil estrelas para te dar Não se preocupe, eu sei Você não precisa delas para brilhar Mas ainda assim, Seria a luz mais intensa pra mim.



Estou fazendo o maior esforço para não sair da cama e faltar à aula. Não estou a fim de ir. Todos os lugares em meu corpo doem como o inferno e não estou preocupada com a matéria do professor Rafael. É a que eu menos tenho dificuldade, e minhas notas estão incríveis neste semestre.

Posso inventar uma gripe forte. Essa é a pior delas, do tipo que derruba qualquer pessoa.

— Sim, Paola. Dá pra acreditar? — finjo um espirro. — Pode ir pra aula, sério, não precisa passar aqui. Amanhã se eu estiver melhor, eu vou.

— Betina, você tá super estranha. Tá acontecendo alguma coisa que você não quer contar? Eu vou te dar uns tabefes se estiver escondendo algo de mim.

Não preciso de mais hematomas, amiga.

— É só a gripe mesmo. — tusso sem parar, esperando que ela caia nessa. — Você vai se atrasar, dirige logo e presta atenção na aula. Te amo.

Desligo, sem esperar a resposta que viria a seguir. Por sorte não ouvi nenhum som que desse a entender a presença da tia Cecília em casa, o que significa que ela não voltou para cá. Espero que demore a aparecer.

Fecho os olhos de novo e me permito descansar até metade da tarde. Ficar na cama é bom, embora também se torne cansativo. Assim é que se percebe que os excessos também chegam a ser doentios. Nada que é demais pode ser considerado saudável.

Arrasto as pernas para fora e continuo me arrastando até chegar à porta. Pela falta de escândalos, presumo que a passagem permanece livre. Vou até o banheiro e lavo o rosto, notando as olheiras escuras ao redor dos olhos castanhos.

Esfrego um pouco, torcendo para que essas manchas sumam. Estou com marcas demais para um corpo só. Caio diz que a quantidade de cicatrizes que uma pessoa carrega é o quanto ela já viveu. São provas de quantas histórias alguém tem para contar.

Olhando por essa perspectiva, eu tenho mais histórias do que eu mesma lembro.

Aproveito para emendar o almoço que não tive e o café da tarde. Preparo um sanduíche e um copo de café doce. Quase melado. Não suporto gostos amargos, de nenhum tipo.

O restante do dia passa sem grandes motivações. Revezos entre ver televisão, e analisar o mural do meu quarto. Leio as matérias de novo, cuidando para não deixar que nenhuma palavra passe despercebida, como se fosse a primeira leitura que faço. Já li tanto essas reportagens, que eu até poderia tê-las escrito.

Suspiro. O tédio está consumindo o restante da minha paciência. Seguro o celular e, tentada a descobrir de onde vieram as letras que Nicolas enviou na noite anterior, pesquiso na internet tomada pela curiosidade. Copio o trecho que ele enviou e coloco na barra de pesquisa.

O primeiro nome que aparece é de uma banda chamada Pluralí, e juro que nunca ouvi esse nome antes. Meu pai que era fascinado por música, não eu. Provavelmente ele havia conhecido esse grupo.

A canção fala sobre as estrelas e a voz do vocalista é grave, ao mesmo tempo em que é sutil. Ele é muito bom. Visto que eu aprecio mais a falta de sons do que a presença deles, esse cara detona de verdade. O refrão é mais explosivo do que o início, e logo me vejo balançando de acordo com a melodia.

Contenho o impulso de digitar uma mensagem para Nicolas, pensando em elogiar a música que ele enviou. É bonita, tenho que admitir, mas faço isso apenas em pensamento.

Não posso dar mais esperanças para ele do que já dei. Os torpedos que foram enviados ontem provam o quanto ele está esperando que brote uma afinidade palpável entre a gente.

Digo várias vezes baixinho que isso precisa acabar. Nicolas seria uma ótima companhia, se eu pudesse ser uma boa amiga para ele. Em outra vida, talvez poderíamos funcionar juntos. Infelizmente, nem sempre temos a nosso dispor o que gostamos e muito menos quando desejamos.

Essa sim é uma tragédia, penso, logo depois que envio a resposta que meus dedos relutaram muito em digitar. Algumas relações estão fadadas a acabar sem sequer existirem.

Eu: Pare de enviar mensagens. Não me procure mais.



Nicolas faz exatamente o que peço, não envia mais nenhuma mensagem. Nem para concordar com o que eu pedi. Parece estranho dizer que a desistência dele me incomoda, porque fui eu que exigi isso. Eu o obriguei a se afastar, então, não tenho o direito de reclamar. Sou trouxa por me punir pelos meus desejos.

O ritual das maquiagens espalhadas em minha pele teve que ser mais longo essa semana, já que agora tem mais manchas em outros lugares. Não quero correr o risco de alguém ver esses hematomas.

Os próximos dias transcorrem com tranquilidade. Mal vejo a tia Cecília, e Manuel não tornou a aparecer desde o último dia em que rasgaram os papéis do processo. Não comento nada com Paola sobre a desistência de recorrer ao dinheiro. Não quero tocar nesse assunto.

Terminando a faculdade, vou arrumar um emprego na minha área, e nunca mais pretendo pisar no chão daquela casa. Nunca mais quero ver nenhum deles.

Minha amiga sabe de algumas das agressões. Começaram a ser frequentes há uns cinco anos, e óbvio, um dia a Paola flagrou uma das cicatrizes profundas. Aquela havia sido feita com uma faca. A maior cicatriz do meu corpo ainda permanece ali e me encara todos os dias, para provar que o mal existe, e que ele pode estar onde menos se imagina. No interior de sua casa. Muitas vezes, vem de dentro da sua própria família.

Paola tentou me convencer a ir para a casa dela, fazer uma mudança radical e dizer adeus para a vida de merda que eu tinha com a tia Cecília. Cheguei a tentar, empacotei as roupas e os meus pertences pessoais. Tia Cecília descobriu e fez ameaças horríveis caso eu continuasse com os planos de sair dali. Embora sempre tenha deixado claro o quanto detestava a minha presença, na primeira tentativa de desaparecer do caminho dela, fui impedida.

Pouco depois eu descobri o motivo. Para ter acesso ao dinheiro que caía na sua conta, ela precisava que eu estivesse sob sua guarda. Ela não poderia ter o dinheiro de alguém que nem estaria mais sob os cuidados dela, por isso, nunca permitiu que eu saísse.

O medo faz com que concordemos com situações incabíveis. Paola não apoia minha decisão, mas até eu criar a coragem necessária para agir contra minha tia, vou precisar aturar todo o drama.

Na sexta-feira após a aula, entro na floricultura do meu bairro, a Toda Rosa. Dona Luísa acena fazendo suas pulseiras de prata parecerem sinos, e vem ao meu encontro. Somos velhas conhecidas. Anos após anos, eu nunca deixo de vir às sextas-feiras para fazer uma visita.

Ela sai de trás do seu balcão e se aproxima para me abraçar. Seu abraço é diferente a cada semana, embora venha sempre da mesma pessoa.

— Betina! Achei que não fosse aparecer! — seu abraço continua me aninhando dentro de seus braços finos. Dona Luísa é uma avó emprestada para mim. — Deixe eu buscar os seus narcisos. Três, não é? Ou hoje será mais?

Nego na mesma hora. Continua sendo três.

— Obrigada, dona Luísa. Os três de toda sexta, por favor. — peço, gentilmente. — Acabei me atrasando um pouco, por isso a mudança de horário. Tivemos que parar na biblioteca da faculdade para ver alguns livros sobre um conteúdo novo.

— Ah, a faculdade. Tempo bom! — ela ajeita as flores dentro do embrulho, dando um sorriso saudosos. — Você agora reclama, depois sente falta.

Dona Luísa se apressa e traz o maço com os três narcisos, o entregando na minha mão. Encaro as flores como se elas fossem armas terríveis. É quase um soco no estômago. Em vez de melhorar, parece que piora. Eu tenho que encontrar o responsável para que isso acabe o quanto antes.

— A Júlia teria orgulho de você. Ela sempre teve, é claro, mas se ela pudesse te ver agora... — seus dedos acariciam minha cabeça ao ver o quanto fico desconfortável por se referir a eles com tanto pesar. — Você é forte, Betina. Eles souberam te criar bem.

Aperto a ponta do buquê pelo comentário de dona Luísa. Digo a ela que eu preciso ir, porque já está um pouco tarde, porém a maior urgência é sair da bolha de tristeza que o assunto cria. Não importa quanto os anos passem, eu continuarei sendo a garota prodígio de Ostala que perdeu a família em um fatídico acidente de carro.

Embora seja sexta-feira, e eu sempre deixe que o sofrimento invada por vinte e quatro horas, detesto ser motivo de pena. A minha dor pode ser particular, pelo menos nesse sentido.

O motor do carro de Paola continua roncando na frente da loja. Dou outro abraço na florista e pago pelos narcisos, por mais que ela sempre tente insistir para que eu não pague pelas flores. Entro no automóvel e saímos sem mais adiamentos. Uma pequena brecha para dona Luísa já é o bastante para nunca mais sairmos de perto dela.

Paola liga o rádio praticamente no volume mínimo, ciente do quanto prefiro não lidar com muitos barulhos. Recosto a cabeça no encosto, perdendo a noção de tudo ao meu redor, até que escuto uma canção tocando. Aquela que Nicolas me enviou já faz algumas noites.

Ergo o corpo, girando o botão do volume, em um ato totalmente impulsivo. Paola vira o pescoço e olha como se eu fosse um alienígena perdido neste planeta.

— Você bebeu? Está chapada? — ela pergunta, com a expressão alterada. — Desde quando gosta de ouvir músicas?

Desde que ele me apresentou a ela?

— Eu não gosto. — retruco. — Bem, eu só gosto dessa música. Escutei por acaso e adicionei ela na minha lista.

— Caramba, ela tem até uma lista de música? — a boca dela fica bem aberta, em um formato circular. — Trovões me matem.

— Vamos ouvir a música em *silêncio*?

Seguro os narcisos contra o peito, vendo Paola fazer uma espécie de mímica. Ela está rindo sem emitir nenhuma espécie de som e só posso pensar que essa garota não existe. Mesmo que eu esteja quieta, ela sabe que tem algo acontecendo. De um jeito assustador, Paola costuma saber.

Já passam das seis horas da tarde ao chegarmos em frente ao lago. O céu está em transição de laranja para um tom de azul escuro e em breve irá anoitecer. Não costumamos vir aqui à noite, por ser uma região meio deserta. Temos um pouco de bom senso.

— Espero que um dia isso acabe.

Paola sussurra, o barulho de nossos passos nos guiando para o meu tormento semanal. Outras pessoas poderiam achar que ela está reclamando por pensar em si mesma, já que não deveria ser obrigada a vir para cá a cada sexta-feira. Um dia eu cheguei a pensar assim também.

A maior qualidade de Paola é a empatia que nutre pelos outros. Ela não está torcendo para que acabe porque está pensando nos seus interesses. Ela quer que acabe para que eu possa parar de sofrer.

— Eu também espero, amiga. Eu também.



Acordo no meio da madrugada com o barulho estridente do celular. Tateio pelo colchão ainda de olhos fechados, procurando por ele. Quem pode ser a essa hora da noite? No mínimo, deve ser um engano.

Gemo, irritada. Aperto o botão de desligar e viro para o lado. O *dentão* posicionado no meio das minhas pernas torna o sono tão agradável, que não demoro a fechar os olhos, sendo embalada por um novo cochilo.

Pena que não dura muito, pois alguns segundos depois, um toque irritante volta a soar embaixo do meu travesseiro. Mas que merda? Sento e olho para a tela, esfregando os olhos pela luz incômoda. A ligação é de Paola, não de um desconhecido.

— Alô? — atendo, a voz embargada de sono.

— Amiga, é a minha mãe. Falaram que ela está mal. — ouço um soluço, de modo que posso imaginar que seus ombros estão chacoalhando. — Ela foi levada em estado crítico para o hospital. Estou indo para lá.

Não permito que ela diga mais nenhuma palavra.

— Respira fundo, dirige com cuidado e vem pra cá. — digo, sem pensar direito, apenas focada no bem estar da minha amiga. — Estarei pronta em poucos minutos.

Levanto em um pulo, correndo até o armário para alcançar qualquer peça para vestir. Vou até o banheiro e escovo os dentes, além de dar uma leve ajeitada no cabelo. É o melhor que posso fazer.

Agarro minha bolsa preta e jogo meus pertences ali, incluindo a chave do meu quarto e a da porta da frente. Se tenho uma certeza para levar comigo, é de que no meu quarto Cecília não entra mais.

Espero alguns minutos diante de uma residência próxima à primeira esquina, olhando para os lados com apreensão. Está escuro e estou sozinha aqui. Ser uma mulher significa não ter o direito de ir e vir sem sentir como se a cada mínimo barulho, existisse um perigo iminente capaz de nos fazer tremer.

Estou prestes a discar o número, quando vejo seu carro apontando na estrada. Solto o ar dos pulmões e respiro aliviada. Paola estaciona de qualquer jeito, sai do banco do motorista aos tropeços, bate a porta com força e corre para o meu abraço em meio aos soluços. Ela aperta tanto os meus ombros que tenho vontade de gemer de dor.

No entanto, abraçada a ela, esqueço das minhas dores e choro pela dor que minha amiga está sentindo por dentro. As externas são mais fáceis de serem curadas. Não importa quantas feridas você tenha por fora, se as de dentro são as que realmente dilaceram.

— Eu dirijo, está bem? — não é bem uma pergunta, e sim uma constatação. — Ela vai sair dessa, confie em mim.

Ela assente e vai para o banco do passageiro, enquanto eu me posiciono atrás do volante. As raras vezes em que dirigi um automóvel foram na época em que a Paola insistiu para que eu frequentasse a autoescola junto com ela. Tiramos a carteira de habilitação na mesma época, entretanto, nunca mais pratiquei. Tia Cecília mal deixa eu olhar para sua caminhonete, quem dirá tocar um só dedo nela.

O carro morre diversas vezes durante o trajeto por causa da falta de prática, porém chegamos ao hospital antes das cinco horas da manhã. Segundo a enfermeira, Patrícia foi levada para a unidade de tratamento intensivo, e em breve um médico virá nos passar os detalhes sobre seu estado de saúde.

Paola acompanha a mulher até a ala onde sua mãe está, enquanto eu sento em uma das cadeiras duras da sala de espera.

Escondo o rosto na palma da mão, torcendo para que a mãe de Paola sobreviva. Nem mesmo as mágoas acumuladas fariam minha amiga ignorar uma morte. Ainda mais a morte de quem a gerou.

Naquele corredor, uma maca é levada às pressas para o centro cirúrgico. O rosto do paciente está parcialmente queimado. Engulo em

seco ao olhar para ele.

Sem saber por que, sou transportada para aquele ano, no dia 13 de maio. A garotinha na maca está desacordada, mas é capaz de ouvir o que os enfermeiros dizem. Eles lamentam por não terem encontrado os corpos dos pais dela. Falam que é uma pena uma menina tão talentosa ficar órfã da noite para o dia. Uma pena sem tamanho.

A mão de alguém segura o meu ombro e traz minha mente de volta para a realidade. Acordo do meu transe, meio assustada ao encontrar repentinamente um par de olhos verdes me encarando. Além da curiosidade visível que encontro em seu olhar, os dedos dele tocam em mim, um pouco vacilante.

— Betina? O que está fazendo aqui?

Ao perceber que não reajo de imediato, Nicolas esfrega o polegar em minha pele, de um jeito agradável. Quase familiar. Aí é que percebo o que ele está fazendo e não dá para aceitar que continue agindo assim, apesar de não estar passando de nenhum limite aparente.

Levanto da cadeira, puxando a bolsa para a frente do corpo. Eu não cheguei a cogitar que o encontraria tão cedo no hospital. A ideia nem me passou pela cabeça.

— A mãe da Paola foi trazida para cá. — limpo a garganta, tentando me livrar da sensação tensa em que ele nos meteu. Eu o dispensei, temos que seguir adiante sem qualquer toque, sem conversas complicadas. — Ninguém veio passar nenhuma informação sobre o estado dela até agora.

— Qual paciente?

— Patrícia Novaes.

Nicolas mastiga o próprio lábio, passando a mão no jaleco. Ele não precisa dizer nada, está na cara que sabe o estado dela. Apesar de não querer um relatório vindo de Nicolas, é da mãe da minha melhor amiga que estamos falando.

— É muito grave?

Ele volta a pousar as mãos no meu ombro e mira para a lanchonete que não fica muito longe da recepção. Respiro fundo por continuar sentindo a

textura macia do seu toque em cima do meu corpo.

— Vamos tomar um café.

Não é uma pergunta. Nicolas não quer saber se eu estou a fim de tomar café, apenas indica o caminho.

Caminhamos em silêncio a passos lentos, os dois visivelmente perturbados por esse encontro inesperado. Eu ainda mais do que ele, tendo meus motivos óbvios. Nicolas para na frente do balcão e pede dois cafés com leite, sem nenhum tipo de frescura. Gosto disso.

A atendente nos entrega os copos fumegantes e nos sentamos na primeira mesa. Coloco tanto açúcar no café, que Nicolas chega a erguer a sobrancelha. No seu copo não há nada além do líquido marrom. Como alguém pode tomar isso amargo? Ele só pode ser um psicopata.

Li isso em uma matéria há um tempo. Pessoas que gostam de sabores amargos tem chances de demonstrarem traços de psicopatia. A primeira teoria de ele ser um maluco vestindo um jaleco ainda está de pé. Firme e forte.

— Por questões éticas, eu nem deveria estar falando nada para você, e sim para a Paola. — ele começa. — Mas como já percebi que são muito próximas, é bom que você esteja ciente também. As chances são pequenas.

Nicolas não pisca, vai direto ao ponto. Sinto meu nariz ardendo e sei que a vontade de chorar já está ali, pois não é justo que Paola tenha que perder a mãe sem elas terem ao menos se reconciliado. A morte em si não é justa. Me pergunto como ele consegue fazer isso sem ser abalado também. Pelo menos os psicólogos não lidam com ela tão diretamente.

— O que aconteceu, afinal de contas?

— Os médicos responsáveis por ela na clínica falaram que foi bem inesperado, tudo parecia bem. Ela teve um surto e de repente veio o infarto. O uso de drogas que ela fazia realmente contribuem para agravar a saúde do coração. — Nicolas toma um gole do seu copo, fazendo uma careta quando acaba. — Eu sinto muito, Betina.

— Paola vai sentir ainda mais. — aperto o copo, antes de beber todo o líquido em um gole só. — Obrigada pelo café. Preciso ver como está a minha amiga.

Faço um movimento para sair dali, no entanto, Nicolas segura meu braço. Olho para ele querendo arrancar seus dedos de cima de mim. Embora seu toque seja delicado, sua ação me faz lembrar da agressividade de Manuel mais do que eu gostaria. Sei que Nicolas não vai me machucar, mas é inevitável esquecer as ações do namorado de Cecília.

— Por quê? — ele franze a testa, parecendo magoado. — Por que pediu para eu parar de mandar mensagens ou te procurar?

Não quero responder a isso. Na verdade, não sei como dar uma resposta coerente.

“Ah, eu resolvi te dar um fora só porque a minha tia quis que fosse assim”, seria uma desculpa mais humilhante dita em voz alta do que tende a parecer nos meus pensamentos.

— Você não faz o meu tipo.

Consegui piorar ainda mais, por incrível que pareça. Quem fala assim? Só eu, aparentemente. Preciso de umas aulas para aprender a dispensar pretendentes sem parecer uma idiota sem noção.

Nicolas sorri, com toda aquela luz que existe no seu sorriso. Dentão teria inveja dele se o visse.

— Quer dizer que mesmo que queira, o meu *super* olhar não pode nem tentar arrancar mais calcinhas? — ele ri baixo, não sem antes fazer outra pergunta. — Betina, o que aconteceu? Hum, a verdade?

Nicolas sente que me retraio porque suas mãos ainda estão prendendo o meu braço, justo onde a pele está dolorida. Em vez de olhar para o meu rosto, seus olhos pousam diretamente mais embaixo, no exato local onde está o hematoma menos escuro, que tem leves nuances de roxo e verde. Aí que eu percebo que não passei maquiagem onde deveria. Não no rosto, como muitas garotas costumam fazer, mas no braço machucado.

Merda. Ele encara aquele hematoma como se ele é que estivesse ferido, não eu. Fico totalmente estática, engolindo em seco, mais quieta do que o costume.

Nicolas passa a encarar os meus olhos em uma mínima fração de segundos, esperando que neles possa encontrar alguma verdade. Nunca tive a oportunidade de dizer a ele que o espelho da alma não está nos

olhos, e sim nas cores de alguém. Se ele pudesse ver as cores em mim, saberia que estou quase tão incolor quanto tia Cecília e Manuel. A cada dia que passa, eu me torno menos colorida.

Só então ele perceberia o que há por trás da minha alma. Ou melhor, notaria o processo de extinção dela.

— Preciso ir.

Puxo o braço e Nicolas não se opõe, mas diferente do sumiço de antes, dessa vez ele não se cala.

— Você não pode permitir que roubem as coisas boas que existem aí dentro.

Não sei como ele consegue ir direto ao ponto, já que não falei nada sobre as agressões. É provável que tenha concluído ao juntar todas as peças. Aturdida, deixo-o falando sozinho e continuo a caminhar, até que entro em outro corredor e consigo voltar a raciocinar direito.

Talvez Nicolas não veja as cores, mas possa ver um pouco da minha alma, que, embora remendada, continua visivelmente destruída.



A mãe de Paola não demonstra nenhuma melhora, fazendo com que minha amiga desmorone um pouco mais a cada minuto que passa. Caio chega ao hospital ainda de manhã e tenta arrancar algumas gargalhadas sem sucesso. O clima não melhora. Detesto ver Paola tão abalada.

— Souberam que saiu um novo disco de músicas com uma mistura de comédia? Os caras ficam lá cantando e fazendo piadas, é tosco, mas eu ri que nem um doido ao ouvir aquelas porcarias.

Paola nem sequer mexe a boca, por mais que eu tente puxá-la para cima, como ela sempre fez comigo. Sou melhor expectadora do que ajudante. Jamais estive nessa posição de ser um suporte para alguém, é inédito. Eu que me apoio nos meus amigos, não o contrário. Por isso seguro a sua mão e mostro, mesmo que sem palavras, que eu estou ao lado dela para o que der e vier.

Posso não ser experiente, mas sou sua melhor amiga. Uma amizade verdadeira é um elo sólido que sobrevive às mais fortes corrosões. Não quebra, não pode ser destruído. Apenas é fortalecido com o tempo.

— Eles vão demorar muito para vir aqui e falar se o estado dela continua estável ou se regrediu? Faz horas desde que deram o primeiro parecer. Não aguento tanta ansiedade.

— Calma, amiga. — falo, tendo noção de que não é assim fácil. — Notícia ruim sempre chega rápido, lembra? Eles devem estar fazendo o melhor. Vai dar certo.

— Além do mais, a Patrícia é forte e vai superar mais essa. Sabemos bem de quem você puxou isso, danadinha.

Caio consegue o que eu tentei e nem cheguei perto de ter feito, arrancando uma expressão melhor de nossa amiga. Paola dá um sorriso e

segura a mão dele também. Aperta tanto a dele quanto a minha.

— Eu não sei o que faria se não tivesse vocês dois.

— Não precisa pensar nisso. Nós sempre estaremos por perto.

— Nada de achar que vamos deixar você para trás.

Soltamos as mãos e nos aproximamos mais, dando um abraço triplo aconchegante. Nós somos o trio mais problemático que a Terra já conheceu, mas ainda assim, somos perfeitos do nosso jeito. Juntos nos conectamos como se fôssemos irmãos de mães diferentes.

Estamos chorando simultaneamente, sem sair daquela posição. É impossível não sofrer pelas mágoas e aflições de quem amamos. A dor passa a ser tão nossa quanto se realmente fosse.

Somos interrompidos por um som forçado. A pessoa tosse, para chamar nossa atenção. Só então saímos de perto e nos soltamos, olhando para o homem vestido de branco, tentando entender aonde ele quer chegar. Vindo com boas ou más informações, ver mais médicos não torna o nosso dia menos ruim. É o segundo final de semana em um mesmo mês, onde passamos as horas do final de semana em um hospital. Espero que não vire um hábito.

— Paola Novaes?

— Sim. — ela diz, puxando nossas mãos para junto do corpo dela. — Sou eu.

— Meu nome é Luan Ramos, o cirurgião da sua mãe. — sua apresentação é breve, direta. — Devem ter te falado o quanto ela veio frágil para cá, imagino.

— Doutor, diga logo. — Paola dispara, secando o rosto molhado pelas lágrimas incessantes. — Não adianta enrolar.

O médico consente, engolindo em seco.

— Como eu disse, ela veio para cá muito debilitada e não foi fácil, mesmo lutando, estava fraca demais. Sinto muito. — diz ele, agora sem rodeios. — Nós tentamos trazê-la de volta, mas ela teve um novo ataque cardíaco. Não pudemos salvá-la.

Em vez de apertar nossos dedos, Paola os larga no mesmo instante. Em vez de gritar, ela fica em um silêncio profundo demais. Existem silêncios mais escandalosos do que gritos que parecem intermináveis.

Ela pode não ter gritado, mas naquele início de tarde, a sua falta de reação fez isso por ela mesma.



Ninguém nasce preparado para perder, não importa o que seja. Todos nascem com o intuito de ganhar. Ganhamos mais experiências, mais desejos, mais momentos, ganhamos tudo o que todos ganham. Agora, quando nos deparamos com a perda, nunca estamos prontos para ela. Tentamos adiar ao máximo.

Ela pode tardar, mas não falha.

Uma hora nós perdemos. Todos, sem exceção, perdem.

Os preparativos para o funeral são tão difíceis para Paola que eu mesma me encarrego de fazê-los, enquanto Caio tenta consolá-la. Pelo visto ele se sai melhor nisso do que eu.

São tantas opções de flores, arranjos, cores e diferentes tipos de madeira para o caixão e outros artefatos ridículos, que eu tenho vontade de xingar o atendente da funerária. Após ter perdido um parente amado, nada disso tem validade. A única coisa que você pediria se pudesse, mesmo que não seja possível, seria ter a pessoa de volta.

Para evitar um escândalo, escolho aleatoriamente o que vem pela frente e não dou a menor importância para as recomendações do funcionário. Paola precisa de consolo e de amigos por perto, não de contas maiores do que pode pagar. O básico está de bom tamanho.

Não telefono para Cecília, nem aviso sobre a morte de Patrícia. Ela não se importaria, de qualquer maneira. Não há o menor sinal de minha tia em sua casa, o que eu faço questão de agradecer. Passo lá apenas para buscar uma peça de roupa e sigo com Paola para o apartamento dela, assim poderemos tomar um banho rápido e ir para a capela mortuária.

Tento puxar assunto com minha amiga, mas ela permanece quieta o tempo inteiro, desde a saída do hospital até o apartamento, como também em todo o trajeto até o local do velório. Coloco a mão em seu ombro e permito que ela fique a sós com os seus pensamentos e dores. Assim como eu sinto o luto, evitando que as outras pessoas toquem no assunto, Paola também quer sentir sua perda sem ser incomodada.

Ela não está fazendo nada além do que eu mesma faço há muitos anos.

Sento em frente ao caixão, do lado dela, que coloca a mão sobre o corpo desfalecido da mãe. Suas lágrimas atingem o meu peito e respiro fundo, antes de levantar e ir para a rua. Caio consente com a cabeça, porque ele entende o quanto é difícil. Não consigo suportar o peso que paira neste ambiente sem que falte o meu próprio fôlego.

Puxo as respirações com dificuldade, me apoiando na porta de entrada. Fecho os olhos e tento me concentrar em cada inspiração. Não posso surtar no meio do velório, tenho que dar apoio para a minha amiga quando ela mais precisa.

O suor se espalha nos meus dedos, o que me faz esfregá-los várias vezes no vestido preto. O quão ridícula eu sou, se em vez de servir de apoio, não posso sequer controlar os meus nervos? Meus pais não estão dentro daquele caixão. *Não são eles, Betina.*

Dou uma olhada para o interior da capela e vejo pouco mais de dez pessoas ao redor. Alguns curiosos, poucos amigos e familiares. As nossas escolhas não definem apenas quem nos tornamos, como também as pessoas que vão permanecer ao nosso lado. Patrícia optou e com isso fez com que a maioria dos conhecidos se afastassem.

Puxo uma nova inspiração, sentindo um pouco mais de calma. Decido que devo voltar para dentro, porém sou impedida por alguém que me puxa para fora.

— Trauma de funerais?

Sua voz é serena, menos invasiva do que algumas atitudes que ele toma. Nicolas olha para o fundo dos meus olhos, tentando sorrir, mas coerente o bastante para o que o clima pede.

— Eu sei bem como é, também não gosto deles. — ele responde a pergunta por mim. — Tenho ataques em minha própria cabeça. É como se eu visse a minha mãe lá dentro.

Continuo sem responder, paralisada demais para isso. Igual às outras noites, ele fala de novo, apesar de não receber respostas de minha parte.

— Como a Paola está lidando com a perda? Ela parece ser uma garota legal. Perder os pais muda tudo.

Ele tem razão, muda completamente a visão de tudo que você conhece. Nada continua tão simples. Apesar de Patrícia não ter sido a melhor mãe que Paola merecia, ela continua sendo quem a gerou e deu amor à sua maneira. Ninguém mais vai ocupar esse espaço.

Sigo para perto de Paola deixando Nicolas para trás, sem falar absolutamente nada. Já que ele veio até aqui, que veja com os seus próprios olhos. Nenhuma explicação pode ser melhor do que ele conferir pessoalmente o efeito do luto. Quem está do lado de fora nunca é capaz de definir o que as outras pessoas estão vivendo.

Beijo a cabeça de Paola, enquanto ela aperta a minha mão e demonstra a primeira reação desde que chegamos aqui. O luto funciona desse jeito. A ficha vai caindo aos poucos, até que nos conformamos com a ideia.

A dor nunca vai embora, mas o conformismo uma hora chega. Querendo ou não, é preciso aceitar tudo o que a morte leva e o que ela traz.

Nicolas abaixa sua cabeça e fica alguns segundos parados na nossa frente, aparentemente fazendo uma oração. Paola olha para mim, e nos seus olhos eu vejo um ponto de interrogação. Ela deve estar se perguntando o que ele faz aqui. Eu também adoraria saber.

Pouco depois ele volta a erguer o pescoço, e seu olhar procura pelo meu. Franzo levemente a testa, tentando entender aonde Nicolas quer chegar, porém não digo nada. Em seguida ele vem até Paola, e engole em seco antes de tentar puxar assunto.

— Meus pêsames, Paola.

Ela balança em sinal afirmativo e passa os dedos nos olhos, secando as lágrimas. Faz uma careta básica e aperta as pálpebras em um

movimento totalmente sincero. Paola é assim, não mede as ações, não importa se o momento é apropriado ou não.

— Olha, eu só vou falar isso uma vez, e depois disso eu espero que os dois saiam daqui. — ela aponta para nós dois, e quero chutá-la, independente de sua mãe estar ou não sendo velada. — Se você quer essa garota, Nicolas, e está bem óbvio que a resposta é positiva, não espere até amanhã para mostrar a ela o quanto você a quer. O amanhã nem sempre pode ser o nosso hoje.

Odeio minha amiga. Odeio o quanto ela pensa mais nos outros do que nela. Odeio, ainda mais, que ela esteja incentivando que Nicolas prossiga com a ideia insana de tentarmos um lance íntimo. Principalmente por falar disso no meio de um funeral.

— Façam um favor para a humanidade. — ela complementa, antes de virar novamente o olhar para o caixão. — Transem bastante e não me olhem com essas caras de cachorros abandonados, muito obrigada.

Caio dá uma gargalhada alta, mas coloca a mão na boca ao ver que alguns fiéis pararam de rezar e estão com os olhos arregalados. Quero abrir um buraco na terra e me enfiar nele até o próximo século. Paola é desbocada, eu até entendo, embora não consiga acreditar que ela tenha resolvido falar bobagens no velório da Patrícia. O luto pode ser sentido de todos os jeitos possíveis, os especialistas têm razão.

Nicolas não sabe se ri ou se foge daqui, posso ver pelos seus gestos confusos. Ele está com as cores totalmente misturadas.

Diferente do que Paola sugeriu e longe do que eu imaginei que aconteceria, Nicolas não vai embora, nem eu arredo o pé dali. Se ele quer insistir para que algo exista entre nós dois, precisa entender que entre um garoto desconhecido e os meus melhores amigos, eu sempre irei escolhê-los em primeiro lugar.



Sábado é o nosso dia de comer todas as guloseimas existentes e assistir a filmes de todos os tipos possíveis. Seguimos um ritual, afinal, temos uma reputação a zelar. Fazemos isso há muito tempo. O único problema é que, de repente, Paola decidiu que não quer seguir o cronograma.

Ela continuou me criticando por perder meu tempo naquele velório e não deixou de pedir para que eu fosse me divertir. Passado o sepultamento de Patrícia, a parte mais dolorosa, quando o caixão finalmente é colocado no buraco e coberto com terra, Paola se virou para nós e sorriu. Todos ficamos sem saber como agir.

Nicolas permaneceu em silêncio e despediu-se pouco depois. Mesmo sem admitir, vê-lo ali por consideração a mim e à Paola, aqueceu meu peito com uma intensidade bastante inesperada.

Caio e eu resolvemos seguir com Paola para o seu apartamento, e decidimos tentar melhorar o humor de nossa amiga com a rotina tradicional dos finais de semana. Uma barra de chocolate com biscoito é um remédio milagroso, indicado para qualquer situação.

— Quem quer chocolate?

Caio ergue duas barras intactas e deliciosas, jogando-as em cima do sofá.

— A melhor pergunta é a seguinte: quem não vai querer chocolate para que sobre muito mais para a Betina? — pergunto, tentando arrancar um sorriso dos lábios da Paola.

Ela dá um pulo do sofá, tira a barra da minha mão e a de Caio, cruzando os braços com impaciência.

— Nada de chocolate. Nada de pipoca. Nada de filmes. — Ela também desliga a televisão e tira o disco do aparelho. — Nós vamos sair.

— Paola, amor, sua mãe faleceu hoje. Você se lembra? — Caio age como se ela tivesse perdido a memória, não a mãe.

— Eu sei o que eu perdi, Caio. — ela fala baixinho. — É justamente por causa do que eu perdi, que não posso perder mais nada. A Betina me alertou que isso poderia acontecer e não dei ouvidos a ela.

Aperto os lábios, consentindo. Os alertas que eu costumava fazer era para que, justamente, ela não sentisse remorso por nunca ter ido atrás da mãe enquanto havia tempo.

— Agora não adianta mais. — Paola complementa. — Ficar em casa chorando vai trazê-la de volta? Não. Me lamentar por causa do orgulho ferido que fez com que eu nem pudesse me despedir da minha mãe vai mudar as minhas atitudes? Não, não vai. Então eu não quero ficar trancafiada dentro de casa, sentindo a tristeza me corroer e me transformar em alguém que eu não gostaria de ser.

A frase de Paola bate diretamente em mim, por mais que eu tenha noção de que ela não está dizendo nada para me atingir. É assim que ela se sente, só isso.

— Então o que você sugere?

— Hoje é sábado. A Cecília, pelo visto, não vai pegar no pé da Betina, porque do contrário já teria feito. Nós queríamos ter saído há alguns dias, mas não deu certo. — ela explica, com uma naturalidade assustadora. — Hoje nós vamos para um clube no centro, aquele que acabou de abrir. Vai ser ótimo, tenho certeza.

— Amiga, tudo bem que não queira viver o seu luto até o fim da vida, mas a Patrícia acabou de ser sepultada. — comento, intrigada pela sua decisão estranha. — Não quer respeitar esse dia de dor, pelo menos?

Paola nega com a cabeça, anda um pouco para frente e olha fixamente para o meu rosto.

— Como eu falei antes, nós nunca sabemos se o amanhã será o nosso hoje. Às vezes, tudo de que a gente precisa é aproveitar cada pequeno segundo enquanto temos a dádiva de continuarmos vivos.

Pego meu celular e antes que eu me dê conta, estou digitando uma mensagem para Nicolas. Espero que ele saiba melhor como lidar com algo assim do que eu.

Eu: Minha amiga surtou de vez. O que devo fazer?

Nicolas deve estar do lado do celular, porque poucos segundos se passam e a resposta pisca na tela. Caio continua dando sermões em Paola com seu jeito delicado. Ele está perdendo tempo, porque se bem a conheço, ela não vai mudar de ideia.

Nicolas: O que houve? Ela está bem? Posso ir aí se precisar, é só você pedir.

Aquele plano de manter distância vai pelo ralo, o que significa que estou bem ferrada. Se recorri a ele é porque preciso de um rosto diferente e de uma opinião que não seja a de Caio. Não sei o que fazer, para onde ir, como lidar com as frustrações de outra pessoa. Até então eu era a única que não tinha os pais vivos. Paola parece estar lidando tão bem com o fato de que os dela também não estão mais entre nós, que eu chego a me perguntar se eu é que estou surtando com a tranquilidade dela ou se realmente estou preocupada com a forma que ela decidiu encarar o falecimento repentino da mãe.

Eu: Ela quer ir para um clube de música ao vivo, sendo que enterrou a mãe hoje. Isso não pode estar certo. Por favor, diga que eu não sou a única que acha isso errado. Agora mesmo o Caio está rindo e dizendo que a Paola está certa em querer se divertir. Até alguns minutos atrás ele estava achando maluquice!

Nicolas: Não que ela esteja certa, mas também não está errada. Entende? Cada um deve encarar as dores como achar melhor. Se ela quer

seguir em frente, tem todo o direito. Dê o seu apoio, é disso que a Paola precisa.

Paola sorri para Caio, erguendo as mãos e parecendo mais decidida do que nunca. Encaro a resposta no celular e consinto, percebendo que Nicolas está raciocinando melhor do que eu. Não que eu agiria como ela, é claro.

As pessoas podem sentir as emoções de maneiras absurdas. Paola só quer deixar essa dor para trás e encontrar o seu caminho lá na frente. Se ela prefere trilhar um percurso diferente, tenho que embarcar junto na viagem, porque é o que ela faria se fosse o contrário.

Caio está sentado no sofá, com os olhos cintilantes e um sorriso parecido com o do *dentão*.

— Você bem que poderia convidar o bofe para ir com a gente.



Talvez eu esteja me deixando levar mais do que deveria. Caio é o culpado de boa parte disso. A mensagem foi digitada por mim, escrita pelos meus dedos e orquestrada pela mente maquiavélica dele.

Envio a mensagem enquanto estamos a caminho do clube que Paola sugeriu. Todos levamos algum tempo para nos arrumarmos de novo, porque aquelas roupas pretas estavam me deixando nervosa demais. Caio é o que mais demorou, só para variar. Tive que esperar uns bons minutos enquanto eles terminavam de se aprontar.

Embora relutante, peguei um vestido emprestado de Paola, o que explica o porquê de o decote ser bem mais profundo do que normalmente eu teria comprado. Ela insistiu para que eu o usasse. O tecido vermelho flui apenas a partir do quadril, da cintura para cima ele é justo e delineia os meus seios razoáveis. Paola diz que tenho o corpo todo em cima, mas estou longe de ser a modelo das capas de revista.

— Quer dizer que o Nicolas vai deixar de ser um bundão e vai te mostrar como é que se faz?

Paola enrola um de seus cachos no dedo e dá uma risada natural. Ela parece estar animada. Entro na brincadeira para que esse estado de espírito não suma rápido, pois o que eu quero é vê-la contente.

— Vai ver ele gosta de homens e resolva dar em cima do Caio. — ergo as mãos para cima. — Não vou ficar no caminho, amigão, fique tranquilo.

— Se até eu que gosto de homens estou achando esse seu decote um escândalo, imagina ele que já deixou claro em qual time joga — Caio tira uma mão do volante e ergue o dedo. — Querida, ele não vai sair daquele bar enquanto não te der um beijo. Escuta o que eu digo.

Sinto as bochechas esquentarem, seguido da angústia por ter visto Caio tirando uma das mãos do volante. Irracionalmente, eu gostaria que Nicolas pensasse como o Caio. Alguns beijos não fariam mal, e eu venho precisando mesmo de um pouco de luxúria. Desde o meu último caso amoroso de poucas semanas, eu não tive um contato físico com mais ninguém. O acidente consome meus pensamentos na maior parte do dia. Não dá para focar em muito além disso.

Nicolas: Já cheguei no bar e estou sentado, esperando por vocês. Para falar a verdade, por você.

Leio o *sms* com empolgação após escutar outro som vindo do celular. Caio cutuca Paola, que junta as palmas e murmura alguma coisa para si mesma.

Dou de ombros e desligo o aparelho. Tia Cecília desapareceu do mapa desde a última discussão que tivemos e não seria nada estranho ela tentar estragar mais uma noite em que tento sair com os meus amigos. Ela sabe que eu tenho alguns, a sorte é que não conseguiu descobrir quem eles são a tempo de afastá-los como fez com os outros.

— A Cecília não deu sinal de vida?

— Não. — respondo, sem dar importância. — O Manuel deve estar entretendo ela. Os dois se merecem e quanto mais longe estiverem, melhor.

— Se quiser ir procurar o advogado da minha família, nós podemos entrar com o pedido para que consiga acessar a sua herança e todos os bens que seus pais deixaram.

Caio ficou sabendo recentemente sobre os papéis e quer ajudar a todo o custo. É uma disputa entre ele e Paola, para ver quem vai me fazer entrar com o pedido na justiça.

Se antes eu já tinha motivos para não ter recorrido, agora mesmo é que não tenho forças para ir contra minha tia.

Ignoro o comentário de Caio, o que deixa Paola irritada. Ela bufa no banco da frente, querendo me passar a mensagem de que as coisas seriam diferentes se eu quisesse. Com tudo o que aconteceu ultimamente, ela nem viu os novos hematomas ou soube das ameaças recentes.

Prefiro que não saiba. Assim ninguém mais se machuca.

— Você está bem, amiga? — mudo de assunto bruscamente, colocando as mãos no ombro dela. O encosto de cabeça atrapalha um pouco, mas não impede que eu a toque. — O que importa é o seu bem-estar. Não temos que pensar em nada além disso.

— Tendo vocês do meu lado, eu estou ótima.

Ela vira um pouco o pescoço e dá um sorriso. A luz dos postes ilumina a pele dourada dela de uma forma reluzente. Paola é tão bonita por fora quanto é por dentro.

— Ai, esses momentos sentimentais. — Caio coloca a mão no peito, inspirando profundamente. — Deixem isso para depois, porque nós já chegamos.

Caio se dirige ao estacionamento amplo do bar, manobrando o carro de acordo com a sinalização do segurança. O espaço está lotado até a metade, o que indica que o bar deve estar cheio, visto que o local é bem grande. Várias árvores estão espalhadas de forma aleatória. Saímos do automóvel e Caio gesticula para o segurança em sinal positivo. O homem

retribui e dá uma piscadela descarada, deixando Caio ruborizado. Paola cai em gargalhadas no mesmo minuto.

— Ah, meu Deus! — seus risos são estridentes, como de costume. — Será que eu sou a única que vou ficar sozinha?

— Como se uma piscadinha fosse um sinal de que ele quer me levar para a cama, né, amores?

Continuamos caminhando até chegar à porta de entrada do clube. Dou uma risada pela posição de ataque de Caio, porque eu não vejo nenhum empecilho para que o homem esteja interessado no meu amigo. Ele não percebe o quanto é bonito e interessante. O segurança seria um cara de sorte se investisse em tentar conhecê-lo.

A frente do clube está cheia de luzes coloridas. Gosto de ver tantas cores aglomeradas, dando a impressão de ser um estabelecimento que aceita todo tipo de pessoa. Cada particularidade em especial.

Várias mesas estão espalhadas, além das bancadas de frente para os atendentes nos balcões. Mais luzes são vistas na parte de dentro, deixando uma claridade suave no ambiente. Há também uma leve penumbra, o que deixa o clube mais aconchegante. Conforme anunciado nos panfletos, alguns músicos estão tocando ao vivo e admito que eles são muito bons. A canção é suave e permite que as pessoas conversem, ao mesmo tempo em que podem apreciar a melodia.

Avisto Nicolas sentado em uma das banquetas, segurando um copo entre os dedos compridos. Reparo que ele tamborila a outra mão na perna, e depois olha para os lados tentando nos encontrar. Não demora quase nada para que seus olhos caiam em cima de mim.

Engulo em seco ao vê-lo levantar, mover as pernas em direção ao ponto em que paramos. Ele traz o copo consigo e me pergunto o que tem no interior dele. Penso se devo pedir uma bebida também.

Parece que o ar não quer sair dos meus pulmões de jeito nenhum. Prendo a respiração por alguns segundos, até ele parar na nossa frente e cumprimentar meus amigos. Somente quando se aproxima e tenta me abraçar que expiro o ar de uma vez. Não sei por que estou agindo como uma garota do colegial, se já tenho vinte anos e muitas doses de realidade contra homens legais.

— Lugar bacana. Eu nunca tinha vindo aqui.

— Nem eu. — engata Caio, seguido por Paola que já nos arrasta para o balcão mais próximo, pedindo o menu para olhar as opções disponíveis.

Muita variedade e bebidas de diferentes misturas estão fotografadas e identificadas no menu. O estabelecimento é organizado até mesmo nesse detalhe, o que faz com o que cliente já possa visualizar o seu pedido antes de solicitá-lo. Nicolas estava bebendo apenas água até aquele momento, foi o que disse depois que Paola o cutucou. No entanto, agora ele pede uma bebida preparada com abacaxi e leite de coco. Já Paola decide ir logo para uma dose de tequila com sal e limão. Acompanho o mesmo pedido dela, acenando para o homem do bar preparar mais uma dose. Caio pede uma cerveja bem gelada, o que gera comentários por alguns minutos.

— Os caras da banda tocam muito bem. — meu amigo diz, apontando para o palco. — Já conhecia?

A pergunta é para Nicolas, que acena com a cabeça.

— Meu pai tinha uma banda. Aprendi a gostar de música desde cedo e sempre tento conhecer músicos novos. Esses caras são de uma cidade vizinha, pelo que andei sabendo. — Nicolas aponta. — O mais legal é que, depois que o show acaba, eles liberam uma sessão de karaokê. O garçom estava explicando que tem feito bastante sucesso, por isso o bar fica tão cheio. Primeiro a galera curte um som profissional, e depois de bêbados, a diversão fica por conta dos clientes.

— Sério? Tipo, canta quem quer?

— Isso. Rola até mesmo uma caixinha, se o pessoal quiser dar algumas moedas para os cantores. Quem aqui topa?

Dou uma risada, olhando para baixo. Ele não pode estar falando sério. Ninguém aqui canta, mesmo que não seja profissionalmente. Seria um desastre.

— Ah, amiga, vamos lá! — Paola quase me chacoalha por inteiro, de tanto que balança o meu braço sadio. — Hoje é o dia de fazer valer a pena cada segundo, lembra? A minha mãe morreu, é verdade, e ela é uma vadia

por não ter pedido minha permissão pra ir embora, mas ela ia gostar de saber que estamos rindo e curtindo um sábado juntas.

Detesto ouvir Paola falando assim, porque eu não falaria com tanta indiferença sobre minha mãe, mas me vejo concordando porque ela está certa em uma coisa. Patrícia realmente ia ficar feliz por eu não estar presa com Cecília mais uma vez. Por algum motivo que desconheço, a mãe de Paola não suportava a minha tia.

— Só uma música, Betina. — Nicolas coloca as mãos sobre as minhas e os seus olhos verdes piscam freneticamente para mim.

Pego o copo de tequila em minha frente, e sem qualquer consciência me puxando para perto, viro o líquido todo de uma vez. Se querem passar vergonha, que seja. Eu canto.



O gosto da tequila, sal e o limão queimam na minha língua, o suficiente para eu saber que não posso ultrapassar os limites e não devo beber demais. A banda se despede e agradece pela atenção e cordialidade de todos. Eles parecem ser muito agradáveis, tanto no palco quanto fora dele. Começo a entender porque meu pai gostava tanto de conhecer novas bandas, assim como acontece com Nicolas e seu pai.

Um dos técnicos do bar vai até o palco e coloca mais microfones, além de ligar o telão nos lados e na parte de trás. Surpreendentemente, o ambiente fica mais claro e os meus olhos ardem um pouco com a mudança de luz.

— A noite está apenas começando. — o responsável pelo som fala no microfone, chamando a atenção dos clientes. — O karaokê está liberado, galera! Coloquem suas vozes para fora!

Todos vão à loucura e começam a bater palmas sem parar. Olho para Paola que está girando um copo de bebida nos dedos, bebe um gole e depois dá um grito incentivando os outros a irem para o palco.

— Eu vou ser a primeira! — ela grita, empurrando seu copo para mim. — Lá vou eu!

Mal posso acreditar que ela realmente quer encarar isso antes de todo mundo. Um outro cara sobe junto com ela, e os dois batem as mãos como um cumprimento. Nicolas dá um sorriso aberto, e não consigo parar de reparar no quanto gosto de vê-lo sorrindo. Ele me pega olhando para ele, e se aproxima um pouco.

— Não falei antes, mas você está muito linda.

Seu sussurro faz com que meu corpo inteiro se arrepie. Mordo o lábio e fecho os olhos, enquanto sinto a sensação se prolongando mais do que

deveria.

A música começa a tocar e Paola é a primeira a soltar a voz. Para variar, nunca ouvi essa canção, mas pelo menos ela faz com que Nicolas não continue no assunto e eu possa voltar ao meu estado normal. Minhas bochechas estão pegando fogo por causa do que aconteceu.

Ele me acha linda. Ele colocou a mão em minha cintura, e eu gostei pra caramba disso. Até posso admitir que quero mais.

Caio ergue as mãos para cima e começa a gritar pelo nome de nossa amiga. Tento me soltar um pouco, e entro no coro junto com ele, batendo palmas e mexendo sutilmente o quadril.

Paola arrasa em cima do palco, balançando seus cachos castanhos para a direita e para a esquerda. O garoto do seu lado tenta fazer a segunda voz, mas quem se destaca para valer é a minha garota de ferro. Tenho orgulho por ela ser tão forte e destemida, já que está enfrentando uma fase dolorosa sem se deixar abater.

A música termina e algumas pessoas colocam moedas na caixinha, como Nicolas tinha dito que seria. Paola dá um pulo e sai saltitante vindo para junto de nós.

— É incrível, eu adorei! — pela sua euforia, dá para ver que gostou mesmo. — Porque nunca fizemos isso antes?

— Porque nós somos caretas que insistimos em ver filmes todos os sábados de nossas vidas? — Caio pergunta com sarcasmo, apesar de saber que não precisamos tentar achar alguma resposta.

— Agora é a vez do Caio. — digo, empurrando ele para o palco. — Nada de desistir, hein.

Pisco o olho e faço um sinal de positivo com o polegar. Ele me xinga de longe, subindo as escadas ao mesmo tempo que outro cara. Aquele que estava lá fora quando chegamos. Achávamos que ele era o segurança, mas seguranças não cantam em karaokês no horário de serviço. Caio olha embasbacado para ele, do mesmo jeito que eu e Paola estamos surpresas.

Caio segura o microfone e sem jeito começa a balançar conforme o ritmo da música. Eu estou ferrada se tiver que subir lá em cima. Não conheço nada do que eles estão cantando. O homem do estacionamento

tem uma voz linda e logo engata a canção que Caio começou. Meu amigo olha de soslaio para o lado, e chega a ser engraçado o quanto ele está perdido diante daquele homem.

O dueto deles é de uma música mais dançante, por isso as pessoas ao nosso redor começam a dançar com mais atitude. É como se alguma magia estivesse presente aqui e fizesse com que todos se libertassem de suas amarras.

— Depois nós dois vamos lá em cima. — Nicolas volta a sussurrar, o que provoca outro arrepio.

— Nem fodendo.

— Com foda ou sem foda, como você preferir.

Ele ri, mas para quando vê que fiquei completamente sem jeito.

— Vou pedir para que toquem uma música em especial, pode ser? Assim você não vai ficar tão envergonhada. É só sentir a música e deixar que ela te leve.

— Eu só sei pintar, Nicolas. Bem, eu sabia. — franzo a testa, vendo que nem isso eu sei mais. — Não sei como é que se canta e provavelmente nem conheço a música que você pensa em pedir para eles tocarem.

— Acredite, você conhece, sim.

Caio e o seu parceiro terminam a música, curvando-se para o público e agradecendo pelas palmas. Nicolas se apressa e chega perto do responsável pelo som, antes que eu o impeça de fazer isso. O homem do estacionamento segue ao lado de Caio e chega perto de Paola, que pergunta mais detalhes sobre ele. Minha amiga é tão descarada que não poupa as perguntas. Estávamos mesmo enganadas, porque ele não era o segurança, e sim o dono do clube. Ele só estava lá fora quando chegamos para ver se tudo estava tudo em ordem, já que o funcionário que cuidaria do estacionamento essa noite estava adoentado e não pôde comparecer.

Alguns segundos depois, Nicolas aparece e puxa a minha mão sem mais nem menos. Meus amigos começam a comemorar e eu olho para trás, desesperada. Meus pés parecem ter virado concreto e quase não se mexem. Nicolas é que praticamente me arrasta para o palco.

— Confia em mim, vai ser divertido. Não vou deixar que você passe vergonha. — ele dá um sorriso com um aspecto meio brincalhão. — Talvez só um pouco.

Subo as escadas do pequeno palco com o rosto ardendo de vergonha. Nicolas se posiciona ao meu lado e aperta a palma da minha mão, perguntando se está tudo bem. Sussurro o mais baixo que posso, concordando brevemente. A melodia começa a tocar e eu fico paralisada, pela quantidade de olhares em cima de nós e pela música que ele escolheu. O primeiro sopro no microfone sai tão afinado, que eu me pergunto no que ele não é bom.

O gosto dos teus lábios não sai
Da minha boca
E eu, maluco que sou
Nem sequer te beijei.

Nicolas canta os primeiros versos com tanta suavidade, como se a cantasse todos os dias sem falta. Sua voz é diferente do vocalista da banda original, mas de alguma forma, gosto ainda mais dessa versão. Agarro o microfone com força, levando essa ideia de karaokê mais a sério do que deveria. Não que a plateia esteja discernindo muito bem depois de tantas doses de bebida, o problema é que até o meu chuveiro sabe o quanto não levo jeito para esse tipo de coisa. Os gatos da esquina cantam melhor do que eu. Qualquer um vai rir desse tremendo fiasco.

Respiro fundo quando vejo Nicolas se afastando e dando a entender que é a minha vez de tomar a parte que é minha na música. Olho para o chão antes de soltar a voz, ainda timidamente.

No final do dia, na rua vazia
No canto da esquina
Teríamos conquistado o mundo
Com apenas um sim, descobriríamos tudo.

As primeiras falas saem mais inseguras, mas aos poucos eu sinto o meu corpo se soltando no palco. Ninguém está vaiando, e Paola ergue as mãos, incentivando para que a gente vá até o final. Nicolas dá um sorriso

gigantesco, o que me deixa ainda mais constrangida. O refrão chega e cantamos juntos, meio desajeitados, mas os ouvintes não parecem estar se importando com qualquer desafinação ou a minha timidez.

Se eu tivesse mil estrelas para te dar
Não se preocupe, eu sei
Você não precisa delas para brilhar
Mas ainda assim,
Seria a luz mais intensa pra mim.

A música volta ao início e repete de novo. Desde a primeira vez em que Nicolas a enviou pra mim, houve uma identificação momentânea, e eu nunca tinha sentido isso com nenhum gênero musical. Por muito tempo eu me privei desse tipo de arte. Talvez seja por isso que cantá-la em uma sessão de karaokê inesperada, ao lado dos meus amigos e junto com Nicolas, faça com que ela se torne mais especial.

Eu só preciso da sua luz.
Eu só preciso disso, da sua linda luz.

Cantamos os últimos trechos em sintonia, e de repente as pessoas começam a aplaudir e jogam algumas moedas na caixinha. Nicolas olha para mim e bate palmas junto com a plateia, como se fosse uma reverência. Fico tão sem jeito que abaixo a cabeça, sem saber como agir. Começo a andar e ele me alcança, fazendo cócegas na minha cintura.

— Nem foi tão difícil assim, foi?

Concordo com um aceno, mas Nicolas é mais insistente. Não se deixa convencer com pouco. Em segundos, ele me puxa para frente, e olha para meu rosto com atenção.

— Tá, você tem razão! — ergo os braços e arregalo os olhos, falando de uma vez só. — Foi legal.

Admito para que ele não fique no meu pé, porém não estou mentindo. Aquilo foi diferente, e por isso mesmo foi bastante agradável. Eu saí de muitas zonas de conforto em poucas horas. Essa pode ser considerada mais uma delas.

Meus amigos e o novo conhecido comemoram quando chegamos perto deles. Paola é a mais escandalosa, pega nossas mãos e dá pulinhos descompassados.

— Os dois arrasaram! Até o Fernando comentou que vocês fizeram um ótimo trabalho.

— Verdade, fizeram mesmo. — ele concorda, com uma voz aveludada. Agora que não está cantando, posso perceber a suavidade da sua fala. — Vocês souberam captar bem a essência do que propomos no nosso bar. As pessoas devem se libertar e descobrir novas partes que às vezes ficam escondidas. Queremos que todos se divirtam enquanto estão aqui dentro.

Sinto minhas bochechas corarem e olho para meus pés sem saber o que dizer. Nicolas pisca um de seus olhos e sorri com o canto dos lábios. Antes que eu pense em retribuir, Paola me puxa pelo braço e anda em direção ao bar.

— Mais duas tequilas. — ela gesticula para o garçom e logo depois cruza os braços parando de frente pra mim, fazendo uma careta esquisita. — Quando você vai admitir, afinal?

Pisco sem saber do que ela está falando e o que ela acha que eu deveria admitir, já que tem bastante coisa que eu venho escondendo dela.

— O Nicolas além de ser um gato é super gentil, e tá na cara de que quer tentar algo a mais com você, não pense que não. — Paola suspira antes de continuar. — Pare de adiar as coisas que você quer por medo do que sua tia pode pensar. Ela não pode controlar tudo, Betina.

Agora entendo o que ela quer que eu admita. Sobre estar interessada em um cara e assumir que não é certo afastar as pessoas por medo do que a Cecília quer que eu faça. Dou uma olhada para o grupo onde Nicolas está, ao lado de Caio e Fernando, e ele está tão focado na conversa que não percebe que estamos o encarando. Ele está com as duas mãos dentro dos bolsos da calça, e veste uma camisa tão engomada que só consigo pensar que deve ter uma empregada em casa.

Com a vida agitada de médico que leva, dificilmente ele teria tempo para se dedicar às roupas dessa forma. A não ser que seu pai seja um fanfarrão que goste das coisas bem arrumadas.

Falamos tanto sobre a minha família, e não sei nada sobre a dele. O comentário que sua mãe também faleceu há alguns anos foi a única informação que ele deu, mas não sei o restante. Tento desencanar disso, provavelmente se eu der mais espaço, ele deve voltar a falar desses detalhes íntimos.

Caio o cutuca e Nicolas joga a cabeça pra trás, rindo bastante de algo que meu amigo acabou de falar. Sua risada é contagiante mesmo vista à distância e, por alguns segundos, tenho vontade de sentir essa alegria de perto. É muito fácil decifrar as ações de Nicolas e o quanto ele se deixa levar por tudo ao seu redor. Paola tem razão, além de ser muito bonito, ele é extremamente interessante.

— Você já sofreu muito e merece ser feliz, amiga. — Paola coloca a mão sobre a minha e puxa minha atenção de volta para ela. — Promete que vai se dar uma chance dessa vez?

Engulo em seco, balançando a cabeça com certa dúvida. Quero experimentar novas sensações, mas ao mesmo tempo não tenho certeza de que é uma boa ideia desviar do foco. A investigação não tem corrido conforme o planejado, e se eu contar com outra distração, não vou descobrir nada sobre o acidente.

Tiro o celular da bolsa e, enquanto Paola pega as duas doses de tequila, digito uma mensagem rápida no pequeno teclado do aparelho. Venho repetindo o mesmo hábito tantas vezes, que já não sei como largar o costume.

Eu: Quero rir daquela piada junto com você.

Aperto a tecla para enviar, sentindo o coração pular dentro do peito e quase saltar pela minha boca. Nicolas olha para o bolso da calça jeans e tira seu celular de lá. Pouco depois ele olha em direção ao bar e sorri com ainda mais vontade. Nunca pensei que um sorriso poderia ter o nome de alguém estampado nele

Nicolas: Vou adorar contar. Pessoalmente. Será que eu posso ter a honra de passar alguns momentos a sós com você, adorável dama?

Percebo que ele acaba fazendo uma referência aos romances históricos do qual falou nas primeiras mensagens que trocamos, como se quisesse quebrar o gelo entre nós. Coloco a mão na frente do rosto ao ler a resposta que ele enviou, porque quero rir e Paola acaba de chegar com as duas doses. Ela olha para frente e vê Nicolas com o celular na mão, assim como o meu está na minha.

— Acho que você vai precisar de mais do que duas doses disso aqui se quiser desgrudar de uma tela pra conseguir falar com ele.



De acordo com Paola, se eu não organizar os meus pensamentos e esquecer do acidente por algum tempo, vou enlouquecer. Ninguém concorda que eu continue procurando pelo culpado, porque passaram-se muitos anos desde o ocorrido. Eles pensam que não vou conseguir respostas se a própria polícia não as teve. Tenho consciência de que meus amigos estão com medo de que essa obsessão acabe roubando o pouco que existe da minha ínfima liberdade.

Nicolas volta a colocar o celular dentro do bolso e caminha pouco até chegar em nossa frente. Minhas bochechas estão corando, e eu sei que estão ficando vermelhas por senti-las esquentando pouco a pouco.

— Se posso dar um conselho, você tem que se esforçar mais se quiser que a bonitinha mude de ideia. — Paola diz para Nicolas, batendo a mão no ombro dele, e deixando-nos sozinhos no meio da multidão desconhecida. Uma bola se forma na minha garganta, como se a voz sumisse de vez.

A respiração fica tão lenta, que quase não sinto os pulmões trabalhando. Estou apavorada por notar que, de certa forma, já mudei de ideia quanto a Nicolas.

— Você tem medo do quê?

Ele mexe o pé de um lado para o outro, franze a testa e depois foca firmemente no meu rosto.

Droga, não consigo sustentar seu olhar e olho para baixo instantaneamente.

Nicolas coloca os dedos embaixo do meu queixo e levanta minha cabeça com suavidade. O seu toque perto do pescoço faz com que pequenas correntes elétricas sejam ativadas dentro do meu corpo. Todo o

nervosismo que estou sentindo se mistura à sensação de ser tocada, principalmente porque o carinho dele por mim é nítido, até mesmo com apenas uma simples erguida de queixo.

Não quero dar uma resposta da qual me arrependa depois, por isso apenas sussurro a primeira coisa que me vem à cabeça.

— De deixar que a tequila me dê uma puta ressaca.

Ele faz um som engraçado, e persiste.

— Não esse tipo de medo. — Nicolas dá outro passo, o que faz com que nossos corpos quase se toquem. Apesar de já estar meio zonzinha, posso sentir o pé dele encostando no meu sapato. — O medo que faz com que você pare de respirar como está fazendo agora. O medo que faz você ficar nervosa e com a voz falha. O medo que você não entende, mas sente com tanta força, que faz com que você até sinta medo de viver esse medo.

Não entendo qual metáfora ele está tentando usar, porque depois de algumas doses de bebida, o meu cérebro já está meio que em modo automático. Ainda assim, apesar de não entender, eu consigo sentir o que ele está dizendo. Sobre o medo que eu estou sentindo e do quanto estou com medo por senti-lo.

Nicolas desliza as duas mãos pelos meus braços e desce os dedos vagarosamente, promovendo arrepios por onde passa.

Não consigo me afastar, e fico paralisada enquanto ele continua acariciando minha pele. Sua unha bem cortada traça um caminho de ida e volta, repetidas vezes. Encaro os olhos verdes bem abertos que também estão olhando para os meus, e é como se nossos olhares estivessem trocando informações sem meu consentimento.

Isso só prova o quanto ele estava errado por achar que veria minha alma dessa forma. Do contrário, sabendo o quanto ela está machucada, pensaria direito antes de flertar comigo, e pelo visto não parece estar relutando muito.

— As cores de uma pessoa é que são o espelho do que ela realmente tem por dentro. — digo, erguendo uma mão e colocando-a no peito de Nicolas. — Elas estão todas aí. Algumas pessoas têm mais do que outras, mas é isso o que define quem elas são.

— A teoria? — ele pergunta, colocando sua mão sobre a minha, que continua grudada na camiseta dele. — Tem razão, ela é melhor do que a dos olhos. Você deveria espalhar isso pelo mundo.

Rio com o comentário. Claro, porque as pessoas nem achariam que eu sou maluca.

— Ninguém entenderia. — suspiro, mordendo o meu lábio por conta do nervosismo. — As pessoas acham que sensibilidade é frescura.

— Eu não acho.

Droga, eu não esperava essa resposta tão direta.

Nicolas é diferente dos meus amigos e também é diferente de outros caras que eu conheci. Ele sabe sobre o que eu perdi, vê claramente as minhas inseguranças e conhece boa parte da minha vida conturbada. Ainda assim, continua parado na minha frente, sorrindo e tentando mostrar que não vai sair de perto de mim.

Acho que eu estava enganada. Ele não é mais tão *rosa* quanto eu cheguei a julgar.

— Eu gosto das suas cores. — ele passa a mão na minha orelha, colocando meu cabelo atrás dela. — Você tem uma personalidade intensa, cheia de vibrações diferentes, e acho que isso significa que você é cheia de cores. Acertei?

Bem, sim. Ele acertou em cheio, exceto pela questão de que eu não me sinto tão colorida como ele afirma.

Sempre fui positiva e aos poucos o meu astral teve alterações por causa da frieza que existe na tia Cecília. Não que eu seja uma pessoa amarga ou que detesta a vida, mas às vezes é normal passar a enxergar o mundo de outra forma por causa da maneira que os que estão a sua volta o veem.

Hoje eu vejo um mundo que poderia ser maravilhoso, onde as pessoas não sabem aproveitar a chance de fazer dele o mais lindo quadro já visto, pelo medo de deixar que as cores invadam as suas telas.

Não respondo em voz alta a pergunta que ele fez. Penso no que Paola falou e decido que o meu próprio mundo pode ter um pouco mais de cor, e

se a tequila não me ajudar a dar um passo a frente, nada vai me fazer criar a coragem da qual preciso.

Encaro Nicolas e suas pupilas brilham forte por algum motivo que desconheço. Passo as mãos em volta do seu ombro, apoiando os braços nele, e engulo em seco ao olhar para seus lábios. Faz meses que não beijo ninguém e acho que nunca fiquei tão apavorada com a ideia de beijar algum cara.

Ele deve mesmo ser especial.

Assim que percebe a minha intenção, Nicolas aproxima mais sua cabeça, entendendo que eu dei permissão para que isso aconteça. Gosto ainda mais dele por notar que jamais me beijaria sem meu consentimento. Nem todos os homens conseguem entender que uma mulher precisa querer ser beijada para que a beijem.

Nicolas encosta o nariz no meu e faz com que a antecipação me deixe mais nervosa do que já estou. Não consigo dar o próximo passo, e se ele não for adiante, simplesmente não sou capaz de mexer mais nenhum músculo. Estou paralisada como uma estátua.

Ele percebe que estou trêmula e sorri. O maldito dá um sorriso por saber que mexe comigo. Queria poder dizer que é tudo ilusão da cabeça dele, só que não posso, já que meu corpo está dando sinais opostos.

Merda. Grande merda.

Nicolas abre os lábios e move o pescoço para frente, e de repente roça levemente a boca carnuda na minha. Além do cheiro doce da batida que ele tomou, sinto os meus próprios lábios serem abertos e ele é que está fazendo tudo isso sozinho. Meu corpo começa a relaxar e agora sinto que estou pronta para beijá-lo de verdade. Não sou nenhuma garotinha dando o seu primeiro beijo, mas devem existir beijos que se tornam os primeiros só pelo quanto são significativos.

Beije logo ele, Betina. Beije logo.

Elevo as mãos e toco em seu cabelo, sentindo os fios entre os meus dedos. Fecho os olhos, pronta para tomar a boca de Nicolas e sentir a umidade da sua língua e o sabor do seu beijo. Quero que esse momento

seja mais do que um simples erro cometido por causa do álcool. Espero que seja um acerto impulsionado por ele.

— VOCÊS NÃO SABEM O QUE A PAOLA ESTÁ FAZEN... —
Abro os olhos, em sobressalto, quando escuto a voz estridente de Caio em meu ouvido. Largo as mãos dos ombros de Nicolas e dou um passo para trás, sem acreditar que meu amigo não tenha percebido o que estava prestes a acontecer. — Opssss, foi mal.

Nicolas suspira e passa a mão nos próprios cabelos para disfarçar. Ele fica levemente corado pela interrupção, o que me surpreende de novo. O cara que eu achei ter visto no hospital naquele primeiro dia em que nos vimos, definitivamente não é o mesmo que está comigo agora. Essa versão me agrada mais.

— Bonitinhos, me matem depois, mas a Paola está desenfreada em cima do balcão. Ela já virou cinco doses de tequila em questão de segundos e agora está chorando enquanto bebe.

Assim que escuto o que Caio está dizendo, nem olho para trás ou paro para ver a reação de Nicolas. Minha melhor amiga não está bem e eu preciso estar lá por ela, não importa em qual situação eu esteja metida.

Saio em disparada para perto do balcão e não a vejo em cima dele como Caio havia dito. Ando mais para frente e encontro Paola encolhida no chão, com uma garrafa de tequila do seu lado. O líquido já está pela metade e não sei se ela tomou tanto quanto aparenta ou se a garrafa já estava em uso quando a deram para ela.

Desabo de joelhos e coloco as mãos nos seus braços. Quando ela ergue a cabeça e vê que sou eu que estou ajoelhada em sua frente, me puxa para dentro do seu abraço e desaba de uma vez. Suas lágrimas vêm seguidas de soluços abafados, que fazem com que meu peito se comprima. Sinto meu coração em pedaços por sentir a sua tristeza.

Paola sempre tenta ser forte por nós. Ela não queria mostrar que não podia lidar com a morte de sua mãe, mas os efeitos do luto costumam aparecer cedo ou tarde. Deixo as minhas próprias lágrimas caírem junto com as dela e fico em silêncio porque sei que nenhuma palavra vai fazer mais efeito do que o simples fato de estar ao seu lado.

Não a interrompo. Não a solto. Ficamos assim por alguns minutos, ignorando tudo que acontece ao nosso redor. Não penso em nada além de dar um pouco de conforto para a pessoa que nunca me deixou sozinha.

Pouco depois, Caio se abaixa e coloca a mão no meu ombro.

— Nós precisamos levá-la para casa.

Consinto com a cabeça. É melhor ela estar em seu apartamento do que aqui, entre um monte de estranhos. Caio me dá sua mão para que eu levante e eu repito o gesto com Paola. Assim que saímos do chão, minha primeira ação é olhar em redor e minha frustração sobe ao não ver Nicolas. Mordo o lábio e fico cabisbaixa por saber que ele preferiu se afastar, justo depois de eu deixar que ele quase entrasse a fundo na minha mente.

Caio nos guia para a saída do bar, afirmando que a nossa conta já foi paga e que podemos ir embora agora. Nem ao menos pergunto mais detalhes sobre Fernando, se eles vão se encontrar de novo, porque agora eu também quero muito sair daqui.

O vento fresco bate em nosso rosto ao cruzarmos a porta. A sensação me dá um pouco de alívio, mas estou um pouco enjoada. A mistura da bebida com a raiva que estou sentindo por eu ter achado que tudo seria diferente estão provocando reações desagradáveis no meu corpo.

Meu amigo ergue a mão e não entendo porque não estamos nos movendo para o estacionamento. Seguro o braço de Paola e confiro se ela está um pouco melhor. Depois que volto a olhar para a rua, vejo o carro de Caio vindo em nossa direção. No banco do motorista, está *ele*.

Nicolas presta atenção ao manobrar o automóvel e não demora para estacionar no acostamento. Fico paralisada e não consigo dizer nenhuma palavra. A raiva de antes, agora se torna um misto de confusão e alegria. De repente sou várias cores ao mesmo tempo.

Caio fala com Paola e pede que ela deite no banco traseiro, para que fique mais confortável e não sinta falta de espaço. Ela aceita sem precisar persuadi-la. Nicolas então bate a porta do carro e vem para perto de nós, dizendo que Fernando desejou melhoras para nossa amiga e que ligaria para Caio mais tarde.

Vê-lo em minha frente, sabendo que há poucos minutos eu podia garantir que ele havia me deixado, me deixa com muita vergonha. Continuo quieta até que Caio se despede de Nicolas e diz que irá me esperar. Torço para que o chão se abra neste momento e que meu amigo me force a entrar no carro sem dizer mais absolutamente nada por enquanto.

Óbvio que Caio não faz isso.

— Achei que tivesse ido embora.

O meu costume de falar as coisas sem pensar vem à tona com mais força por causa das doses que bebi durante a noite. Nicolas ergue as sobrancelhas, provavelmente chateado por eu ter pensado que ele seria capaz de ir embora sem ao menos se justificar.

— Achei que seria melhor a Paola não ter que andar tanto até chegar ao lugar onde tinham estacionado. Sugeri para o Caio, enquanto ele ficava com vocês, de cuidar desses detalhes. Além de ir até o caixa e pagar a conta, decidi tirar o carro do estacionamento para agilizar todo o processo. — ele diz, o que me constrange mais por tê-lo julgado. — Não achei que seria um problema pra você.

— Não é. — engato em seguida, sem moral pra me explicar depois do que ele fez por nós. — Desculpa, Nicolas. Eu falei que não era uma boa ideia a gente insistir nisso porque...

Ele coloca o dedo na minha bochecha e acaricia o meu rosto até alcançar o meu queixo. Sua mão faz com que eu erga o pescoço até olhar para seus olhos, duas esferas brilhantes de desejo. Antes que eu pense em mais alguma desculpa, ele junta a sua boca com a minha e me dá um selinho demorado. Ao falar de selinhos e beijos de verdade, automaticamente é normal descartar a primeira opção porque ela sempre parece ser cafona ou sem graça demais. Dessa vez, tenho que admitir que esse pequeno gesto arranca o fôlego do meu peito e faz com que eu agradeça mentalmente por ele ter insistido pela terceira vez.

— Nós vamos dar tempo ao próprio tempo. Agora você precisa ir. — Nicolas sorri e beija a minha testa, segurando em minha nuca. — Cuide dela.

Acho que nunca fiquei tão sem reação em toda a minha vida. Só faço gesticular com a cabeça e entro no carro sem saber como dizer aos meus amigos que, pela primeira vez em muito tempo, encontrei um homem que não parece ser um problema do tamanho do planeta.

Além disso, acho que eu corro um grande risco de virar *vermelho*.



Nicolas: Vocês estão bem? Se precisar de qualquer coisa, é só ligar pra mim.

Esfrego os olhos enquanto leio a mensagem enviada por Nicolas ainda no início da madrugada, que só pude ver agora, quase nove horas da manhã. Paola está em posição fetal, abraçando um travesseiro, com o rosto todo borrado de rímel por causa das lágrimas. Pelo menos ela não passou mal durante o resto da noite e conseguimos descansar um pouco. Caio está esticado em cima do sofá, quase babando no tecido do estofado.

Com a mão livre, passo o dedo nos lábios, lembrando do toque da boca de Nicolas roçando na minha. É, eu estou ótima.

Eu: Acordei agora, desculpa. Estamos bem. E você?

Largo o celular na cama, vou até o banheiro para lavar o rosto e tentar dar uma ajeitada no meu cabelo. Um ninho de passarinhos se formou nos meus fios ondulados, por isso levo um tempo para desembaraçá-lo. Ergo a blusa que vesti quando chegamos ao apartamento de Paola, e dou uma olhada nas marcas roxas que estão espalhadas desde a barriga até as costas. Gemo ao passar os dedos pelos hematomas, que estão em evidência, diferente do machucado no braço que começou a sumir um pouco.

— Você pode me explicar o que é isso, Betina? — Paola arregala os olhos, invadindo sorrateiramente o banheiro. Prendo a respiração ao vê-la se aproximando, já que estava dormindo tão profundamente a poucos minutos atrás. — Ainda tô aqui. Comece a abrir o bico.

Abaixo a blusa o mais rápido possível, puxando o pano com força. *Para baixo, ligeiro.* Paola não poderia ter visto esses machucados, porque ela sabe quem os provocou mesmo sem eu ter que dizer o que houve. As manchas estão tão feias que parecem ter sido provocadas por uma manada de elefantes, não pelos pés do namorado de Cecília.

— Você precisa de algum comprimido para dor de cabeça? Deve estar com uma puta ressaca. Espera aí, vou lá buscar para você. — Passo do lado dela, tentando ir para a cozinha a fim de fugir dessa conversa. Paola não impede que eu continue caminhando, então talvez eu tenha alguma chance de não precisar explicar os detalhes das agressões.

Respire, Betina.

Ela ainda está meio sonolenta e vai esquecer o que viu.

Só finja que está tudo bem.

— Betina, ela fez isso?

Paro em seco, tentando respirar, puxando o máximo de oxigênio que posso para dentro dos pulmões. Engulo a saliva que desce pesada pela garganta, antes de virar de frente para a minha amiga. Como pude achar que ela ia deixar para lá? Fico pensando em como posso enrolá-la, mas desisto no instante seguinte. Não dá para negar, pelo menos não para a Paola.

— Sim. — respondo com sinceridade, dando de ombros. — Ela e o Manuel. Na verdade, mais ele do que ela.

Paola suspira balançando a cabeça e segura minha mão com força. A vejo buscando algum sinal de tristeza dentro dos meus olhos, só que não me dou ao luxo de lamentar neste momento, portanto ela não encontra nada em meu olhar. Preciso estar firme para assegurar que minha amiga vai passar por essa fase de luto sem se desesperar, é o mínimo que posso fazer por Paola. O que eu vivo na casa de Cecília pode ficar para outra hora, pois não é exatamente uma novidade.

— Porque não me falou nada? — lágrimas escorrem pelo seu rosto, e ela pula para me abraçar. — Você tinha que ter falado, caramba.

O seu aperto me faz dar um gemido baixo, mas ela não me solta. Não sei como dizer a ela sobre os meus problemas enquanto os dela são ainda mais difíceis do que os meus.

— Você precisa de uma amiga inteira, Paola, não de uma garota aos pedaços.

Ainda lembro como havia sido no jardim de infância. Paola era o motivo de zombaria entre os colegas, por ser a única negra da turma. As outras meninas a afastavam e os meninos falavam coisas surpreendentemente ruins sobre ela. Os pais das crianças envenenavam a cabeça delas para que não brincassem com a aluna da mãe drogada e que não tinha onde cair morta.

Eu queria ser amiga dela, mesmo que todos os outros não pensassem assim. Meus pais nunca reprimiram as minhas escolhas, pelo contrário, aprovaram tanto a nossa amizade que ajudaram a família dela a superar as dificuldades que enfrentaram. Patrícia conseguiu vencer o vício e ela e minha mãe se tornaram grandes amigas, assim como eu e Paola viramos inseparáveis.

Eu a protegi tantas vezes.

Depois que meus pais morreram, os papéis se inverteram. Agora ela é que me protege, mesmo quando eu deveria estar inteira para protegê-la.

— Não, Betina, eu só preciso de você. Inteira ou quebrada, não importa. — ela seca o meu rosto sem eu perceber que também estou chorando. — Agora vai ter que me contar o que aqueles demônios fizeram com você.



Aperto os olhos quando termino de falar sobre o dia em que o Manuel esmagou o meu braço e fez aquela ameaça sobre perturbar a paz de Cecília, além da cena em que minha tia atuou rasgando os papéis de transferência da herança. As palavras saem com uma força e um peso que doem mais do que estando guardadas na minha cabeça. Só então percebo o quanto eu venho sofrendo em silêncio há semanas.

— Você precisa denunciá-los urgentemente, amiga. Não pode permitir que continuem sem punição. — Paola resmunga. — A Cecília já te violentou de diversas formas, físicas e psicológicas, e eu não sei como consigo passar uma borracha em cima disso tudo.

Nós duas acabamos ficando quietas, olhando uma para a outra. Levo a mão até o hematoma do meu braço, recordando da cena, lembrando de

Manuel dentro do meu quarto e me machucando sem o mínimo de compaixão. Vejo *preto* em todos os lados.

Paola olha para mim, e embora eu saiba que ela está com pena, não me incomodo. Durante anos de amizade, é inédito eu vê-la com essa expressão de dó, por isso seguro a sua mão e digo a coisa mais corajosa que posso nesse momento.

— Deixa eu ficar aqui algumas semanas? Até eu conseguir voltar lá, pegar meus pertences e ver no que isso dá. Assim posso clarear as ideias.

— Pode ficar quanto tempo for preciso. — ela se anima, incentivando a decisão. — De preferência, para sempre.

Até penso em concordar, apesar de sabermos que o buraco é mais fundo do que parece. Já tentei sair dele uma vez e não consegui. Continuo rastejando, esperançosa de que possa fugir das mãos de Cecília, porém é infinitamente complicado.

— Vamos ter alguns dias para ficar de olho uma na outra, assim posso cuidar mais de você. — digo, sem ter noção de como posso entrar no assunto da madrugada com delicadeza. Paola sabe ser bem fechada quanto aos sentimentos envolvendo seu alicerce familiar. — Sabe que sua mãe está em um lugar melhor agora, né?

De alguma maneira, ambas sabemos disso. Perdi meus pais e até hoje não consigo aceitar a morte deles, mas diferente do que houve conosco, a vida de Patrícia foi muito conturbada e as drogas levaram a alegria para longe da família deles. Paola se afastou porque não podia ver a mãe causando tanto estrago para si mesma. Embora a dor de perder um parente seja a mesma, sei que no fundo minha amiga consegue sentir que ela finalmente está livre das suas amarras.

— Eu só não queria ter perdido a oportunidade de dizer adeus. — ela pisca, reprimindo um soluço, o que me pega de surpresa. — Apesar de tudo, ela era minha mãe.

A fala dela atinge meu peito, como se uma faca atravessasse pelo meu corpo. Sei o quanto é difícil para a Paola admitir uma falha que, embora compreensível, vai persegui-la por muitos anos. Na maior parte das vezes, o que deixamos de fazer nos acompanha mais do que aquilo que nós conseguimos concluir.

— Então diga agora. — peço, sem soltar os seus dedos. — Finja que eu sou ela e fale tudo o que você queria ter dito.

Paola franze a testa, piscando sem parar, tentando entender aonde quero chegar. Eu só aceno com a cabeça, reafirmando que ela faça o que acabei de pedir.

— Mãe, eu... — ela começa, e para logo no começo da frase. — Isso não vai dar certo, Betina.

Torço a boca em uma careta, permanecendo com ela fechada, sem pronunciar uma sílaba sequer. Paola se revira na cadeira, como se tentasse achar uma posição que torne essa tarefa mais fácil. Mas não existe.

— Mãe, eu te odiei durante muitos anos. Odiei sua falta de controle emocional, o quanto não pôde permanecer limpa por mim. — ela tosse, tentando disfarçar a voz trêmula. Pressiono mais a minha mão contra a dela, para que Paola saiba que continuo aqui. — Odiei sua fraqueza, sua falta de fé no mundo e nas pessoas. Nem sempre as coisas foram do jeito que você dizia que seriam, e eu tive que descobrir sozinha que havia mentido. Não foi só você que perdeu o papai, mãe, eu também perdi. Perdi os dois.

Mesmo sabendo o quanto minha amiga havia sofrido, ouvi-la dizendo tudo o que sentiu em voz alta é diferente. Mal me mexo enquanto ela continua a desabafar.

— Eu me arrependo por não ter aprendido a ser forte por você, mas esse defeito deve ser de família, porque desde criança eu nunca tive exemplos de força. A Betina acha que eu sou forte, e mal sabe que eu tento ser assim para me igualar a ela, que perdeu tantas coisas e ainda se mantém firme. — Paola me olha, com as lágrimas escorrendo e caindo pelo queixo. Já não posso mais conter as novas lágrimas que também molham os meus olhos. — Agora eu me odeio porque também sou fraca e essa é a herança que você deixou, mãe. Tá vendo? Droga, olha bem o que me deixou!

Paola funga, fecha os olhos e toma coragem para falar o restante.

— Você deixou isso, só que eu vou recusar a maldita herança, pois não quero odiar a fraqueza que eu gerei em mim. Preciso encarar sua morte de frente e lutar para garantir que sinta orgulho de sua filha. — ela abre os

olhos, mas ergue a cabeça, encarando o teto. — Onde quer que esteja, saiba que eu vou ser diferente do que você foi. Dê um abraço no papai por mim, por favor.

Ouçõ alguns passos e vejo Caio vindo para perto de nós, sem entender o que perdeu enquanto dormia. Dou um sorriso de lado para ele, que coloca sua mão em cima da nossa.

— Adeus, mãe. Eu te amo.

Paola diz a última frase aos soluços, olhando para nós com o rosto cheio de manchas avermelhadas. Eu e Caio soltamos as mãos e a abraçamos mutuamente, segurando-a o máximo que podemos.

— Em algum lugar, ela ouviu isso. Você acabou de se despedir dela, amiga. — digo baixinho no ouvido de Paola, passando os dedos em sua nuca. — Tenho muito orgulho de quem você é. Sempre tive.

Nem posso acreditar que ela conseguiu ir tão longe e dizer tudo aquilo que esteve guardado por tantos anos. Fico realmente orgulhosa por ela quebrar uma barreira tão sólida.

Caio cutuca meu braço e me olha com uma cara de *você mandou bem*. Ele tem razão, exceto pelo fato que todos mandamos bem. Nós fazemos isso uns pelos outros desde que nos conhecemos. Apesar de eu não abrir tanto espaço para que Caio saiba sobre o meu passado, ele sempre está por perto, dando o apoio que só um terceiro integrante poderia dar. Tenho muita sorte por contar com a amizade dos dois.

— E então, qual foi o desfecho com o médico bonito? — Paola ri, no meio de uma fungada. — Queremos detalhes.

Rio, porque os meus amigos não conseguem controlar a curiosidade, não importa o que esteja acontecendo.

— Sem chance, nada de Nicolas por hoje. — gesticulo, impedindo que digam qualquer palavra a mais. — Vamos descobrir como ficou a alergia daquela garota desastrada do filme.



Se todos os desastres podem acontecer com apenas uma pessoa, dá pra ver que Marina é a escolhida como a mais azarada do planeta. A garota do filme deve ter feito coisas horríveis, porque a pobre coitada não dá uma dentro. Até as tentativas de acertar terminam em algo muito errado. Nós rimos tanto, que nem parece que passamos por momentos de tensão nas últimas horas. Fico leve por poder dar risadas longe da tia Cecília e suas críticas. Um dia inteiro ao lado dos meus amigos e de programas despretensiosos faz com que eu pense melhor sobre a proposta de Paola. Eu quero me sentir assim mais vezes.

Quem sabe a minha liberdade não esteja perdida. Posso tentar lutar por ela.

Um filme chega ao fim após o outro e acabamos assistindo a vários títulos. As únicas paradas que fazemos são destinadas para o almoço e repor as guloseimas. Quando os créditos do último chegam ao fim, já está escurecendo e Caio decide ir embora. Não temos que comparecer a mais estágios, no entanto, temos aula no dia seguinte e os professores odeiam atrasos. Além disso, precisamos entregar um trabalho até terça-feira, o que me faz lembrar dos meus materiais que não estão aqui. Não posso ir para a faculdade sem os cadernos e livros, pois neles estão todas as minhas anotações dos conteúdos.

Fico em pânico, tentando achar uma solução. Paola assegura que vamos conseguir entrar na casa da Cecília antes de ela ir para o trabalho e que vai ficar tudo bem. A minha segurança acaba ruindo por causa do medo. Invadir sorrateiramente para buscar os meus pertences não parece mais tão simples na minha mente. Temos um grande problema.

— E se não der pra entrar sem que ela veja? A essa altura deve estar pirando porque não voltei para casa.

— Ela não pode fazer nada, eu vou estar junto. Se não for por bem, vai ser por mal. É direito seu você ir e vir para onde der na telha.

Faço que sim com a cabeça, mas por dentro estou aterrorizada. Junto com a noite, chega um enjoo que me faz ir para a cama antes do que previa.

Começo a assimilar que estou quebrando todas as regras de Cecília, inclusive nunca fui tão longe, não ao ponto de realmente sair da casa dela. Sempre obedeci para não gerar mais desconforto entre nós, que somos parentes. Ela é a única tia que eu tenho, e não é como se eu quisesse uma realidade tão tensa para lidar. Não optei por isso.

Pego o celular e o ligo enquanto Paola está tomando banho. O visor enche de notificações, incluindo 13 ligações de Cecília e 2 mensagens de Nicolas. Ignoro as chamadas dela, e abro o primeiro *sms* que ele enviou.

Nicolas: Eu também estou bem. A noite, embora fora do comum, foi muito boa.

Antes de responder, dou uma olhada na segunda mensagem.

Nicolas: Eu não precisei ficar no plantão durante horas e horas, no frio de um consultório branco (disso você entende, né?) e solitário, então deve imaginar o quanto estou feliz.

Não pense que foi por você.

Óbvio que não foi por sua causa...

Meu sorriso se alarga tanto, que acabo mordendo o lábio para tentar me conter. Ele sabe muito bem como causar reações em uma garota. Boas ou ruins, causar uma reação já é cinquenta por cento do caminho concluído. Quem não provoca nada em outra pessoa, não é alguém com quem se deva perder tempo.

Eu: Quer dizer que só ficou aliviado por se safar do plantão? Que feio, doutor.

Olho para o relógio, são quase nove da noite. Como ficamos o dia inteiro sem ter contato, não sei se ele já está em casa ou trabalhando no hospital. Odeio admitir o quanto quero que ele esteja disponível para conversarmos.

Alguns segundos depois, meu celular apita. A mensagem é muito mais curta e objetiva.

Nicolas: Com certeza.

Mais uns segundos se passam, e outro *sms* aparece na tela. Deslizo o dedo até o botão e meu coração bate mais rápido ao ler o complemento da frase.

Nicolas: Com certeza foi por sua causa.

Penso no que responder, quando o som de uma nova chamada rouba a minha atenção. O nome Cecília parece querer me engolir, pisca e pisca sem parar. Eu olho estática para o aparelho, tentando decidir se devo ou não atender.

— Nem pense nisso. — Paola joga a toalha no colchão, andando até o lado da cama onde estou sentada. — Deixa tocar até cair a ligação.

Em vez de atender, faço o que Paola sugere. Sem ela por perto eu acabaria cedendo, atenderia a ligação e ficaria tão mal que voltaria para casa.

Casa. Eu tenho uma, moro nela desde os oito anos, mas eu não me sinto *em casa*. Casa deve ser onde você se sente azul, amarelo ou branco. Lugar que traz segurança. Naquela casa eu me sinto de outras cores, e não gosto delas.

— Não dê a ela o gosto de dar as ordens, Betina. Você já é adulta e ela não é sua mãe.

— Você está certa, claro que está. — coloco as mãos no rosto, envergonhada pela minha falta de firmeza.

— Enfim, agora vai me contar como foi ganhar um selinho sem graça do bonitão?

Paola estica as pernas, batendo os dedos na coxa, prendendo os olhos no celular que está em minha mão.

— Nem vem dizer que não está falando com ele, porque já passamos dessa fase. — ela mostra os dentes, convencida de que venceu. — Diz logo.

— Eu estou falando com ele para agradecer por tudo que fez nesse fim de semana. O selinho foi apenas um bônus.

— Bônus? — Paola joga a cabeça para trás e dá uma risada alta. — Você nem gostou desse bônus, né? Tanto que não dispensou o cara ainda.

Culpada. O último homem que tentou me beijar, levou um chute no saco, de verdade. Nicolas escapou ileso no primeiro e no segundo encontro, então está oficialmente a salvo.

— Eu gosto do jeito dele. — admito, de uma vez por todas. — Só por ter encarado a tia Cecília já merece um crédito extra. Acho que ele pode ser diferente de um jeito especial.

Amaldiçoo minha língua por não ficar dentro da boca e prolongar essa conversa com Paola. Agora ela vai me infernizar por ter dito que tenho um interesse real por ele.

Tenho estado tão distraída que a minha investigação está parada por dias, o que é inédito em anos. Nicolas tem provocado emoções que me fizeram desviar do foco, que deveria estar em cima do mural do crime.

— Eu acho que um cara que deixa de tentar levar uma garota para a cama e pensa nos sentimentos dela já é prova de que vale muita coisa. — Paola estala a língua, mostrando seu ponto. — Ainda mais quando ele diz para ela ir embora, mesmo querendo muito que ela fique, simplesmente para que a garota cuide da sua amiga embriagada.

Ela está certa. Nenhum cara babaca faria isso, porque primeiro iriam priorizar o seu prazer e não o que a outra pessoa está sentindo. Nicolas mostrou que merece confiança e aos poucos vem conquistando o meu carinho por uma questão natural.

Uma mistura de vermelho, azul e amarelo se forma dentro de mim e quando percebo estou digitando várias palavras no teclado do meu aparelho telefônico.

Eu: Obrigada por tudo. Você é adorável.

Paola faz um sinal positivo com o seu polegar e rola para o lado da cama, deitando de frente para a parede. Ela quer me dar um pouco de privacidade estando no seu próprio apartamento e o seu gesto aquece o meu coração, porque eu não sei o que seria de mim sem a amizade da Paola. Tudo poderia ser muito diferente.

— Eu te amo, espero que saiba disso.

Ao escutar o que eu digo, ela vira para me olhar e dá um sorriso. O quarto não está tão iluminado, mas posso ver seus dentes perfeitamente brancos à mostra.

— Eu também te amo. Você é minha amarelinha, assim como sempre foi para os seus pais. — Paola coloca a mão sobre a minha, sem deixar de sorrir. — Graças a você eu finalmente me sinto em paz. Minha mãe faleceu, e isso é horrível, mas eu pude dizer várias coisas que eu gostaria de ter dito para ela. Nenhum terapeuta ou psicólogo me faria dizer o que eu disse para você, e se não fosse uma amiga tão boa, não se importaria e deixaria aquilo do jeito que estava. — ela para por um segundo, respirando fundo. — Se acha que para ter paz precisa encontrar o responsável pelo acidente, então nós vamos achá-lo. Eu estou nessa com você.

Pisco, sem acreditar que Paola está falando sério, visto que ela nunca apoiou a minha busca. Ela percebe que fico estática e continua acenando com a cabeça.

— Sei que nunca dei apoio porque eu tinha outra visão sobre o assunto. Agora, com a morte da minha mãe, tenho outra perspectiva sobre o luto e sei como alguns fardos são pesados. Você não tem porque carregar essa investigação nas costas sem a ajuda de ninguém. Eu deveria ter te ajudado antes, mas pensei que você desistiria e cairia na real.

Paola se senta e me abraça, enquanto eu continuo paralisada, assimilando o que acabei de escutar. Fico tão contente que é como se eu pudesse respirar aos poucos e tivesse a oportunidade de relaxar depois de muito tempo. Abraço minha amiga de volta, torcendo para que no dia seguinte ela não pense que enlouqueceu e desista do que propôs.

— Boa noite, Betina. Amanhã temos várias tarefas para resolver e precisamos repousar. — ela beija minha bochecha, segurando meu rosto. — Não esqueça de paquerar o bonitão.

Reviro os olhos por causa do comentário, contudo, não deixo de rir baixinho. Paola desliga a luz do abajur do lado da cama e eu aperto o botão do celular para verificar se tem novas mensagens.

Vejo uma na caixa de entrada e a abro com ansiedade. Bufo ao ver que não é do Nicolas, e sim da operadora do celular, avisando que os créditos estão chegando ao fim.

Penso em desligar o aparelho e aproveitar para ir dormir também, quando uma nova notificação aparece, contendo um nome que está virando comum no meu cotidiano.

Nicolas: Voltamos aos romances históricos? Se for assim, você é mil vezes mais adorável do que eu, bela dama.
Desculpa pela demora, estou em plantão (escapei ontem, mas hoje não teve jeito).

Só de pensar em trabalho a essa hora da noite eu sinto um arrepio. Medicina não poderia ser minha área, definitivamente não.

Eu: A minha cama (na verdade, a cama da Paola), está bem aconchegante. Que pena que você está passando frio em uma sala branca,

gelada e solitária. Pobrezinho.

Clico em enviar, e depois de reler o que eu disse, vejo a besteira que eu acabei de digitar. Automaticamente, quero jogar o celular para longe, afinal, ainda não existe a opção "desenviar". Nossa, como eu sou idiota. Mandeí uma mensagem com duplo sentido no pior momento possível. Quero que o telhado caia na minha cabeça.

Nicolas: Está oferecendo sua cama (que nem é sua) para mim? Só assim eu posso saber se é mesmo aconchegante.
Vou ignorar seu sarcasmo em relação ao meu trabalho noturno e exaustivo.
Você é má.

Visualizo a mensagem tapando um dos olhos, com o coração quase saltando pela boca. Nicolas pegou leve. Ele poderia ter conduzido essa conversa a um nível que me deixaria mais envergonhada do que eu já estou. Levando em consideração que eu já o acusei de arrancar as calcinhas das pacientes e disse coisas absurdas no seu consultório, até que está tudo sob controle.

Eu: Nunca vai saber o que eu quis dizer com aquela frase.

Aperto o botão de desligar.

Escuto o ronco engraçado de Paola antes de pôr o celular na cômoda do lado da cama. Fecho os olhos, provando de uma sensação com a qual eu não tinha contato havia muito tempo. *Esperança*.



Cinco e cinquenta da manhã. O despertador toca incansavelmente ao meu lado e eu o odeio mais do que tudo por atrapalhar o meu sono precioso. Dez minutos a mais é tudo o que penso em pedir.

Paola, que já está de pé, puxa o cobertor de cima do meu corpo antes que eu possa sequer reclamar.

— Puta merda, Paola, a aula só começa às oito horas e não levamos duas horas para chegar na universidade. Para de sacanagem. — deito de barriga para baixo, evitando que a luz da lâmpada faça meus olhos arderem.

— Esqueceu que temos que fazer uma entrada sorrateira na casa da sua tia? Se não lembra, vale frisar que isso costuma levar algum tempo. — ela resmunga, dobrando a coberta. — Nunca sabemos o que vamos encontrar na casa daquela víbora.

De fato, não sabemos o que nos espera ao entrarmos lá. O que me conforta é saber que tia Cecília nunca levanta da cama antes de mim, e se tem um horário em que ela não vai estar acordada é às seis horas. É praticamente como se fosse de madrugada.

Arrasto o corpo para fora do colchão macio, no entanto, quase posso ouvir o canto das molas me chamando para voltar e apreciá-las mais um pouco.

— Ainda bem que você é mais prática do que eu. — diz, jogando uma das minhas calças no ar. Por sorte eu sempre deixo algumas peças aqui no apartamento da Paola para eventuais necessidades. Não vestimos o mesmo tamanho de calça e eu não ia gostar de aparecer com uma mini saia na aula do professor Rafael.

Vou até o banheiro para escovar os meus dentes, além de dar uma ajeitada no cabelo. Paola sabe que eu não dou muita importância para a aparência. Não é só isso que interessa, o exterior não passa de uma casca descartável.

Dez minutos depois, o carro já está dando a ré na garagem. Olho pela janela enquanto as casas e algumas pessoas passam pela minha visão. Aparentemente, não somos as únicas que tiveram seu sono interrompido.

Não demora muito para chegarmos na rua onde tia Cecília mora. Paola estaciona o carro alguns metros antes, para garantir que eles não escutem o som do motor ou das portas sendo fechadas. Manuel não deve estar aqui em plena segunda-feira, mas não dá para esquecer o quanto ele já me pegou desprevenida.

Paola fica logo atrás de mim, enquanto mexo na minha bolsa procurando pelas chaves. Tento colocá-la na fechadura com o máximo de sutileza, para poupar qualquer ruído. Termino de girar a chave e sinto que a porta destrava, o que me faz suspirar de alívio. Se ela tivesse trocado as fechaduras seria terrível, e dificultaria todo o processo.

Abro a porta pouco a pouco, e tudo o que ouço é silêncio. Não há qualquer sinal de alguém na casa, para falar a verdade. Continuo seguindo para dentro com cuidado, mas o fato é que não tem ninguém aqui.

Faço um sinal para que Paola entre, pois está claro que Cecília não voltou para cá ontem. Digo isso porque não há louça na pia, nem roupas espalhadas pela cozinha, o que significa que o furacão raivoso passou longe dessa residência. É provável que ela tenha decidido ficar uns dias a mais no covil do Manuel, e por isso ela estava ligando sem parar, para me lembrar das suas regras estúpidas.

Mal sabe ela que eu as quebrei.

Sigo até o quarto para pegar meus pertences, portanto coloco a chave na fechadura com rapidez, esperando que consiga sair daqui ligeiro. Escuto o clique e, ao destrancá-la, dou um passo vacilante, acompanhado do choque pela cena que vejo. Para meu espanto, o encontro às avessas. O edredom está jogado, os lençóis revirados, o dentão jogado em um ponto distante no chão. Minhas roupas estão espalhadas por todos os cantos, menos dentro do meu guarda-roupa. Meu mural do crime está rabiscado,

não se vê mais as palavras nem os bilhetes pendurados. Nada está no lugar em que deixei ao sair. Ter trancado a porta não adiantou, já que ela deve ter feito uma cópia sem que eu percebesse. Inspiro o ar devagar, mas fica difícil respirar ao ver o que ela fez para provar sua autoridade. Quem não sabe de nada sou eu.

O furacão não passou na cozinha, mas passou e levou consigo a minha identidade do único cômodo que eu costumava amar.

Viro a cabeça para Paola com a visão já embaçada pelo líquido que começa a se formar na minha linha d'água. Ela coloca a mão no meu ombro, torcendo a boca para o lado, sem ter o que dizer para me consolar.

— Pegue seus livros e os cadernos, não pense no resto agora. O que ela quer é te atingir, Betina. Ela sabe que mexendo no seu quarto ia te magoar mais do que com qualquer bronca ridícula.

Ando mais alguns passos até chegar na frente da cômoda e pego a caixa proibida nas mãos, o único objeto que está em cima do móvel. Passo o dedo no entalhado da tampa e seguro aquele pequeno pedaço de madeira entre os braços e o meu peito. Estou abraçando uma caixa ridícula, que contém um tipo de felicidade que não pertence a mim desde que eu perdi a minha verdadeira família. Minha mãe era uma pessoa incrível, e não sei como ela pode ter sido gerada pelo mesmo útero que fez com que Cecília nascesse. Não conheci minha avó, mas ela foi infeliz por ter dado à luz a alguém vazia como sua primogênita.

— Eu ainda vou sair daqui, pai. — sussurro, raivosa. — Juro, mãe, a sua irmã não vai me machucar a vida inteira. Não vou deixar que ela me destrua.

O rosnado sai arranhando pela garganta, por causa da ira que está me consumindo. Continuo parada de frente para a cômoda, enquanto Paola tenta procurar os meus materiais da faculdade no meio daquela bagunça.

Em cima do móvel tem um bilhete dobrado, e sei que eu não o coloquei ali. Devia estar embaixo da caixa. Solto ela em cima da cômoda de novo, pegando o papel entre os dedos. Isso não pertence à caixa proibida, porque eu sei muito bem o que foi colocado dentro dela. Embora eu não a abra, tenho o seu conteúdo decorado na minha memória.

Desdobro o papel e encontro uma caligrafia computadorizada, o que impede de saber quem o escreveu em um primeiro momento. De toda forma, basta eu ler algumas linhas para saber quem foi a autora.

Adorada Betina,

Você pode não atender minhas ligações e achar que vai ficar impune por desobedecer uma, duas, três, várias vezes às minhas ordens. Isso significa que você é muito mal agradecida e fique sabendo agora o quanto eu odeio pessoas que não são honestas. Sua mamãe sabia muito bem.

Eu sempre sei onde você está, onde vai, com quem anda. Por que acha que as pessoas sempre se afastam de você? Seus amigos são poucos, não é? Percebe que a cada dia você tem menos colegas por perto? Na faculdade, antes todos te adoravam. De repente, eles fogem de você como se fosse uma pessoa tóxica e venenosa.

Talvez eu tenha um pouco de culpa. Aquele curso de oratória serviu bastante para convencer os outros que eu digo a verdade mesmo quando não estou dizendo. Invento algumas histórias sobre você, e eles acreditam bem rápido. Já dei tantas versões...

Coitadinha da Betina. Ela tem problemas mentais, transtorno psicológico, já tentou matar a própria tia... Você nem faz ideia do quanto é engraçado destruir a sua reputação.

O problema é que duas pessoas ainda continuam do seu lado. Aquele boiola e a negrinha não largam do seu pé, mesmo que eu diga coisas horríveis ao seu respeito.

Já que te machucar fisicamente não resolve, vamos tentar por outro caminho? Se até a noite de segunda-feira você não estiver de novo dentro dessa casa, se comportando como a menina obediente que eu criei, os seus amigos vão pagar caro.

Acidentes podem acontecer.

Não duvide de mim.

Minhas mãos tremem assim que chego ao final da carta. O papel está molhado por causa do meu choro silencioso. Meu coração está tão acelerado que parece que vai sair de dentro do meu corpo a qualquer hora. Não consigo acreditar no que ela está propondo. Se eu não voltar, ela vai descontar nas pessoas que eu amo?

Paola está puxando as roupas e jogando para o alto, então não vê o que está acontecendo comigo. Amasso o bilhete antes que ela perceba e jogo na lixeira debaixo da escrivaninha. Eu a conheço e com certeza ia querer que eu fosse na delegacia, o que pioraria a situação. Não há como provar que a carta foi escrita por ela, minha tia poderia alegar que eu mesma digitei para prejudicá-la. Cecília não blefa e não estou disposta a permitir que ela faça mal aos meus melhores amigos.

— Amiga, achei! — pego a bolsa que guardo dentro da cômoda e a ergo. — É melhor nós irmos antes que a Cecília apareça.

Paola franze as sobrancelhas, mas não diz nada. Ela apenas consente.

— Quer pegar algumas roupas pra levar para o meu apartamento?

Nego com um peso na consciência por saber que nosso plano falhou. Preciso voltar para cá o quanto antes, pois o recado no bilhete está bem claro, exigindo que eu esteja aqui até hoje à noite.

— Não precisa.

Paola dá de ombros e não percebe que ainda estou tremendo por dentro. Cerro um dos punhos para controlar a vontade de contar o que li naquela carta. Por eles, eu tenho que suportar essa barra até descobrir uma forma segura de sair daqui sem colocar nenhum deles em perigo.

Saímos da casa em passos apressados, levando os meus materiais e uma grande leva de desânimo. Em questão de instantes tudo mudou, inclusive a ideia de ter encontrado uma saída. Continuo presa em um labirinto escuro sem ter para onde ir.



Não absorvo nada das aulas porque minha concentração evaporou completamente. Paola e Caio perguntam se estou bem às nove, onze, e depois perguntam de novo às três da tarde, ao sermos liberados pela professora Michele. A única coisa que lembro de ter escutado com clareza foi sobre a cobrança do trabalho, em que meu texto está pronto pela metade e considerando que não tenho a menor noção de como continuar a produzir qualquer pensamento que não seja “*meus amigos podem morrer*” ou o meu preferido “*estou perdida*”, nunca vou entregar a tempo.

— Vocês viram o quanto a Clara mudou desde que o Manoel deu um fora nela?

Manuel. Estão falando do Manoel da nossa turma, mas a frieza nas expressões do namorado de Cecília é que invade a minha cabeça. Congelo na frente do prédio de Sociologia, com os lábios comprimidos. Paola segura meu braço e até mesmo esse gesto faz com que eu volte para dentro do quarto, meu corpo seminu, vendo Manuel fazendo ameaças contra mim.

— Amiga, eu tô preocupada. O que tá acontecendo? — Paola vem pra mais perto e me vira para ela. — O que foi?

— Nada. — chacoalho a cabeça. — Nada. Eu só preciso ir o quanto antes para casa e terminar o trabalho para entregar amanhã. Estou surtando por isso.

— Tudo bem, vamos para meu apartamento mais cedo. Amanhã nós vamos na delegacia.

— Delegacia? — minha voz sai tão alta que parece que acabei de gritar. — O que quer fazer na delegacia?

Pânico, pânico. Medo. Estou apavorada.

— Vamos pedir que abram o documento do acidente dos seus pais? — ela pisca, sem entender a minha reação.

Alívio toma conta de mim ao perceber que ela não está falando de Cecília, nem de Manuel, nem de qualquer relação com a ameaça feita pela minha tia. Ela continua sem saber de nada. Me vejo como a garota mais contraditória do mundo por preferir que ninguém saiba, pois se soubessem, eu teria uma chance maior de sair disso.

— Ah, o arquivo. — digo, dando de ombros. — Podemos ir amanhã. Os documentos estão lá faz tantos anos e não vai ser hoje que sairão voando.

— Claro. — ela diz, com os olhos parcialmente fechados. — Você que sabe.

Caio também me encara, tentando sacar o que houve comigo. Ele coça a cabeça e aponta para a lanchonete da esquina, amenizando o clima estranho.

— Querem comer alguma coisa? Eu tô tão faminto que realmente pareço um unicórnio azul. — ele brinca, dando um peteleco na minha bolsa. — Azul da *fome*.



Paola precisa parar o carro no acostamento de tanto que eu imploro para que ela pare de gesticular freneticamente, quando as mãos deviam estar no volante. Basta eu contar que preciso voltar à casa de Cecília para os sermões saltarem de sua boca. Está há quinze minutos gritando, falando que sou idiota e que não consegue entender o que eu tenho na cabeça.

Suspiro baixinho. Não quero discutir com Paola. Estou ferrada o suficiente para não querer que ela me odeie por ir contra seus ideais.

— É temporário. — explico. — Eu pensei melhor e percebi que não posso deixar que a Cecília note que vou sair da casa dela, menos ainda dar dicas de que vou entrar com o processo para recorrer à herança dos meus pais.

— Aí enquanto isso você fica nas mãos deles? — seu tom de voz ainda está alto, mas diminui um pouco se comparado a antes. — Não vou deixar, Betina! Eles são doidos e podem te matar!

Antes eu do que você, amiga.

— Não vão, não. Vou te contar tudo que eles fizeram, se é que vão fazer algo contra mim.

Paola lança um olhar fulminante em minha direção.

— Você promete mesmo? Eu só vou deixar que entre naquela casa se prometer que no menor gesto contra você, vai me ligar, fazer sinal de fumaça, enviar mensagem por telepatia para que eu venha correndo te resgatar.

— É uma promessa. — digo, sem saber se vou realmente cumprir. Por enquanto eu preciso deixá-los a salvo e depois é que verei o que vai acontecer.

Paola liga o carro mesmo que contra sua vontade, e mais uma vez, faz o que peço. Me leva diretamente para encarar o meu maior pesadelo.

Ela estaciona o automóvel bem na frente da casa de número 24, sem se precaver ou se preocupar em chamar a atenção. Paola bate a porta do motorista, dá a volta e abre a porta para mim. Piso no asfalto, seguida por sussurros.

— Vou esperar dez minutos aqui na frente. Se eu ouvir qualquer barulho, entro e te puxo pra fora sem dar a menor importância para o que pediu.

Concordo, dando um abraço nela.

— Obrigada, Paola. Nos vemos amanhã na faculdade! — falo um pouco mais alto, para o caso de Cecília ouvir o que eu disse. Depois volto a sussurrar. — Te ligo se for preciso.

Arrasto os pés até a porta de entrada, torcendo para que ela não esteja ali aguardando o meu retorno. Seu carro não está na garagem, mas não sei o que esperar. Aceno para Paola que já entrou em seu automóvel, e puxo a maçaneta de uma vez para arrancar o curativo sem enrotação.

A luz da cozinha está acesa. Na cadeira, minha tia está sentada com os pés em cima de outra banqueta. Ela sorri ao me ver entrando, esbanjando um ar vitorioso por conseguir o que queria.

— Betina, querida! — ela desce uma das pernas. — Como foi na faculdade? Você chegou cedo. Eu achei que você só viria mais tarde, porque tem todos os seus amigos e as tarefas que os jovens adoram fazer depois das aulas.

Respiro fundo, mentalizando imagens boas e tentando imaginar cenas diferentes das que eu vejo com meus próprios olhos. Não posso ser sarcástica, nem a ignorar, apenas dou a resposta que ela espera.

— As aulas foram ótimas, só voltei para casa mais cedo porque preciso terminar um trabalho para entregar amanhã.

— Ah, tão dedicada. — Cecília bate palmas, sem tirar o sorriso do rosto. Tenho vontade de pular em cima dela e arrancá-lo dali a força. — Bem, antes que esqueça, você tem que arrumar o seu quarto. Depois pode terminar o que tiver que fazer.

De novo, ali está o sinal de que ela quer me fazer crer que o quarto está daquele jeito por minha causa. Cecília estica os braços para trás, se espreguiçando, já que terminou de dar o seu recado.

Não digo uma palavra sequer e entro no quarto. A bagunça que encontrei nesta manhã continua igual, o que faz com que a indignação aumente em proporções inexplicáveis. Antes de começar a organizar o que ela desarrumou de propósito, vou até a porta e a fecho com força, trancando-a logo em seguida. Ela queria que eu voltasse, e eu voltei, mas isso não significa que vou ter que olhar para ela o tempo todo em que estiver neste lugar.

Mexo nas primeiras peças de roupa que estão jogadas no chão, quando meu celular vibra dentro da bolsa.

Nicolas: O que está fazendo? Podemos nos ver?

Que péssima hora para lembrar que Nicolas também faz parte da minha vida, já que acaba sendo uma peça a mais no jogo de Cecília. Mesmo que não tenha citado a respeito dele na carta, sei que ela não hesitaria em machucá-lo para atingir o seu objetivo de me manter na linha.

Eu: Não vai dar. Faxina.

Não posso dispensá-lo agora que estamos nos dando tão bem, mas preciso dar uma pausa nos encontros para que minha tia não ache que eu estou interessada em Nicolas. Caso vire uma constante na minha rotina, aí ele entraria na zona de risco e não vou colocá-lo nela.

Nicolas: Aham, sei. Pessoas normais limpam a casa na sexta-feira, nunca na segunda.

Sento no meio das roupas, dando uma olhada na quantidade de trabalho que vou ter a tarde inteira.

Eu: Na sexta-feira pessoas anormais levam narcisos para seus pais no lago onde eles morreram. Você tem toda a razão, não sou normal.

Isso é duro, porém é verdade. Eu não sou uma pessoa normal porque a normalidade vai muito além de pensar em acidentes, parentes que faleceram, tias que maltratam, carreira destruída e infância mal aproveitada.

Nicolas: Sua sorte é que não gosto da normalidade.

Jogo o celular em cima da cama, começando a dobrar as blusas que estão ao meu redor. Não respondo o *sms* porque falei sério, tenho uma faxina a fazer. Tia Cecília não vai ficar contente se descobrir que não dei um jeito nisso porque estava flertando com um médico desbocado que adora enfrentá-la.

Faço o melhor que posso em duas horas de serviço. Dobro as roupas, arrumo a cama e coloco o *dentão* de volta no meio das outras almofadas. Pelo menos eu sorrio por saber que meu sacrifício vale a pena, tendo em mente que os meus amigos estão a salvo.

A única parte que não posso arrumar é o mural que está detonado de uma ponta a outra. Em vez de jogá-lo fora, mantenho fixo na parede. As letras estão cobertas de tinta, mas sei o que dizem. Li tantas vezes ao ponto de ter gravado as matérias. Os bilhetes que tinham sido arrancados estão caídos perto dos meus pés, e eu abaixo para pegá-los.

Colo um por um, anexando as anotações que fiz ao longo dos anos, depois sento e observo o quadro rabiscado que restou após tanto esforço. Amanhã vamos voltar à delegacia para verificar o que eu já analisei em outras oportunidades. A cada ida é uma nova chama que se acende, e na volta uma faísca que costuma ser apagada. Espero que um novo olhar sobre o mesmo documento traga mais retorno do que eu mesma já tive.

Estendo as mãos e alcanço a caixa proibida, dando valor à caligrafia da tampa. Gosto de ver a letra da minha mãe, porque é o pouco dela que

sobrou em que eu posso tocar.

Nunca olhe para dentro.

— Nunca olhe para dentro, nunca olhe para dentro...

O celular começa a vibrar e faz com que eu pare de falar sozinha. Largo a caixa de onde havia pego e busco meu telefone, curiosa para saber quem está ligando.

Nicolas, que seja o Nicolas.

No visor, outro nome. Paola, é claro. Esqueci completamente de dizer a ela que tudo estava bem. Desde que cheguei, mal fiz outra coisa a não ser a faxina graças à tia Cecília e sua bondade absoluta. Atendo a ligação, dizendo o mínimo que posso, desde que seja o suficiente para que Paola durma sem ter um de seus ataques. Como era de se esperar, ela se diz surpresa pela falta de gritos e xingamentos vindos do interior da residência no instante em que pisei no mesmo assoalho que minha tia, o que eu também achei anormal. Cecília adora elevar a voz, assim todos os vizinhos escutam e ficam cientes do quanto ela me detesta.

Pra ela não ter gritado hoje, ou ganhou na loteria, ou está tramando algo que eu não vou gostar de saber. Por isso não prolongo o assunto com Paola, e adianto que preciso terminar o trabalho para ao menos ter o que entregar.

Ouçó uma batida na porta. Reviro os olhos, sem acreditar que ela está vindo me perturbar de graça.

— Estou estudando. — aviso, sem me dar o trabalho de levantar.

— Não vou jantar em casa. — ela diz, depois acrescenta com tom de zombaria. — Aproveite e divirta-se no seu quarto.

De cara, já saco qual a intenção dela, porém não caio mais nessa cilada. Ela quer que eu dê um deslize para descontar a raiva por ter uma vida frustrada em cima de mim. Ouço a porta batendo, e agradeço por ela sair, porque assim eu me livro da sua presença incômoda e posso tentar fazer o artigo em paz.



Escrevo meia dúzia de bobagens no artigo com o maior peso do semestre, faço isso sem ter a menor noção do erro que acabei de cometer. Simplesmente entrego. O pior trabalho que já apresentei em anos de curso. Bato a cabeça na carteira, sem acreditar no quanto tenho me deixado levar pelo estresse.

Se não tiver a nota necessária, eu não vou passar para a próxima fase. No fundo, meu sonho era fazer o curso de Artes Plásticas, mas quando o destino foi invertido e continuar pintando não passava de uma realidade impossível, eu tive que arrumar uma segunda opção que combinasse comigo. Tomei outro rumo e neguei um desejo que me acompanhou por anos. Entre pintar e estar em um consultório atendendo pacientes, eu escolheria a pintura acima de todo o restante.

— Vai ver nem ficou tão ruim assim. O professor pode gostar do seu ponto de vista. Tudo é questão de perspectiva, né?

Caio tem um modo muito peculiar de ver o mundo e as coisas à sua volta. Não é à toa que às vezes ele acha que é um unicórnio coberto de purpurina.

— Deixa de ser pessimista, porque teremos uma tarde longa no meio de homens fardados e com algemas por todos os lados. Pensa só.

Caio dá pulinhos de alegria, vibrando por eu ter permitido que ele vá conosco na delegacia. A ideia de policiais e algemas gera algum tipo de fetiche estranho em muita gente. Tenho que rir porque, de novo, chego à conclusão de que não sou uma pessoa *normal*.

Deixamos a universidade para embarcar em uma aventura mórbida em direção ao meu passado. Ver aqueles arquivos não é um programa divertido. Em outras vezes que o vi, eu não dormi durante noites seguidas.

Chegamos em frente ao prédio da polícia no meio da tarde. Todas as paredes são de vidro à prova de balas, e para entrarmos dentro da delegacia, temos que passar por um sistema rigoroso de inspeção. Para uma cidade pequena, eles são bem cuidadosos em relação a quem entra no prédio deles. Não que eu possa imaginar que qualquer pessoa fora de si iria tentar cometer um atentado com meia dúzia de policiais à postos a cada meio metro.

Não uso brincos, nem anéis, nenhum tipo de joia que possa barrar na máquina de raio-x, então nada apita quando passo com as mãos erguidas. Um policial carrancudo diz que posso passar, mas espero pelos meus amigos.

A máquina apita duas vezes, tanto para Caio quanto para Paola. Caio precisa voltar e tirar o seu relógio, enquanto Paola praticamente tem que tirar suas calças na frente do oficial. Desbocada do jeito que é, chego a cogitar a hipótese de que ela cometeria alguma gafe, mas felizmente ela soube se controlar. Não precisamos de uma prisão por desacato à autoridade, só queremos olhar um arquivo antigo.

Na recepção, uma policial está mexendo no computador, tarefa que ela continua executando mesmo quando digo que quero tirar uma dúvida.

— Com licença, eu gostaria de falar com o delegado. Preciso ver sobre um caso que foi arquivado há alguns anos.

— O delegado não está. — ela diz, ainda teclando e olhando para a tela. — Você não tem um advogado, né? Casos arquivados foram levados para o arquivo por algum motivo.

A estupidez da policial é gritante. Ela não está interessada em falar conosco, e para completar, praticamente diz que o caso é lixo. Se foi arquivado, não serve.

Preciso apoiar a mão na mesa para respirar fundo e tentar tirar força de algum lugar que desconheço.

— Já que não serve para vocês, posso dar uma olhada no arquivo? Algum policial pode buscar para mim, porque eu gostaria de conferir algumas informações.

Agora ela olha pra mim, afinal, se insisti é porque não vou desistir com facilidade. Seus olhos estão me fuzilando quando volta a falar.

— Sala 12. O oficial Feller poderá ajudá-la se o caso ainda estiver na sala de arquivos.

Apesar da falta de simpatia e do mau humor, eu agradeço pela ajuda e fazemos o que ela sugere. Paola não perde a oportunidade e basta a perdermos de vista, para que ela vire e mostre a sua língua na direção da policial mal educada.

Bato na porta da sala em questão, e um policial relativamente baixo, se comparado com os outros que vimos, nos atende com mais cordialidade. Ele pede para que entremos e não esqueçamos de fechar a porta ao passar.

— No que posso ajudá-los? — ele sorri sem mostrar os dentes, não sendo amigável demais, nem estúpido como os outros.

A sala está cercada por armários numerados e com letras de A até Z. É uma espécie de depósito de casos, onde tudo o que não foi resolvido veio parar dentro das gavetas. É assustador ver a quantidade de crimes que ficaram sem solução.

Arquivado. Esquecido. Sem motivos para ir adiante.

— Caso 5676. Eu gostaria de saber se ele ainda está aqui e se posso dar uma olhada.

Ou se já atearam fogo nele.

Não digo o que penso, apesar de quase deixar que isso escape. A ira passeia pelo meu cérebro sempre que penso que a polícia negou o meu pedido para reabertura do caso. Eles nem sequer tentaram o bastante.

— Posso dar uma olhada, porque depois de algum tempo alguns papéis não ficam mais neste arquivo. Aguardem um pouco, sim? — o policial nos dá as costas, indo até o armário de número 50. Eu jamais vou esquecer a maldita numeração. Meus pais se tornaram parte dele.

Estranho o fato de ele não perguntar se sou parente dos envolvidos no caso. Eles não costumam abrir para estranhos. Suspeito que ter dito o número do caso tão rapidamente tenha sido uma resposta conclusiva o

bastante. Ninguém tem essa informação além de mim e tia Cecília, que ficou com a minha guarda.

Não preciso dizer que estou incomodada para que Paola veja que não estou legal. Tem um motivo para eu não ter voltado a procurar pela ajuda da polícia, e isso se dá por eles não gostarem de remexer em notícias passadas. Têm vários casos atuais para dar atenção. Os casos arquivados são pura dor de cabeça e eles evitam em falar deles o quanto podem.

— Aqui está. — ele puxa a pasta contendo os dados do acidente. Mordo o lábio para evitar que eu chore na frente de outro estranho. Já vi esse arquivo, mas a tristeza que ele traz é a mesma em todas as vezes. — O acidente no lago, hein?

Detesto essa pergunta.

— É, sou a filha sobrevivente.

Minha resposta é direta e seca. Apesar de não ter sido perguntado o parentesco antes, digo com amargura, para que ele saiba que não desisti dessa busca. A filha que sobreviveu ainda está aqui, doze anos depois do ocorrido, tentando descobrir o que realmente houve naquela noite.

— Sinto muito. — ele torce a boca, parecendo compadecido pelo que relatei. — Pode olhar o quanto quiser, mas não pode levá-lo daqui, nem mesmo uma folha sequer. São dados da polícia e que não devem sair deste prédio. Preciso que assine um papel concordando que está ciente de que pode responder pelo crime de furto de evidência, caso deem falta de algo. — de fato, ele põe uma folha na minha frente, o que é irônico para quem não pretende fazer mais nada com os dados desta pasta. — Vou até a sala do lado para que tenha mais privacidade. Quando terminar, basta avisar.

Paola pula para a cadeira onde estou sentada, colocando sua bunda no micro espaço de assento que está sobrando. Caio, que é mais comportado, pega outra cadeira para pôr perto da minha.

O oficial se ausenta conforme explicou, nos deixando a sós com uma pasta amarelada e que cheira a morte. O *assassinato* dos meus pais. Quem deixa outra pessoa para morrer é um assassino, a justiça o vendo ou não dessa forma.

Abro a pasta, e logo no início as fotos dos documentos de identidade dos meus pais estão anexadas. Meu nariz começa a arder, e estou chorando antes mesmo de ver os dados relatados pelos policiais. Fecho a aba com força, deixando a cabeça cair sobre ela. Não sei como continuar com essa pesquisa dolorosa, porque ela é um martírio.

Sinto duas mãos tocando na minha coluna, tentando trazer consolo para algo que não é consolável. Nunca vejo fotos dos meus pais. Elas ficam dentro da caixa proibida para que eu não lembre a cada segundo de tudo que eu perdi pra sempre. Sou egoísta porque não quero sentir essa dor que consome cada molécula do meu corpo e que me faz sentir vazia.

— Estamos com você.

— É, você consegue, Betina. — Caio diz, se pronunciando sobre o assunto. — A sua força é incrível. Se chegou até aqui, vai passar por qualquer outra coisa que vier pela frente.

Faço o que meus amigos dizem, e agradeço por eles estarem aqui desta vez, porque do contrário eu desistiria. Desde minha última tentativa, aos dezessete anos, achei que não teria que ver esses papéis na minha frente. Abro novamente a pasta, encarando as fotografias, com as mãos vacilando.

Mesmo estando sério para tirar a foto do seu documento, meu pai tem um sorriso estampado no rosto. Seus olhos sorriem, suas linhas de expressão, tudo nele esbanja a vontade de sorrir e de fazer com que os outros à sua volta também pudessem sorrir com ele. Esse era um dos seus maiores dons, fazer com que as pessoas tivessem motivos para dar um sorriso.

Minha mãe não escancarava tanto sua felicidade e lembro que nas menores oportunidades, criticava meu pai pela forma que ele vivia seus dias. Os dois se amavam muito, mas também tinham suas divergências como qualquer casal. O que importava não era a quantidade de discussões que eles tinham, e sim o quanto se doavam em dobro um pelo outro. A morte repentina dos dois fez com que eu não pudesse aprender tudo o que eles sabiam, mas tudo o que vi propiciou a visão que construí durante as fases pelas quais passei.

Passo os dedos pelas imagens, levando a saudade a outro patamar. A vontade de abraçá-los fica mais intensa conforme eu os olho.

Viro a folha só depois de uns cinco minutos. Logo na próxima página, minha foto de quando era criança está cercada por vários sinais de interrogação e uma pequena anotação abaixo, escrito *guarda passada para a tia*. Não recordo de muita coisa depois do acidente, mas entre o tempo no hospital até ganhar alta, eu fiquei alguns dias em um orfanato de Ostala. Tia Cecília só me levou para sua casa depois de a ordem ser dada pelo juiz, e ele demorou algum tempo para definir quem ficaria comigo. Em torno de um mês, foi o que contaram.

Caso ela negasse a guarda, eu ficaria permanentemente na casa de adoção, até que alguma família achasse que eu merecia um lar. Não entendo porque ela aceitou, se a única coisa que fez por mim foi continuar me maltratando dia após dia.

Tive que aprender a ser independente desde cedo. A preparar a minha comida, lavar minhas roupas, organizar meu quarto e limpar o restante da casa. A menina que antes gastava o seu tempo com as horas de pintura, em um estalar de dedos precisou mudar em diversos sentidos.

Pela quantidade de interrogações nessa folha, dá para perceber que eles realmente ficaram em dúvida. Não os culpo, acharam que estando com um familiar eu não sofreria tanto.

— Maldita hora que eles deram a sua guarda para aquela vadia. — Paola guarda um grande rancor por Cecília. De novo, não a culpo, porque é natural que ela se sinta frustrada diante das maldades de minha tia.

Logo depois está a foto do nosso carro, a única evidência que conseguiram tirar de dentro do lago. Os corpos não estavam dentro dele, e a única explicação é que devem ter se desprendido do cinto e boiado para fora. Eu sobrevivi, mas não deveria ter sido assim. Eu também deveria estar morta.

Muitas vezes me perguntei se não teria sido melhor ter partido junto com eles.

— Tem certeza que não tinha nada no carro que poderia ter provocado o acidente? — Caio pergunta, apontando para a foto. — Porque é estranho. Podem ter deixado algo passar.

— Eu mesma perguntei para o mecânico do meu pai. Ele garantiu que tinha feito uma verificação no dia anterior ao nosso passeio. — dou de ombros. — O automóvel estava em dia. O problema foi o outro veículo que veio pra cima de nós.

Paola pega o celular e tira uma foto daquela página, mesmo sem autorização judicial para fazer isso. Abro a boca para reprimir sua atitude, mas ela coloca o dedo nos meus lábios.

— Ele disse que não podíamos levar os papéis para fora daqui. — ela confirma, repetindo o que o oficial disse minutos atrás. — Não falou nada que não podemos tirar umas fotos inocentes para, sabe, dar uma olhada por fora.

Caio dá uma risada, sabendo que os argumentos de nossa amiga são incontestáveis. Sendo uma atitude legal ou não, deixo que ela continue fotografando, enquanto Caio dá uma espiada precavida na porta.

— Tem que ter alguma coisa que você não notou, amiga. Tudo tem uma explicação.

Ela vira página por página, salvando tudo na memória de seu aparelho telefônico. Deixo que eles deem o seu toque e usem sua própria percepção.

Depois de tirar todas as fotos, fechamos o arquivo e suspiro, aliviada, por não precisar ficar nesta sala o resto do dia. Analisar isso no apartamento da Paola ou na casa do Caio será menos sufocante do que na presença dos policiais.

O oficial Feller volta ao seu posto após Caio o chamar, avisando que acabamos nossa pesquisa. Ele me olha e faz um sinal com os dedos.

— Sinto muito por não terem achado o culpado. — diz ele, ainda erguendo o dedo para o arquivo. — Nem sempre conseguimos pegá-los.

Tenho que me controlar para não rir na frente dele. Sei que sua intenção é boa, e que provavelmente ele nem cuidou desse caso porque não lembro de o ter visto, mas não costumo ser legal quando se fala de justiça.

O mundo não é justo.

De boas intenções o inferno está cheio, assim como esse arquivo também está.



Paola imprime as fotos que estavam no cartão de memória do celular e as espalha pelo assoalho de seu quarto. Ela rabisca sem parar, grifando algumas palavras do texto, fazendo círculos nas folhas.

— Tá vendo aqui? — ela volta a rabiscar. — Eles alegam que outra pessoa pode ter cruzado a via, mas não conseguem explicar como não houve colisão. É estranho que um acidente assim fosse acontecer sem uma batida. Por que o seu pai tiraria o carro da pista? Temos várias perguntas para poucas respostas.

Ela coloca o lápis na orelha, como se fosse uma mestre de obras. Rio ao vê-la tão concentrada em pistas que nos dizem praticamente nada. Aprecio o empenho de Paola, apesar de saber que todas as perguntas que ela está se fazendo eu mesma já fiz um milhão de vezes.

— Nicolas não te mandou mais nenhuma mensagem? — ela tira o lápis de onde estava e coloca na boca. Fica mordiscando a ponta, um costume que eu detesto nela.

— Não. Não mandou.

Dou uma resposta curta, que faz com que Paola erga uma sobrancelha. Sinto vontade de conversar com ele e de vê-lo de novo, só que não vou dar uma chance para o azar. Tia Cecília está de olho em cada movimento que eu dou, e não quero oferecer a ela mais armas para duelar.

— E deixa eu adivinhar... você não mandou um *sms* porque a Cecília não quer que você tenha uma vida sexual ativa? — Paola coloca as mãos na boca, como se tivesse falado um palavrão. — Ops! Quis dizer *social*, não sexual de sexo.

— Muito engraçado. — bato palmas para sua constatação óbvia. Não transo há quase uma década e melhores amigas servem pra isso, debochar

da falta de orgasmos das outras.

É óbvio que eu gostaria de estar na cama com um cara interessante, mas o gênio da lâmpada não pode realizar todos os meus desejos um em seguida do outro. Tirar Cecília do meu pé é a minha maior urgência, e resolvendo isso, as outras vontades vão automaticamente para a próxima fila.

— Você poderia ir visitá-lo no hospital. — ela sugere, mexendo na unha. — Se a Cecília perguntar algo, pode dizer que passou mal e precisou ir até lá para ser medicada. O tanto que ela se preocupa com a sua saúde é tão impressionante, que ela nem iria tentar averiguar.

Paro para pensar no que ela diz, minha amiga é absurdamente genial. Ela deveria tomar o lugar do gênio da lâmpada, porque acabou de fazer com que um dos meus desejos esteja mais próximo de se tornar realidade.

Eu: Você está no hospital?

Paola sorri ao ver que estou digitando uma mensagem para ele. Devido ao horário, não espero que Nicolas responda no mesmo instante, então acompanho as anotações que estão ao meu alcance. A caneta verde limão de Paola sublinhou alguns trechos, incluindo o nome de um mecânico. O mais estranho é que eu nunca tinha reparado nele.

Carlos Fonseca.

Bato a ponta da unha em cima desse rabisco, chamando a atenção de Paola.

— Eu não falei com esse homem, Carlos.

— Como não? Esse mecânico inspecionou o carro depois do acidente, certo?

— Certo. — tenho que consentir, porque é o que está escrito no documento. — Mas eu só falei com o senhor Diogo, que tinha visto o carro *antes*.

— Tá vendo como a sua amiga é o máximo? Agradeça pelas fotos, vai.

Sorrio, balançando a cabeça. Meu celular apita e, tão curiosa quanto eu, Paola vem pra cima para saber o que Nicolas respondeu.

Nicolas: Sem pacientes por enquanto. Mas tô na minha sala, por quê?

Eu e Paola nos entreolhamos, e como se pensássemos a mesma coisa, minha amiga corre para pegar a chave do seu carro.

— Você vem? Não vamos deixar que um paciente apareça, né?

Paola balança freneticamente o chaveiro, toda animada com a ideia. Uma ponta de consciência me faz pensar que ir até lá é errado, mas a adrenalina de encontrá-lo escondido é muito forte e eu chuto todo o bom senso para fora.

Parece que Caio tinha previsto o que aconteceria no futuro. Posso jurar que estou passando mal.

Aposto que preciso de atendimento médico.



O corredor do hospital parece mais apertado do que o normal, e as pessoas estão espremidas nele para passar. Tudo neste lugar é branco, desde o piso, as paredes, o teto, os tecidos, os móveis. Da mesma forma como aconteceu durante meu estágio, não deixo de reparar nisso enquanto vou andando a passos largos até a recepção.

— O Doutor Nicolas está atendendo? — pergunto para a garota, também vestida de branco, que não parece gostar da pergunta que faço.

— Não, mas ele não gosta de receber visitas fora de hora.

Ela não gosta de mim. Vejo nela cores agressivas, tentando ganhar espaço à força. Não quero comprar uma briga, então só aceno com a cabeça e finjo que desisti. Paola preferiu ficar no carro para não nos atrapalhar, e se ela estivesse aqui, aí a pobre secretária seria esculachada

até chegar à sua velhice. Se tem algo que a Paola não leva para casa, é um desaforo.

Já estive no consultório dele antes e sei onde fica. Chego na frente da porta que contém uma placa escrita Dr. Nicolas Ferrazo, e minhas mãos estão mais geladas do que o gelo recém tirado do congelador. Não costumo correr atrás de nenhum homem. Nem me reconheço.

Bato três vezes, esperando que ele responda antes de eu ter um surto de nervosismo. Pode acontecer a qualquer minuto.

— Pode entrar.

O som de sua voz é doce nos meus ouvidos. É ela que desperta a coragem para que eu puxe a maçaneta, abrindo a porta que separa os nossos corpos. Passo a língua nos lábios antes de pôr a cabeça para dentro da sala.

Ele continua cabisbaixo, escrevendo em um papel com bastante concentração. Deve ser importante. Não posso deixar de reparar no quanto está bonito, seu cabelo propositalmente bagunçado, as expressões que tem enquanto preenche a folha em branco.

Suspeito que eu tenha puxado a porta com cuidado, porque ele ainda não viu que estou dentro. Fecho sem tentar fazer ruído, e cruzo os braços enquanto o encaro.

— Oi, doutor.

Nicolas larga a caneta, erguendo o olhar com espanto. Tenho a confirmação que já esperava, ele não contava que eu apareceria em seu consultório nem em um bilhão de anos.

— Desculpa se eu estou atrapalhando, é que eu não estava muito bem e estava passando aqui por perto...

Mereço um prêmio pela pior desculpa da década. Ir na onda da Paola só faz com que eu me ferre. Vou matá-la depois, sem nenhuma gota de misericórdia.

— Ah, você está doente? — ele joga a coluna para trás na cadeira, dando um sorriso sarcástico. — Eu não estou atendendo agora, minha secretária não te falou? O Doutor Ramiro é que está em plantão. Ele é um

senhor de setenta anos, baixinho, de cabelo bem grisalho. Você não gosta de branco, mas vai que, sei lá...

Sinto minhas bochechas esquentando, e posso jurar que ele vai começar a gargalhar na minha frente. A vergonha quase me engole. Quero evaporar dessa sala sem precisar mexer um músculo sequer. Pelo visto, foi um péssimo plano.

— Desculpa, eu vou preencher uma ficha para ser atendida pelo Doutor Ramiro então. — gesticulo com o polegar, dando passos para trás. — A gente se vê por aí.

— Se eu fosse você, não faria isso. — escuto o som da cadeira sendo arrastada. — A não ser que não se importe com injeções, porque ele é super conhecido por aplicar agulhas em todos os pacientes. Por *qualquer* dor.

O meu pavor por agulhas é tão grande, que mesmo sem precisar de uma consulta de verdade, eu já congelo dos pés até a cabeça.

Nicolas caminha pela sala, até ficarmos a poucos centímetros de distância, frente a frente.

— Só veio por isso? — ele coloca a mão entre a porta e eu, quase me prensando nela. — Quais são os sintomas mesmo?

Engulo em seco, olhando para seu braço estendido e seu olhar esmagador. Fecho os olhos em busca de um pouco de concentração, porque está difícil encontrar um tipo de resposta coerente nessas circunstâncias.

— Hum, enjoo, e dores no estômago. — tento sustentar o seu olhar, mas ao ver o seu sorriso aparecendo de novo, eu me obrigo a abaixar a cabeça. Não posso negar que Nicolas mexe comigo. — Não deve ser nada demais.

Agora sua outra mão faz o mesmo, fica apoiada na porta, o que acaba de me encurralar. Seu corpo está inclinado por conta das mãos que me cercam. Não consigo fugir a não ser que eu empurre o seu braço, e eu já cometi gafes demais por hoje.

— Se importa se eu recomendar algumas instruções? — sua testa fica franzida por alguns instantes. — Assim você vai melhorar sem precisar da

grande picada do Doutor Ramiro. Juro que depois vai me agradecer por eu ter te livrado disso.

Nicolas morde o lábio no meio de um sorriso, sabendo que está conseguindo expor o seu sarcasmo com perfeição. Dou de ombros, esperando que ele diga o que quer que seja, assim posso ir para casa o quanto antes. Mergulhar nos cobertores e esquecer que eu estive no hospital à procura *dele* é a próxima etapa da negação gerada pela vergonha.

— Você pode começar com um pouco de relaxamento, porque ajuda muito a tirar a sensação de enjoo. Respirar também costuma ajudar, então pode deixar que o seu pulmão faça todo o trabalho, ele não vai se importar.

Nicolas está querendo dizer que não estou respirando normalmente, e talvez eu não esteja mesmo porque estou nervosa, mas não suporto seu senso de confiança. *Orosa* volta a girar em torno dele.

Seus dedos pressionam no centro do meu tórax, e eu arregalo os olhos. Definitivamente, paro de respirar por conta de seu toque.

— Aqui estão eles. — por incrível que possa parecer, não consigo parar de olhar o fundo dos seus olhos. O verde de suas pupilas me traz um pouco de equilíbrio. — Aliás, seu coração também está acelerado.

Escuto o som dos meus batimentos com uma intensidade fora do comum. Eles estão vibrando em meus ouvidos, nos pulsos, em várias partes do corpo.

A cabeça de Nicolas se aproxima lentamente, e um mínimo movimento dele pode fazer com que nossos lábios se encontrem. Pensar nisso não ajuda.

— Mas ainda acho que o seu problema pode ser resolvido de outro jeito. — ele move os pés, tirando o peso dos braços que estavam pressionados na porta. — Eu só preciso terminar o que comecei na outra noite.

Silêncio. Ficamos em silêncio absoluto. Nós dois entramos em uma bolha feita de silêncio e tensão. Pisco apenas o suficiente para que ele coloque um fim na distância e busque a minha boca com avidez.

Se não houvesse um apoio atrás de mim, eu cairia devido à surpresa. O beijo começa rápido, mas ao mesmo tempo tem uma sutileza própria de Nicolas. Sua língua procura a minha como se fosse um ímã sendo atraído por uma placa de ferro.

Não sigo uma receita. Não controlo o que estou fazendo. A forma com que sua boca trabalha sobre a minha, sugando meus lábios, explorando o que pode, acaba despertando uma audácia que parece nova e ao mesmo tempo já conhecida. Eu só quero beijá-lo mais, provar do seu calor, tocá-lo até gravar cada milímetro de sua pele.

Estamos praticamente colados na porta, mas não ligo para o lugar, a posição, ou qualquer detalhe superficial. Entrelaço os dedos no cabelo, desço para a nuca e o puxo para perto. Qualquer proximidade não parece ser o bastante.

As mãos de Nicolas conseguem dar um jeito de descer e alcançar a minha cintura, até entrarem em contato com a pele nua. Sinto os dedos embaixo da blusa, sem ultrapassar o limite do cóis da calça, mas ainda assim proporcionando inúmeros arrepios.

Nicolas induz um ritmo novo, o que torna o beijo mais quente. Sensual. Se bocas pudessem transar, estaríamos envolvidos em uma transa alucinante. Ele toma minha boca como se fosse sua, e eu não faço cerimônia para entregá-la.

Seus dentes mordiscam, puxam, reivindicam o meu lábio inferior com uma gentileza e ferocidade entrelaçadas. De repente, estamos andando pela sala, sou virada para o outro lado e sinto meu bumbum esbarrando na cadeira dos pacientes.

Meu Deus, estamos no hospital.

Estamos aos amassos no consultório dele.

Recobro a consciência por alguns segundos, clicando no botão de sanidade que faz com que o beijo seja interrompido. Não por ser ruim ou insatisfatório, aliás, definitivamente nenhuma das alternativas acima. Acabo de ser beijada não apenas com os lábios, porque sinto que a minha mente também foi coberta de beijos e está em profundo êxtase.

Já beijei vários homens e transei com boa parte deles, mas é a primeira vez que me sinto realmente beijada por alguém. De um jeito que vai além do que eu mesma posso compreender.

Em vez de resmungar, Nicolas dá um sorriso que torna o momento ainda mais encantador. Eu praticamente o empurro para parar o beijo, e ele retribui com mais afeto. Além de *rosa*, agora há um pouco de *roxo* nas suas ações.

— Você está doente de verdade? — não é a pergunta que eu espero, mas faz sentido.

Nego com a cabeça, enquanto passo a mão a partir do seu queixo, passeando por seu jaleco impecavelmente branco. As calças e os sapatos também seguem o mesmo padrão, aquilo que é previsível para um médico vestir. Ao olhar para baixo, é inevitável perceber o quanto o branco deixa em evidência o volume no meio das pernas de um homem. Especificamente, nesse caso, em Nicolas.

Eu o excitei e não posso deixar de sorrir por concluir que mexemos um com o outro. Ambos estamos envolvidos.

— Não, não estou. — subo as mãos, segurando seu rosto só com as pontas dos dedos. — Eu queria te ver.

— Depois de me dar um fora na segunda-feira, achei que não quisesse. — ele diz, parecendo confuso. — Você não é muito previsível, hein?

— Depois do que houve no sábado, eu é que fiquei sem saber se você queria mais ou se estávamos encerrando o assunto. E quando cheguei aqui, a garota na recepção me despachou, o que me deixou um pouco insegura. Ainda assim eu insisti em tentar falar com você, e aí quando começou a debochar da minha visita, eu pensei que...

Nicolas ergue a mão, com um olhar perdido.

— A Luana falou o quê pra você?

— Que você não gosta de receber visitas inesperadas. — ergo os ombros, sem entender aonde ele quer chegar. — Acho que ela vai ficar uma fera por ver que eu não dei bola para o aviso.

— Nós saímos algumas vezes. — Nicolas é direto, e sua confissão me pega desprevenida. Eu já tinha imaginado que ela gostasse dele, mas saber que eles tiveram uma relação mais próxima é algo novo. — Não deu certo e ela ficou com raiva.

De novo, sou surpreendida. Começo a gargalhar dentro do consultório, porque o relato é cômico, em vez de trágico. Pelo menos ela não é uma ex-namorada tentando reatar, o que me deixa muito aliviada. Não suporto mulheres que fazem disputa por homens.

— Não é engraçado, ela já inventou histórias horríveis para muitas garotas, só para desistirem de sair comigo. — ele cruza os braços, fazendo um bico com os lábios. — E quanto ao que houve no sábado, eu queria ter te beijado muito antes, mas não seria adequado. Percebi isso quando te vi ajoelhada abraçando a Paola. Até agradei ao Caio depois, porque ele nos interrompeu sem querer, e acabou sendo o melhor. Você tinha que estar lá pela sua amiga, não por mim.

Ignoro a história sobre a secretária amargurada assim que ele explica sobre o selinho. Sei o quanto isso é especial. Poucos homens se comportariam dessa forma e teriam uma percepção tão apurada. A maioria pegaria ou largaria, mas ele se mostrou diferente.

Volto a olhar para sua boca e seus olhos, seu maxilar quadrado, e seus cílios que piscam lentamente. Envolver meus pulsos em redor do seu pescoço, puxando-o para frente.

Na falta de palavras, eu o beijo.

Nossas bocas conversam entre si, em perfeita sintonia, dizendo tudo o que não sou capaz de pronunciar. Como uma paleta apoiada na palma do pintor, o beijo acaba de dizer que eu estou nas mãos de Nicolas.



O chocolate quente da mãe de Caio é o melhor chocolate que qualquer ser humano pensaria em tomar. Doce sem ser enjoativo, cremoso na medida certa, quente sem derreter o céu da boca.

Bebo a segunda xícara enquanto os biscoitos assam no forno. O cheiro adocicado preenche a cozinha, que por sinal, é a mais fofa das casas em que já fui. Os ladrilhos são cor de rosa com flores azuis, delicadeza que se vê nos outros cômodos. Caio e sua mãe se entendem tão bem que até a organização dos móveis foi pensada em conjunto.

Ele falou sobre sua homossexualidade aos quinze anos, e em vez de ser reprimido como muitas mães fariam, ela o acolheu com todo o amor. Na verdade, dona Eduarda conta que ela sempre soube. Caio teve a sorte de não ser diminuído por sua orientação sexual, afinal, parte da sociedade ainda não tem a mesma sabedoria.

Adoro a cumplicidade que existe entre os dois. É bonito de se ver.

— Então quer dizer que a Betina está namorando? — dona Eduarda pergunta para Caio, mexendo o creme com seu batedor de arame mágico. Em geral, ela prepara as melhores receitas. — Quando vou conhecer o felizardo?

Eles conversam como se eu não estivesse aqui. Paola e sua boca grande não perdem tempo. Ela já fez questão de contar para Caio, que contou para sua mãe, e se continuar nesse ritmo, tia Cecília não vai demorar a descobrir também.

— Os dois são grandes mentirosos, dona Eduarda, só estou conhecendo um rapaz. A parte do namoro é tudo invenção deles. — aponto para Paola e Caio, que erguem as mãos, fingindo que não sabem de nada. — Não existe nenhum compromisso.

Paola sai do balcão e apoia o cotovelo na bancada, onde a mãe de Caio está trabalhando em seus doces incríveis.

— Ela até pode não estar namorando porque é recente, mas não quer dizer que não vá acontecer. — ela olha pra mim, do mesmo jeito que olhou quando coloquei a bunda no banco do carro.

Os surtos histéricos nos seguiram até ela estacionar o automóvel perto da casa de Cecília. Antes disso, Paola quis entrar no hospital e ir até a sala de Nicolas para abraçá-lo por tirar a ferrugem da minha boca. Essas foram as palavras que ela usou para frisar que eu não beijava ninguém há alguns meses.

A sorte é que consegui convencê-la a mudar de ideia. Minha amiga é a discrição em pessoa. Nem quero imaginar o que ela vai inventar se seguirmos adiante e chegarmos ao sexo. Paola vai pegar um megafone e sair espalhando pelas ruas da cidade que tiraram as teias de aranha da minha vagina.

— Se ele for esperto, não vai perder uma garota de ouro como você. — a mãe de Caio dá uma piscadinha, dando corda para os planejamentos apressados de Paola.

Faz dois dias que não nos vimos. Falamos pouco por *sms*, porque minha tia resolveu ficar de olho em cada menor passo que eu resolvo dar. A ameaça contida naquele bilhete continua nítida na minha cabeça, me fazendo lembrar que ela é esperta e cruel. Preciso tomar certas precauções se não quiser colocar tudo a perder.

— Os biscoitos estão prontos. — dona Eduarda tira a bandeja do forno, anunciando a saída dos biscoitos com gotas de chocolate que derretem na boca e fazem qualquer um revirar os olhos de prazer. Até quem não gosta de doces, não consegue resistir a esses biscoitos deliciosos.

A cadela de Caio começa a latir e abanar o rabo, esperando que alguém dê alguns farelos de comida para ela. O pote de ração está cheio, mas Fifi não é boba, e aproveita quando a casa está cheia de visitas para ganhar um aperitivo diferente.

— E por falar nisso, o Caio conheceu um pretendente, dona Eduarda. — aí está a vingança, fumegante como o chocolate que está dentro da

xícara. — Ele não te contou?

Sopro a fumaça, dando um sorriso de retribuição para meu amigo. Aqui se faz, aqui se paga.

— Nós só cantamos uma música no karaokê, tá legal? — Caio resmunga, pegando um dos biscoitos da forma. — Ele me passou o número do telefone e trocamos algumas mensagens, nada sério.

— E como você esconde isso da sua própria mãe, Caio? — ela empurra o ombro dele, o que nos faz rir. — Meu futuro genro está por aí e eu ainda nem pude oferecer uma fatia de torta de morango?

Uma vez inscrevemos dona Eduarda em um concurso de culinária e ela conquistou todos os jurados, levando o prêmio de primeiro lugar. Não teve uma única pessoa que não tivesse aprovado sua comida.

Caio tem o sonho de poder abrir uma confeitaria para ela, mas ainda está juntando dinheiro para isso. Já falei que quando acessar a minha herança, quero ajudá-lo a construir a loja, montar tudo o que for necessário para dar continuidade ao seu desejo de trazer alegria aos moradores daqui através das maravilhas que aquelas mãos produzem. Sem sombra de dúvidas, a melhor confeitaria de Ostala será a dela.

— Tenho certeza que assim que provar o que a senhora sabe preparar, ele vai querer namorar com o seu filho, dona Eduarda. — pisco, tentando irritá-lo. — Nada como ter uma sogra confeitadeira.

— Por que eu só sirvo para namorar graças à minha mãe ter mãos mágicas para a cozinha? — Caio mostra a língua, jogando a bolinha de Fifi em cima de mim e pegando a cadela no colo. — Tá vendo, Fifi? Alguém roubou o seu lugar de *fifi*. Temos uma fofoqueira cruel entre nós.

Caímos na gargalhada, incluindo a mãe de Caio, saboreando o sabor dos doces e da amizade sincera que compartilhamos. Talvez esteja na hora de produzirmos uma nova camiseta, com uma nova frase.

A vida pode ser um belo quadro, se você souber pintá-lo com o pouco que tem.



Paola fuça na lista telefônica para descobrir o número de telefone da mecânica onde Carlos Fonseca trabalha, bem como os horários de funcionamento da empresa. Por sorte, eles estão trabalhando, e nós vamos para lá em busca do homem que avaliou o carro depois de ter sido tirado do lago. O mecânico que fez a revisão dias antes do acidente garantiu que não havia nada de errado com o automóvel, mas conversar com o profissional que olhou o seu estado após o que houve é uma garantia preciosa. Só vou ficar um pouco *azul* depois de tirar a dúvida.

Confio na revisão do senhor Diogo, mas estamos falando da morte dos meus pais, por isso não posso deixar nenhuma ponta solta. A menor das pistas pode ser o suficiente para desvendarmos a causa do desastre que destruiu minha família.

— É aqui. — Paola diz, soltando o cinto de segurança. — Torça para o seu homem estar ali dentro.

— Ele não é o meu homem. — bato a porta do carro, puxando a bolsa.

— Ah, é verdade. — ela aperta o botão do alarme, coloca a mão na boca e faz uma expressão de espanto. — Esqueci que você tem uma queda por médicos, não por mecânicos.

Reviro os olhos e sorrio por causa da insistência de Paola, é impossível lutar contra sua cisma. A orelha de Nicolas deve estar quente de tanto que falaram dele durante a tarde.

Nos dirigimos para o interior da oficina, onde uma placa sugere que estamos na loja certa. Pneus, partes aleatórias de lataria, várias peças estão espalhadas pelo terreno grande.

— Mas eu não tenho nada contra. — Paola sussurra, de olho nos homens que estão agachados, olhando um carro amassado. — Estou falando dos mecânicos, você sabe. Eles podem me sujar com quanta graxa quiserem.

Cutuco o braço dela, chego próximo ao balcão e toco a sineta. Espero que alguém venha nos atender e que o mecânico que eu procuro esteja nas redondezas. Preciso falar com ele o quanto antes.

Demora para que alguém perceba que estamos esperando atendimento. Duas mulheres no meio de vários homens sujos de graxa, e ainda assim

não puderam notar a nossa presença. Uau, que maravilha.

Paola, com sua agressividade natural, começa a tocar a sineta uma vez atrás da outra, até que um homem gigantesco para em nossa frente. Ele é grande mesmo, meio assustador.

— O que as donzelas querem? — ele parece estar gritando, mas é só o som da sua grosseria sendo expelida para fora. — Aqui não vendemos maquiagem. A loja da esquina é que tem os itens que as garotinhas estão procurando.

O machismo escroto está gritando nos gestos e na forma como ele atende a duas possíveis clientes, que independente de serem mulheres ou homens, merecem um tratamento digno e de respeito.

Levanto um dedo para respondê-lo, mas Paola me empurra para trás e não deixa barato.

— Você conhece tão bem essa loja, que deveria ir até lá e comprar alguns produtos para melhorar essa cara de babaca. — os mecânicos que estão trabalhando, param para rir do que ela disse, tirando sarro do colega que está sendo atacado. — E tem mais, nós queremos falar com Carlos Fonseca. Espero muito que não seja você, porque se for, a polícia seleciona muito mal seus profissionais.

O mecânico fica com o rosto vermelho, explodindo de raiva, mas é impedido por alguém que o puxa para o lado antes que ele demonstre sua falta de educação pela segunda vez.

— Ei, ei. O que está acontecendo aqui?

O homem, além de ser mais baixo do que o outro, está mais limpo que o restante dos funcionários. Deve trabalhar no escritório, pois não veste a mesma roupa que os colegas de serviço, nem tem as unhas parcialmente pretas. É o único a estar com as mãos higienizadas.

— O que aconteceu é que o seu funcionário é um machista idiota, e não nos atendeu direito só por sermos mulheres. É um absurdo!

Paola odeia homens machistas mais do que odeia cebolas empanadas, portanto resmunga até que o atendente que entreviu, espante o mecânico estúpido da recepção.

— Sinto muito pelo comportamento do Ruan. — ele fala, se desculpando. — No que posso ajudá-las?

— Precisamos falar com Carlos Fonseca. — agora eu é que falo, torcendo para que Paola se recomponha e possa se acalmar. — É importante.

— Então é comigo mesmo.

A resposta vem rápida, mas eu pisco sem entender. No arquivo sobre o acidente está escrito que Carlos Fonseca é o mecânico que averiguou o carro. Embora tenha se passado alguns anos, a pessoa que está se identificando por esse nome não parece ser um mecânico ativo.

— Você trabalhou em um caso junto com a polícia já faz doze anos, mas deve lembrar dele porque foi muito comentado na cidade. — digo, sem rodeios. — A família que sofreu um acidente e caiu no lago. Eu *preciso* saber o que você lembra.

— Trabalhei em alguns casos para a polícia, e como faz tanto tempo, não vou lembrar dos detalhes. — ele dá de ombros, sem qualquer interesse na conversa. — Se o caso já foi visto, então o que está no arquivo é o que foi analisado.

Franzo a testa, segurando as impressões que Paola fez das fotos que tirou na delegacia. Na declaração de Carlos, o carro estava em perfeitas condições para uso, e nada podia ser alegado sobre falhas mecânicas.

— Hum, não pude deixar de reparar que você não está... com a mão na massa. Ou graxa, que seja. — falo, rindo sem jeito, apontando para suas mãos. — Por quê?

— Depois de muitos anos de caça, tem uma hora que você precisa ser o caçador também. — ele brinca, mexendo na calculadora. — Administrar o negócio é melhor do que estar mexendo diretamente com ele. Prefiro estar por fora.

Paola fica quieta, analisando o comportamento do precoce mecânico aposentado. Admito que é estranho vê-lo fora das funções, porque quando alguém ama o que faz, dificilmente deixa de fazer porque é mais fácil estar em outro cargo.

— Então, não tem mais nada pra declarar?

Por favor, fale alguma coisa. Qualquer coisa.

Eu só preciso de um motivo para seguir em frente. Quando achar uma verdade por trás dos fatos, aí vou poder deitar a cabeça no travesseiro e dormir sem ter sonhos ruins.

— Como eu disse, está tudo na descrição da perícia.

Insisto mais um pouco, colocando as folhas em cima do balcão. Pode ser que ele lembre de alguma informação dita entre os policiais, comentários que fizeram naquela época, uma dica sobre o outro condutor.

— Nem se eu te mostrar os documentos? É que aqui tem umas fotos...

— Olha, garota, eu sinto muito. Sério. — ele corta a minha chance de falar, e empurra as folhas para o chão com hostilidade. — Mas eu não quero pensar nessas merdas de investigações, porque eu tô de saco cheio disso. Já falei tudo o que tinha pra falar, agora saiam daqui antes que eu peça para que os meus rapazes levem-nas para fora.

Paola tenta ir para cima e enchê-lo de desaforos, da mesma forma que fez com o outro mecânico, mas eu a impeço de maltratá-lo por ele querer manter sua privacidade. Carlos tem direito de não querer ser interrogado, afinal de contas, nem somos policiais.

Ajoelho, catando folha por folha, tentando manter a cabeça erguida e as lágrimas longe dos meus olhos. O esforço só funciona até chegarmos no carro de Paola. Assim que ela dá a partida no veículo, acelerando para longe daquela oficina, eu desabo e deixo que o choro leve consigo a angústia de ter voltado à estaca zero.



Três narcisos secos.

Três narcisos novos em um buquê.

Várias pétalas envelhecidas boiando no lago.

Nada com o qual eu não esteja acostumada. O ritual de sexta-feira se repete por tantas vezes, que não lembro o número em que chegamos. Paola está dentro do carro, conforme pedi para que ficasse. Ela sempre insiste em vir junto, apesar de eu negar sua companhia o quanto posso. Adoro minha amiga, mas preciso de privacidade para desabafar na frente das centenas de litros de água que abrigam os restos mortais dos meus pais.

Ir ao cinema na companhia de amigos é bacana. Dá para rir, comer pipoca, beber refrigerante e concluir que a ficção é maravilhosa. Tantas histórias com finais felizes acabam servindo de inspiração para encarar a dura vida real.

Ir a um cemitério com amigos é uma experiência, no mínimo, sufocante. Não estamos em um cemitério de verdade, com lápides, velas, e fotos presas no mármore. Nada de memoriais com frases emocionantes também.

Ainda assim, é o meu cemitério.

Os narcisos amarelos representam todas as possibilidades que me foram roubadas de demonstrar o quanto sinto saudades. Nem mesmo o meu luto é parecido com o de outros parentes que perdem aqueles que amam. A maioria tem a chance de prestar uma homenagem, enquanto eu só tenho os narcisos para dar a um maldito lago inanimado.

— Oi, de novo. — sento no chão de barro, na beirada do lago. — Ainda não consegui achar uma resposta precisa, mas não pensem que eu desisti. Vou achar a resposta por nós.

Jogo o buquê com as três flores, vendo elas darem uma cor mais interessante para a água escura. O amarelo é bem melhor do que o preto.

Coloco a mão dentro do lago, mexendo o braço para lá e para cá, fazendo com que os dedos saiam e entrem na água de novo. A temperatura é muito fria, e eu sei que é praticamente impossível resistir a tantos minutos diante às condições graves como as que eu passei sem ter uma hipotermia. Fora a temperatura da água, outro fato é a temperatura do ar. Em maio costumam acontecer as primeiras aparições de massa fria na atmosfera, pois em junho se dá início ao inverno.

Tudo indica que eu sobrevivi por alguma razão especial. A justiça precisa ser feita, e só eu posso garantir que ela vai ser cumprida.

— A Paola está tentando me ajudar. Infelizmente, a Patrícia faleceu na semana passada. — digo, pegando algumas das pétalas secas. — Vai ser um pouco difícil pra ela, mas vocês sabem o quanto a Paola é durona.

Viro o pescoço para olhá-la em seu automóvel. Paola está batendo os dedos no volante, sem tirar os olhos de cima de mim.

— E, bem, eu conheci um rapaz. Ele é médico. — volto a olhar para a água, como se pudesse olhar para as feições deles. — Nicolas, o nome dele. Eu sei que não deveria arrumar uma distração, porque isso atrasa a investigação, só que eu gosto dele. Vocês também iam gostar.

Paro para pensar, e realmente chego à conclusão de que meus pais adorariam conhecê-lo. Nicolas é um homem íntegro, que também perdeu muitas coisas e nem por isso se deixou levar pela tristeza. Pelo contrário, ele é *laranja* com frequência.

Um pouco *rosa* também.

Sorrio, esfarelando as pétalas. Gosto de imaginar quais perguntas meu pai iria fazer ao termos conversas assim. A primeira não seria diferente de "filha, de que cores você se sente ao lado dele?".

Ele ficaria satisfeito quando me ouvisse dizer que não sei de que cores eu sou feita quando estou com Nicolas. O amor não é feito de apenas uma cor. É composto por todas.

Se há alguma chance de eu vir a amá-lo algum dia, é bom que eu esteja no caminho certo. As cores indicam que, pelo visto, estou sim.

Levanto, reparando na estrada e na barreira de concreto que foi construída após a *tragédia*. Meu corpo inteiro dói ao vê-la. Muitas das prevenções costumam ser tomadas apenas depois do estrago estar feito. Não adianta mais, pelo menos não para nós, que fomos as cobaias a despencarem ali.

Sem contar os narcisos novos e os resquícios das flores de semana passada, não há nada que indique que uma família está enterrada no meio dessas águas. Não é justo, é inaceitável.

Arranco uma folha do meu caderno, pego a caneta e escrevo algumas palavras. Rabisco linhas em redor do que escrevi, desenhando uma placa. Não tenho onde fixar o papel, porque não há um túmulo, somente barro, vegetação, e um lago aparentemente inofensivo.

Pego duas pedras e as coloco sobre as pontas do papel, deixando ele preso da forma que consigo. Ainda não é o suficiente, mas por enquanto, eu aceito que é o melhor a ser feito.

É o mais próximo a um memorial que posso oferecer a eles. Quem quer que seja, se vir o papel, saberá que alguém se importa.

Aos pais amorosos, obrigada por me incentivarem a amar as cores.



Cecília desaparece na sexta-feira à noite e diz que vai voltar no domingo, conforme de costume. Desde que ela ache que estou obedecendo às ordens, a tia megera que existe nela não faz questão de aparecer para dar sermões ou fazer novas ameaças.

Aproveito o final de semana para ler os bilhetes que saíram ilesos da fúria de Cecília. O mural do crime foi destruído, porém os bilhetes não sofreram o mesmo ataque.

Vou ficar sozinha em casa no primeiro sábado em meses. Caio arrumou um casamento para ir, e Paola precisou ir visitar um tio para ver

o testamento de Patrícia. Aparentemente, existe um terreno que foi guardado para Paola, imóvel que ela nem tinha noção que pudesse existir, então ela viajou para acertar as pendências.

Preparo um macarrão instantâneo, porque é o jantar mais rápido que me vem à mente. Aglomero os bilhetes e coloco todos dentro de um prato, colando um por vez no edredom que está em cima das minhas pernas, conforme os leio em voz alta.

— O acidente aconteceu por volta das oito e meia da noite. — enfio a colher na boca, engolindo a sopa. — Olha só, que maravilha. Agora é exatamente... oito e vinte.

Olho para meu celular para conferir o horário, só que não é nisso que eu presto muita atenção. Um certo médico abusado enviou uma mensagem faz cinco minutos.

Nicolas: Mais karaokê hoje?

Como o restante do macarrão enquanto penso no que responder.

Eu: Quem dera. Hoje tenho dever de casa pra fazer.

Não estou mentindo. A investigação é o meu dever de casa, quando o dever de casa da *faculdade* não existe. Desde o último trabalho vergonhoso, não tivemos mais nenhum projeto para entregar.

Nicolas: Ah, que pena.

É, uma pena. Pena que as coisas sejam do jeito que são. Não é porque tia Cecília não está ocupando o posto de cão de guarda, que vou dar uma brecha. Odeio admitir que estou com saudades de Nicolas, assim como odeio ter convicção de que minha atitude é burra, mas correta.

Eu não respondo a última mensagem, e volto para os bilhetes na cama. Lê-los assim parece mais mórbido do que olhá-los na parede.

— A família estava voltando de um bairro não muito distante, onde aconteceu a exibição das pinturas da filha. — colo esse também. — Uau, quanta informação exclusiva, Betina.

Balanço a cabeça, colocando o dedo no próximo bilhete. A campainha toca, porém finjo que não escuto e leio a próxima anotação.

— A polícia deu seu parecer sobre o caso após duas semanas da confirmação do óbito do casal. Fizeram buscas no lago por vários dias.

A campainha volta a tocar, e eu ranjo os dentes de tédio. Cecília tem as chaves de casa e com certeza está tentando testar se eu abro a porta para estranhos.

Não vai rolar. Ela vai ficar lá plantada o quanto quiser. A culpa é totalmente dela por mentir dizendo que voltaria só amanhã, quando já está tentando me azucrinar no sábado. Sou inocente e não vou dar o braço a torcer.

— Não há provas de que outro condutor tenha causado o acidente, visto que não houve colisão.

A interrupção do lado de fora de casa não para. Batidas na porta, o som da campainha, tanto barulho começa a contaminar meu raciocínio, que salto para fora da cama, bufando sem parar. Ela só pode estar de brincadeira, é uma piada ridícula.

— O que você quer? — grito do lado de dentro, ainda convencida de que Cecília quer ver se eu deixo as pessoas entrarem no seu maravilhoso lar.

— Te ajudar com o dever de casa, serve?

Quase caio dura para trás ao ouvir a voz de Nicolas. Não é minha tia que está tentando entrar, é um cara maluco que não sabe que surpresas nem sempre podem ser uma boa solução.

Abro uma pequena brecha da porta, sem deixá-lo entrar, esperando arrumar uma desculpa que o faça ir embora.

— Não vai dar, Nicolas. A Cecília não está em casa.

— Melhor ainda. — nem estou vendo seu rosto, mas sei que ele está sorrindo. — Vamos começar de novo com a velha história da sua tia?

Achei que a gente já tivesse passado por essa fase.

— A história não terminou para que a gente comece de novo. — disparo, ainda com a porta praticamente fechada. — Você não vai embora mesmo, né?

Bufo, quase me dando por vencida. Nicolas é insistente e a vontade de vê-lo é um acréscimo a mais para que eu comece a ceder à insanidade. Colocá-lo dentro da casa de Cecília sem que ela esteja aqui não significa que a passagem está liberada. Apenas significa que eu pirei.

— Eu não pretendo ir embora. Se for preciso, vou sentar, cruzar os braços, e ficar na frente da porta a noite inteira. — Nicolas alerta. — Congelado como uma estátua. E se não fosse o bastante ter que congelar na rua, eu trouxe chocolates, e vou ter que comer cada um dos bombons até minha glicemia ir parar nas alturas...

— Você disse chocolate? — puxo a porta sem raciocinar, simplesmente domada pela última palavra. — Eu te odeio por jogar sujo.

Nicolas sorri com satisfação. Estica a caixa de bombons, sem tirar o maldito sorriso dos lábios, tendo uma carta na manga. Pareço ter cinco anos, agindo como uma garotinha que é facilmente influenciada por uma caixa de bombons.

— Ah, eu disse. Chocolate de todos os sabores, mas não os sabores estranhos que você inventa, que fique claro. — ele frisa, aproveitando para debochar sobre o gosto horrendo das pizzas que comeu há algumas semanas por minha causa. — Espero que goste mais de chocolates do que de narcisos?

Ele repete a pergunta que fez na primeira vez em que estive nesta casa, e em vez de eu ficar mais irritada do que estava antes de encontrá-lo parado na minha porta, eu fico feliz. Apesar de arriscado, não posso permitir que ele seja enxotado depois de me comprar bombons e aparecer às oito da noite pensando em me oferecer companhia.

— Eu prefiro muito mais os chocolates. — tento sugar os lábios para evitar que um sorriso bobo tome conta do meu rosto. — Entra, eu estava olhando algumas informações sobre o acidente, mas posso deixar isso para amanhã, porque é óbvio que você não vai querer passar o resto da

noite de sábado escutando sobre a morte de pessoas que nem sequer conheceu.

Nicolas bate a porta ao passar, deixando a caixa de bombons em cima da mesa, as mãos dentro do bolso. Ele me olha, eu o olho, e nós agimos como se fôssemos mais estranhos do que naquele dia em que nos conhecemos no estágio.

O segundo encontro após o primeiro beijo é o mais constrangedor. Não somos amigos. Não somos namorados. Não temos nenhum título.

Começo a me arrepender por não ter esmagado os dedos dele na porta, impedindo-o de querer mesmo entrar.

— Eu posso te ajudar a... olhar os papéis. — Nicolas diz, meio tímido, indicando para o meu quarto. — Talvez eu consiga ser útil.

Amaldiçoo os meus pensamentos pecaminosos por verem uma malícia infundada na fala doce de Nicolas. Não duvido que ele possa ser útil em diversas tarefas. Não duvido mesmo. Mas está bem claro que agora ele só quer ser útil na cama para ajudar na resolução do caso, não para me satisfazer sexualmente.

Minhas bochechas ficam quentes e vermelhas. Preciso disfarçar a vergonha cometendo atos mais vergonhosos do que os anteriores. Furto a caixa de chocolates, corro em disparada para o meu quarto, e pulo no colchão agarrada à caixa da felicidade instantânea.

Ninguém fica triste comendo chocolate.

— Você é uma péssima ladra. — Nicolas senta na cama, tranquilamente. — E também é uma péssima corredora. Seus pés balançam de um jeito estranho quando você corre.

— Mentira! Eles não balançam, nem nada disso!

— Brincadeira. O jeito que você corre é bem bonitinho. — ele ri, catando um dos bilhetes presos ao edredom. — Caramba, você está decidida a ir em frente com esse lance da investigação particular. Até que gosto da sua persistência.

— Não vou desistir. — confirmo, abrindo a tampa da caixa. — Eu saí daquele lago viva e vou provar que o meu pai não estava embriagado. Que

ele não havia se distraído no meio do caminho. Que a culpa não foi dele, não foi nossa.

— Eu faria o mesmo que você, se estivesse no seu lugar, por isso não te julgo.

Os bombons não parecem ser muito diferentes, então eu pego qualquer um deles. Coloco a caixa no meio da cama, e Nicolas também escolhe um bombom aleatório.

— No fundo eu acho que todo mundo faria o mesmo. Muitos não admitem, mas acabariam lutando da mesma forma como eu luto.

Dou de ombros, mordendo o chocolate. Paola por muito tempo criticou o meu comportamento, mas ao perder a mãe, percebeu o quanto o luto por si só já não é fácil. A sensação de impotência e falta de justiça são ainda mais difíceis de suportar.

— Você realmente ficou todos aqueles minutos dentro do lago? — Nicolas pergunta, com o bilhete que fala sobre isso entre os dedos. — É praticamente impossível.

— Pois é. — dou um sorriso sem graça. — Todos disseram isso. É meio estranho saber que uma garota de oito anos conseguiu suportar, mas meus pais que eram adultos, não.

— Cada corpo tem o seu próprio sistema, Betina. Não é tão simples como parece. — ele cola o bilhete onde estava. — Como te encontraram lá? Aquele trecho perto do lago não tem muita visibilidade. Menos ainda do que está fora da estrada, e dentro da água.

— Também acho meio estranho, já que eu vou até o lago todas as sextas-feiras e mesmo durante o dia não dá para ter uma visão muito ampla daquele lugar. — mordo outro bombom, aproveitando que são saborosos de verdade. — No arquivo disseram que alguém passou por lá e notou que tinha uma menina boiando. Mantiveram o nome em anonimato, porque a pessoa não quis se identificar.

— Então quer dizer que você não sabe quem te resgatou?

— Não, não sei. — confirmo. — E para ser sincera, nem sei se isso importa. As atitudes não devem ser lembradas pelo rosto de quem as fez, e sim pelas próprias atitudes. Alguém me salvou, é tudo o que importa.

Nicolas balança a cabeça, aparentemente concordando com o que eu digo.

— O mural não se parece muito com aquele que eu vi. — ele muda de assunto, apontando para o mural *rabiscado* do crime. — Descontou a raiva nas canetas fluorescentes?

— É. — minto, não querendo falar sobre o assunto. — Até as canetas têm medo de mim.

— Eu não tenho. — Nicolas engata a resposta logo em seguida, sem ao menos dar tempo para que eu absorva a sua intenção de resgatar um clima romântico.

— Deveria ter. — franzo a testa, pego um dos bilhetes e pulo para colar o bilhete na bochecha de Nicolas. — Eu sou assustadoramente pegajosa!

Nicolas começa a gargalhar, enquanto corremos em redor da cama, até que ele me alcança com suas mãos grandes. O quarto é pequeno e Nicolas é rápido, sendo o azar todo meu. Ou sorte, depende da perspectiva pela qual se vê.

Quem sabe estar coberta pelos braços dele não deva ser considerado tanto azar assim. Sou um pouquinho sortuda.

— Obrigada por se oferecer e tentar ajudar, você sabe, com o caso. Eu nem sei como posso agradecer pelo apoio.

— Aí que tá, não precisa agradecer, não quero que faça isso. — o dedo de Nicolas passeia pelo meu rosto, com tanto carinho que chego a fechar os olhos. O toque é delicioso. — Nós vamos descobrir o que aconteceu, custe o que custar. Se houver um culpado, nós vamos achá-lo. Nós vamos garantir que ele assuma e pague pelo que fez. Nós vamos, eu juro pra você, até o fim disso.



Acordo com a luz azulada da lanterna do celular mirada nos meus olhos. Devo ter encostado na tela enquanto dormia, o que acontece com certa frequência, já que o aparelho fica ao lado do meu travesseiro. Caio insiste em falar que eu sou maluca, que celulares podem explodir, quando ele nem faz ideia de que eu corro mais risco só por estar com a Cecília, do que por conta de um aparelho telefônico.

Até um ataque de celulares explosivos não parece tão cruel quanto viver sob o teto da minha tia.

Estico os braços, e ao rolar pelo colchão, sinto um corpo quente do meu lado. Normalmente eu gritaria, mas para ter certeza de que eu não estou sonhando, miro a lanterna para o rosto de quem está na cama.

Cabelo castanho com reflexos loiros: checado. Boca atraente e carnuda: checado. Sono profundo e tranquilo: merda, checado.

O cansaço me fez pegar no sono, e Nicolas adormeceu sem que eu pudesse notar, porque àquela altura eu já estava em um planeta distante nos meus sonhos. Estávamos falando sobre o caso, e de repente, eu apaguei. Sei que não há mal algum em duas pessoas dormirem juntas, mas se tratando da casa da minha tia infeliz, qualquer cena banal pode gerar uma guerra.

Cutuco o braço dele, sem querer ser estúpida, mas precisando ser direta. São cinco e cinquenta e ainda está escuro lá fora, porém quase amanhecendo.

Quero me socar por tanto descuido. Cecília costuma voltar no domingo à noite, assim ela aproveita o dia com o Manuel. O problema é que ela desconfia de mim o quanto pode e até quando não deve. Não é impossível que ela mude os planos para flagrar algum erro que possa me trazer um castigo.

Nicolas não se move, seus lábios estão entreabertos e estou tentada a parar de cutucá-lo para beijar sua boca. Ele está mais *azul* do que nunca.

— Nicolas, acorda.

Passo a sacolejá-lo, pois as cutucadas não adiantam. Começo a entrar em desespero, imaginando a Cecília passando pela porta, ligando o seu maldito detector de desconfiança, e querendo entrar no meu quarto para ver se está tudo bem.

— Já amanheceu? — ele pergunta, os olhos meio fechados, sem se mover para ir embora daqui.

— Não. — puxo a mão dele, pensando se devo arrastá-lo à força. — Como você pôde dormir? Precisa ir embora, tipo, agora!

— Você dormiu, eu dormi, lógica simples. — Nicolas boceja, puxando minha mão e o meu corpo para cima dele. — Aliás, você ronca e não é fofo, parece um trator. Um corpo tão pequeno não deveria produzir sons tão altos.

— Eu não ronco!

Faço uma careta. Suas mãos estão segurando minha cintura, eu estou esparramada no peito dele, e é difícil achar ruim ao ponto de fazer cara feia pra ele.

— Ronca bastante. Até treme a boca e praticamente assovia no meio do ronco. — ele franze o nariz durante a risada. — Mas eu vou ser legal e dizer que é fofo à sua maneira.

Soco o peito dele por causa do comentário debochado. Ele resmunga, mas não para de rir.

— Eu adoraria saber mais detalhes sobre o meu ronco, mas você precisa ir pra casa. Cecília vai me matar se te vir aqui de novo. — entro na onda para ser sarcástica, ao mesmo tempo em que jogo a real. — A não ser que queira que eu morra, por favor, vá embora.

Nicolas coça a cabeça, pensando no que eu estou dizendo. Não sei se ele acredita, e entendo se ele achar que é uma desculpa ou uma mentira esfarrapada. Qualquer garota ia adorar que ele estivesse em sua cama, enquanto eu estou prestes a chutá-lo para longe dela.

— Tá certo. Eu vou, com uma condição.

Lá vem. Condições também são perigosas, assim como as surpresas. Não gosto de nenhuma das duas.

— O que você quer?

Não vejo muito além do que pequenos vislumbres de Nicolas, mas sinto com mais intensidade do que a luz me permitiria a sentir. Ele não diz nada. Encaixa os dedos na minha nuca, subindo um pouco até meu cabelo bagunçado e leva minha cabeça aonde ele quer que ela esteja. Seu nariz esbarra no meu, mas o que importa é que sua boca não demora a achar os meus lábios sedentos pelo seu beijo.

O hálito matinal não incomoda nem a ele, nem a mim. O seu gosto continua sendo especial, porque a forma como ele me encaixa nos seus braços e toma minha boca para si é tudo o que importa.

O beijo, que deveria ser breve, vira dois, vira cinco, vira dez beijos e continua contando. Preciso tirar uma força de vontade gigante de dentro do meu cérebro tomado pela emoção, para impedir que o décimo quarto beijo não se torne um décimo quinto.

— A Cecília não pode te encontrar aqui.

Repito o que havia dito com pavor evidente na voz, e sei que Nicolas consegue sentir o medo saltando da frase, porque eu sinto esse receio. Então, ele mexe o pescoço, concorda e sai da cama sem relutar mais. Quero contar a ele que a situação é complicada demais para que ele se envolva sem se machucar. Aí eu lembro que nem isso eu posso contar.

— Se um dia tiver confiança em mim, você vai poder contar?

A pergunta que Nicolas faz me pega desprevenida. Preciso começar a me acostumar com a sua mania de não poupar o que pensa. Ele é perceptivo, portanto pôde notar que existe algo errado acontecendo dentro desta casa.

Detesto promessas, mas gesticulo com a cabeça, pois eu realmente espero poder contar algum dia.

Ele toca no meu rosto com as pontas dos dedos, depois se aproxima e beija meu nariz. O arrepio que atravessou o meu corpo quando a boca

dele beijou a minha se parece com o mesmo arrepio que sinto agora. Em anos eu não provei de tanto *vermelho* quanto estou tendo oportunidade de provar por causa de Nicolas.

— Obrigado.

É a última coisa que ele diz. Engulo em seco ao vê-lo se afastar e só virar para olhar em minha direção quando está prestes a sumir de vista. Diferente do que imaginei, fico aliviada ao ver um sorriso surgindo lentamente nos lábios de Nicolas, pois eu não gostaria de chateá-lo.

Sigo até a porta para vê-lo caminhando até seu carro. Encosto as mãos na madeira, observando quando o motor dá sinal, os faróis acendem, e Nicolas liga a seta para a esquerda.

Tranco a fechadura ao observar a rua vazia e volto para o meu quarto, com um misto de emoções vagando na minha cabeça. Mais bilhetes foram acrescentados com a letra de Nicolas, espalhados pelo edredom. Apesar de ser um médico, sua caligrafia é muito bonita.

A cama está coberta de bilhetes novos, o suficiente para cobrir o mural do crime apenas com os bilhetes. Estou tão animada, que é o que eu faço, agarro as anotações e as colo em cima dos rabiscos feitos por Cecília.

Demoro uns dez minutos para prender todos os bilhetes coloridos e mais alguns minutos para observar o resultado.

Nada mal.

Troco de roupa e decido voltar a dormir até mais tarde, já que é domingo e mereço uma folga. Abraço o edredom e quando sinto o cheiro, sorrio de novo.

O perfume de Nicolas está impregnado na minha roupa de cama. Há uma possibilidade de eu cheirar tanto o tecido que daqui poucas horas não vai existir cheiro algum.

Meu telefone vibra, alertando sobre uma mensagem recebida. É possível sorrir tanto que parece que sua boca vai rasgar a qualquer minuto, porque ela está esticada além do permitido? É admissível sentir os pés nas nuvens, quando você nem saiu do chão?

Nicolas: Eu me sinto de todas as cores Quando estou perto de você E
não há nada que possa mudar A minha forma de te olhar



Às duas da tarde eu caminho como um zumbi morto de fome, marchando para a cozinha. Meu cabelo está mais parecendo um ninho de pássaros do que um cabelo, penteado que combina com o meu pijama infantil. Sem contar que pijamas assim são confortáveis, as estampas de animais fofos são as minhas favoritas.

Não tenho a menor ideia do que preparar para almoçar. Vou ter que olhar a geladeira e ver se sobrou algum alimento comestível ou algo que possa ser preparado sem muitas etapas.

— Bom dia, bela adormecida.

Paraliso ao vê-la sentada na cadeira, bebendo uma cerveja, com uma tranquilidade surreal. Manuel está mexendo uma colher dentro da panela e acena para mim de onde está, encostado no fogão.

Abraço o meu corpo, envergonhada por estar de pijama na frente dos dois. A casa estava tão silenciosa, que pensei que ela não havia voltado para cá. Menos ainda que traria Manuel com ela.

Desde o último encontro em que rasgaram os papéis que eu levaria para o advogado, ele estava fazendo um favor ao me poupar de sua presença asquerosa.

Perco a fome instantaneamente. Não consigo olhar para os dois sem sentir náuseas. Por causa disso, decido que é melhor voltar para o quarto, afinal, lá eu estou a salvo.

Dou meia volta em silêncio, quando Cecília tem o desprazer de me chamar, usando de toda sua autoridade.

— Você vai sentar para almoçar conosco. Como uma família feliz.

Ela não está pedindo, está exigindo. Quase me belisco para ver se é verdade que a hipocrisia da minha tia vai longe ao ponto de supor que podemos ser uma família. Nem com todo o sarcasmo existente, jamais seria uma possibilidade plausível.

— Não estou com fome.

Minto, me recusando a olhar para trás e ver sua expressão sem cor. Graças a Nicolas eu estou conhecendo o sentido de várias cores que ela nunca vai ter a chance de conhecer, portanto não quero borrá-las com a sujeira de Cecília.

— Eu disse que você vai sentar. — ela repete, com hostilidade. — Então, sente.

Deixo-a falando sozinha, e continuo andando, decidida a ter o próprio controle do que eu quero ou não fazer por ela. Antes que eu possa fechar a porta do meu quarto, Cecília agarra o meu braço e me arrasta como se fosse um saco de farinha.

— Quem você acha que é, para ter a ousadia de me desafiar desse jeito? Estúpida! — suas mãos estão apertando o meu braço com força semelhante à que Manuel usou em outra ocasião. — Você vai sentar na porra da cadeira, ou os seus amigos vão conhecer os meus amigos.

Manuel é a prova de que as amizades de minha tia são medíocres como ela. Paro de relutar por causa da ameaça que volta a zunir à minha volta. Embora eu tente, não posso lutar contra Cecília.

Ela empurra meu ombro, fazendo com que eu sente de qualquer jeito na cadeira. Não digo mais uma palavra sequer. Trêmula e humilhada, fico estática, com medo até de respirar.

Nunca sei até onde Cecília pode ir.

Nunca sei se vou estar viva no dia seguinte. Não enquanto estiver sob o teto dela.

— Agora o Manuel vai trazer um almoço delicioso, preparado pelas mãos fortes que você já teve o prazer de conhecer, não é, vadia? — ela sussurra. — Você ficou excitada no dia em que ele a viu só de toalha?

Não acredito no que estou ouvindo. Cecília é psicótica, é a única explicação. Como ela pode cogitar que eu gostei da violência a qual fui exposta?

— Ou você só fica excitada por aquele médico que insiste em vir na minha casa?

Olho para baixo, respirando com dificuldade. Ela descobriu que Nicolas esteve aqui de novo. Sabendo que ela não poupa atos de pura crueldade, o medo toma uma proporção indescritível.

— Achou mesmo que eu não ia ficar sabendo? — Cecília bebe um gole da cerveja, agindo como se o bate-papo fosse de seu agrado. — Vocês transaram bastante?

Não consigo articular nenhum som. Ela continua falando, perguntando, insistindo, e quero gritar para que ela pare de falar. Não aguento ouvir sua voz, olhar para seu rosto, tendo que admitir para mim mesma que eu tenho parte do mesmo sangue que ela, correndo nas minhas veias.

— Responde! — Cecília bate a mão na mesa, gritando como de costume. A vizinhança inteira pode ouvi-la, e ainda assim, não fazem nada. — Ou sua boca não serve para falar, e sim para fazer boquete nos machos que encontra por aí?

Pisco, uma lágrima sai escorrendo pela bochecha. Não aguento a pressão, a dor emocional, a vontade de evaporar para quilômetros de distância da mulher que em vez de ceder proteção, destrói a fé que existe em mim.

— Não. — sussurro, destacadada demais para falar em alto e bom som.

— Não transaram? — ela ri, adorando o rumo da conversa.

— Não. — digo, olhando para baixo, inventando uma história que pareça convincente o bastante para ela me deixar em paz. — Foi tudo uma aposta. Ele queria provar que podia me levar para a cama, mas não queria nada comigo, nem mesmo uma transa. Ele me dispensou hoje.

Cecília bate palmas, gargalhando com vontade. Bebe mais um gole grande da bebida, terminando a garrafa que estava cheia.

Durante a vida inteira eu tive que inventar histórias para enrolá-la, então é uma prática que flui naturalmente. Ainda assim, dói ter que viver nessas circunstâncias precárias.

— Eu te avisei várias vezes, você não pode ser amada por ninguém. Pare de se iludir, Betina.

Ela se apoia na mesa, convicta do que está dizendo.

— O que eu fiz para que me odeie tanto? — a pergunta vem em uma péssima hora, mas eu a faço. — Não sei porque odeia sua própria sobrinha.

— Você existe. Isso é o que você fez.

Seus olhos frios carregam um ódio que não faz sentido nenhum. Embora tenha respondido, continuo sem entender o porquê de tanta raiva, o real motivo para desejar que eu sofra.

Fico em silêncio, apertando meus dedos embaixo da mesa sem que ela veja.

— Agora que já conversamos, nós vamos comer, porque estamos com fome. — Cecília continua ditando as regras, achando que ainda sou a garota de oito anos que tirou do orfanato. — Pode se servir.

Manuel coloca o prato na minha frente, e dentro dele tem uma mistura de arroz, carnes que estavam dentro da geladeira, legumes murchos. Não estou com fome e não quero comer o que eles prepararam.

— Eu não vou almoçar. — nego, tentando manter a firmeza na voz. — Você não pode me obrigar a comer.

Ela sinaliza para que Manuel coloque os dedos imundos em cima de mim, embora eu lute contra isso. Assim que ele encosta sua mão no meu ombro, eu o empurro, impedindo que me toque contra a minha vontade.

O tapa acerta em cheio o meu rosto, na mesma hora. Manuel esbofeteia minha cabeça também, e só para quando Cecília o chama.

Eles vão me matar.

Eu estou morta.

— A vaca da sua sobrinha é um lixo. — Manuel urra, empurrando a cadeira. — Eu vou espancar essa vadia até ela se arrepender por ter nascido.

Meus braços estão cobrindo minha nuca, protegendo o que meu corpo pequeno consegue cobrir, e automaticamente evito ouvir a conversa entre eles e procuro minhas memórias felizes para substituírem as lembranças que estão sendo montadas pelos dois.

De repente, meu cabelo é puxado, fazendo com que meu pescoço seja forçado para trás. A luta contra as lágrimas é em vão, porque estou chorando e não consigo parar.

— Eu disse que você vai comer, garota ridícula. — Cecília aperta minhas bochechas, enquanto o namorado continua puxando o meu cabelo. A colher entra raspando pelos meus dentes. — Depois você vai lavar a louça, ir para o seu quarto, e ser a sobrinha que não atrapalha os meus planos nem desobedece às minhas ordens.

Ela continua enchendo minha boca de comida, e eu engulo sem mastigar, entre lágrimas e soluços. Rezo para que tudo acabe logo, que eles se cansem e me deixem sozinha.

Choro tanto, que não consigo ter controle dos meus pensamentos e das vontades. Agora eu sou uma marionete sendo manipulada por duas pessoas sem escrúpulos e isentas de compaixão.

Ouçó o som dos talheres batendo na louça. Ouçó Manuel batendo a porta, saindo pela entrada. Ouçó Cecília dizendo que as lições foram passadas. Ouçó ela falando que volta no final da noite. Ouçó o carro queimando o pneu ao sair com pressa da frente da residência. Ouçó meu coração diminuindo o ritmo das batidas. Ouçó tudo, até mesmo o som do meu cansaço e do orgulho ferido vindo à tona.



A caixa proibida é arremessada para longe do armário, chutada diversas vezes, odiada com o resto de força que me resta. Eu a jogo sem suportar olhá-la, já que não posso acreditar que exista um mundo onde amar as memórias seja uma tarefa fácil.

Durante um longo tempo eu choro pela dor das agressões, mas na maior parte do tempo, o meu choro é motivado pela tortura emocional.

O *preto* começa a se apoderar, e por mais que eu lute diariamente contra a cor que abomino, eu a sinto invadindo o meu espaço pouco a pouco.

Tiro as mãos do rosto e noto que através do impacto causado pela queda, a pequena caixa abriu, e tudo o que há dentro dela é esparramado no piso.

Meus olhos estão molhados pelas lágrimas e a visão continua embaçada, mas consigo ver as fotos, recortes, cartas e pequenos pedaços de papel. Um pouco continua no interior da caixa, enquanto o resto está solto no chão.

Nunca olhe para dentro.

Engatinho, chegando perto da caixa e do conteúdo que estava armazenando nela durante muitos anos. Pretendo queimar cada uma das lembranças, junto com o passado que é de onde elas pertencem, para onde elas devem ir.

Nunca olhe para dentro.

Começo a guardar as lembranças proibidas sem olhar para dentro delas, evitando que o meu sofrimento aumente ao pensar no que está perdido.

Nunca olhe para dentro. Não olhe.

A mensagem no fundo da caixa, escrita pela minha mãe, some antes que eu a veja, devido aos papéis que a cobrem rapidamente. Peço desculpas a ela, por não ser capaz de amar as memórias da forma como ensinou.

Seguro a caixa que está intacta, e estou tão machucada por dentro e por fora, ao ponto em que passo a odiá-la por não ter sofrido um arranhão sequer. Ela está inteira e eu estou com inveja de um objeto de madeira, por ser mais sólido do que eu mesma tenho sido. Pego a última lembrança, decidida a seguir em frente sem mais lembretes dolorosos, mas sem querer eu viro o papel.

Dou de cara com uma foto que eu nem lembrava que existia. Muitas das lembranças que estão dentro da caixa eu coloquei quando era criança, portanto, foram esquecidas com o passar dos anos. Enxugo o rosto, encarando a família sorridente da foto. A minha família.

Na fotografia, estamos em um parque de diversões. A memória é vaga, só que eu lembro de algumas cenas, principalmente do carrossel colorido. As luzes eram de cores diferentes, além dos mantos lindos sobre os cavalos.

Posamos em frente à roda gigante, só que parte do carrossel aparece no registro. Olhar para dentro dessa lembrança é bom, ao mesmo tempo em que é doloroso.

Nunca olhe para dentro, Betina.

Meus pais me abraçam, e definitivamente, somos *laranja* ali. Em contrapartida, eu não sei definir qual é a cor que está em mim nesse minuto.

Não paro de olhar para a foto, tentando encontrar aquela garotinha feliz que me encara, como se estivesse prestes a saltar daquele papel. Ela sorri com os olhos, com os braços erguidos e eufóricos. Minha mãe também está feliz, embora não esteja com os braços erguidos, como eu e meu pai estamos. Olho diretamente para seu olhar magnético, e ele faz com que eu sinta algo estranho, como se cobrasse uma reação.

É justo que a Betina da fotografia não seja a mesma Betina que está segurando a lembrança? Ou o passado é o único que deve ser feito de boas memórias?

— Não, não é justo. Não é justo. Não é justo. — sussurro entre lágrimas, apertando as pontas da foto. — Não é nem um pouco justo.

Levanto, abro a mochila da faculdade, e arranco uma folha do meu caderno. Puxo o zíper do estojo, pego um lápis e sento no chão ao lado da fotografia para a qual eu não deveria olhar, mas continuo olhando.

Despejo o que eu sinto na carta que começa a tomar forma, destinada às pessoas que me colocaram em um inferno sem ao menos pesar o que eu merecia. Não costumo desabafar através de palavras, mas já que não consigo contar ao mundo o que eu vivo, no mínimo, que eu possa escrever.

Vocês não sabem quem eu sou, apesar de já terem me visto e conhecerem parte da minha história. Vocês acham que fizeram o melhor por mim, quando na verdade, destruíram o que restava da felicidade que eu conhecia.

Talvez eu os culpe por terem optado por me colocar naquela casa, mas não é sobre isso que quero falar. O meu desabafo vem junto com um pedido. Um pedido por todos aqueles que sofrem abuso, violência, maus tratos das pessoas que deveriam amá-las.

Não sejam passivos. Não fechem os olhos. A violência está no meio de nós, dentro das casas, escondidas por trás dos sorrisos.

Minha tia me maltrata desde os nove anos de idade. Ela já me feriu de formas que nem mesmo os meus vizinhos acreditariam se eu falasse. Eu estou viva por pura sorte.

Ninguém deveria estar vivo por sorte.

Ninguém deveria viver sob condições assim.

Os meus pais estão mortos, mas hoje eu pude perceber que, embora não estejam aqui, eles não desejariam um fim tão incolor pra mim.

Muitas vezes eu quis fazer uma denúncia contra ela. O problema é que a justiça não ampara e protege àqueles que precisam de apoio.

Não posso arriscar que ela seja solta por fiança, por falta de provas, por não terem como admitir que eu estou falando a verdade. Ela é convincente, ela mesma já me fez acreditar que eu merecia estar recebendo uma punição.

Como posso confiar que ela não vai enganá-los também?

Se as pessoas sentissem segurança, procurariam ajuda. Gritariam. Pediriam por socorro.

Em vez disso, elas se trancam dentro de suas casas, presas com o inimigo. Elas olham para dentro e sabem que todo dia é o dia em que podem dar o último suspiro. Elas deveriam olhar para dentro e encontrar felicidade, em vez de desespero.

Sejam mais perceptivos. Sejam menos negligentes. Enquanto ficam de braços cruzados, uma pessoa pode estar sendo violentada.

Ontem eu fui.

Anteontem também.

Agora, eu acabei de ser.

Largo o lápis, percebendo o quanto tremi durante a escrita da confissão. A letra está irregular, tremida, violada da mesma forma que eu. Não está admirável, não está bem feita, mas dá para ser lida.

Um envelope velho e amassado está jogado dentro de um dos bolsos da mochila, e eu enfio a carta dentro dele, fechando-o com cola em bastão.

Meu raciocínio está meio lento, embora eu esteja com mil pensamentos passeando pelo cérebro. Arranco o pijama, deixando-o jogado no chão, pego a caixa proibida e a coloco em cima do armário, deixando a foto solta próxima ao abajur.

Visto a primeira roupa que encontro, a mais fácil de ser vestida, uma que não precise abotoar ou usar a habilidade das mãos. Desembaraço o cabelo com os dedos ainda trêmulos, faço um rabo de cavalo, deixando poucos fios soltos. Sigo até o banheiro e o reflexo no espelho mostra a bofetada no meu rosto, exigindo que eu roube umas gotas da base cara de Cecília pelo mesmo motivo das outras vezes.

Garotas passam maquiagem para sentirem-se mais bonitas. Eu passo maquiagem para esconder hematomas que me fazem sentir horrível.

Sinto o estômago embrulhado e não consigo pensar em nenhuma refeição depois do que houve, apenas preciso sair e sentir o ar fresco da rua.

Saio sem olhar para trás, sem pensar se Cecília vai voltar à noite ou daqui a cinco minutos, sem pensar no que vai acontecer depois e depois e depois. Os meus passos me levam para longe, trazendo o *verde* para perto de mim.

Domingo é um dia mais movimentado em Ostala do que nos outros dias, por incrível que pareça, as pessoas saem para passear no pior dia da semana. Uma mulher e uma criança passam do meu lado, cochicham e continuam andando. Um senhor está sentado no banco de uma pracinha, lendo seu jornal. Um grupo de jovens está bebendo, gargalhando, e quando passo por eles, escuto os comentários idiotas que saem de dentro da roda patética.

Seco uma lágrima com o dorso da mão, ignorando os burburinhos. Ergo o pescoço, com o queixo para o alto, olhando o céu azul e as nuvens brancas que parecem pintadas à mão.

Paro em determinados pontos da estrada para apreciar a natureza e encher os meus pensamentos com imagens bonitas, que não me levem diretamente para a cozinha de Cecília, os tapas, os apertos, os gritos que ficaram aprisionados em minha garganta machucada por pedidos de socorro que nunca aconteceram.

Chego em frente à delegacia após uns quarenta minutos de caminhada. Eu nunca estive tão próxima de fazer uma denúncia, mesmo que anônima, por isso estou apavorada.

Aperto o envelope, pego a caneta e escrevo a palavra *delegado* nele. Não faço a menor ideia se ele vai chegar a ler a carta, se vão jogá-la na lixeira achando que é besteira, mas acho que mereço ao menos uma tentativa. Nos olhos dos meus pais e nos meus próprios olhos de criança brilhando na fotografia, a justiça precisa ser feita, começando pelo responsável pelo acidente e terminando com as agressões de Cecília.

A caixa proibida me deu uma lembrança necessária para ir em frente e tirar o peso das frases que jamais saíram dos meus lábios. Assumo que está na hora de fazer isso.

O correio da delegacia é praticamente um grande baú, suficiente para caber cartas de um país inteiro. Será que recebem tantas correspondências ao ponto de precisarem de um compartimento tão grande?

Passo a mão na bochecha, sentindo o tapa atingindo o meu rosto, e escorrego a carta pela abertura em cima da caixa. Sequer penso ao soltá-la.

Não posso mais voltar atrás.

Felizmente, não posso.

Dezenas de vítimas enfrentam o mesmo que eu. Muitas são violentadas, feridas impiedosamente. Se a confissão servir para alertar e propiciar alguma mudança, já vou ficar feliz. Alguns passos de formigas são melhores do que nenhum avanço.



Não vou à aula na segunda, na terça, e na quarta eu também invento uma desculpa para ficar trancafiada no quarto. A maior refeição que eu como sem ter que pisar um dedo para fora do quarto, é mundialmente conhecida como biscoito recheado.

Cecília entra e sai de casa às vezes, tão silenciosa quanto uma bomba explodindo o que encontra em seu caminho. Ela pode fazer os barulhos que quiser, destruir os móveis e tudo o que bem entender. Não dou bola. Não vou me importar. Oficialmente, não há nada a respeito dela que eu queira saber.

Meu celular apita em sua vigésima tentativa. Paola está ligando desde a primeira manhã em que faltei. Após três dias de sumiço, entro automaticamente para a lista de piores amigas, e eu entendo o porquê de ela estar prestes a entrar dentro do telefone para puxar a minha orelha.

O aparelho vibra de novo, e dessa vez é uma mensagem dela. Não quero falar com ninguém, incluindo Paola. Sei que ela vai reprimir as minhas atitudes e não estou em boa hora para ser lembrada do quanto a Cecília precisa de uma punição.

Paola: Se você não atender a porcaria da ligação, eu vou arrombar as portas da Cecília, uma por uma, se for preciso. Até eu te achar e depois te esculachar por me deixar preocupada desse jeito. Não estou brincando, Betina. Não sei se você está viva e isso está me matando.

Mesmo determinada a permanecer isolada, a mensagem me faz parecer infinitamente cruel. Paola é uma amiga incrível e eu estou fazendo mal a ela por ter desaparecido.

Eu: Fique tranquilo, unicórnio vingador. Eu estou bem. Não se preocupe, falo sério.

Digito uma frase curta, o que acho que vai ser suficiente para Paola ficar mais tranquila. Abraço a almofada macia, virando de lado no colchão. Na tela, pisca outra mensagem.

Paola: Não caio mais no seu papo furado.

O que ela está aprontando agora? Sento na cama, temendo o vem por aí. Preciso dar provas a ela de que estou ótima, então levanto o celular, coloco o *dentão* na frente da minha bochecha ainda marcada pela mão de Manuel.

Metade do meu sorriso aparece na fotografia, enquanto metade está escondido pela almofada. É o sorriso mais falso que lembro de ter dado em meses. Não tenho a menor vontade de sorrir.

Clico em enviar, rezando para que isso soe mais convincente do que a última mensagem.

Espero um minuto, espero dois, e nada de Paola dar um sinal de que entendeu o recado. Volto a deitar, confiante de que a encenação funcionou. Minha amiga de cabeça dura, aquela que desconfia da própria sombra, finalmente caiu em uma das conversas fiadas que eu conto. Parece bom demais para ser...

Mas que porra é essa?

Estão jogando pedras na parede, na porta, na calçada. Bombardeando a casa de Cecília com um ataque de pedras. E se acertarem nos vidros?

Alguém perdeu a noção do perigo e não percebeu que está destruindo o patrimônio privado de uma mulher que deveria estar em um hospício sendo vigiada rigorosamente. As crianças da atualidade não acreditam mais em bruxas, mas se conhecerem a Cecília, nunca mais vão atirar pedras nas casas alheias. É o mesmo que João e Maria roubando os doces da casa de uma senhora, sem achar que seriam pegos depois.

Salto da cama, vou até a janela e puxo a cortina para o lado. Pisco, atordoada, ao ver que as duas crianças são os meus amigos.

— Nós sabemos que está em casa, Betina. — Paola diz, com outra pedra na mão. — Se não aparecer, vamos quebrar as vidraças das janelas. Você sabe que eu não brinco em serviço.

Merda, eu sei que ela está falando sério. Conheço minha amiga e ela não vai parar até que eu apareça na frente dela. O pior é que não posso deixar que me vejam com o rosto assim.

Corro até o banheiro, procuro a base de Cecília e não encontro de jeito nenhum. A desgraçada deve ter levado na bolsa dela, o que ferra com tudo. Bagunço o estojó lotado de produtos, desconhecendo as dezenas de funções daqueles frascos diferentes.

As pedras continuam sendo atiradas contra a residência da minha tia, e não vai demorar até que acertem um dos vidros. Dou pulinhos de nervosismo, arrependida por não ter feito um curso de maquiagem junto com a Paola. Além da base, não sei que outro produto pode aliviar a vermelhidão, mas vejo um tubo parecido com aquele e suponho que o efeito seja igual.

Eu esfrego a pasta na bochecha, esperançosa de que vai dar certo. É só esfregar bem que vai ficar maravilhoso, ninguém vai notar.

Olho no espelho, contra a luz, e fico mais nervosa do que já estava. Sou um desastre.

Droga, não tem como não notarem.

A cor é mais escura do que o tom da minha pele, sem contar que é mais espesso do que o líquido do outro frasco que não está aqui. Continuo dando batidinhas no rosto para ver se espalha, mas percebo que não fica uniforme, independente do quanto eu tente.

O vermelho sumiu, e em compensação, agora estou com uma mancha laranja no meio da cara.

Preciso deixá-los entrar, não há mais tempo para consertar o estrago. Antes uma bochecha laranja, do que mil cacos de vidro espalhados no chão da cozinha.

— Quer dizer então que você não se importa se eu destruir tudo, né, Betina? — escuto a voz de Paola, em seguida a de Caio.

— E se a tia dela denunciar a gente por depredação de imóvel, Paola?

— Aí eu denuncio ela por violência doméstica, o que é muito pior.

Paola está praticamente cuspidando fogo, o que significa que eu a irritei pra valer. Ela larga a pedra quando vê a porta aberta e eu parada, apenas encarando eles. O suspiro que sai da sua boca é alto e me faz sentir culpada de novo.

— Pelo amor de Deus, não quero enfartar antes dos sessenta anos, Betina. — ela me esmaga com os seus braços, dando um abraço sincero. — Onde você se meteu? Estava em outro planeta ou o quê?

Caio é o próximo a me abraçar, com o seu jeito brilhante e excêntrico de ser. Até esqueço que estou de pijama, descabelada, e com uma porção alaranjada no rosto.

— Como podem ver, eu estou ótima. — estico os braços, mostrando que estou inteira. Pelo menos por fora. — Só estou tirando umas férias para relaxar.

— Uhum. — Paola diz, praticamente passando por cima de mim e entrando na casa de Cecília sem permissão. — Está tirando férias no final do período? Com notas baixas e um trabalho que detonou a sua média? Você tirou uma nota péssima, Betina. Nunca te vi tão ferrada na faculdade, mas ainda assim quer dizer que está relaxando?

Caio fica tão quieto quanto eu. Posso enganar qualquer pessoa, menos a Paola. Ela sabe que um mais um é igual a dois, da mesma forma que sabe que eu não estou bem. As minhas notas despencaram drasticamente por conta da bagunça emocional que estou vivendo.

— Você sabe que a Cecília não pode vê-los aqui.

Sussurro, sem saber como dizer outra coisa, a não ser que minha tia vai arrumar uma encrenca se souber que tive visitas. Encrenca, por assim dizer, é cumprir a ameaça de machucá-los.

— Chega, Betina! — Paola franze a testa, angustiada com o que está vendo. — Eu não posso ver o seu sofrimento e ficar calada, como se

estivesse tudo às mil maravilhas. Não aguento mais cooperar com o que acontece aqui dentro, com o que a Cecília faz com você. Ou vai me dizer que essa mancha ridícula na sua bochecha é um teste da base que você nem ao menos usa?

— Paola, me deixa explicar...

— Você quer realmente explicar, ou quer que eu dê um tempo pra que consiga inventar outra mentira descarada? Vai, te dou um minuto.

Olho para ela e para Caio, sentindo a vergonha passando por mim. Ela sabe que eu estou em um buraco fundo, do qual não é simples de sair. O que ela não sabe é que Cecília também quer enfiá-los dentro disso, e eu não vou permitir que eles sejam envolvidos. Não se eu puder impedir.

— É, você está certa. — digo, e o rosto dela se ilumina um pouco, por achar que estou reconsiderando. — Eu estava entediada e aí comecei a brincar com as maquiagens, fingindo que elas eram as tintas e eu era a tela. Não reparei que estava ligando, me desculpa.

Os ombros dela caem em frustração e o brilho dos olhos de Paola some com a minha nova desculpa. Admitir que eu apanhei, que eu estou destruída por dentro, não vai mudar o fato de que a Cecília está mais forte do que eu. Na hora certa, entrarei na guerra e cobrarei com juro as dores que ela me causou. Por enquanto, eu tenho que ficar *cinza* e não arrumar complicações para mim, e menos ainda para eles, que são completos inocentes.

— Ai, Betina. — Caio lamenta, fazendo uma careta.

— Espero que goste de brincar com elas, porque vai ter muitas feridas para cobrir.

Paola sai pela porta de entrada sem nenhuma despedida. Ela está magoada comigo, por tudo que eu aceito calada, pelo meu silêncio contínuo. Não discordo da sua forma de pensar, porque eu penso do mesmo jeito, apenas não posso seguir os meus pensamentos por enquanto.

— Ela te ama e só quer o melhor pra você, assim como eu. — Caio diz, voltando a me abraçar. — Eu já fui julgado pela minha sexualidade, e sei que as situações são diferentes, mas eu vou te apoiar se quiser falar, assim como vou te dar apoio se precisar guardar isso pra você por mais

um tempinho. Só não deixe que te façam mais mal e, por favor, não permita que ela e o namorado fiquem impunes.

O que Caio fala traz um pouco de conforto para a minha decisão. Não é fácil ser agredida e fingir que nada aconteceu. Eu sei que nada disso está certo, tenho plena convicção de que estou promovendo a liberdade temporária de uma agressora que deveria estar atrás das grades. Ela me bateu, me ameaçou, me fez ser igualada ao lixo que ela descarta, mas não para sempre.

Vou deixar que ela acredite na vitória.

Vou dar a ela o que ela quer.

Quando menos esperar, eu estarei encarando o seu rosto, e contando a todos o que ela fez comigo, provando a víbora que ela realmente é. A máscara de Cecília vai cair, e então eu vou voltar a ser o *amarelo* de antes.



As novidades quentes, na verdade, são as mais frias possíveis: uma semana inteira sem ir para a faculdade, Nicolas enviou algumas mensagens e poucas eu respondi, Paola parou de falar comigo desde a última discussão, e a sexta-feira chega sem alarde. É estranho ir até lá sem a minha amiga, porque sempre vamos juntas, nem que seja só para saber que uma está perto da outra.

Vou caminhando até a floricultura, passeando por Ostala para arejar um pouco a cabeça. O hábito está me fazendo um bem maior do que eu imaginava, e acho que vou passar a fazer isso mais vezes.

Dona Luísa me espera sorridente no seu balcão, buscando os meus narcisos sem que eu precise pedir por eles.

— Minha menina! — ela sai de trás dele para vir me dar um abraço, apertado como o de costume. — Veio mais cedo! Vai aceitar aquele café que ficou me devendo no último mês?

Sorrio, concordando com um aceno. Conversar é uma boa ideia. Estou falando sozinha dentro do quarto já faz dias, e trocar algumas palavras com uma pessoa de carne e osso não será nada ruim.

— E então, o que você conta de novo? — ela coloca o pó de café no coador e joga a água quente em seguida, trazendo o cheiro característico da bebida para a floricultura. — Sua tia aprendeu a te tratar melhor?

Encaro os vários tipos de flores da loja, suas cores e formas. Elas são lindas de maneiras diferentes, e ainda assim, todas têm o seu devido espaço. Algumas sem cheiro, outras com um forte aroma.

— Eu quase não a tenho visto, dona Luísa. Então é como se ela nem existisse.

Felizmente, eu falo sério. Cecília desapareceu e não deu mais o ar da graça, o que me deixa muito aliviada. Não ter que esbarrar com ela é tipo um sonho feliz.

— Sua mãe e ela não se davam muito bem também, então você deve ter puxado isso da Júlia. — ela comenta, trazendo a jarra para a mesinha de canto. Nós duas sentamos, e presto atenção no que dona Luísa diz. — A mãe delas, sua avó, sofreu muito com as garotas. Eram as únicas filhas e brigavam feito cão e gato. Deve ter sido por isso que ela foi levada pelo câncer tão cedo.

Vovó Mafalda morreu quando eu tinha três anos de idade, devido a um câncer de mama. Já o meu avô Renato morreu antes mesmo de eu nascer, por causa de um enfarto. Contam que ela era adorada por todos em Ostala, e como eu, também gostava de pinturas. Lembro que em nossa casa havia um quadro que ela havia pintado. Minha mãe adorava aquela pintura, e apesar de lembrar pouco do passado, recordo do quanto ela parava durante os momentos vagos para admirar a obra. Ela que me ensinou a saber apreciar a sensibilidade criada pelas mãos de outros artistas.

— Acho que a Cecília não se dá bem com ninguém. — resmungo, servindo a xícara com o café. — Ela não é a melhor pessoa do mundo.

— Ninguém é a melhor pessoa do mundo, Betina. A perfeição é uma ideologia barata. — ela sorri, bebendo o líquido da xícara em praticamente um só gole. — A princípio nós somos as piores pessoas do

mundo, até que provamos que podemos ser um pouco melhores. Talvez a Cecília não queira tentar ser melhor e só continue a ser pior.

Reflico sobre o que dona Luísa afirma, que realmente a perfeição não existe, e que ninguém nunca vai conseguir alcançá-la. Faz sentido.

— Então é isso, ela continua a ser pior dia após dia.

Dou um sorriso triste, porque eu gostaria muito que a Cecília fosse melhor. Por ela, por mim, por todos aqueles que convivem com a minha tia. O mundo precisa de pessoas que queiram ser melhores, não de mais pessoas que se acomodam e acham que ser pior é o bastante.

— A Júlia dizia o mesmo, acredita? — dona Luísa lembra, e adoro quando ela fala sobre a minha mãe. — Ela queria que a irmã mudasse. Que não tivesse tanto rancor dentro do peito. As duas pararam de se falar por causa dessa desavença.

Acredito, porque se as lembranças que eu tenho da minha mãe são verídicas, ela acreditava nas mesmas coisas que eu. Abro a boca para perguntar o que houve entre elas para que tenham se desentendido tão gravemente, porém ao ver o horário no relógio, noto que estou atrasada e que não posso ir muito tarde até o lago. Minha tia chega do trabalho às dezoito horas e já são pouco mais de quinze, portanto, não dá para prolongar a conversa prazerosa. Temos que deixar para a próxima visita semanal.

Penso em chamar um táxi, porque andar todo aquele trajeto não dá. Peço para dona Luísa o número do taxista João, para que eu grave no telefone e disque quando eu precisar, porque nas outras vezes que liguei, tive que recorrer à lista telefônica de Cecília. Está na hora de me virar sem depender dela, mesmo que seja por conta de uma lista barata.

Disco o número, converso com o taxista e o senhor João pede uns dez minutos para chegar na floricultura. Pago pelas flores e dona Luísa embrulha o buquê, do jeito que faz toda sexta-feira.

Os narcisos vêm para o meu colo, e é como se eles estivessem conectados comigo. Aconteça o que acontecer, nós sempre estaremos juntos. É um lema que não vai ter fim, passe o tempo que for.



Nicolas: Sem plantão hoje. Estou com saudades de você.

Leio a mensagem com um sorriso no rosto. O senhor João olha pelo retrovisor e percebe que estou contente, qualquer um pode notar.

— Ah, como eu gostava de sorrir assim. Quando a velhice chega, as doenças vêm junto. Depois disso, já sabe, o desânimo fala mais alto.

— O senhor deveria aproveitar a vida em vez de reclamar, já que ela é só uma, João.

Ele concorda, ficando mais *laranja* do que estava. Sua atitude mostra que a forma que vemos as situações é o que nos transforma e que podemos ser melhores, como dona Luísa disse. Basta só uma fagulha para iniciar uma fogueira, afinal de contas.

Eu: Lembra quando falei que eu não era normal? Estou indo para o lago, porque hoje é o dia em que levo as flores para os meus pais.

Sorte sua que também estou com saudades, então, me encontre lá.
Ah, só para constar: vou ser a garota segurando um buquê de narcisos.

Duvido que você me encontre no meio da multidão.

Segundos depois, a mensagem é respondida.

Nicolas: Eu vivi para ver você fazendo uma piada? Estou indo para lá. Só para constar: mesmo que você estivesse no meio de uma multidão, eu iria te encontrar por causa das suas cores.

A menção sobre as cores faz com que meu sorriso se alargue ainda mais, e por um segundo, eu até esqueço o que passei durante a semana. Nicolas faz com que eu queira ser melhor.

Chego ao lago com uma sensação esquisita, quase como se fosse uma vontade insana de vomitar. Talvez porque Paola não está do meu lado depois de anos de companhia, ou talvez porque Nicolas vai chegar a qualquer momento e vou compartilhar a minha lembrança mais dolorosa com ele. Nunca estive com algum rapaz neste lugar.

Procuro o papel que deixei em frente ao lago na semana passada, mas não o encontro. O vento deve ter carregado o meu memorial fajuto.

As pétalas das flores estão secas. Várias delas estão submersas, preenchendo a água próxima à beirada.

— Espero que não se importem, porque alguém novo está vindo para cá. A Paola está chateada comigo porque não denunciei a Cecília. — olho para o meu rosto refletido na água. — Eu ainda estou engatinhando quando se trata disso, mãe. Não sei o que você pensaria da sua filha querendo colocar sua irmã atrás das grades.

Escuto o barulho dos pneus por causa das pedras da estrada, e nem olho para trás para saber que é Nicolas que está chegando. Poucas pessoas se atrevem a vir aqui, principalmente porque sabem que um casal perdeu a vida nesse lago. Ninguém quer arriscar a ser a próxima vítima.

— Foi muito difícil a tarefa de te achar. — ergue as mãos, se aproximando de onde estou, fazendo com que eu me vire para ele. — Sorte a sua de ser colorida até de longe.

Nicolas é fofo e inegavelmente um belo mentiroso. Se visse as minhas cores, notaria que restam poucas, e nem são as mais bonitas.

— Ah, é? — pergunto, me fazendo de desentendida. — Muitas garotas com buquês de narcisos por aqui, né? Pobre coitado.

Faltam poucos passos para ele conseguir pôr suas mãos em mim e já estou ansiosa para que Nicolas faça isso. Sinto falta do calor da sua pele, do cheiro que ele exala, do carinho que ele me dá.

— Sorte a sua que é única pra mim.

— Sorte a sua que eu sou a única aqui, de qualquer jeito.

Gargalho baixinho, apertando o buquê por ansiedade. Nicolas põe fim na distância e dá o último passo, próximo o bastante para mexer no meu cabelo, mas longe o suficiente para alcançar os meus lábios.

Não sei se é o melhor lugar para termos um encontro romântico, afinal, é o cemitério dos meus pais e da pintora que um dia eu fui. Deixo a parte do beijo para outra hora, pois, definitivamente, não é uma boa ideia beijá-lo diante das circunstâncias nostálgicas do local.

— Os narcisos são lindos. — Nicolas aponta para o buquê, e depois olha para o lago e todas as pétalas secas. — Todas as sextas-feiras você os traz? Sem exceção?

— Sem exceção. — confirmo, tirando o primeiro narciso do buquê. — Cada flor representa um membro da família. Eles morreram em um sábado, mas sexta-feira era o nosso dia favorito. Achei que valia o sacrifício.

Na sexta-feira meus pais não trabalhavam e tiravam as vinte e quatro horas apenas para nós, imitando um feriado, mas que acontecia em todas as semanas. Sexta nunca mais seria o meu dia favorito sem eles, por isso eu resolvi que traria flores no nosso dia, transformando-o em um momento de recordação.

Jogo um narciso por vez, até chegar no último, o que me representa.

— Eu sinto falta daquela Betina. Que podia pintar até se cansar, que tinha todas as cores ao seu dispor, que acreditava que o mundo era um quadro pronto para a gente pintar da forma que quisesse. Às vezes eu sinto ela dentro de mim, mas são apenas relances que não duram praticamente nada.

— Se quer saber o que eu penso, não acho que aquela Betina está morta. — Nicolas pega a minha mão, impedindo que eu jogue o meu narciso. — Ela só precisa de um empurrão para aparecer de novo.

Nossas mãos estão encostadas, tocando na flor que era a favorita das nossas mães falecidas. Não tem a menor chance de isso ficar mais mórbido do que é por natureza.

— Nunca estive aqui com ninguém, além da Paola. Você é o primeiro.

Nicolas une as sobrancelhas, espantado com o que eu digo.

— Sêrio? Por quê?

— Despistei Caio várias vezes, porque eu não queria que ele sentisse mais pena de mim. — dou de ombros. — E quanto a outros caras, eles só não conseguiam ir tão longe. Uma garota ferrada, que pensa em investigações e faz passeios estranhos? Simplesmente, não é o tipo de pretendente ideal.

Nicolas levanta meu queixo, e antes que eu note, faz o contrário do que eu tinha pensado sobre o lago não ser um bom lugar para termos um encontro romântico. Ele beija os meus lábios suavemente, sem deixar a língua entrar, mas ainda assim, me beijando pra valer. Nicolas deposita vários beijos na minha boca, no meu rosto, na testa, no nariz, ele me beija com uma espécie de afeto que até meus pais ficariam satisfeitos se vissem.

Não há malícia, não há tesão. Existe uma ternura e o início de um amor que está conseguindo preencher um espaço desconhecido no meu peito. Definitivamente, estou apaixonada por Nicolas.

— Você é ideal para mim.

Olho para baixo, as bochechas quentes, a vontade de estar me encaixando na vida de uma pessoa ficando mais presente. Pode ser que Nicolas seja outra peça do meu quebra-cabeça.

— Acho que está na hora de jogar o outro narciso. — digo, olhando para a flor.

— Eu espero que chegue o dia em que você não precise mais jogá-los.

Paola e Nicolas se parecem nessa questão. Ambos desejam o mesmo. Mordo o lábio por dentro, contendo o impulso de dizer a ele que não tenho certeza de quando o dia vai chegar. Se é que vai chegar.

Ele solta minha mão, permitindo que eu faça o que vim fazer. O terceiro narciso gruda-se aos outros que boiam na água. Eles ficam unidos, como gosto de imaginá-los. Como gostaria que eu estivesse.

Nicolas se senta, e eu imito sua ação. Ficamos quietos por algum tempo, observando as flores dentro do lago.

— É ridículo que eu pense que os narcisos boiam, que eu boiei, mas eles não boiaram?

— Não. — Nicolas nega. — Não é nem um pouco ridículo se perguntar sobre coisas que não entende. O ser humano tem esse costume de questionar e de supor que poderia ser diferente se tivesse acontecido de outro jeito, você não é a primeira e nem a única a fazer isso, vai por mim.

— E você não acha que é justo fazer suposições?

— Não sei se é justo. As coisas só são do jeito que são e nada vai mudar. — ele joga uma pedra no lago, criando ondas na água. — Quando a minha mãe morreu, eu não era muito mais velho do que você. Tinha quatorze anos e já não contava mais com uma família completa. Senti muita raiva no início, mas depois percebi que isso não traria ela de volta.

Pego uma pedra e também a jogo, afastando um narciso dos outros. As pétalas se dispersam com o movimento da água.

— E o que você fez depois?

— Decidi que ia cursar Medicina para salvar outras pessoas de doenças como a que ela teve. Ainda não fiz nenhuma especialização, sou apenas um clínico geral, mas pretendo me especializar em neurologia. Vou fazer o que outros médicos da área não fizeram pela minha mãe. Essa é a forma que eu encontrei pra superar a perda e tirar alguma lição dela. — ele olha para mim, apoiando a mão no chão. — E você, já pensou qual é a sua forma?

Nicolas havia contado, no nosso primeiro encontro, que cursou Medicina por causa de um aneurisma que sua mãe teve, mas eu não havia perguntando mais a respeito.

O pior é que não sei responder à pergunta que ele fez. Eu preferia que ele não tivesse pensado no meu lado e só contasse o dele.

— Pra ser sincera, não.

No fundo, eu não superei a perda. Prova disso é que doze anos depois do acidente, eu ainda continuo trazendo narcisos para eles. Não desisti da busca pelo responsável. Insisto em usar o meu tempo livre para queimar neurônios com um caso aparentemente sem solução.

Nicolas balança a cabeça, esperando por essa resposta. É a mais previsível de todas.

— Na hora certa, você vai achar a sua forma. O importante é continuar sendo quem você é, apesar do que perdeu. Uma perda não deve resumir quem a gente é, porque ela é só uma parte do que a gente viveu. — ele suspira, colocando a mão em cima da minha. — Não deixe que o acidente consuma a Betina. *Seja mais forte, lute contra ele.*

A frase dá voltas em minha cabeça.

Seja mais forte, lute contra ele.

— E se eu já tiver perdido a luta?

— Sempre há tempo para exigir uma revanche. — Nicolas olha pra mim, sorrindo.

Existe algo no seu sorriso que me faz querer sorrir também. Continuamos encarando o lago que representa a morte, embora nós estejamos reluzindo vida. Estar aqui com ele é menos difícil do que pensei que seria.

— Agora é a hora que eu agradeço por ter vindo até o outro lado da cidade para me acompanhar? — pergunto, retoricamente. — Meus amigos estão chateados comigo, então, obrigada por não deixar que eu passasse uma tarde solitária.

— Devo perguntar porque eles estão chateados? Paola e Caio não parecem ser do tipo que te deixam de escanteio.

Ele está certo, normalmente não deixam. Ao que parece, eu fiz por merecer esse tratamento. Nicolas não precisa saber, mas eu sei que não estou certa. Paola e Caio estão cobertos de motivos para terem preferido me deixar de lado.

— Prefiro não falar sobre isso. — olho para o celular, e vejo que já está tarde. — Alguma possibilidade de você me dar uma carona?

Nicolas se levanta, bate a mão na calça para tirar o pó do barro e areia, e estica a palma para que eu também levante. Ele não responde, apenas prende os dedos nos meus, mantendo as nossas mãos juntas. Gosto disso, de perceber que estamos unidos em corpo e mente.

Deixamos o lago sem olhar para trás.

É verdade, eu nem ao menos olho para nada além de Nicolas. Não tento espiar os narcisos, as memórias que estão enclausuradas nesta região. É só quando chegamos no carro, que eu percebo que realmente há algo errado.

Hoje é sexta-feira, o único dia da semana em que eu me permito sofrer, e por incrível que pareça, não fiz isso. Eu não tive qualquer choro. Eu não mantive a tradição de sentir a tristeza corroendo o que resta de mim pelas próximas horas. Acordei tendo consciência do dia, mas não segui o ritual melancólico, e fico aliviada por perceber que não senti a menor falta.

Nicolas coloca uma música para tocar no aparelho de som, e não cogito a pedir para que diminua o volume. As mudanças podem ser boas, diferentes, mas boas ainda assim. Eu aceito e deixo que as mudanças comecem a acontecer.



O beijo delicado de frente para o lago se transforma em um beijo mais evasivo e quente ao chegarmos na rua onde está localizada a casa de Cecília. Estamos dentro do carro em plena luz do dia, a poucas casas de distância da residência dela, as mãos de Nicolas estão em todos os lugares e só consigo pensar no quanto não estou contando com que ele pare.

Levo o negócio da mudança a sério, porque eu jamais estaria aos amassos com um homem dentro de um carro, sabendo que os vizinhos ou até mesmo minha tia podem acabar nos vendo.

Nicolas toca na minha perna, leva os dedos para cima, e quando chega na cicatriz, eu paro em seco. Mesmo sob o tecido, é automático que eu trave devido às memórias ruins. Arregalo os olhos, vendo cenas de Cecília, Manuel, os outros namorados, todos eles me maltratando. Não consigo arrancar as imagens da minha mente. Não consigo deixar de vê-las.

A ideia de mudar para por ali, antes mesmo de durar um dia inteiro. É, não me dou bem com esse lance de mudanças. Sou uma velha careta de oitenta anos, rodeada por gatos e cestos cheios de lã para tricotar. Estou quase chegando lá.

— Eu tenho que ir, Nicolas.

— Deixa eu adivinhar? — ele segura o volante, em seguida aponta para a casa que está a alguns metros de onde estamos. — A Cecília não pode me ver aqui?

— Hum, é. — pego a bolsa, e dou um selinho breve nos lábios dele.
— Nos vemos depois.

Bato a porta do carro, apressando a corrida, e tento não pensar em quanto fui pouco gentil com Nicolas, sendo que ele não faz ideia do que eu passo. Aceno antes de abrir a maçaneta, já torcendo para que Cecília não esteja na área.

Passa das dezessete horas, mas milagrosamente, ela não chegou antes do previsto. Jogo o corpo em cima da cadeira da cozinha, agradecendo por ter chegado a tempo e não enfrentar a fúria da minha tia.

Abro a geladeira, sirvo um pouco de leite gelado e pego alguns pacotes de biscoitos para reabastecer o meu estoque. Caso ela não vá para o apartamento do Manuel, devo estar preparada.

Minha bolsa começa a vibrar e eu tiro o celular dela, olhando a notificação.

Paola: Eu estou péssima. Nunca te deixei ir para aquele lugar horrroso sem mim, e apesar de você ter merecido, não estou me sentindo nada bem. Pode me perdoar por ser tão cruel? Eu te amo, *amarelinha*.
Sempre.

O meu sentimento não é de raiva, pelo contrário. Eu entendo o que Paola tem em mente e eu a amo por isso, por se preocupar tanto com o meu bem estar. Eu jamais poderia ficar chateada por ela desejar o *laranja* pra mim.

Eu: Não tem a menor chance de eu sequer ter que perdoar alguma coisa, você só disse o que eu precisava ouvir e eu adoro a sua sinceridade. Eu te amo mais.

Até imagino Paola dando suspiro e pulinhos de alegria.

Paola: Que bom que estou perdoada, ufa! Amanhã a festa do pijama sem pijama vai ser na casa do Caio. Teremos um convidado especial. Que tal tirar de vez a ferrugem da sua boca?

Não, ela não fez isso! O sábado é destinado a nós três, não para quatro, e muito menos para um convidado *proibido*.

Eu: Não! Ele, não!

Coloco parte da unha na boca e mordisco o canto, arrancando uma lasca dela. Se Paola não responder, eu vou acabar roendo todas elas.

Paola: Sim, ele vai! Já fizemos o convite, e ele topou. Vai trocar o horário do plantão dele para que possa ir e se divertir muito com a gente. Inclusive, a mãe do Caio vai preparar várias guloseimas especiais para nós. Eu estava pensando em chamar o Fernando também, porque o Caio está doido para convidar o bofe, mas não tem coragem.

O bom é que fazem o convite sem antes perguntar se eu quero que ele faça parte do nosso dia do filme. Além do mais, tem um agravante extra. Cecília está de olho em meus movimentos mais do que o habitual, então talvez eu não consiga sair.

Eu: Não sei se Cecília vai para a casa do Manuel. Se não for, você já sabe...

Bebo um gole do leite, quando o celular apita de novo.

Paola: Ela vai, sim, e se não for a gente te sequestra. Fica tranquila.

Dou uma risada, entretanto, paro em seco ao ver a porta sendo aberta. Escondo o celular no bolso, e encho a boca com um biscoito. Finjo que não a vi. Estou degustando o meu lanche da tarde, inocentemente comendo. Não há nada de errado em comer, eu preciso me alimentar.

Quando Cecília vê que estou na cozinha, faz cara feia, para variar.

— Achei que ia estar dentro do seu quarto, como fez a semana inteira. — ela joga a própria bolsa em cima da mesa, pegando um copo e enchendo-o de água. — Resolveu parar de ser um bicho do mato e sair da toca?

— Até os bichos precisam se alimentar. — digo, inocentemente. Ainda não é a hora de ela voltar para casa, o que me intriga. — Chegou mais cedo? Seu patrão deve gostar de você, pra ter te liberado antes do final do expediente.

Mordo outro biscoito, molhando o restante no leite. Cecília se encosta na pia, parecendo calma e alegre. A cena é rara, e eu não entendo o bicho que a mordeu para estar tão radiante.

— Ele gosta tanto de mim, que me deu duas semanas de férias. — diz, com um sorriso gigante no rosto. — Vou viajar com o Manuel. Não vou precisar ver a sua cara de mosca morta por quinze dias, então mal posso esperar para ir logo.

Preciso descobrir o nome do patrão de Cecília, para dar um beijo nele e vários abraços de agradecimento. Ele acabou de me dar o maior presente da última década.

— Entendi. — falo de boca cheia, fingindo que não estou dando importância para o fato de que ela vai embarcar em uma viagem. Tomara que sua passagem para o inferno seja eterna. — Que bom.

Cecília ignora o que eu digo, joga os cabelos para trás, e sai com o salto quicando no chão. Assim que ela desaparece do meu campo de vista, agarro o celular e digito a melhor mensagem que poderia enviar para Paola e Caio.

Eu: Cecília estará fora por 15 dias. Nos vemos amanhã, unicórnios vingadores.

Encaminho a mensagem para os meus dois melhores amigos, sem acreditar no que está acontecendo. Valeu, destino.



A bancada de dona Eduarda está cheia de morangos cobertos com chocolate, seus biscoitos maravilhosos, e um bolo de nozes de dar água na boca. Caramba, eu amo essa mulher.

— Caio, eu amo a sua mãe e vou levar ela embora comigo, tô falando sério. — digo, passando o dedo na bacia com chocolate. — Não estranhe se um dia ela sumir.

Dona Eduarda ri do meu comentário, enquanto Caio serve os copos na mesa. Paola repete o quanto não acredita que a víbora cruel está a quilômetros de nós, e que finalmente vou poder aproveitar alguns dias sem sentir qualquer tipo de medo. São oito horas da noite, e a agitação já começa a me deixar com dor no estômago.

Nicolas vai estar conosco. O meu celular vai estar desligado, e não vou ficar preocupada com a chance de Cecília estragar um sábado especial. O filme vai começar e vai chegar nos créditos, na sequência que todo mundo está cansado de ver, menos eu. Poucos filmes eu pude assistir até a chegada dos créditos. Essa vai ser a minha parte favorita, óbvio, depois de beijá-lo.

No começo achei que Cecília estivesse blefando. Tive que vê-la saindo com malas gigantes e metade do seu guarda-roupa vazio para acreditar que, sim, ela não havia surtado quanto às férias.

— Eles sabem que o Fernando vem pra cá? — pergunto, cochichando baixo. — O Nicolas já deveria ter chegado.

— É, a dona Eduarda sabe. — Paola rouba um dos biscoitos, olhando para o lado. — O Caio é que não faz a menor ideia.

Belisco minha amiga, que grita na hora.

— Ai! Você tá doida?

— Você é que pirou! O Caio vai ficar uma fera quando...

A campainha toca. Não sei se fico ansiosa por pensar que pode ser o Nicolas, ou se fico nervosa por imaginar a reação exasperada do Caio ao

ver o Fernando sendo convidado para ver filmes na casa dele, com a sua mãe dando supervisão.

A reação dele é mais ou menos como a que eu já tinha previsto. Ele praticamente cai duro.

— Fernando? — Caio tosse, mirando o olhar para nós duas, que estamos com os dedos sujos de chocolate e atacando a bandeja de biscoitos. — Você aqui?

— Nem olha pra mim. — aponto para Paola, que foi a responsável pelo encontro. — Dona Eduarda, os seus biscoitos estão ainda melhores do que os de semana passada!

Engato outro assunto para não deixar que o clima fique estranho. Caio convida Fernando para entrar, mas vejo que ele está pretendendo esgoelar alguma de nós. Antes que meu amigo feche a porta, ouço a voz que faz o meu coração dar pulos insanos e ridículos.

— A rotina de médico não é moleza. — ele ri, e estou prestes a me enfiar embaixo do balcão. Entendo o que Caio está passando. Apesar de já conhecer Nicolas e termos uma relação de amizade colorida, também estou nervosa. — O plantão foi até mais tarde. Espero que o filme não tenha acabado?

Ele pergunta, e Paola se mete, puxando Nicolas para dentro, porque sabe que eu não vou conseguir sair de trás do balcão.

— Nem começou, querido. Estávamos esperando vocês chegarem.

Nicolas corre os olhos pelo cômodo, procurando por mim. Quando ele me encontra, fico ainda mais tímida, completamente sem graça.

— Não me diga que você é que fez alguma dessas comidas. Tem algum peixe ou calabresa aí no meio? — sua risada calorosa faz com que eu me sinta mais à vontade.

Ele chega mais perto, beija a minha testa, e passa o dedo perto da minha boca. Depois lambe o dedo, e aí é que eu percebo que Nicolas tirou o excesso do chocolate que havia restado no meu rosto. De repente, a cozinha passa a ter cinquenta graus.

— Quer dizer que esse é o famoso Nicolas. — dona Eduarda o cumprimenta, dando um beijo no seu rosto. — Ouvi falar muito bem de você, garoto.

— Famoso? — ele ri baixinho, erguendo a sobrancelha em minha direção. — Espero que tenham sido coisas realmente boas. É meio duvidoso vindo das fontes que eu conheço, mas agradeço pela recepção. É um prazer conhecê-la, senhora.

Paola cochicha, mas todos escutam. Consequentemente, eles riem.

— Depois de tirar a ferrugem da boca da Betina, qualquer cara vira famoso e merece um prêmio anual.

Jogo o pano de prato na cara da Paola sem pensar duas vezes. Em seguida, coloco a mão na frente do rosto, morrendo de vergonha.

— Quer dizer que eu tirei a ferrugem da sua boca? — ele sussurra no meu ouvido, achando engraçado.

Dou uma cotovelada de leve na barriga de Nicolas, e a próxima a pagar caro é a Paola. Vou enfiar a cabeça dela dentro de um balde.

— E você é o moço por quem o meu filho está interessado? — Dona Eduarda pergunta, como se fosse a pergunta mais normal do planeta. Eu e Caio estamos empatados no quesito "desmoralizados na frente dos pretendentes". — Ele tem um bom gosto.

Zombar da situação dos outros não é legal, mas eu tenho que rir, já que Caio está vermelho como um pimentão e Fernando não parece nada diferente. A noite dos filmes vai virar a noite dos envergonhados.

— O seu filho é um ótimo rapaz, dona Eduarda. Você o criou muito bem. — Fernando coloca a mão no ombro de Caio, e os dois trocam olhares de afeto. — Acho que vamos nos ver muitas vezes de hoje em diante.

Esse aí já ganhou mil pontos só por elogiar a criação de Caio. Dona Eduarda sai com um sorriso de orelha a orelha, e meu amigo também está sorrindo, o que me deixa contente. Paola não fez mal em adiantar o processo de paquera e trazê-lo para cá. Eu assumo, ela agiu bem.

A pipoca fica pronta após um tempo, porque o micro-ondas apita dando o aviso. Caio ficou com a responsabilidade de escolher os filmes de hoje, e eu odeio a sua escolha antes mesmo de ver os títulos.

Ele adora terror.

Ele, com certeza, escolheu filmes aterrorizantes.

— Vamos ver filmes de terror! — ele vibra, esperando que todos se sentem no sofá. — Quem não adora esse tipo de filme?

Sou a única que ergo a mão. A única que discorda do gênero escolhido. Nicolas é um traidor, porque talvez nem goste de terror, mas diz que gosta, apenas para provocar. Ele é do tipo que faria isso, não duvido.

— Betina é a exceção que não tem peso nenhum, porque a maioria venceu. — Caio pula no sofá, ao lado de Fernando, que passa o braço em volta dele. — Traz a pipoca, mãe?

Dona Eduarda também é fanáticas por filmes sangrentos, de suspense, com fantasmas, e tudo o que diga respeito ao universo do horror. Ela busca dois potes cheios de pipoca amanteigada, e Paola ajuda ela a trazer mais dois.

— Vamos nos abraçar, dona Eduarda, porque somos as únicas chupando o dedo por aqui. Em vez de velas, vamos segurar castiçais, pode anotar.

Elas se abraçam trazendo os potes e a cena é hilária. Eu raramente rio tanto como estou fazendo agora, graças a eles. Todos nós estamos *laranjas* e eu definitivamente amo essa cor.

— Você tem medo? — Nicolas sussurra, colocando a mão no meu joelho. — Eu te protejo do bicho papão, não se preocupe.

Seu sarcasmo não pode ficar de fora, senão não seria Nicolas. O meu medo é significativo. Garanto que durante o filme inteiro, metade do tempo, eu vou estar com as mãos nos olhos. Não suporto ver filmes amedrontadores. Já tive terror o bastante na minha vida.

A primeira história é sobre um casal que procura fantasmas em casas mal assombradas. Espíritos que batem as janelas, quebram pratos, pessoas

possuídas e muita gritaria. Metade do filme, Nicolas está com os olhos na televisão, metade está em mim, que fico com os dedos tampando parcialmente o rosto. Ele cola as pernas nas minhas, e começa a acariciar minha nuca, o que me deixa mais relaxada. Se continuar com o cafuné, eu vou é dormir e babar em cima de todo mundo.

— Estou feliz por você estar aqui.

Nicolas diz baixinho no meu ouvido, e eu me obrigo a tirar a mão de onde ela estava, para olhá-lo agora. A sala está escura, com exceção da luz da televisão, mas o sorriso de Nicolas e o brilho dos seus olhos faz com que eu fique extremamente *rosa*. Nós dois estamos.

— Eu também estou feliz.

Acaba sendo mais uma mímica labial do que uma frase realmente dita, mas ainda assim, Caio escuta e joga uma almofada em cima de nós.

— É para ver o filme, Betina! Os amassos com o bofe estão reservados para a madrugada!

Paola come a pipoca, mexendo as sobrancelhas, e pisca o olho em seguida. A danada está puro *roxo*. O plano dela consistia justamente em promover um momento descontraído com Nicolas, porque ela sabe que não é tão fácil de conseguir isso com Cecília pegando no meu pé. Minha amiga é maravilhosa e quer o meu bem, até mais do que eu, às vezes. Geralmente mais do que eu.

Quando o filme termina e os créditos chegam, eu não sei o que aconteceu e se o pobre casal se viu livre dos espíritos, mas estou radiante. Nunca imaginei que um filme de terror promoveria tanta felicidade.

Nicolas está sorrindo enquanto observa meus gestos atrapalhados, e então eu percebo que o motivo para eu estar feliz não é apenas por ter acabado de ver uma produção de cinema sem ter sido interrompida, mas porque o homem que está do meu lado faz com que a noite termine de um jeito único. Me sinto em um lar de verdade, rodeada por amor em todos os lados.

Nada no mundo pode fazer com que este sábado seja melhor. Estou junto com os meus amigos, livre de Cecília, Nicolas também está aqui, e

eu não reclamaria se tivesse mais disso diariamente. É algo inédito pra mim.

Nicolas põe a mão no meu pescoço, sussurra que eu sou *especial*, e aí eu mordo a língua por ser pouco otimista, porque quando ele me beija, eu entendo que definitivamente tudo pode melhorar.



A madrugada passa rápido, às três da manhã estamos do lado de fora da casa de Caio, bebendo algum tipo de destilado que ele achou no balcão. O segundo filme foi ainda mais aterrorizante do que o primeiro, então só lembro dos gritos daqueles personagens. Caio resolveu pegar leve comigo e não colocou o terceiro filme para ser reproduzido, o que é um alívio.

— E o karaokê, anda atraindo muitos clientes, Fernando? Aposto que estão sentindo a nossa falta lá. — Paola brinca, comendo um biscoito para aliviar o efeito da bebida.

— Vocês precisam voltar para uma segunda rodada. — ele entra na brincadeira, mas em vez de comer o biscoito, dá um grande gole na bebida que está dentro do copo. — Aquela noite foi ótima.

Fernando pisca o olho para Caio, que se derrete com o comentário. Meu amigo fica ruborizado, mexendo na garrafa e não diz nada. Outro de nós corre o risco de virar *vermelho* a qualquer instante.

— Soube que você era pintora, Betina. — o pretendente de Caio volta a falar, mas dessa vez, é comigo que está falando. — Eu conheço alguns amigos que estão expondo quadros em uma galeria. Se quiser colocar algum quadro seu lá, é só falar e a gente combina.

Coloco meu cabelo atrás da orelha, engolindo em seco. Caio nunca deveria ter dito a ele que eu pintava. Estou magoada, não porque eu não gostaria de expor outro trabalho, mas pelo fato de que não existem pinturas para serem penduradas.

— Eu pintava, você falou bem. — respondo, com o olhar virado para baixo. — No passado.

Fernando não percebe o quanto estou incomodada com o assunto, e continua insistindo na gentileza de me convidar para ir ver o espaço, conhecer os colegas pintores. Deve achar que está fazendo um favor, sendo que na realidade, está tocando na minha ferida mais dolorosa.

Nicolas percebe que estou incomodada e tenta falar sobre outra coisa. A euforia de Fernando, no entanto, passa por cima dele também.

— Poxa, mas por que parou? Não dá para simplesmente ir desistindo do que ama assim, sem mais nem menos.

Sei que Fernando não está fazendo por maldade. Tem gente que apenas não consegue perceber uma inconveniência e acaba trazendo um clima chato para uma situação legal. Ele é bacana, e em outra época eu amaria conhecer a galeria, mas não depende apenas da minha vontade.

— Pode ser que eu volte a pintar um dia. — digo, com tristeza, evitando falar sobre Cecília e tudo o que ela conseguiu destruir. — Aí eu falo com você, pode deixar.

Paola cutuca Caio, fazendo cara feia para Fernando, que só então percebe que estava indo longe demais.

— Bacana. — ele diz, envergonhado. Devolvo um sorriso igualmente tímido. — Todos cursam Psicologia? Se conheceram na faculdade?

Paola toma a frente, garantindo que a conversa sobre a faculdade perdure mais do que a respeito da pintura.

— O Caio nós conhecemos lá. — ela conta. — Eu e a Betina somos amigas desde a pré-escola. Nunca nos desgradamos.

Os preconceituosos da nossa turma fizeram um favor para nós. Tenho que agradecer a eles por terem sido idiotas e me dado a oportunidade de conhecer a pessoa maravilhosa que é a Paola. Negra, amarela, branca, parda, independente da cor, ela é incrível e nenhum estereótipo jamais vai mudar isso.

— Não sou o único louco que pendeu para o lado da saúde. — Nicolas tira sarro, sentado do meu lado, com o braço engatado no meu. — É um alívio.

— Na verdade, continua sendo o mais louco, porque pelo menos os psicólogos não precisam fazer plantão como os médicos. — Caio serve nossos copos de novo, debochando de Nicolas. — Você tá sozinho nessa loucura, amigo.

— Tenho que admitir que você tem razão. — Nicolas aponta para Caio, gesticulando o tempo inteiro. — Já me ligaram no meio da noite precisando que eu fosse para o hospital. Já tive que perder finais de semana dentro de um consultório, mas eu amo tanto o que eu faço, que nada disso atrapalha. Gosto de pensar que eu ajudo as pessoas a se sentirem melhores.

Ambas as profissões cumprem esse papel, mas com propósitos diferentes. Nós cuidamos da mente, enquanto ele costuma cuidar do corpo. Até nesse sentido eu e Nicolas nos complementamos.

— Se você soubesse o fetiche que a Betina tem por um homem de jaleco...

Paola engole a bebida, olhando para o lado. Minha amiga me sabota o tempo inteiro, não é possível. Ela quer queimar o meu filme. O que os médicos da cidade pensariam se soubessem que eu já dei uma boa olhada neles? Nem foram tantas vezes. Só em alguns.

Caio cospe o que estava dentro da boca, em um ataque de riso. Vale complementar que os dois querem detonar a minha reputação. Uma escavadeira para cavar uma cova seria bem conveniente agora. Eu iria me enfiar dentro dele, só para fingir que a conversa não é comigo.

— Eu desconfiei que naquele dia do estágio você é que queria tirar a minha cueca. — Nicolas solta o comentário, se vingando do que eu falei no consultório na primeira vez em que nos vimos. — Agora tudo faz sentido, a culpa era do jaleco.

As gargalhadas da roda não param, elas só aumentam com o que Nicolas diz. Para que ter inimigos, quando Paola e Caio se dizem ser seus amigos?

— Os meus fetiches vão virar o assunto do momento? — pergunto. — Olha, eu sou bem criativa e tenho muitas vontades. Uma madrugada inteira não vai dar conta.

— Nicolas, vê se não esquece que ela já foi pintora, e que imaginação é o que mais tem dentro dessa mente pervertida.

— Isso porque vocês não sabem o que a Paola já fez em pleno parque à luz do dia. — digo, rindo da cara que minha amiga faz. — Ela...

— Epa, acho melhor nós comermos os morangos que a dona Eduarda preparou com tanto carinho, não concordam? — Paola interrompe, estendendo a bandeja para o meio. — A hora da perversão já acabou, galera.

Cruzo os braços, mostrando a língua para ela. Interromper a fofoca alheia é crime de amizade. A punição é de duas a três semanas sem saber de novas fofocas.

— Ainda quero saber mais sobre os seus fetiches, querida. — Nicolas sussurra, depois oferece um morango para que eu morda.

A fruta suculenta é macia e doce na medida certa. O sabor do chocolate com a acidez do morango é uma combinação maravilhosa. Morder direto da mão de Nicolas é gostoso, e torna a mordida mais erótica do que normalmente costuma ser. Preciso me acostumar com o fato de que nada aparenta ser normal na presença dele.



Fernando é o primeiro a ir embora. Caio o leva até a porta, e para a alegria de todos, principalmente de dona Eduarda que fez questão de espiar a cena, eles se beijam segundos antes de a despedida ser oficializada. Paola reclama por ser a única a não beijar ninguém entre nós, e prometemos a ela que assim que tudo estiver normalizado, vamos no bar de Fernando para que ela volte à ativa e encontre o seu próximo alvo.

Meus amigos vão para a cama, e eu continuo do lado de fora acompanhada por Nicolas. A conversa flui tão naturalmente entre nós, que o sol está prestes a aparecer e ainda estamos acordados.

Ver o nascer de um novo dia ao lado dele é uma lembrança que eu colocaria na caixa proibida, se ainda tivesse o hábito de guardá-las.

— Eu sempre quis ver um nascer do sol ao lado de alguém. — comento, lembrando da brincadeira do *eu sempre*. — Ver as cores se misturando na natureza, destinadas a irem mudando de tonalidade. Eu já vi alguns pores-do-sol com os meus amigos, mas nenhum amanhecer.

— E posso saber por que nunca viu um?

— Cecília.

Uma palavra basta. Um nome que tira tantas possibilidades. Por tanto tempo eu tive medo de desobedecê-la e ser despejada, depois o medo de ser violentada de novo, depois a falta de coragem de pôr em risco outros inocentes.

— Ela é pior do que o bicho papão. — ele tenta deixar o clima menos tenso, mas não adianta. — Você parece viver enclausurada dentro da sua casa. A Psicologia não te diz que é errado viver assim? Sei lá, pra mim parece bem errado.

— Nem sempre a gente faz o que é certo, eu acho. Algumas vezes a gente faz o errado, esperando que o certo possa ser feito algum dia. — suspiro, porque sei que é difícil para que ele entenda. — É complicado.

— O problema não é errar, Betina, é persistir no erro. — ele parece estar escolhendo muito bem as palavras antes de dizê-las. — Perguntei pra você se um dia teria confiança para me contar o que acontece entre vocês duas, porque acho que vai começar a fazer o certo quando conseguir desabafar e parar de guardar esse segredo.

Não é bem um segredo, já que Paola e Caio sabem o que eu escondi. É uma realidade que poucos conhecem, mas não é totalmente secreta. De toda forma, entendo o que Nicolas quer dizer. Preciso de coragem para fazer o que acho que devo, em vez de temer as consequências.

— Não quero me arrepender por não fazer o certo. — confesso, suspirando alto. — Vou parar de persistir no erro.

Nicolas sorri, parecendo satisfeito com o pouco de coragem que demonstro para admitir o meu erro. Não estou pronta para contar a ele sobre as agressões, não ainda. Pode ser que eu consiga ir a fundo nos meus tramas, só depois de conhecê-lo mais profundamente.

— Eu sou de que cor agora?

Franzo a testa, achando estranho que ele pergunte e dê evidência à minha forma peculiar de usar as cores. Pisco, um pouco boba demais para conciliar a pergunta e agarrá-lo o quanto antes, garantindo que ele não se afaste.

— Sinceramente? Você é uma mistura bem indecifrável de cores. Eu nem acho que exista uma cor que possa definir tanta complexidade e ego inflado.

— Ah, é assim?

Ele abre a boca, fingindo espanto, e praticamente pula em cima de mim para fazer cócegas em lugares sensíveis. Eu estou gargalhando alto às seis horas de um domingo e saber que estou fazendo isso sem peso na consciência me dá mais vontade de rir.

— Agora eu sou de que cor?

Tomo fôlego quando ele para de mexer os dedos frenéticos na minha cintura. A respiração sai entrecortada, mas a sensação de rir assim é maravilhosa.

— Me nego a responder.

Nicolas, no entanto, não se nega a continuar com as cócegas. Em determinado momento eu sou obrigada a implorar para que ele pare, ou vou fazer xixi na calçada. Molhar a calcinha por causa disso não parece tão sensual.

Ergo a mão, torcendo para que consiga afastá-lo e possa dar uma resposta coerente. Ele parece estar adorando a minha derrota previsível.

— É quase impossível dizer qual é a sua cor, porque eu vejo muitas cores oscilando. De repente você é azul, passa a ser laranja, e aí o rosa aparece com força. Tem muito amarelo, vermelho, branco, todas elas estão aí, Nicolas. — explico, tocando em seu braço. — Eu não sei com quais cores tem pintado o seu próprio mundo, mas você devolveu muitas delas para o meu.

Nicolas passa o polegar no meu lábio inferior, em movimentos de vai e vem. Fica alguns instantes acariciando minha boca rosada. O peso das minhas palavras volta contra mim, e só então percebo que através da

minha própria forma de ver o mundo, eu acabei de dizer a ele que estou apaixonada.

Ele sorri, como se lesse meus pensamentos. Aparentemente, não sou a única a sentir o *vermelho* no meio de nós. Seus dedos acariciam meu queixo, provocando arrepios que percorrem toda a minha pele. A boca de Nicolas encontra espaço para desvendar cada pedaço dos meus lábios, sugando, lambendo, idolatrando tudo o que toca. É uma prece feita por duas pessoas.

Desço para beijar seu pescoço, e ao abrir os olhos, percebo que a cor do céu está mudando, ganhando outra aparência. Os tons de azul escuro começam a perder a força, dando lugar a um tom alaranjado, com vislumbres de amarelo.

— Hmm, acho que posso riscar um item da lista do que fazer antes dos trinta anos. Não que eu tenha uma, mas nunca é tarde para começar, né? — rio, apoiada nele, sentindo o perfume marcante de Nicolas. — Agora temos que pensar nos próximos tópicos. Vou precisar de ajuda.

— Tenho várias ideias. — ele murmura contra o meu cabelo, me abraçando apertado. — Sábado que vem, quero que vá em um lugar comigo.

Não pergunto onde, nem como, nem por quê. Aproveito que Cecília não está na cidade para curtir o tempo da melhor maneira possível, e deixo o receio em um canto inacessível.

Enquanto o dia ganha novos tons de vida, eu encosto a cabeça no ombro de Nicolas e agradeço mentalmente por ter a oportunidade de presenciar isso. Me sinto tão *laranja* quanto o céu que nos recepciona com um bom dia.



Abaixo da média. A felicidade de não ter Cecília por perto, não é a mesma felicidade que tenho ao receber o meu trabalho corrigido na quarta-feira. Estava confiante de que nada iria abalar as minhas notas, e um descuido foi o suficiente para derrubar a nota mais importante do semestre pela metade. O professor explica que posso ter uma nova chance, porém vou ter que pagar pela recuperação.

Apesar de não ser a melhor saída, decido usar as minhas economias para investir novamente no curso. Estava guardando para alugar um apartamento, mas não posso desistir da faculdade agora que estou tão perto de terminar a graduação.

Sendo uma psicóloga no futuro ou escolhendo outro rumo diferente, terminar o que comecei é uma questão de honra. Cecília e o seu namorado não vão roubar o meu direito de concluir o curso.

— Ruim? — Paola aponta para o artigo que estou segurando. — Eu falei que você tinha detonado o seu trabalho.

— Muito ruim. — jogo na primeira cesta de lixo que encontro. — Vou refazer. Tenho que entregar a nova versão até semana que vem.

— Boa sorte. — ela diz, e muda de assunto ao lembrar do meu compromisso no final de semana. — Ele não disse aonde vai te levar? É injusto, eu tenho que saber dos detalhes! Sua melhor amiga não pode ficar desamparada quanto às informações de um encontro. Será que ele não leu o manual de amizade entre garotas?

Caio na gargalhada, indo em direção ao refeitório. Paola não consegue se controlar, e vem atrás de mim, ainda resmungando.

— É sério. — ela retruca. — Não deu nenhuma dica? Você é que vai sair com ele e não está nem um pouco curiosa?

— Não. — respondo tranquilamente, o que deixa ela mais surtada. Continuo rindo de sua expressão enquanto pego um prato e começo a me servir. — Eu não sei aonde nós vamos, Paola, mas vou descobrir no sábado e depois te conto. Não deve ser nada demais.

— Nada demais? — quase grita, colocando as rodela de beterraba no seu prato. — Estamos falando do Nicolas, médico garanhão, que não deixa nada passar em branco. O cara que praticamente abre a porta para você e que quase sugou a sua alma no consultório dele.

Definitivamente, minha amiga não sabe lidar com a curiosidade. Preciso dar um calmante para ela ou quem vai surtar junto serei eu.

— Amiga, respira. — peso o meu prato na balança, para pagar o valor pela refeição. — Eu que vou sair com ele e não estou tão ansiosa quanto você.

Nunca estive tão envolvida com um homem, é verdade, mas a reação de Paola é exagerada. Não sei se ela tem medo de que eu crie expectativas, quando quem está criando elas por mim, é ela mesma. Até parece uma mãe protetora, que não descansa se não vir o filho sob seus cuidados. Aconteça o que acontecer no sábado, tudo vai ficar bem.

Paola finge estar segurando um saco e inspira e expira dentro da mão fechada. Caio chega em frene à nossa mesa, e ergue a sobrancelha, tentando entender o motivo para tanta loucura.

— O que eu perdi? — ele pergunta. — E por que a Paola está hiperventilando que nem uma doida desvairada?

— Você não soube? — ela tira a mão da boca para falar. — A Betina vai sair no sábado, com o Nicolas. E ela não sabe para onde eles vão!

— Sim, e daí? O bofe é um achado no mundo e nós já sabemos. Qual a parte que eu não estou entendendo?

Caio espera que a bomba seja a parte seguinte, mas ela não existe. Não há nada além de surto seguido por desespero sem motivo. Temos aqui uma simples e típica cena de Paola.

Para aumentar a carga de drama, ela apela para os exageros mais absurdos do planeta.

— E se ele for um maníaco? E se ele esquartejar a nossa amiga e não termos como localizar o corpo dela? E se ele vender os órgãos para o mercado negro? Tudo isso porque ela não sabe onde vão se encontrar! É insanidade!

Quase cuspo a comida que estou mastigando, e Caio gargalha alto junto comigo. Por um segundo, acredito que Paola não está falando sério, mas ao ver sua expressão de pânico, algo me diz que ela realmente bateu a cabeça e perdeu o juízo. Vai ver a morte da mãe afetou os seus neurônios.

— Vou descobrir no sábado. — balanço a cabeça, e sento ao lado de Paola, sem segurar uma nova risada. — Eu te amo por se preocupar. Assim como sei que você me ama por eu estar tentando algo novo e me permitindo uma experiência fora do comum. Prometo que vou contar cada mínimo detalhe do que acontecer, vai ser a primeira coisa que vou fazer ao chegar em casa. Até para o Caio eu vou mandar uma mensagem, tá bem?

Ele bate palmas, vibrando por eu não o manter de fora das novidades. Caio é um bom amigo e não é justo que eu o exclua como fiz em outras situações. Já Paola parece se conformar mais, relaxando um pouco na cadeira.

— Se não contar, sou eu quem vou te esquartejar e nem vou ter dó de queimar os seus pedacinhos, Betina.

— O seu amor por mim é algo lindo de se ver. — comento, cutucando seu braço. — Amanhã eu gostaria que os dois fossem comigo até o lago.

Paola é uma companheira frequente do meu luto e para ela não é surpresa que tenhamos um compromisso no último dia útil da semana. Caio, no entanto, se mostra espantado com o que eu digo.

— Quer que eu vá levar as flores junto com você? — ele pergunta, desacreditado. — Eu sei o quanto é particular. Não precisa fazer isso se não se sentir bem.

Caio não me conhece tanto como a Paola, mas é meu amigo há mais tempo do que eu conheço Nicolas, e apesar disso, eu nunca permiti que ele estivesse junto e curiosamente deixei que Nicolas fizesse parte com menos alarde. Sou uma amiga terrível e Caio não merece a minha falta de

confiança. Tenho que mostrar a sua importância, e levá-lo no meu cemitério particular é a prova que eu preciso dar a ele.

— Eu quero. — sorrio, estendendo a mão para que ele me dê a sua. — A não ser que você não queira, porque sei que não é um passeio muito agradável. É mórbido demais para toda a sua purpurina de unicórnio saltitante.

— Então é um bom motivo para ir. — Caio estala os dedos, ficando *amarelo*. — Você joga os narcisos na água e eu jogo todo o meu brilho naquele lago horroroso. Vamos deixá-lo mais brilhante do que jamais sonhou em ser algum dia.



Caio pirou, totalmente contagiado pela doença da Paola, o que explica a sacola cheia de potes de brilho que ele trouxe. É a única explicação para que ele tenha comprado a purpurina colorida, em vez de ter sido apenas uma metáfora aleatória que saiu de sua boca.

— Não querendo ser indelicado, mas já sendo, é um lago bem horroroso mesmo. — ele diz ao parar próximo à beirada. — Agora eu sei porque a Paola tem medo de que você se jogue aí dentro.

— Como pode ver, eu não exagero, Caio. Eu nunca exagero. — ela diz, apontando para a frente. — É só um monte de água, mas parece que tenta hipnotizar a gente. Em vez de ser o canto da sereia, é o canto do lago assustador.

— O lago é menos assustador do que muitas pessoas que eu conheço. — dou de ombros, ignorando a cena infinitamente exagerada dos meus amigos. — Para que trouxe a purpurina? Você já é brilhante por natureza, unicórnio.

— Eu brilho mesmo. — Caio passa a mão no pescoço, depois joga os frascos no barro seco. — Por isso quero que outras coisas também brilhem, e o seu lago de estimação, lindinha, precisa ser mais glamoroso.

Blefe não é uma palavra que existe no mundo do Caio. O que pra mim parecia uma brincadeira, para ele sempre foi uma constatação.

Fico de joelhos, com as flores coladas ao corpo, vendo as pétalas que continuam boiando. Ao longo dos anos eu trouxe centenas de narcisos para cá. Imagino como seria, caso as pétalas permanecessem intactas, intocadas pelo tempo. O lago estaria coberto por elas. Amarelo do começo ao fim, idêntico a uma cama de flores.

— Hoje é sexta-feira de novo, mas é uma sexta diferente, porque eu trouxe um amigo especial para que ele veja tudo com os próprios olhos. — falo com o lago, e prevejo que Caio vai me achar maluca por ver que eu converso sozinha, achando que estou falando com meus pais. Viro para ele, que em vez de estar assustado, parece compreender. — Caio, vem cá, por favor?

Ele para do meu lado, fica de joelhos, repetindo a minha ação. Paola continua de pé, olhando para nós que estamos ajoelhados.

— Vou contar a história completa, como se fôssemos dois estranhos, para que você entenda melhor a situação. Deve ter escutado versões por aí, lido os jornais, até a Paola provavelmente falou um pouco sobre o acidente. Sei que é esquisito porque nunca tivemos essa conversa, mas eu acho que merece ouvir a versão real direto da minha boca.

— Prometo que vou ficar parado, que nem a Fifi fica quando espera um petisco extra.

Escuto a risada descontrolada de Paola, e sou obrigada a rir também. Caio tem o costume de transformar os momentos tensos em algo totalmente diferente. É um dom, sem dúvidas.

— Estávamos voltando de uma das noites mais importantes quando o acidente aconteceu, simplesmente saímos da pista e caímos aqui. 13 de maio é uma data dolorosa, porque eu perdi os meus pais dentro deste lago naquele dia. — tento pegar a mão de Caio, e ele a libera para mim. Mergulho seus dedos na água gelada, e sinto que ele retrai os músculos. — Fiquei vinte minutos aí dentro, sem respirar, inconsciente. Minha família afundou com o carro e nunca foram encontrados. Eles só tiveram uma morte dolorosa e nem ao menos puderam ter um enterro digno.

— Parece que eu estou com a mão dentro de um balde com água e gelo. — Caio retruca, porque eu continuo forçando sua mão para baixo. — É muito gelado.

— Pois é, fui resgatada, mas no início ninguém conseguia dizer como aquilo era possível. Passei um bom tempo em coma, e depois os médicos alegaram que graças à água fria é que eu sobrevivi. A hipotermia acabou garantindo uma chance para que eu fosse salva sem sequelas. Eu saí ileso do acidente. — explico, libertando a mão de Caio. No entanto, ele continua com os dedos no lago. — Depois de uma temporada no hospital, ouvi comentários de que fui para um orfanato, mas não lembro de nada daquela temporada na casa de adoção. Meses depois eu fui morar com a Cecília.

— E aí piorou o que não dava para ser piorado. — ele diz, por causa do pouco que presenciou. Caio não tem a menor noção de que qualquer coisa pode piorar nas mãos de Cecília.

— Ela não mede esforços para me fazer mal, se quer um resumo dos doze anos de agressões físicas e verbais. Cecília é a culpada por eu ter parado de pintar. Ela proibiu que eu continuasse o que meus pais tanto queriam que eu fosse, uma pintora de sucesso.

— É por isso que você não gosta que toquem no assunto sobre a pintura, né? — Caio puxa a mão, chacoalhando para que o excesso de água saia. — Ela é uma vadia.

— Eu sempre digo o mesmo e não me escutam. Aquela mulher é uma víbora terrível. — Paola resmunga, se ajoelhando apesar de eu não pedir para que ela faça isso.

— Qualquer um pode ver que ela não é uma boa pessoa. Até meus vizinhos sabem que Cecília não é flor que se cheire. Eles têm medo dela. — penso que nunca a denunciaram por causa disso, para não se envolverem com alguém assim. — Não só ela, como os namorados, também me violentaram. Além das marcas físicas, eu também já fui ferida mentalmente. Parece ridículo eu querer ser uma psicóloga, sendo que o meu próprio psicológico provavelmente vai ser mais fodido do que o dos pacientes?

— Pelo contrário, você é a pessoa mais adequada para estar nessa profissão, porque sobreviveu a muitos traumas e ainda está de pé, com a cabeça erguida, lutando por dias melhores. — Caio fala, e Paola concorda. — Quer um incentivo maior do que esse?

— Já até vejo o folheto de divulgação do consultório, com o enunciado "*A melhor psicóloga de Ostala*". Sério, você vai poder ajudar muitas pessoas, Betina. — Paola gesticula, mas depois para, e olha para o meu rosto. — Antes disso, precisa cuidar de si mesma, ajudar a menina que saiu desse lago e que não teve culpa de nada. A filha, a pintora, a futura psicóloga, a amiga, a mulher que você se tornou, nenhuma das versões precisa se punir por ter uma tia como a Cecília. Você sabe o que tem que fazer para acabar com o tormento.

O assunto sobre a denúncia acaba voltando para o meio da roda, apesar de eu fugir dele o quanto posso. Paola não sabe que fiz uma denúncia anônima, e mesmo que venha a sentir orgulho pelo desabafo, não aprovaria o meu ato covarde. Ela quer que eu dê a cara à tapa e enfrente a Cecília em um tribunal, na frente de um juiz, acusando minha tia por tudo o que fez.

— Eu vou denunciá-la, Paola, não é como se eu não tivesse consciência do quanto isso é grave e errado. — admito, mesmo sabendo que não vou denunciá-la até me sentir segura para dar o próximo passo. — Só preciso ter certeza de que ela não vai se vingar, eu tenho que arrumar as provas certas para colocá-la na prisão.

— Provas maiores do que as suas cicatrizes? — ela se altera, do jeito que sempre faz ao falarmos disso. — Provas maiores do que nós, que somos testemunhas? Provas maiores do que a forma como ela te trata na frente de todo mundo?

— Como se ela não conseguisse enrolar os outros com a sua língua afiada. — agora eu é que estou irritada, porque se ainda não a denunciei, foi pelo bem deles. — Aonde estão os meus pais, Paola? Mortos, esquecidos dentro de um lago que os moradores nem conhecem direito. O culpado está onde? Livre, sem ter quitado a dívida que tem com a justiça. — relembro, para o caso de ela ter esquecido. — Eu não sei se estou disposta a denunciar uma pessoa que pode estar em liberdade no dia

seguinte. Eu ainda tenho que pensar nas consequências e no que elas vão me trazer no futuro. Se eu arriscar e perder tudo, como é que fica?

— Ainda vai ter a gente, dois malucos que te amam, lutando com você. — ela diz, com amargura. — Eu e o Caio vamos lutar por você o quanto for necessário.

Se a Cecília não os matar primeiro.

— Mesmo se ela tentar fazer mal para os dois? — questiono, e por mais que aparente ser uma pergunta inocente, ela tem uma intenção real. — Mesmo que ela tire de mim o que eu amo?

— Os unicórnios vingadores não podem ser atingidos, garota. Nossa missão é deixar o universo com mais brilho e cor. — Caio agarra três frascos grandes de purpurina, entrega um para Paola, um para mim e outro fica com ele. — A parte da cor é com você, Betina, e a minha parte é o brilho. O que sobra para a Paola é a união escandalosa do resto. Tá bom para vocês? Uma amizade como a nossa não tem como não dar certo, muito menos ser desfeita.

Paola olha para mim pelo canto dos olhos, sacando que a minha pergunta não foi totalmente aleatória.

— O Caio tem razão, os unicórnios vingadores não brincam em serviço e superam qualquer ameaça fajuta. — ela tira a tampa do frasco. — Já passou da hora de você perceber que a maldade da Cecília não é mais forte do que a nossa união.

Consinto, refletindo sobre a fala de Paola. A ameaça continua vibrando na minha cabeça, porém existe a chance de ser mais um aviso de Cecília para pôr medo em mim, do que uma promessa de verdade.

— É por isso que eu quero que vocês compartilhem os narcisos comigo. — separo as três flores, entregando cada narciso. — Meus pais puderam conhecer a Paola e a amavam, assim como eles também te amariam, Caio. Eu sou sincera quando digo que não sei o que seria de mim sem vocês.

Apesar de Paola estar chateada com o meu posicionamento, ela me abraça, do jeito como Caio faz. O aperto é aconchegante e nos une mais,

transpassando as barreiras do afetivo, do físico, de tudo o que se conhece. Somos um trio fantástico.

A primeira a jogar o narciso no lago é Paola. Ele boia, movendo as pequenas e frágeis pétalas ao seu redor. Depois, Caio é o próximo a soltar a flor, que flutua nas proximidades. Beijo o último narciso, mentalizando o que eu gostaria de ter dito a *eles*, e sorrio ao ver os três narcisos unindo-se novamente.

O ritual de sexta-feira ganha novos elementos, porque Caio chacoalha o seu frasco, lembrando que temos que dar o seu brilho ao lago. Conhecendo a teimosia de Caio, ele não vai desistir enquanto não ver toda a purpurina espalhada na água.

— Tudo bem, tudo bem! — ergo as mãos, vencida pela naturalidade do meu amigo. — Vá logo, derrube o pó brilhante e seja feliz.

Caio dá pulinhos de alegria, seguido por Paola, que começa a derramar o conteúdo do pote em movimentos circulares. Os pequenos pontos cintilantes são coloridos, portanto, contrastam no líquido escuro do lago. Os mesmos também caem em cima dos narcisos, transformando-os em flores raras, cobertas por um brilho holográfico.

Suspiro alto, acompanhando a loucura dos meus amigos ao derrubar a purpurina do frasco que recebi. O meu processo é mais rápido do que o deles, que estão empolgados com a tarefa. Vejo algumas partículas brilhantes afundando, e outras permanecendo na superfície. A arte imita a vida em momentos como esse, onde até um simples punhado de purpurina, possibilita que a comparação lembre os detalhes vívidos do acidente. Eu boiei, e infelizmente eles afundaram.

— Um pouco de brilho aqui, um pouco ali, e pronto. — Caio bate as mãos, satisfeito com sua ideia. — Uau, e não é que ficou bonito?

A luz do sol bate diretamente na água e nas minúsculas bolinhas de brilho. A mistura da purpurina com os narcisos novos e as pétalas secas é esquisita de um jeito impressionante. Há um toque de magia refletindo no lago. O brilho natural que esteve apagado desde o dia em que minha família caiu dentro dele, retorna à força, ainda sem perder a essência.

Inesperadamente, dou um abraço em Caio, como uma forma de agradecimento pela ideia que acaba de trazer uma lição inspiradora, algo

que nem ele havia previsto. As melhores lições são aquelas que não têm a menor pretensão de existir.

Basta saber dosar a medida, e tudo e todos podem brilhar de novo.



Pareço uma pessoa como qualquer outra, que não tem que esconder nenhum dos seus passos, nem precisa esconder a si mesma por causa de regras estúpidas. Em vez de estacionar em um lugar distante, Nicolas para no acostamento de frente à casa de Cecília. Entro no carro dele, beijo seus lábios, fecho a porta do veículo, e saímos entusiasmados para um passeio tranquilo. Um típico roteiro no sábado de pessoas normais. A sensação é tão boa, que até posso me acostumar com a normalidade se ela for desse jeito.

Nicolas se nega a responder quando pergunto aonde vai me levar. Durante o percurso, ele reveza entre pôr a mão no meu joelho e trocar as marchas do automóvel. O meu nervosismo não vem por causa do suspense em relação à nossa próxima parada, mas por uma das mãos de Nicolas não estarem no volante. Tento não reparar nisso, embora seja difícil.

Ele puxa o freio de mão depois de alguns minutos, parando em um bairro aparentemente residencial. Não tem lojas ao redor. A calçada é bem limpa, tem flores espalhadas em canteiros, lixeiras indicando o armazenamento dos materiais recicláveis, e à primeira vista, o bairro me passa a impressão de ser mais seguro do que outras áreas de Ostala. Sorte a deles.

Nicolas abre a porta do carro para mim, e segura minha mão enquanto andamos. Deixo que ele tome a iniciativa, afinal, não sei para onde está me levando. Ele caminha em sentido a uma das casas, o que me leva a crer que em vez de irmos a um restaurante, vamos almoçar em sua residência.

A construção em si é intimista, ao mesmo tempo em que é exuberante. Os tijolos de cor crua forram uma parede inteira. Há muitas plantas perto do muro e dentro do terreno, pequenas árvores que trazem um ar de frescor do qual eu gosto muito.

Um homem, aparentemente em torno de cinquenta anos, está em frente à casa mexendo na terra e cavando um buraco com a pá. Ele veste roupas propícias para jardinagem e parece se entreter com aquela tarefa.

— Pai, eu quero que você conheça a Betina. — Nicolas passa a mão por trás de minhas costas, apoiando-a em meu quadril. — Trouxe ela para almoçar com a gente.

Pai? Ele me trouxe pra conhecer o pai dele?

Achei que estaríamos sozinhos, não que Nicolas me traria para um encontro com seu pai. Passo as mãos na calça, tentando parecer mais apresentável. Eu nem sequer coloquei uma roupa propícia para passar uma boa impressão.

O homem, assim como eu, parece desconfortável com a apresentação inesperada. Ele fica paralisado, com as mãos dentro do saco de terra, olhando fixamente para mim como se estivesse vendo um fantasma. Ele não deve gostar de visitas de última hora, afinal, franze a testa e faz uma careta ao se levantar.

— Oi, senhor. — estico a mão direita para ele, sem saber como cumprimentá-lo ao certo. — É um prazer.

Vários segundos depois, ainda estou com o braço esticado e o pai de Nicolas não demonstra que pretende retribuir o gesto. Ele simplesmente balança a cabeça ao passar por nós, e vai em direção à porta de entrada.

Deixo que o braço caia devagar, tomada por uma vergonha enorme. Evito olhar para Nicolas, porque ele também deve estar se sentindo mal. Não conheço seu pai, mas sei que bons modos devem ser levados em conta. Sou praticamente desprezada por uma pessoa que não me conhece.

— Não sei o que deu nele. — Nicolas tenta arrumar alguma explicação, embora eu não tenha pedido por uma. — Peço desculpas de verdade, Betina, deve ter acontecido algum problema na delegacia. Sempre que tem um caso difícil, ele se isola e não fala com ninguém, nem comigo.

— Delegacia? — não evito em arregalar os olhos, porque eu não esperava por essa alegação. — Ele trabalha lá?

— Achei que soubesse. — Nicolas dá de ombros. — Meu pai é o delegado.

A resposta é como um tapa no meu rosto, que arde e não para de arder nem tão cedo. Eu nunca tive uma boa relação com os policiais por causa do acidente. Sempre fiz questão de falar sobre a incompetência e a falta de interesse deles em garantir que a justiça vencesse no final. Então, eu estou aqui, de frente para o delegado, que é pai do rapaz por quem eu estou apaixonada.

O homem para quem eu enviei uma carta, relatando sobre os detalhes da violência doméstica que eu sofro diariamente. Não tem como ser pior.

— Eu acho que é melhor eu ir embora.

Aponto para o carro, praticamente andando para ir até ele, mas Nicolas se coloca na minha frente e seus olhos estão quase fazendo súplicas.

— Por favor, Betina, fique para o almoço. — ele segura meu queixo, impedindo que eu olhe para outro lugar senão seus olhos. — Garanto que vai valer a pena.

Não sei qual é o segredo, mas Nicolas faz com que eu acate se pedido sem pensar de novo se devo ficar ou ir embora. Ele segura a minha mão e guia o caminho até entrarmos na casa, que assim como por fora, tem um estilo aconchegante.

Depois do que houve não consigo me sentir à vontade, mas não posso negar que o arquiteto caprichou no projeto. A decoração também não deixa a desejar.

Quadros preenchem todo o corredor, que fica logo na entrada. Fotos de várias épocas, situações e eventos da polícia estão espalhados nas paredes. O que mais me chama a atenção é uma foto antiga, a de maior tamanho, onde Nicolas ainda é um garoto e ao seu lado estão os seus pais. A mãe aparece na fotografia com os cabelos loiros bem penteados, um sorriso estonteante no rosto e os olhos verdes são literalmente os mesmos que o do filho. Agora sei de onde eles vieram.

O casal parece feliz, e o pai de Nicolas é um outro homem no retrato. É a mesma pessoa, mas não se parece com quem eu acabei de trocar

algumas palavras lá fora.

— Ele mudou muito depois da morte dela. — Nicolas repara que estou olhando para a foto. Como se lesse os meus pensamentos, ele confirma o que eu pude perceber. Na foto eles estão *laranjas*, e agora não se parecem mais tanto com aquelas pessoas.

Nicolas, apesar da perda que teve, não aparenta ter mudado. O pai dele não pode dizer o mesmo. A morte mexe com as nossas identidades, e nisso eu tenho que dizer que me identifico com o senhor Ferrazo.

— Ela era muito bonita. — digo, sem saber como continuar a conversa. — Você deve sentir a falta dela.

— Claro que sim. — Nicolas abraça o meu corpo, apoiando o queixo em minha cabeça por causa de sua altura. — Mas as pessoas nunca morrem dentro da gente. Eu não a vejo, não a toco, mas eu sinto que ela sempre está comigo.

Sorrio com a fala de Nicolas. É admirável que ele consiga falar sobre a morte da mãe sem qualquer remorso ou sentimento de culpa. Eu sinto que meus pais estão em minha mente, mas em grande parte das vezes, é como se eu pudesse ouvi-los dizendo que o acidente aconteceu porque fomos àquela exposição de arte. Um carro cortou a nossa frente, porém eu é que os fiz sair de casa. Eu também sou um pouco culpada.

— Hoje você vai conhecer os meus dotes culinários. — Nicolas interrompe os meus pensamentos, mordendo o lóbulo da minha orelha. — Vai comer o melhor macarrão de forno de toda a sua vida.

— Eu sou exigente. — murmuro, aconchegada dentro de seus braços. — E sou muito boa de garfo. Vou julgar o seu prato, hein.

— Como eu disse, vai ser o melhor macarrão de forno que já provou, pode confiar.

A cozinha é bem equipada, e Nicolas me leva para lá antes que eu desista de almoçar com ele. Aos poucos, coloca os ingredientes em cima da bancada, puxando panelas e espátulas do interior das gavetas. Ameaço levantar para ajudá-lo, porém sou impedida.

Fico na posição de expectadora, analisando cada processo da receita. Observar a preparação da comida é incrível, mas ainda melhor é ver

Nicolas vestido com um avental, cortando os legumes com paciência e cuidado. O jaleco cai bem nele, não dá para dizer o contrário, mas um homem que sabe cozinhar é um tipo de perdição a qual não se pode resistir.

Ele olha para mim, e vê que eu não tiro meus olhos de cima dele. O sorriso tímido aparece no canto de seus lábios, e eu gosto quando ele aparece.

— Parece surpresa por eu saber cozinhar. — Nicolas comenta, colocando os ingredientes em uma panela. Nem sei dizer o que é que tem ali dentro, para ser sincera. — Dois homens sozinhos precisam se virar de algum jeito.

— Quer dizer que fazem tudo sem ajuda de ninguém? — ergo a sobrancelha. — A minha tia não é a melhor dona de casa do mundo, então ver que vocês se saem melhor do que ela, é mesmo impressionante.

— Nem tudo. — ele diz, mexendo na panela com uma espátula. — Temos uma empregada que ajeita a casa e boa parte das roupas porque os horários do hospital e da delegacia são bem insanos, mas a comida é por nossa conta.

Ainda assim, se viram muito bem. É difícil dar conta de uma casa tão grande tendo profissões que ocupam bastante o tempo de ambos.

Escuto um barulho vindo de outro cômodo, e Nicolas dá uma olhada pelo canto dos olhos, fazendo uma careta com a boca.

— Nicolas, houve uma emergência na estrada 51 e preciso ir lá para averiguar. — o pai dele puxa um casaco do gancho, falando enquanto passa perto da cozinha. — Já vou aproveitar para almoçar lá naquela área, então não se preocupem, podem ficar à vontade.

O senhor Ferrazo para em frente à porta, mas não se aproxima, fica estático naquela posição sem mover um dedo sequer.

— Desculpe, Betina, por não poder te dar atenção. Espero que possamos conversar melhor em outra oportunidade. Foi bom conhecê-la.

Nicolas range os dentes em tom baixo, parecendo chateado com a saída do pai. Eu só aceno com a cabeça e finjo que está tudo bem. Não

posso exigir que ele deixe de cumprir com as suas *obrigações* por causa de uma visita que ele nem sabia e muito menos queria receber.

— Não é a primeira vez que ele faz isso. — Nicolas sussurra, enquanto vejo o homem desaparecer do nosso campo de vista. — Ele nunca passa algum tempo, por menor que seja, pra termos um momento em família. Toda hora é hora de trabalho, de compromissos, mas nunca é a hora adequada para nós.

— Ele tenta ocupar o tempo com mais serviço. — digo mais pra mim do que para Nicolas. — Ele não sabe como ser um pai presente, porque tem medo de não ser o que você precisa. Fugir é mais fácil do que encarar a responsabilidade de frente.

O meu lado de *psicóloga em treinamento* fala mais alto, porque vemos esse exemplo sendo usado nas aulas. Algumas pessoas preferem escapar, pois ocupar a cabeça com tarefas infinitas é menos doloroso do que olhar os problemas à sua volta. O senhor Ferrazo aparenta ter mais dores do que quer admitir.

Nicolas despeja o molho que preparou em uma travessa junto com o macarrão, sem continuar no assunto sobre seu pai. Não forço a barra para que nosso almoço faça parte de um dia bom, ou pelo menos seja melhor do que tem se saído até o início da tarde.



Put a que pariu. O melhor macarrão de forno não chegaria nem aos pés do que eu terminei de comer. É o prato mais sensacional que minha boca já teve o prazer de ter experimentado. *Put a que pariu, ele é bom em tudo?*

— Eu sou um desastre na cozinha, pronto, entrego os pontos. — largo o garfo, decepcionada com a minha própria capacidade gastronômica. — Não tenho nem coragem de preparar qualquer comida pra você depois disso daqui.

Nicolas ri, colocando mais um pouco de macarrão na boca. Ele mastiga, depois bebe um gole de vinho, apreciando a harmonização da bebida com a comida.

— Vou adorar que prepare o que quer que seja, desde que você não invente mais nenhum sabor de pizza. A de *calabrerango* e a de *peixolate* já são traumas profundos demais.

Olhamos um para o outro e começamos a gargalhar, devido à lembrança horrível daquele encontro. Escapamos de ter contraído uma infecção alimentar, mas chegou perto. Aquilo foi uma tragédia gustativa.

— Fechado. — ofereço a minha mão, garantindo que não vou inventar mais nenhum sabor de pizza. Calabresa está de bom tamanho.

Nicolas ergue o braço por cima da mesa e segura meus dedos, mas em vez de balançá-los, ele acaricia um por um.

— Quero que veja uma coisa.

Eu assinto, ficando de pé. Deixamos a nossa bagunça intocada e saímos da cozinha, porque independente do que Nicolas tenha em mente, parece ser mais importante do que a louça suja.

O corredor é ainda maior do que eu tinha notado à primeira vista, e além das fotos do início, perto do final há honrarias ao delegado de Ostala. O prêmio mais recente é de um ano atrás, e o mais antigo tem uns onze anos. As placas são douradas, bonitas e chamativas. Pena que o caso dos meus pais não está entre os mais de 500 casos resolvidos por ele.

— Feche os olhos. — Nicolas pede assim que chegamos em frente a uma porta. Suponho que seja seu quarto.

Não gosto de fechar os olhos à força, sem que esteja com sono ou envolvida por alguma emoção. Sinto que posso cair a qualquer minuto e despencar dentro de um lago profundo.

— Eu... não consigo. Tenho medo.

Parece besteira, mas eu travo com a ideia. Quando era criança, tia Cecília fazia brincadeiras maldosas com vendas e eu lembro de chorar até ficar com o nariz congestionado. Meu cérebro puxa imagens do acidente, o carro capotando, a água entrando nos meus pulmões.

Paro pra respirar, inspirando e expirando com ansiedade. Nicolas não espera por essa reação, pois é algo que nunca contei, então ele só gesticula para que eu espere do lado de fora e entra no cômodo.

Enquanto espero, olho em redor, e noto que a casa conta com vários quartos e áreas específicas. Um escritório, dois lavabos, quarto de jogos... eles deviam gostar de ter a casa cheia no passado.

— Vem, agora você pode entrar. — Nicolas chama minha atenção, e eu vou até ele. — Eu preparei uma surpresa para você.

Surpresa nem sempre é algo bom, mas já dei alguns cortes nele, por isso eu não digo o que penso. Sigo para o quarto, com Nicolas atrás de mim, levando-me para dentro. É bom mesmo que ele esteja indiretamente empurrando meus pés, porque assim posso caminhar sem travar no meio do caminho.

Quando abre a porta, paraliso por completo.

O que ele acha que está fazendo mesmo?



Sinceramente, não entendo onde Nicolas pretende chegar. Não tem nada de anormal, nem um sinal de qualquer surpresa que eu não possa ver sem ter que fazer mistério, exceto por uma tela coberta por um lençol.

A porra de uma tela coberta por um lençol.

Ele tem uma tela?

O cavalete também está tampado pelo tecido, porém eu conheço os instrumentos de pintura a qualquer distância. Apesar de escondidos pelo tecido, eu reparo neles.

Minha reação não é das melhores, é óbvio. Assim como os narcisos que me deu, não posso acreditar que ele tenha comprado itens que me fazem lembrar do acidente, dos quadros que minha tia jogou fora, do sonho que foi afogado pelas águas daquele lago onde eu quase morri.

Nicolas puxa o pano, sorrindo de orelha a orelha, achando que vou ficar reluzente com o que está por baixo daquele lençol. Mal sabe ele que levo um soco no estômago ao encarar a tela em branco.

— Você sabia. — ele diz, em vez de perguntar. A expressão em meu rosto entrega a resposta. — Como descobriu?

— Uma pintora sempre reconhece uma tela, assim como um soldado reconhece sua armadura.

A frieza no meu tom de voz é perceptível, e eu abaixo a cabeça por estar sendo indelicada. Não quero tratá-lo mal, só não sei o que ele quer que eu pense. Eu não pinto há anos porque fui forçada a parar.

Ver os pinceis, paletas, tintas, a tela e o cavalete, despertam uma nostalgia dolorosa na qual eu evito tocar. Não quero ser testada dessa

maneira. Algumas lembranças precisam ficar guardadas apenas na caixa proibida e não serem tiradas de lá.

— Você sabe que a Cecília me proibiu de pintar. — explico, já que Nicolas fica em silêncio. — Se eu levar os materiais de pintura para lá, ela vai jogar no lixo de novo.

Friso a última palavra com dor no coração. Meus pais penduravam todas as minhas obras nas paredes de nossa casa. Eles amavam as pinturas que eu criava, diziam que eu trazia a cor certa para o universo. Dona Luísa fez questão de contar todas as histórias para que eu soubesse do desejo que eles tinham, de que eu fosse uma artista reconhecida pelo amor que despejava nas telas.

Além de se desfazer dos objetos que eu precisava para pintar, tia Cecília queimou boa parte das pinturas finalizadas, alegando que eu não sabia o que estava fazendo.

— Eu sei, você já disse isso.

— Então sabe muito bem que não posso aceitar o presente. — balanço o ombro, sem entender porque ele comprou se sabia que não teria utilidade.

Nicolas abre os potes de tinta, espalha cinco cores diferentes na superfície da paleta e estende ela para mim. O cheiro da tinta é aspirado pelo meu nariz, e um arrepio intenso percorre um trajeto em meus braços.

— A Cecília disse que você não podia pintar na casa *dela*. — ele volta a movimentar o braço, insistindo que eu segure a paleta. — Não falou nada sobre você não poder pintar na *minha* casa.

Ele dá um sorriso vitorioso, tanto por saber que encontrou uma brecha na proibição de Cecília, quanto porque tem noção de que eu não posso argumentar contra sua teoria. Toda regra possui uma exceção, afinal.

— Mesmo que você esteja certo, eu não sei mais pintar. Faz anos que não sei o que é sentir um pincel deslizando pela tela. Não vai dar certo.

Nicolas parece entender que eu estou amedrontada demais para arriscar uma tentativa, e larga a paleta na bancada mais próxima. Suspiro, um pouco frustrada por não conseguir ir adiante, mas também por alívio.

Viro de costas para ele. Agora que esclarecemos as dúvidas, dou uma olhada no quarto, pois nem tinha parado para observar como é o lugar onde ele dorme todas as noites. Não há uma grande quantidade de móveis, apenas uma cama e um guarda-roupa, bem como não tem muita decoração e artigos pessoais, só o violão que ele havia citado. O ambiente acaba sendo parecido com o que se vê no consultório médico, que de certa forma, é como se fosse um segundo lar para Nicolas.

Giro nos calcanhares, e quando dou de cara com Nicolas, vejo que ele está tirando a camiseta. A roupa passa pela cabeça, cai no chão e permite que seu abdômen nu seja exibido à vontade. Fico estática, engolindo em seco, tentando entender como passamos de uma conversa inocente para cairmos em um assunto especificamente íntimo.

— Eu vou ser a sua tela.

Quero acreditar que ele não pode estar falando sério, mas não há nenhum sinal de blefe em sua postura ou em sua afirmação. Nicolas ergue os braços para o lado, esperando que eu vá adiante.

Coloco a mão na frente da boca para não começar a rir sem parar.

— Você quer eu pinte... em você? — pergunto, sem acreditar. Dizer em voz alta parece ainda mais absurdo.

— Isso. — ele consente, com a mesma naturalidade que responderia a uma pergunta cotidiana. — Quero que brinque com aqueles pincéis, com as cores das tintas, e não se sinta mal se errar uma pincelada. Se a tela de pano parece uma má ideia, finja que eu sou uma tela reutilizável.

Não sei o que dizer. Nicolas prova mais uma vez que ultrapassa todos os limites de normalidade, porque nenhum homem normal toparia ficar seminu para ser *pintado*.

Sua atitude é doce e fascinante.

Nicolas não tem um corpo definido igual ao de homens sarados que vivem na academia, mas vê-lo sem parte de suas roupas não é uma imagem ruim. É uma ótima visão. Ele parece mais real do que muitos daqueles homens perdidos entre músculos e poucos neurônios em uso.

Os olhos dele estão em cima de mim, enquanto suas mãos estão dentro do bolso da calça. Ele não muda de lugar, nem sai de onde está, perto da

tela e dos materiais que comprou.

— Não posso te pintar, porque eu não pinto *corpos*.

Não estou mentindo, mas também não é por causa disso que estou assustada. A negação está grudada na minha língua desde que cheguei aqui, porque tudo o que eu sei dizer é que não posso, que não devo, que não sei como fazer, que não tenho como aceitar.

A insegurança faz isso com as pessoas, enclausura as vontades para que não haja arrependimento, quando na verdade, trancafiar os desejos pode causar um arrependimento maior.

— É claro que pode. — ele oferece a paleta de novo, mas dessa vez eu não a recuso. — Você pode tudo, Betina.

A chapa de madeira tem bordas arredondadas, é perfeitamente lisa. Encaixo meu dedo polegar no buraco para apoio, encarando a paleta com a mesma admiração de uma criança que vê seu brinquedo favorito.

— Eu não toco em uma paleta desde os nove anos. — minha voz sai abafada, fraquejando por causa da emoção. — Eu tinha várias delas quando era criança. De todos os tamanhos, materiais e formatos. Meu pai comprava novas paletas sempre que tinha chance.

Ergo a mão esquerda, deixando a paleta meio inclinada. Com a direita, eu mergulho um dedo na tinta amarela, esfregando-a nos outros dedos e em toda a palma. Eu nunca tive medo de ficar suja de tinta, então não entendo porque estou relutando tanto para pintar outra pessoa.

Agarro um dos pincéis, molhando-o na tinta azul. As cerdas macias incorporam a textura pastosa, deixando-as cobertas de uma nova coloração. Nicolas se delicia com as expressões que eu coloco em meu rosto, porque ele não para de sorrir.

— Vai ser gelado.

Meu aviso é uma última oportunidade para que ele segure o meu braço e impeça o próximo passo que vou dar. A invenção partiu dele, mas penso que não custa avisar para que ele tenha plena certeza de que isso será sujo e frio.

— Serei a sua melhor obra de arte. — Nicolas ergue a sobrancelha, com o senso de humor ativado. Ele não perde uma chance de exibir o charme que, de fato, faz parte de sua personalidade.

Sem pressa, movo o pincel em direção à pele de Nicolas, sentindo a garganta seca. Engulo um pouco de saliva, apesar de não melhorar a sensação. Parece que estou há semanas sem beber um copo de água.

Em vez de estarmos nos beijando, eu estou prestes a melecá-lo com tinta para lembrar de uma época que ficou no meu passado. Acho que dá para entender o porquê de tanto nervosismo.

A primeira pincelada vem e Nicolas contrai os músculos no instante em que a tinta se concentra na barriga. Não foi por falta de aviso. A tinta é mais gelada do que parece.

O pincel desliza mais, desde seu umbigo até o alto do tórax. Nicolas não desgruda os olhos e repara em cada movimento que faço com a mão. Um grande risco em azul está marcando parte do seu corpo.

Escolho uma nova cor, decidindo por um tom mais quente. O laranja traz um otimismo do qual eu preciso com urgência. Gosto de vê-lo cruzando um trajeto através do azul e tomando um caminho só seu.

Os braços começam a ganhar cor quando passo o pincel pelo ombro e desço até perto dos cotovelos. O laranja combina com Nicolas, porque dá para ver que ele está alegre. As suas cores falam mais alto, revelando como vem se sentindo.

— Nunca imaginou que passaria uma tarde tão emocionante, né? — pergunto, molhando o pincel na tinta verde. — Muitas tintas e todo o resto.

Nicolas dá uma risada suave, sem responder à minha pergunta. Viajo com o pincel em seu pescoço, encontrando a clavícula, e cruzando as três cores usadas anteriormente. Pouco a pouco, sinto que a paleta volta a entrar em sintonia com a minha mente, e começo a despejar o que sinto nas cores que estão ao meu dispor. O corpo de Nicolas se torna uma pintura abstrata que eu não conseguiria replicar no tecido. Pintar sobre as curvas de alguém é diferente de tudo o que eu já fiz.

O espaço onde antes estava coberto por uma camiseta, agora está preenchido por uma grande mistura de colorações. Mescladas, ocultando a

pele que há por baixo das tintas. A cena, embora pouco comum, é sensual.

Estou vestida, mas através das pinceladas, eu me dispo lentamente de todas as amarras e receios. Peça por peça, é como se eu estivesse nua na frente de Nicolas, sem ter mais o que expor. Tudo está escancarado para que ele veja quem eu sou.

Uma tremenda bagunça de cores e sentimentos desconexos.

— Você não sabe o quanto eu quero te beijar.

Pela maneira que meu próprio corpo reage ao que escuto, percebo que eu também quero ser beijada por ele. Apesar da tensão, Nicolas permanece quieto e com os olhos fixos na minha boca, deixando que a frase fique solta no ar.

Nós dois ficamos parados, ao mesmo tempo em que logo depois avançamos simultaneamente para nos tocarmos. O beijo vem cheio de fome, esmagando um lábio contra o outro, roubando todo o fôlego que há em algum lugar dentro dos nossos corpos. Suspiro no pescoço de Nicolas, sentindo suas mãos passeando pela cintura, vindo de encontro com partes que querem ser tocadas como se hoje fosse o último dia de vida no planeta.

Graças à pintura que fiz nele, a tinta ainda úmida suja os meus braços, além de parte da minha roupa. Puxo a blusa para fora, tirando-a de cima de mim, precisando estar tão despida quanto sinto que já estou. Nicolas mira o olhar para meus seios cobertos pelo sutiã e passa os dedos na renda, até chegar na parte de trás, justamente onde está o fecho.

Ele o solta sem enrolação, deslizando as mãos pelas minhas costas nuas. A peça cai no assoalho, propiciando que ele veja a minha silhueta do começo dos ombros até abaixo do umbigo, exibindo mais do que eu gostaria que ele visse. Marcas que não são encontradas em qualquer um, mas que estão presentes na minha pele. Os hematomas e cicatrizes nem sempre vão embora, algumas me acompanham aonde quer que eu vá, sejam porque estão eternizadas no meu corpo, ou porque estão presas nas memórias que tento inutilmente esquecer.

Os socos, os chutes, o corte de faca na minha perna esquerda, todas as agressões estão ali, espalhadas em partes aleatórias.

Não é bonito. Não é romântico. É vergonhoso, porque Nicolas fica paralisado, os olhos estão arregalados e vejo neles uma expressão de horror que faz com que eu queira me cobrir para sempre.

Em vez de falar sobre as marcas, ele alcança o pincel e o estica, não sem antes pôr um dedo no meu queixo, erguendo a minha cabeça.

— Se eu puder, vou te dar todas as cores que escolher, não importa quais sejam. Todas elas serão suas. Porque você merece, Betina. Você merece um arco-íris inteiro.

Não entendo o que ele quer dizer, mas quando faz um traço com o pincel na primeira cicatriz que encontra, percebo o que Nicolas tem em mente. Ele não se importa se estou remendada, apenas quer oferecer um pouco das cores que eu tanto amo para a minha própria existência. Ele quer que eu volte a sentir as cores vivas em mim.

Estamos cobertos de tinta, e meus mamilos estão eretos por causa do frio e do tesão que ele está provocando com suas ações. A intimidade é tangível entre nós.

Fecho os olhos, sentindo as fibras do pincel sendo arrastadas em círculos no meu seio direito. É a coisa mais excitante que eu sequer imaginei que pudesse acontecer comigo. Deixo a cabeça cair para trás, sem acreditar que nem tiramos todas as peças de roupa e já estou gemendo de prazer.

Nicolas se aproveita da vulnerabilidade para lambe minha orelha, deixando a pintura em segundo plano. O pincel cai no chão, manchando o assoalho, mas só consigo pensar que os dedos dele trabalham no botão e no zíper da minha calça jeans. Nossos peitos estão encostados, esbarrando as tintas umas nas outras, transformando-as em uma mistura indecifrável.

O coração de Nicolas está palpitando com força, ou será que o meu é que está batendo tão alto? Escuto batidas, batidas incessantes e rápidas.

A língua dele avança à procura da minha, puxando a calça para baixo no meio de um beijo alucinante. As preliminares de outros casais são compostas por toques diferentes do que nós estamos experimentando, porque a calcinha de renda está úmida, porém nem começamos a explorar as partes íntimas de cada um.

Para falar a verdade, nem precisamos delas. Sei que estou pronta só de pensar em tê-lo dentro de mim. Quero muito senti-lo por inteiro.

— Você é linda.

Ele não diz que sou gostosa, que quer me foder, não evidencia nada além de afirmar com todas as letras possíveis que sou linda. Ninguém jamais falou palavras tão doces antes de tentar entrar dentro da minha calcinha, é algo inédito. Eu gosto de me sentir linda diante de alguém que acha que sou assim, porque apesar de não priorizar a aparência exterior e estar com resquícios de tinta até nos meus cabelos, eu estou me sentindo mais linda agora do que em qualquer outro dia.

Sorrio, enrubescida, e mordo os lábios devido à frase curta, mas que faz crescer uma confiança deliciosa em algum ponto da minha mente. O cinto que prende sua calça tem uma fivela dourada, e eu o tiro com os dedos trêmulos, ansiosos por deixá-lo totalmente à mostra. O volume que seu pênis ereto preenche na cueca é aparente, deixando bem claro que não sou a única que está explodindo de excitação.

Nada nos separa, exceto o fino tecido das peças íntimas, já que o restante está em contato direto, provocando sensações maravilhosas. Nicolas não tira minha calcinha de imediato, o que me faz odiá-lo nos primeiros instantes.

Ele brinca com as reações. Quanto mais demonstro que quero ir a fundo, mais ele demora a entregar o que eu desejo. Caímos na cama, destruindo os lençóis brancos que estavam sobre o colchão, levando em conta que a tinta é permanente.

Eu realmente o odiava até um minuto atrás.

Agora eu o amo.

Sua língua está em todos os lugares, reconhecendo cada área, e eu estou despreparada, ao mesmo tempo em que estou pronta para o que ele quiser fazer comigo, tremendo em sua boca e agarrando os lençóis como se eles fossem dar suporte para o estímulo que estou recebendo. Minha vagina se contrai, sinto que entro em combustão automática, e digo adeus à sanidade que eu achava que tinha. Gemo alto, porque o prazer é invasivo, impossibilitando que eu articule qualquer outro som senão os ruídos malucos que saem dos meus lábios.

Meu Deus, eu definitivamente o amo.

Perco a noção de tudo. Nem percebo quando Nicolas se levanta, busca uma camisinha e a tira do pacote. Seu pênis está livre da cueca, e apesar de à primeira vista ser maior do que outros que já vi, não me importo com o detalhe. Ele se apoia sobre o meu corpo, entrando facilmente em mim, porque a umidade no meio de minhas pernas permite que Nicolas me penetre sem esforços.

Nós nos encaixamos de verdade. Nossos olhos, nossas mãos, tudo está encaixado. Em nenhum momento, Nicolas deixa de olhar para o meu rosto, tocar os meus lábios, se prender nos meus olhos. O verde, o vermelho, o azul, o rosa, o branco, todas as cores existentes giram à nossa volta.

Além delas, há uma conexão quase palpável que não se encontra em qualquer casal. Ele me penetra com seu pênis, mas a sua marca é tão grande que penetra em mim mais do que está visível. Não é apenas uma transa. É arte.

Literalmente, deitados e cobertos de suor e tinta, nos transformamos em uma única pintura.



No meio do *branco* do quarto, as cores parecem ainda mais bonitas do que elas são. Os respingos coloridos no piso branco, na parede branca, nos lençóis impecavelmente brancos, transformam o espaço à nossa volta em algo exclusivo e jamais visto em outro lugar.

A pintura tem o poder de transformar o nada em *tudo*, e o tudo em nada. Hoje, nós somos tudo.

Nicolas acaricia meu ombro nu, olha para o teto, porém não ousa mencionar sobre o que eu imagino que o esteja perturbando.

Passo um dedo em seu peito, tentando me distrair para criar a coragem necessária de abrir a boca e confessar um dos meus maiores pecados.

Apoio o cotovelo no colchão, respiro fundo e digo para mim mesma que está tudo bem. Que já passou da hora de contar para alguém, que se sou forte para suportar, também sou forte para revelar a verdade.

— Começou quando eu era criança.

Nicolas entende o rumo da conversa, porque as duas mãos passam a segurar a minha cintura, presumindo que preciso de apoio. Ele está certo, o seu amparo é um incentivo a mais para que eu finalmente desabafe.

— Cecília não aceitava que eu brincasse com as crianças da vizinhança. Quando eu desobedecia, porque queria ter amigos e ser como os outros da minha idade, ela me batia. Dizia que eu tinha que ficar dentro de casa, cuidando das tarefas domésticas para aprender a ser uma mulher de verdade.

Ele me aperta mais com a ponta dos dedos, aparentemente não satisfeito com o que está ouvindo. A parte pesada nem começou. Ainda estou contando sobre a fase em que existia controle.

— Nos primeiros anos, a assistente social fazia visitas regulares. Queria saber como eu estava me adaptando, como ia a minha estabilidade psicológica. — rio, inconformada. — Cecília não podia descontar toda a raiva em mim, do contrário, poderia ser presa por maus tratos contra um menor.

— Os vizinhos nunca a denunciaram?

A pergunta que Nicolas faz é a mesma que muitas pessoas pensam, no entanto, nunca chegam a questionar. Parece óbvio, até conhecerem a realidade na prática.

— Não. — dou de ombros. — Muitos por medo, outros por não quererem envolvimento com a polícia. Na maioria, se tornam passivos e fingem que não veem, assim não se sentem culpados por não intervirem.

— É muito errado. Se eles sabiam, tinham que ter denunciado. Uma simples denúncia te tiraria daquela casa maldita.

— A justiça não costuma acontecer em todos os casos, Nicolas. Quem sabe o que aconteceria, mesmo com uma denúncia registrada? Eu não culpo os vizinhos. Em mais de dez anos de maus tratos e sofrimento, eu mesma nunca tive coragem de abrir uma denúncia formal contra a Cecília.

Sento, colocando as mãos no joelho, buscando fôlego para continuar.

— Na adolescência tudo piorou. — tiro os fios de cabelo que caem nos meus olhos, que impedem que Nicolas veja meu rosto e as minhas reações. — As visitas da assistente social pararam de acontecer, porque eles precisavam dar atenção para os casos infantis, e eu já estava sob a guarda da minha tia por um longo período. Cecília começou a tirar proveito da minha fragilidade e da falta de assistência do governo. Qualquer olhar, qualquer comentário, qualquer suspiro, tudo passou a ser motivo para que eu fosse agredida.

Nicolas também se senta, vira de frente para mim, e passa a mão no meu rosto. Ele abre a boca, porém a fecha no instante seguinte. Não é uma tarefa simples a de encontrar as palavras certas no meio de uma enxurrada de relatos tristes.

— Muita gente acha que agressão é só o que fere o corpo, não o que fere a mente. Eu sofri agressões de todos os tipos. Não sei se as físicas

foram piores do que as psicológicas, mas ambas deixaram marcas profundas.

Aponto para a cicatriz na perna, o corte de três centímetros pouco abaixo do quadril. É a marca mais profunda e visível em meu corpo.

— Eu tinha dezesseis anos quando ela enfiou a faca na minha coxa. Foi pouco antes de eu tentar reabrir o caso na delegacia. — coloco a mão em cima da cicatriz avermelhada e sobressalente. — Nós discutimos e a Cecília fez isso. Ela nem me levou a um hospital. Só deixou que eu sangrasse e fizesse os curativos por conta própria.

Nicolas fecha os olhos, apertando as pálpebras com força. Eu permaneço ereta, com as emoções estáveis, disposta a contar o máximo que puder.

— Os puxões de cabelo, as vezes em que fui chutada, empurrada, ameaçada e humilhada, não dá pra contar nos dedos. Perdi a conta depois da centésima agressão.

Ergo o olhar e noto que ele segura meus dedos, acariciando minhas juntas. Tenho convicção de que é a forma que ele encontra para dizer que sente muito, sem precisar expor essas palavras. Gestos são capazes disso.

— Aquela marca roxa que estava no seu braço também foi obra dela, não é?

Faço que não com a cabeça, apertando os nós dos dedos. Manuel não é o primeiro namorado de Cecília que compactua com o desejo de me machucar. Ele apenas é o mais determinado.

— Outra pessoa ajuda ela a te maltratar? — ele franze a testa, segurando meus ombros e olhando para o meu rosto. — Você quer dizer que ela planeja, junto com alguém, a hora e o lugar *perfeito* para te violentar?

Ouvi-lo dizendo cada palavra com a raiva que está presente em sua voz faz parecer ainda mais revoltante, mais desprezível. Realmente, dá asco.

— Alguma vez... te agrediram... sexualmente? — Nicolas custa a soltar a frase inteira, vacilando entre uma parte e outra. — Eles já te estupraram?

De novo, eu nego.

— Não. — faço uma careta, porque eu sei o motivo para ela nunca ter pedido para que seus namorados me violentassem por meio do sexo. — Cecília diz que não mereço ser amada, tocada, sentida por ninguém. O sexo, mesmo que fosse indesejado, ainda seria um tipo de toque que ela não admite que eu tenha. Se não seguisse essa ideologia, com certeza eu teria sido estuprada pelos namorados dela.

Nicolas cerra os punhos, e bufa, indignado.

— Paola sabe?

Concordo, agradecendo mentalmente por ele ter desviado o assunto sobre os namorados da minha tia, para focar no restante do que relatei. Falar sobre as agressões de Cecília já é um grande avanço para quem ficou tantos anos evitando tocar nisso.

Sim, Paola sabe de muitos acontecimentos, mas alguns eu tive que fingir que não haviam acontecido, enquanto outros ela jamais sequer sonhou que existiram.

— Os hematomas mais leves sempre foram os mais fáceis de despistar, porque eu podia inventar que tinha caído, escorregado no banheiro, tropeçado enquanto caminhava. — explico, envergonhada. — Não me orgulho do que fiz. Muitas vezes eu me culpei pelo que acontecia comigo.

— Nunca a culpa é da vítima, Betina, sempre do agressor. — Nicolas dispara na mesma hora. — É por isso que precisa levar a denúncia a sério. Você vai comigo na delegacia para prestarmos uma queixa contra violência doméstica.

— Eu não sei se posso. — sussurro, tomada pelo medo. — A Cecília...

— Errou, e vai ter que pagar pelo que te fez passar. — Nicolas emenda, sem permitir que eu termine o que ia dizer. — Ela te ameaçou de machucá-la se contar?

Gesticulo em sentido negativo. Cecília sabe que eu suporto suas agressões, mas infelizmente conhece o meu ponto mais fraco.

— Ela não cogita que eu abra a boca depois de tantos anos. O medo dela é que eu saia de casa, assim ela não vai poder acessar os bens e o dinheiro que recebe mensalmente do governo. — coloco as mãos no joelho nu de Nicolas, acariciando seus pelos. — Ela sabe que me machucar não resolve. Se eu sair de casa, ela disse que vai fazer com que os meus amigos paguem pela minha rebeldia.

A risada de Nicolas é carregada de sarcasmo. É a mesma reação que eu tenho, quando penso na insanidade que gira em torno da minha tia.

— Rebeldia? — ele volta a rir, desdenhando as ações de Cecília. — Quer dizer que lutar pelos direitos e não aceitar que a machuquem é ser rebelde?

Entendo a fúria de Nicolas, porque eu a sinto muito, às vezes diariamente. Meus pais morreram, minha tia ficou com a guarda, e o mundo ainda deveria ser um lugar bom para mim. A lógica é que, apesar da dor e do luto, eu deveria ter sido acolhida e bem tratada pela irmã da minha mãe.

Por motivos que ela nunca disse quais são, não foi bem assim que aconteceu.

— Eu não tenho medo por mim, Nicolas, e sei que isso é fodido, só que já aturei tanta coisa que acho que não tem mais nada que eu não possa suportar. — olho nos olhos dele, para que ele veja que estou falando sério. — Tenho medo por Paola, Caio, e nisso também entra você.

Ele começa a balançar a cabeça sem parar, segurando suavemente em minhas bochechas, fazendo com que eu não deixe de olhar para seu rosto. Olhá-lo é o que está me deixando mais calma, então não é esforço nenhum.

— Não. Faça. Isso. — cada palavra sai pausada, e os olhos de Nicolas estão arregalados. — Não deixe as ameaças dela entrarem na sua mente, porque é o que ela quer, ela sabe que você tem escrúpulos e vai usar sua bondade contra você mesma.

— E aí eu vou colocar os meus amigos no jogo? Vou arriscar que ela faça mal a todos vocês?

Nós dois estamos parados em cima da cama, nus e sujos de tinta seca, discutindo sobre os atos inaceitáveis de Cecília.

Nicolas respira fundo, e diz *sim* para a minha pergunta. Não estava esperando por esse sim. Eu podia jurar que ele pensaria melhor quando visse que eles estavam envolvidos, e concordaria com o meu silêncio motivado pela apreensão.

— Ficar quieta é o mesmo que dizer que concorda com o que ela faz. — ele passa a mão no meu queixo. — Você quer me dizer então que concorda, Betina?

— Não, não concordo.

Paro de ficar na defensiva. Paro porque não concordo, não devo continuar fingindo que está tudo bem. Paro porque ninguém merece passar por tanto tormento e ainda sorrir, achando que no dia seguinte vai ser diferente. Paro porque relembro o quanto eu sofri nas mãos de Cecília, o quanto sofro. Paro porque sou obrigada a parar, senão nunca vai existir uma mudança verdadeira.

— Sabe o que precisa fazer.

Concordo, vacilante.

— Paola vai surtar quando souber que eu desisti de sair da casa de Cecília porque eu sofri uma ameaça e me sacrifiquei por ela. — digo, sabendo que minha amiga não vai achar nada legal o lance do sacrifício. — Não posso fazer isso sozinha.

Nicolas cola a testa na minha, depois entrelaça seus dedos nos meus.

— Você nunca vai estar sozinha.

Ele alcança minha boca, me beija e enfim noto que devo ir a fundo nisso. Sinto que realmente não estou desacompanhada, pois tenho meus amigos que sempre incentivaram a denúncia e conto com Nicolas que me deu segurança e também está disposto a entrar na briga comigo. Cecília voltará de viagem com uma intimação da polícia entre suas correspondências, e a justiça vai começar a ser cumprida, porque desta vez vou lutar com garras e dentes. Minha tia vai perceber que não sou apenas amada, o que ela temia que acontecesse, como eu também respiro amor.



Se tem algo que o acidente me ensinou, é que o arrependimento não nos leva a lugar algum. Ninguém deveria querer chegar no fim da vida, e em vez de encontrar um ponto final, ver uma quantidade interminável de reticências. Enquanto eu for corajosa o suficiente para fazer o que achar que devo, vou estar achando uma razão boa o bastante para estar viva, e assim eu vou conquistar o melhor ponto final da história dos pontos finais.

É por isso que acordo para a realidade e aceito que eu devo denunciar a Cecília. Meus amigos sempre insistiram para que eu a entregasse para a polícia, só que no fundo, parecia que eu não ia conseguir. Passar por cima da minha tia é assustador em níveis que nenhum deles conhece. Com a ameaça que Cecília fez sobre machucar os meus amigos, a situação piorou.

Ainda tenho dúvidas, porém Nicolas está ao meu lado, garantindo que tudo vai ficar bem. Que eles estarão protegidos e que ninguém mais vai ser machucado por ela. Mesmo que ele diga isso com tanta convicção, preciso tirar o resto de coragem de dentro de mim para caminhar em direção à delegacia.

Ele apoia a mão em meu ombro, mostrando a todos na delegacia que estamos juntos. Não nos intitulamos como um casal, mas ele está comigo, então é o bastante. Não precisamos de um rótulo para provar que estamos envolvidos afetivamente.

O oficial nos revista, de acordo com o protocolo que eu já conheço. Por ser filho do delegado, o tratamento que ele recebe é diferente daquele que já tive em outras ocasiões. Na minha última visita, com exceção do oficial Feller, os funcionários em geral foram pouco profissionais. Não suporto quando a educação escolhe classe social. A educação deve ser universal, independente de qualquer questão.

— Oi, Nicolas. — a oficial que fica na recepção é extremamente receptiva com ele. Me pergunto se ela só sabe ser gentil quando tem segundas intenções ou se ela é que escolhe a data para usar a gentileza. — O delegado teve que sair, você sabe como seu pai é ativo e não para aqui na delegacia. Eu posso te ajudar?

— A Marta está na sala dela? — Nicolas pergunta, dispensando a ajuda sem ser ignorante. — Nós precisamos conversar com ela. Mais precisamente, a Betina precisa. É urgente.

Até o momento em que não sou citada, ela não me nota do lado de Nicolas, o que é meio impossível, já que estamos praticamente colados um no outro. Basta que ele fale a meu respeito para que ela dê uma olhada de cima a baixo, torcendo a boca para mim.

— Ah, entendi.

Ela continua com a boca esticada para o lado de propósito, querendo mostrar o quanto está insatisfeita com a minha presença. Não nos entendemos direito desde a primeira troca de palavras, afinal, ela não gosta de casos complicados e eu não gosto de pessoas que não saibam lidar com todos os tipos de casos. Uma dupla *perfeita*.

Paola adoraria estar aqui. Certamente ia perguntar para a atendente se ela tem algum problema facial para que não consiga manter os lábios no lugar certo por um determinado período. Ela deve ficar grata por eu não seguir o estilo de vida da minha amiga, ou a boca realmente sairia torta da delegacia.

— A Marta sempre está, Nicolas, pode bater na porta que ela vai atendê-los. Violência doméstica não é muito incomum. — ela rabisca um papel, colocando a boca no lugar para dar um sorriso arrogante. — Costuma ir para arquivos se não tiver provas, só que é lógico, ela não vai deixar de ouvir a versão da moça.

Ouvi-la falando com tamanho deboche faz com que eu dê dois passos para trás, inconsciente dos meus atos. Apesar de sua grosseria, ela lembra que eu estive à procura de um caso arquivado há algumas semanas. Ela se aproveita da brecha para atacar, sendo que nem foi provocada.

— Obrigado, Carina. — Nicolas diz. — Por gentileza, não fale para o meu pai que estive aqui.

Ando para o lado, ignorando o pedido que ele faz para a oficial que nos atende, nem tentando adivinhar o motivo para que não queira ser descoberto pelo delegado. Caminho sozinha sem rumo, até que Nicolas corre e chega mais perto.

— Ei, não dê ouvidos para ela. — ele vem andando até ficar na minha frente, obrigando que eu pare de andar e o encare. — Você não deu bola para o que a Carina falou, né?

— Eu não sei. — admito, confusa. — O caso dos meus pais foi arquivado, Nicolas. Eles morreram e ninguém deu importância. Pensando assim, quem eu sou dentro de uma delegacia, tentando denunciar outro caso de violência, sendo que é uma realidade que acontece com tantas outras pessoas no mundo afora? Não sou melhor do que aquelas vítimas.

— Betina, você é a prova de que ficar em silêncio não faz com que a violência seja menos frequente. — ele coloca as mãos na minha nuca, acariciando a parte de trás do pescoço. — A sua denúncia pode abrir os olhos de vítimas que também ficam com medo de contar sobre os maus tratos que vivem.

A clareza na afirmação de Nicolas me dá outro incentivo, um ponto que eu não havia parado para pensar. Uma denúncia pode desencadear outra, que desencadearia outra, que faria com que mais denúncias fossem feitas. Além de sair do meu buraco *preto*, a iniciativa talvez possibilite e ajude a tirar outras vítimas de seus próprios buracos.

— Tudo bem, vamos lá.

Nicolas beija o alto da minha cabeça, desce até a ponta do nariz, e depois captura a minha boca. O beijo é comedido por estarmos em público, mas me dá um pouco mais de força. De coragem.

— Eu tenho orgulho de quem você é, não esqueça disso. A Cecília vai pagar por tudo o que te fez, assim como outras agressoras em Ostala, em outros cantos do planeta, um dia também vão ter a punição que merecem.

Consinto, enquanto Nicolas bate na porta de Marta, a encarregada pelo setor de denúncias contra a violência doméstica da cidade. Nós a abrimos quando ela fala para entrarmos, com a voz meio estridente.

— Nicolas, querido! — ela salta da cadeira ao vê-lo, parecendo feliz com a sua visita inesperada. — Seu pai disse que você anda muito ocupado. É por isso que nunca mais veio na delegacia para batermos um papo?

— Os plantões são recorrentes, Marta, você sabe. — ele a beija na cabeça, por sua estatura ser extremamente pequena. Dentro do abraço de Nicolas, ela parece uma criança.

— Não é desculpa. — ela dá um tapinha em sua barriga, e eu rio de sua irritação. Marta parece ser um doce, mesmo irritada. — E olhe só, o que temos aqui? Uma garota muito bonita, hein, garanhão. Sua namorada?

Minhas bochechas ficam quentes com a sugestão de Marta. Nada de títulos, nada de compromissos. Nicolas pisca para mim, entendendo que estou tímida por causa do questionamento.

— Quase isso, Marta. Os tempos modernos não são mais como antigamente. — ele brinca, descontraindo. — De toda forma, viemos porque a Betina precisa conversar com você.

Marta faz uma careta, e pelo visto, o significado do verbo conversar em uma delegacia, não é o mesmo sentido de fora dela.

— Hum, tão querida e tendo que conversar comigo. — ela balança a cabeça, sem se conformar. — Por que você não a trouxe para conversarmos fora daqui, garanhão?

Ainda não falei uma palavra sequer, e ela automaticamente presumiu que sou querida. Pena que Cecília não pense igual a ela. As coisas seriam menos complicadas do que acabaram se tornando pelo ódio de minha tia.

— Depois de conversarem, nós podemos marcar um encontro na sua casa, Marta. — Nicolas começa a se despedir dela, não sem antes tocar em mim, prendendo a atenção em meu rosto. — Vou deixá-las a sós para que não se sinta pior. Eu sei que é difícil falar sobre o que aconteceu, mas lembre-se de olhar para dentro, e as confissões vão vir com naturalidade, no momento em que quiser falar.

Nunca olhe para dentro.

O pensamento pisca na minha mente como se fosse um letreiro com luz infinita. A caixa que tenho no quarto é apenas uma parte da proibição, a

parte palpável. Pensar nas lembranças é proibido também, pelo menos até pisarmos na sala de Marta.

Se para denunciar a Cecília eu tenho que *olhar para dentro*, é por uma boa causa que estarei olhando em direção ao meu passado. Puxo algumas inspirações longas, ouvindo a porta sendo fechada e Marta olhando para mim com curiosidade.

— Pense que somos amigas, Betina. — ela começa, girando na cadeira. — O Nicolas é um ótimo garoto, e se ele a trouxe aqui, é porque você também é ótima. Então quero ser sua amiga.

Aperto meus joelhos, assentindo. Pensar em Marta como uma amiga é parecido com o que eu estaria fazendo ao confessar as mágoas para Paola. A diferença é que eu conheço a Paola por uma vida inteira, e Marta por poucos minutos.

— Não tenha medo de se abrir comigo. Às vezes nós temos que compartilhar o que nos fere, principalmente se a ferida for grave e legalmente passível de uma pena. Desabafar com um estranho exige menos responsabilidade do que com um conhecido, que pode nos julgar. Eu não tenho a menor intenção de começar um julgamento. — ela balança a cabeça, esperando que eu entenda o que ela diz. — Vamos começar com você me contando a sua história, pode ser?

Visualizo as duas partes da história que preciso contar a ela. Não tenho que me aprofundar na primeira, embora precise passar por ela para conseguir chegar na segunda. Uma depende exclusivamente da outra.

— Eu perdi os meus pais aos oito anos de idade. Acidente de carro. — olho para baixo, constrangida demais para conseguir falar o que eu prometi que falaria. — Eles morreram depois de voltarmos de uma exposição dos meus quadros.

— A pintora prodígio? — ela pergunta, apontando para mim em reconhecimento. — Uau, eu lembro daquela tragédia. Ostala não é uma cidade muito grande e todos comentam, você sabe.

A desvantagem de morar em uma cidade pequena é que todos sabem tudo sobre você. Ou melhor, quase tudo. As fofocas se espalham como uma praga, e de norte a sul os moradores falam sobre o que não diz respeito a eles, incluindo falsas verdades. Parece uma peste impiedosa.

— É, eu sei.

— Imagino que tenha sido difícil. A guarda foi passada para sua tia, não é? — ela faz a pergunta, e depois faz outra, como se uma não fosse o bastante. — Você ainda pinta? Cheguei a ver um dos quadros. Tinha muito talento em cima deles.

Marta está curiosa, parecendo intrigada com a minha presença em sua sala. Imagino que ela possa conhecer a Cecília, e que esse seja um fator que a faça duvidar da minha versão. Quero focar em outra coisa que não seja na insegurança que está me consumindo.

— Sim, a Cecília ficou como tutora. — dou de ombros, incapaz de entender como ela possa ser considerada assim pela lei. — Não pinto mais. Desde que fui para a casa dela.

— Interessante. — ela para, e complementa. — Não de um jeito bom, lógico. Ela não te deu liberdade para pintar?

Rio por dentro, porque tudo o que nunca tive sob o teto de Cecília foi liberdade. É esquisito pensar que para algumas pessoas, o simples conceito de uma palavra possa ser tão diferente do que é para outras. A liberdade é como um sonho pra mim, enquanto é banal para a grande maioria daqueles que a tem, porém não a valorizam.

— A Cecília não gostava que eu sujasse o assoalho com as tintas. Falava que as telas eram boas para jogar fora, que eu não fazia nada além de estragar os materiais e rasgar notas valiosas de dinheiro, que eu não tinha a menor noção do que era arte.

— Então você parou de pintar.

Ela não parece estar perguntando, mas há algo no seu tom de voz que sugere a dúvida presente na afirmação, transformando a frase em um questionamento mascarado.

— Ela quebrou tudo, as paletas, as telas, meu cavalete. Depois disso não insisti mais, por medo, por respeito, não sei. Tinha nove anos quando parei.

— E não parou por aí, presumo. — ela tenta adivinhar, parecendo ter bastante experiência nesse tipo de assunto. — Do que mais precisou abrir mão?

— Foi acontecendo aos poucos, e eu nem percebi no início o quanto foi agravando e se tornando insustentável. — engulo a saliva, tentando me manter calma. — Começou com ela proibindo minhas amizades. Afastando as pessoas que eu levava para a casa dela. Ela inventava mentiras para que eles sumissem do mapa.

— E eles faziam isso? Acreditavam no que ela dizia?

Grande parte dos meus amigos desapareceram sem dar o menor dos créditos para a amizade que eu achei que tínhamos. Cecília os comprou com as histórias como se desse doce na mão de uma criança. O sentimento, infelizmente, não teve reciprocidade.

— Cecília sabe ser convincente. — franzo a testa, colocando a mão no queixo. — Ela sempre vence.

— Você quer que ela continue vencendo? — Marta pega uma folha, preenchendo alguns dados. — Acho que você não está aqui para falar dos amigos que perdeu ou da sua carreira abandonada. Se estiver, nós vamos conversar tranquilamente como as amigas que eu falei que podemos nos tornar, mas eu consigo sentir que há mais de onde isso veio.

Ela empurra a folha para que eu veja o que preciso assinar. O boletim de ocorrência contra minha tia, por violência doméstica.

Seguro a caneta, a coloco em cima do pontilhado feito por Marta, e paro de olhar para ela quando volto a falar.

— As agressões eram sutis no começo. Um empurrão aqui, um beliscão ali, um tapa no braço, um chute na perna. Ela não poupava os xingamentos, mas pegava leve com o restante. — largo a caneta, colocando a mão na coxa. — Eu só vou conseguir falar se me deixar dizer tudo sem pausas. Por favor, só escute, e aí podemos acabar com isso logo.

Marta faz o que peço, não diz uma palavra sequer, porque deve compreender o quanto a denúncia é um momento delicado para a vítima que sofre calada por tanto tempo. O silêncio é aconchegante e, de alguma forma, faz com que eu esteja falando como se desabafasse para mim mesma. É o que me dá coragem para continuar.

— Eu pensava que era normal. Todo mundo devia passar pelo mesmo com seus pais, né? Cecília não era minha mãe, mas estava no lugar dela

para me criar. Era como uma mãe reserva. Uma mãe substituta para me dar proteção.

Viro a cadeira giratória, para que eu permaneça de costas para Marta, ficando um pouco mais à vontade. Detesto ver a reação de pena no rosto dos ouvintes. Paola, Caio, Nicolas, eles fizeram isso.

— A violência aumentou drasticamente depois dos quatorze anos. Aos quinze, tinha dias que eu não conseguia ir para a escola, porque na hora da raiva, ela me acertava em lugares visíveis. As marcas duravam mais tempo na pele. A força dos tapas era mais forte, mais intensa.

Inspiro lentamente, piscando contra o choro. Tenho chorado mais do que gostaria nas últimas semanas.

— Aos dezesseis, ela trouxe um namorado para dentro de casa. Ela insistia para que o rapaz me machucasse, só que ele não conseguia ir tão longe. Ele chegou a me pedir desculpas antes de terminar com ela. Lucas era o mais consciente de todos os namorados que Cecília apresentou pra mim. — respiro fundo. — Naquele ano nós discutimos porque eu queria voltar a abrir o caso dos meus pais. Não achei que fosse justo. Eu queria insistir, ir até o fundo, descobrir o que tinha acontecido para que eu pudesse ter um pouco de paz. A Cecília surtou e disse que todos na cidade ficariam contra nós, porque eu diria para a polícia que o trabalho deles não era o suficiente. No meio da discussão, ela pegou uma faca da cozinha e enfiou na minha perna. Achei que fosse morrer naquele dia. Ela parecia uma assassina vindo com a lâmina apontada para o meu corpo, e eu só conseguia rezar para que eu tivesse mais um dia, mais uma chance. Que eu não tivesse um fim tão cruel quanto o dos meus pais, que tinham morrido sem muita dignidade.

Olho para cima, ainda lutando contra as lágrimas. De tudo que estou contando, ainda não cheguei ao pior, ao namorado mais cruel.

— Você deve saber que os jornalistas alegaram que meu pai estava embriagado, que por isso havia despencado dentro do lago. Eu tenho certeza de que era tudo mentira. Meu pai não consumia álcool, muito menos antes de dirigir. — volto para o assunto dos namorados, não me focando tanto na questão do acidente. — O corte que ela fez na minha coxa não me matou, como pode ver, mas é uma marca que me encara

aonde quer que eu vá. Depois desse episódio, ela apareceu com outro namorado, Rafael. Eles ficaram juntos por dois anos, e diferente do Lucas, ele demonstrava que sentia prazer em ver o meu sofrimento. Cecília tinha achado um par ideal, um homem que a ajudaria a me destruir. Era o que eu pensava, até que eles terminaram, e o Manuel apareceu nas nossas vidas.

Marta é obediente, porque só escuto o som de sua respiração pesada, provavelmente alterada por causa dos meus relatos. Não é fácil sentir na pele o que eu senti, mas escutar uma versão tão dura dos acontecimentos que afetaram uma vítima também não deve ser bom.

— Rafael costumava assistir as agressões, era mais um expectador ao lado da minha tia, do que um agressor ativo. Ele ria e achava merecido o que ela fazia, mas não se envolvia fisicamente, só teve uma vez em que ele chegou a me tocar. — aperto os braços, desejando uma esponja gigantesca que seja capaz de esfregar as memórias imundas que estão no meu cérebro. — Manuel, diferente dos outros namorados, é totalmente parceiro de Cecília. Ele me ataca tanto quanto ela, às vezes com mais grosseria, pela força dobrada que tem. Eles estão juntos também há pouco mais de dois anos, e eu já perdi a conta das agressões que sofri nas mãos deles.

Embora lute para as lágrimas não aparecerem, uma gota minúscula escorre na bochecha, deixando um rastro visível da dor interna que atormenta a minha mente.

— Antes que pergunte, me julgue, ou pense que eu aguentei tudo porque quis, já adianto que tentei sair de casa. Várias vezes. Várias tentativas falhas. — enxugo o rosto. — Como eu disse antes, a Cecília sempre ganha. Ela descobria o que eu ia fazer e dava um jeito de me ameaçar, de impedir que eu realmente fosse embora. Minha tia está com a herança que foi deixada pelos meus pais, e além disso, ela recebe um valor fixo do governo por causa do emprego do meu pai. Todos os bens são meus, e depois dos dezoito anos, eu já quis tentar entrar com o pedido para que liberem o que é meu por direito. De novo, Cecília descobriu e além de destruir os papéis, novamente me violentou.

Vejo escancarado na mídia a sociedade julgando sem ao menos conhecer o lado da vítima. Pensam que a verdade é aquela que eles conhecem, não o que a vítima realmente vive. A verdade que não contaram a eles é que nem tudo é como parece ser.

— Ainda tenho dois amigos, eles se chamam Paola e Caio. A Cecília nunca conseguiu afastá-los, por mais que tenha tentado. Eles sabem o quanto ela é má e conhecem de perto todo o sofrimento que tive no tempo em que estou sob a guarda dela. Acontece que minha tia sabe das coisas, e descobriu que eles são o meu ponto fraco. — conto a verdade, detalhe por detalhe, sem deixar passar nada. — Já que inventar mentiras não resolveu, e eles continuam ao meu lado, ela ameaçou machucá-los. Ela vem usando eles contra mim. — digo, preocupada. — Eu tenho medo de que ela cumpra com a sua palavra. Se ela sair impune... se ela souber que eu a denunciei e não for presa... se... eu não posso...

Desabo em um choro contínuo, desconsolado, sem qualquer tipo de controle. A simples ideia de imaginar os meus amigos em perigo, por minha causa, faz com que eu entre em desespero. Eu suporto que ela me destrua por fora, que fira minha pele, que use meus sentimentos contra mim e me faça agir contra as vontades que eu sempre tive. Suportei toda a violência durante anos, porém não vou suportar se Cecília fizer mal àqueles que eu mais amo.

Os soluços preenchem a sala de Marta, e antes que eu perceba, ela está de joelhos na minha frente. Uma das mãos está apoiada na cadeira, enquanto a outra encosta no meu corpo. Sinto seu toque, mas não a vejo porque estou cobrindo o rosto conforme posso, evitando que vejam o meu estado.

— Betina. — ela chama, esperando que eu destape os olhos. — Por favor, olhe para mim. Por favor. Não tenha medo.

O pedido de Marta é inútil, pois eu sinto medo durante vinte e quatro horas, em sete dias da semana, nos doze meses de um ano. Mesmo quando penso que esqueci o que é sentir o medo, no meu subconsciente ele está infiltrado e eu parcialmente não deixo de pensar nela.

Ela é o que mais me dá medo.

— Eu sei o quanto é doloroso. — Marta diz, embora eu permaneça do mesmo jeito. — Minto, eu não sei. Eu apenas imagino que seja muito doloroso passar por tudo o que você está relatando. Não gosto nem de imaginar, muito menos de saber que uma garota tão especial esteja

passando por um trauma atrás do outro. Você perdeu os seus pais muito cedo e quase morreu no mesmo acidente, só isso já é um trauma horrível.

Tiro lentamente as mãos de onde estavam, e me deparo com os olhos vermelhos de Marta. Assim como eu, ela também está chorando.

— Não vai ser fácil. Não vai ser legal, nem divertido, nem vai te trazer alegria instantânea. — ela diz, para que eu saiba como será o processo. — Em compensação, você precisa passar pela tempestade para depois ver o sol brilhar de novo, não é? É o que nós temos que fazer, vamos trazer a luz do sol para o fim da sua tempestade.

Uma tempestade que dura doze anos, aliás.

A chuva já pode parar de cair.

— O que eu tenho que fazer?

Marta se mostra radiante ao segurar minhas mãos, explicando os trâmites da denúncia. A minha confissão é o que vai dar início ao processo, e os próximos passos serão os mais determinantes para o julgamento de Cecília. Ela vai ser chamada para depor, os meus amigos, meus vizinhos mais próximos, os namorados dela que também serão citados no boletim, todos vão participar das etapas até o veredito do juiz. Marta garante que faremos o possível para fazê-la confessar.

É o começo de tempos ensolarados, de o medo ir se dissipando até ser exterminado. É uma nova fase para ser encarada.

É hora de aposentar o guarda-chuva.



Cecília deveria retornar ao trabalho na segunda, mas quando chega a quinta-feira e ela continua sem dar qualquer sinal de sua volta, eu começo a ficar preocupada. Normalmente eu deveria ficar feliz por sua ausência, afinal, assim tenho a oportunidade de relaxar sem pensar nos vários tipos de receio que eu conheço graças a ela.

A questão perturbadora é que não acredito na fada madrinha desde os dez anos, e Cecília nunca age sem um plano maquiavélico. Para sumir por vinte dias, não fazer nenhuma ligação, não pôr um maníaco para me seguir, é porque ela está orquestrando algo ruim por conta própria.

Em breve a intimação da polícia vai chegar na caixa do correio, e a maior envolvida na denúncia, a mulher que está sendo acusada de alguns crimes, sumiu do mapa sem deixar rastros.

Ao menos eu consegui entregar o artigo da faculdade a tempo, e ficou muito melhor do que o anterior. Espero que as notas estabilizem novamente e que não comprometam as últimas fases da minha graduação.

Uma mala pequena está sobre a cama, e coloco o máximo de pertences que cabe dentro dela às pressas. Algumas roupas, produtos de higiene, o suficiente para que eu possa estar sobrevivendo enquanto o julgamento não acontece. Paola e Caio deram pulos de alegria quando contei sobre a denúncia. Tive que alertá-los a respeito da ameaça que Cecília fez, e apesar de ninguém acreditar que ela venha a fazer mal para eles, eu prefiro que estejam prevenidos e fiquem de olho em qualquer movimento suspeito.

Deslizo a foto que saltou da caixa proibida, olhando para ela antes de guardá-la na bolsa. Meus pais estariam contentes com o passo que estou dando. Requer força, requer persistência, e mais do que tudo, requer

bravura. Enfrentar minha tia diante de um juiz vai ser uma das lutas mais difíceis em que já me meti.

Aliso a caixa proibida, acompanhando as letras da tampa com meu dedo indicador. *Nunca olhe para dentro*. Minha mãe queria o contrário, seu desejo não era que eu parasse de olhar para as lembranças. Fecho os olhos, respiro fundo, e ergo a tampa para cima.

Sento na cama, puxando o primeiro papel que aparece. Por coincidência ou azar, justamente a lembrança é uma matéria de jornal, falando sobre a exposição dos meus quadros. Os pais de Paola guardaram o jornal e Paola guardou o recorte na caixa, ainda quando éramos crianças.

Garota prodígio de Ostala exhibe quadros em uma galeria de prestígio; conheça a história de Betina, uma pintora autodidata que esbanja talento e arte.

Betina Garec, de apenas oito anos, pinta desde os primeiros anos de vida e surpreende a todos por causa do seu olhar sensível e a maneira que pinta sem nenhum interesse além de amar a própria arte. Os pais comentam sobre o quanto a menina sempre demonstrou gostar das tintas e dos pincéis. "Ela é a cor da nossa casa. Nós também nos envolvemos em todo o processo e vivemos sujos de tinta, porque onde a Betina está, suas cores estão no meio.", diz o pai, Antônio Marques Garec. A mãe, Júlia Fernandez Garec, preferiu não dar entrevista, mas sorriu ao lado da filha e dos quadros durante toda a exposição.

No final da nota, tem uma fotografia daquela noite. Nós três estamos sorrindo para outra câmera, não a que está nos fotografando, e meus quadros aparecem na parte de trás. O jornal imprimiu poucos exemplares da edição em respeito ao que aconteceu naquele final de semana, mas algumas cópias foram salvas, como essa que está em minhas mãos. Uma nota foi emitida dias depois, falando sobre o terrível acidente e a fatalidade que levou a óbito os pais da pintora premiada.

Reparo em um daqueles quadros que aparecem na foto, e percebo que uma das telas expostas é a mesma que eu tenho guardada por mais de uma década embaixo das grades do meu colchão. Cecília não o queimou

porque nunca soube da existência dele. O pai de Paola o trouxe para mim, e nós o guardamos porque não tinha espaço para pendurá-lo no quarto. Os outros quadros foram rejeitados por minha tia, e desde então eu não os vi mais.

Solto a caixa e o recorte no chão, e puxo o colchão para o lado, até que vejo ele saindo totalmente do lugar. Em vez de apenas uma grade, minha cama tem duas. Uma segura o colchão, e a outra possibilita que o quadro permaneça intacto, independente do peso que seja colocado sobre ele.

Retiro a grade de cima sem precisar de muita força para movê-la. Um pouco de poeira se acumula em cima da tela, mas ainda assim vejo a pintura embaixo da sujeira. Estive tão focada em outras coisas, que passei meses sem olhar para ela. Limpo o pó com a parte de trás do braço, nostálgica ao me deparar com todas as estrelas cheias de cores em um céu totalmente amarelo. O meu apelido surgiu por causa da minha arte.

Dona Luísa, assim como em outras conversas, reviveu a lembrança por mim, contando a história por detrás do quadro. Eu o pintei aos seis anos, e ao contrário do esperado, o céu para mim era amarelo, enquanto as estrelas eram feitas de todas as outras cores. Meu pai nunca reprimiu a minha forma de expor o que eu sentia, muito menos como eu via o mundo. Assim como o céu e as estrelas poderiam ter a cor que eu quisesse, todo o restante seria possível. Ele dizia que eu era a luz, assim como o meu céu amarelo.

— Eu sou *amarelo*. — contorno a forma das estrelas, amando os movimentos das pinceladas que deslizaram no tecido. — Já que sou amarelo, preciso voltar a ser a *amarelinha*.

Ver as fotos, o quadro, olhar para o mural do crime coberto por dezenas de bilhetes, a caixa proibida escancarada, a junção de tudo isso desperta um sentimento que não consigo definir. Uma indignação resistente cresce em meus pensamentos, e só consigo pensar que estou fazendo tudo errado, pois não dá para ser a luz, estando de braços cruzados no meio da escuridão. Ficar parada à espera de uma resolução não está adiantando.

Disco o número de João, o taxista, tendo em mente que se há um lugar onde posso procurar alguma pista concreta é voltando ao lago com outro

foco, refazendo meus passos e buscando dentro da memória algum detalhe que pode ter passado despercebido.

Apoio o quadro no canto da parede, junto com a mala. Não vou deixá-lo para trás. Ele é o pouco que sobrou daquela noite, a prova de que eu já fui *amarelo* e posso voltar a ser.

Eu: Preciso de respostas. Eu tenho que procurá-las.

Termino de guardar todos os pertences, incluindo a caixa proibida que volta a ser fechada. Não espero até que Nicolas responda e saio apressada, para que o táxi não fique esperando ali fora por muito tempo. Largo a bolsa tiracolo e tranco a porta do quarto, colocando a chave no bolso da minha calça, para o caso de a Cecília voltar e constatar os sinais da mudança que comecei. O motorista já buzina pela segunda vez quando entro no carro. Peço desculpas pelo atraso, porque sei que é horrível deixar alguém esperando, mesmo pagando pelo serviço.

Coloco a mão no peito, sentindo uma pontada de culpa por não compartilhar a ideia com Paola ou Caio, até mesmo Nicolas, que não sabem de absolutamente nada.

Aperto o cinto de segurança até escutar o pequeno barulho, o indício de que a trava já está presa. Meu coração acelera e um pequeno vulto passa em minha mente, assim que penso no dia do acidente. Quase posso ouvir as risadas de meus pais, no entanto, não passam de borrões pregados pela minha consciência. Fecho os olhos e tento forçar para que eu lembre de mais, só que continua sendo inútil.

O motorista pergunta se desejo mesmo ir para aquela região, pois a previsão é de fortes chuvas para o final da tarde, e são quase quatro e meia. A comunicação naquele lado da cidade não costuma ser muito boa, já que celulares não costumam achar área devido a montanhas próximas.

Ainda assim, concordo com um aceno. Apenas peço para que ele pare na floricultura antes de irmos. Desligo meu celular e grudo a bochecha no vidro, olhando para a estrada. Sempre que sinto o automóvel correndo mais do que as placas permitem, aperto os olhos, tentando amenizar a

sensação de impotência. O medo é uma armadilha constante pra mim, mesmo sem Cecília por perto.

Chegamos à Toda Rosa em pouco mais de dez minutos. Dona Luísa poda algumas árvores da entrada e para assim que me vê caminhando até a loja.

— Betina, minha querida! Estou tão velha que não sei mais em que dia da semana nós estamos?

Sei que hoje não é sexta-feira. Nunca apareço na floricultura em outro dia, e não é de estranhar a reação de Dona Luísa.

— Resolvi vir hoje, porque amanhã vou ter um compromisso. — minto. — E a senhora sabe que não posso deixar de levar as flores para os meus pais, não é?

Ela sorri com tristeza, passando a mão em meus braços. Fica claro o quanto ela sente-se mal por causa disso.

— É claro que não pode. Vamos pegar os seus narcisos, querida, antes que a chuva a impeça de ir.

Dona Luísa embala o pequeno buquê de três flores com presteza. Saio da floricultura com mais facilidade devido à previsão pouco animadora do tempo. A corrida, no fim, não demora mais do que trinta minutos. Da casa de Cecília até o lago de Ostala é uma viagem relativamente curta. Ao chegarmos, pago imediatamente o valor para João, que pergunta se não quero que ele espere por mim. Invento outra mentira, dizendo que só precisava que me trouxessem, pois teria carona para voltar para casa.

O táxi amarelo some de vista alguns segundos depois. Encaro minhas mãos e as flores da mesma cor que trago comigo. A cada passo que dou para perto do lago, mais pesado eu sinto que meu corpo se torna. Voltar para cá sozinha é mais doloroso do que nos dias anteriores, já que estou de volta com um propósito novo.

Mais alguns passos, só mais alguns passos.

Olho para o céu escuro, constatando o que havia sido previsto pelos meteorologistas. Aperto os narcisos entre os dedos, ignorando os pequenos raios que relampejam acima de minha cabeça. Ando mais um pouco, até que esteja de frente para o grande lago igualmente escuro. A

água é quase preta, e os únicos traços coloridos que se vê no meio de tanta escuridão são as pétalas dos narcisos que eu trouxe na semana passada. Em vez de amarelas e vívidas, agora estão secas e mortas.

Caio no chão, de joelhos. As lágrimas já acumuladas nos olhos começam a escorrer sem prudência. Solto o buquê e coloco a mão no rosto, enquanto outra pequena imagem corre solta pelo meu cérebro. Quero poder pegar essas pequenas faíscas de lembranças e prender em algum lugar acessível. Nessas memórias meus pais continuam dizendo que se amam, não param de repetir isso, e eu olho pela janela do carro sem ter noção do perigo.

Porque você não para de olhar para o lado? Por quê? Olhe para a frente. Olhe para eles!

Quero esmurrar a garota de oito anos que habita em alguma parte dentro de mim. A parte que sobreviveu ao acidente. A parte que restou dos destroços.

Uma pequena gota de chuva cai no meu ombro e me força a sair do meu transe. Eu posso forçar mais e lembrar do restante, sei que isso é possível. Portanto, tenho que me concentrar sem nenhum tipo de interrupção.

— Quem fez isso com a gente, mãe? Tudo poderia ter sido tão perfeito. — Jogo o primeiro narciso, que boia delicadamente, em vez de afundar.

— Pai, nada disso está certo. Eu tenho que lembrar de tudo. Me ajude a lembrar de qualquer coisa. — O segundo narciso cai ao lado do seu parceiro de buquê. Eles ficam mais bonitos juntos, assim como meus pais formavam um belo casal. O contraste do amarelo em cima do preto é dolorosamente harmonioso.

Admiro a terceira flor como se fôssemos velhas conhecidas. Independente de não ser a mesma flor das outras semanas, é igual a todas elas. Passo os dedos pelas pétalas, permitindo que as demais lágrimas caiam junto com o meu orgulho. Tantos anos perdidos em uma luta esgotante e sem qualquer pista que fizesse a menor diferença. Eu falhei com meus pais. Eu falhei comigo mesma.

— Me desculpe, Betina. Eu tentei tanto.

O último narciso escapa dos meus dedos e cai em um ponto mais afastado dos outros. Ele representa exatamente a trajetória que eu enfrentei longe dos meus pais. Distante e sem rumo, boiando solitária. Não perdi apenas minha família no dia do acidente. A Betina inocente e feliz, que sonhava com pinturas e exposições espalhadas pelo mundo inteiro, também faleceu naquele dia.

Mergulho meus dedos na água gelada, fazendo círculos que criam pequenas ondulações. O movimento singelo faz com que as flores se afastem ainda mais.

Coloco as duas mãos na água, tentando me conectar com o lago. Sinto que a linha d'água dos meus olhos se enche de novo conforme mergulho parte dos braços. Relances de cenas que eu revivi durante anos voltam do mesmo jeito, sem nenhuma alteração. Bato a mão na água com raiva, e então um novo estalo me puxa, trazendo nitidez para mais lembranças rejeitadas.

Agora lembro do troféu ao meu lado e da caixa de pintura embaixo do banco. Meu pai diz que não vai demorar para chegarmos em casa. Ele sorri para mim, não pelo retrovisor, virando parcialmente a cabeça para que eu veja o quanto está feliz. Se pudesse, eu gritaria com ele, mas nada disso passa de pequenas memórias inúteis.

Agarro uma das pétalas secas e a desfaço com a ponta dos dedos. Elas são esfareladas com a fricção constante.

— O que preciso fazer para que eu lembre? — olho em redor, as nuvens escuras transformando o dia em noite. A tempestade está bem formada e além dos relâmpagos, escuta-se o som de trovões. Eu deveria ir embora antes que seja quase impossível sair daqui.

Minha teimosia, no entanto, não permite que eu desista agora que estou tão perto de lembrar de novos detalhes daquela noite trágica.

Tiro o celular do bolso traseiro e olho para a tela. Nenhum risco de sinal telefônico, o que não é nenhuma novidade. Apesar da falta de área, há uma mensagem de Nicolas na caixa de entrada. Devo ter recebido antes de chegar aqui.

Nicolas: Não faça nenhuma besteira. Onde você está?

Agradeço à falta de sinal por me impedir de alertá-lo sobre o passeio mórbido em que me meti. Ele deve estar no hospital trabalhando e eu não ficaria orgulhosa se o tirasse do seu plantão. Solto o celular na beirada do lago, junto com minhas chaves, tanto a do meu quarto quanto a da porta de entrada da casa de tia Cecília.

Tiro os sapatos e as meias, sentindo um vento fresco bater no rosto. As árvores perto das montanhas balançam conforme a brisa toca em seus galhos. Por sorte, o coque frouxo que fiz permite que os fios de cabelo não entrem nos meus olhos. Sento na beirada do lago, temendo em colocar os dedos por ter noção que a água é muito gelada. Primeiro coloco a ponta do pé, tentando me acostumar com a temperatura. Em seguida mergulho ambos os pés, afundando cada vez mais as pernas no líquido escuro. Mesmo tendo colocado apenas uma parte do corpo dentro da água, já consigo sentir a densidade do lago se mostrando diferente.

Minha consciência automaticamente reflete o trauma que a lembrança sensorial acaba trazendo. FRANZO a testa e gemo baixinho, vendo as cenas em que eu me debatia na água se tornando mais fortes na minha cabeça. Choro enquanto empurro o corpo para a frente, na esperança de que o medo desperte novas memórias.

Metade das minhas coxas estão submersas, enquanto o resto dos membros permanece do lado de fora, sustentados pelos meus braços. Lágrimas pingam no lago, uma após a outra, trazendo a dor à tona.

Sou transportada de novo para dentro do carro, tenho oito anos e estou tão laranja que eu posso garantir que essa é a minha segunda cor favorita, porque o amarelo é a que eu mais amo. Vejo imagens borradas, sorrisos aleatórios, meus pais dando as mãos no meio de uma troca de marcha. De repente, uma luz forte ilumina o trajeto que estava escuro, e um carro aparece na mesma pista em que estamos. Ele está perto de nós, e minha mãe grita, dizendo que não sabe o que podemos fazer e que vamos colidir com aquele automóvel.

Gritem mais, buzinem, parem o carro!

O grito não sai apenas no meu pensamento. Eu estou gritando a plenos pulmões, colocando para fora toda a raiva que eu tenho acumulada dentro do meu peito.

A regressão é tão forte que eu sou impactada diretamente. Meu braço fraqueja, e o lago me puxa para dentro dele como se estivesse sugando o que deveria ter sido seu há alguns anos.

Tento me agarrar às folhagens em redor, porém a raiz da planta arrebenta e eu caio, submergindo por inteiro. O pavor toma conta de mim, pois eu debato os pés de todos os jeitos que consigo e não saio do lugar. Não sei nadar e tenho certeza de que vou morrer.

Conheço bem a sensação de ter uma vontade angustiante de gritar por socorro e ninguém ouvir, mas retomá-la agora é ainda pior do que antes. Eu escolhi vir até aqui e nunca mais vou sair.

Primeiro, a ardência no nariz é perceptível e a tentativa de não permitir que a água entre pelo canal respiratório começa a ser em vão. O organismo passa a implorar por oxigênio e quando se depara com líquido em vez de ar, tudo se dissolve e há mais desespero do que qualquer outra coisa da qual possa se lembrar.

O peito queima, pega fogo. A água doce entra pela boca, pelas narinas, nos ouvidos, e vai levando com ela qualquer resquício de esperança.

Na última fase, o próprio corpo desiste de lutar. Ele paralisa e você sente que está flutuando em direção à morte. É irônico pensar que em vez de insistir, de agarrar qualquer chance de sobrevivência, o seu cérebro exija que você deva aceitar o fim.

Eu faço o que ele pede, aceito que todo o começo precisa de um final e eu estou onde deveria estar. Junto com os meus pais.

Tenho oito anos, estou voltando de uma das melhores noites que já tive, e o troféu que ganhei é a prova de que realmente aconteceu, eu fui premiada por pintar. Fui aplaudida por fazer o que eu amo.

Penso no quanto sou sortuda por morrer com a imagem do amor mais puro, vibrando nitidamente na minha cabeça. Os meus pais sorriem pouco antes de perceberem que um farol está fazendo nossos olhos arderem.

Uma viatura vem para nos salvar do carro e do motorista insano que está tentando jogar seu automóvel em cima do nosso.

A sirene está desligada, no entanto, reparo nela porque eu adoro olhar para a estrada e notar o quanto os detalhes são bonitos e ficariam legais em uma pintura.

Na verdade, a viatura da polícia chega cada vez mais perto e é o único automóvel na pista além do nosso. O carro que vem para cima de nós é de um policial, então significa que ele não veio nos salvar?

Coloco as mãos no vidro da janela, olhando para as listras azuis e brancas da viatura enquanto despencamos dentro de um monte de água gelada.

Não sei porque as cores daquele carro são feitas de azul e branco, se tudo o que ele não nos oferece, é tranquilidade e paz.



Uma roupa branca está cobrindo o meu corpo, mas ela não é minha, não sei de onde veio. O tecido é fino, praticamente translúcido. Uma máquina apita do meu lado, medindo meus batimentos em ondas verdes. Parece bobagem constatar que prefiro outro tipo de *verde*, não esse do aparelho. Além disso, uma máscara de oxigênio está presa em meu nariz e um fio preso no braço esquerdo fica disparando soro em minhas veias. Por que eu estou no hospital?

Tusso, a região do peito dolorida, os pulmões queimando dentro de mim. O tórax dói como se eu tivesse recebido vários socos. Tento erguer a cabeça e vejo Paola sentada na cadeira que incrivelmente também é branca, onde dorme um sono profundo. O relógio acima da porta marca duas horas da manhã. Eu estive desacordada por quanto tempo?

Devido a penumbra que toma conta do quarto, não consigo ver muitas coisas, com exceção de uma campainha que está do lado da cama. Apesar de ser tarde, eu estou com sede e confusa. Lembro de ter ido até o lago, de escorregar e cair dentro da água. Depois vem um borrão e a sensação de estar morrendo é a última memória que resta na minha cabeça.

O som da campainha é estridente, e faz com que Paola dê um pulo abrupto. Ela acorda assustada, olhando para os lados.

— Betina, você acordou. — ela vem apressada, chegando à cama em menos de um minuto, sussurrando com uma delicadeza que não pertence a ela. — Não tenho mais treze anos, então não teste o meu coração, ele não aguenta mais tantos sustos. Achei que você fosse morrer.

Minha amiga beija a minha cabeça, depois uma bochecha por vez, e me abraça com uma ansiedade quase palpável. Continuo sem saber o que houve, e tenho que perguntar a Paola o quanto antes. Quem me tirou do lago? Como saí de lá?

— Eu achei que tivesse morrido. — sussurro, colocando a mão no peito, a voz abafada pela máscara. — Toda a água... eu não conseguia respirar...

— Você quase morreu, se quer saber. A sorte é que Nicolas entende muito bem de primeiros socorros e fez os procedimentos de reanimação com urgência. Se fosse resgatada por outra pessoa, provavelmente chegaria sem vida ao hospital. — Paola senta na cama, segurando meu braço. — A sorte não sorri pra gente duas vezes, amiga. Não é porque sobreviveu uma vez, que vai sobreviver em todas as outras.

— Como ele me encontrou? Eu não disse aonde ia pra ninguém. A única coisa que eu queria era lembrar do acidente.

Paro em seco, puxando todas as memórias para dentro do cérebro em um único estalo. Não penso que Nicolas me salvou, embora seja uma boa notícia. Vejo a boca de Paola se movendo, explicando o que aconteceu comigo, porém não ouço nada do que ela diz. Só penso em minha família dentro do carro, as conversas entre nós, o desespero segundos antes de sairmos da pista. O carro de um policial nos forçando a desviar. Eu finalmente lembro.

— Eu vi cenas daquela noite na minha cabeça. — continuo sussurrando, até que olho para Paola que franze a testa, e a ficha cai. — Eu tenho uma pista, Paola. Uma viatura da polícia é que causou o acidente. Foi um policial que fez aquilo com a gente e nem voltou para nos salvar.

— O que você está dizendo, Betina? — ela coloca a mão na minha testa. — Vou chamar o Nicolas. Ele foi beber um pouco de café, mas pelo visto você está delirando de febre.

— Paola, eu não estou brincando. — a puxo, esperando que ela acredite. — É esquisito, eu sei, entendo que pareço estar maluca. Ainda assim, acho que fiz um tipo de regressão ao reviver o afogamento.

Ela suspira, voltando a sentar na cama.

— O que você viu? Exatamente? — ela pergunta, ainda desconfiada. — Estamos falando de algo muito sério, amiga. Um policial? Uma viatura desgovernada? Não pode acusar sem ter provas mais concretas. Nós duas sabemos que a mente pode pregar várias peças na gente.

— Eu sei o que eu vi. — volto a deitar, frustrada. — Você tem razão, não posso adivinhar quem foi o responsável só por ter achado que vi uma viatura.

Uma sombra aparece na parede ao empurrarem a porta, trazendo a luz do corredor. Pisam com cautela para evitar mais barulho, e pela delicadeza nos passos, imagino que deva ser alguma enfermeira. Puxo o cobertor mais para cima, sentindo alguns tremores leves, provavelmente de frio.

— Ela já acordou? — ouço a voz de Nicolas, se dirigindo à Paola, e ergo a cabeça para que ele me veja de olhos abertos. Assim que me vê, ouço um suspiro, que o traz para perto. — Eu não sei se te encho de beijos por estar melhor ou se te dou um sermão cheio de palavrões pelo maldito susto que me deu.

Nicolas passa os dedos em meu cabelo, e depois se abaixa para dar um beijo em minha testa. A ideia que tenho quanto a ser enchida de beijos é um pouco diferente dessa, mas para que ele viesse a me beijar como eu gostaria, o ideal seria que eu não estivesse em um hospital, com uma máscara de oxigênio no nariz, após quase vir a óbito. A opção de Nicolas até que faz sentido. Ele não agiria de outra forma.

— Acho que dispenso o sermão. — tento sorrir, porque apesar de ele estar aqui, não posso dizer que estou em um momento feliz. Tusso de novo, o que aumenta a dor. — A Paola estava contando sobre o seu ato heroico.

— Eu prefiro não ter que ser o herói se a circunstância for quase te perder, então não pense em fazer aquilo de novo. Quando te encontrei dentro daquele lago, eu pensei que não ia mais te ver com vida. — Nicolas diz, com tristeza e apreensão na voz. — Você acordou há muito tempo? Eu não queria ter saído do seu lado, a Paola é que insistiu para que eu fosse comer alguma coisa.

— Antes que me culpe, eu só não te chamei porque ela começou a surtar com uma ideia sobre o acidente, aí tive que escutar. — Paola se intromete, defendendo o seu lado. — Eu já estava saindo do quarto para avisar que ela tinha acordado. Juro de mindinho.

Paola ergue o menor dedo, dando a entender que poderia fazer o juramento ali mesmo.

— Como assim, uma ideia sobre o acidente? — ele pergunta, sem entender.

— Ainda não sei direito. Talvez eu esteja meio confusa por causa do que houve.

Minto, porque falar sobre policiais envolve diretamente o trabalho do pai dele, e não quero dizer bobagem sem ter como garantir que um dos homens do delegado teve culpa no caso.

Paola percebe que não quero falar nada para Nicolas, e capta no ar sobre o meu desejo de guardar a informação por enquanto.

— Eu estou com sede. Parece que não bebo água faz anos. — engato em seguida, antes que ele faça mais perguntas. — E acho que minha cabeça vai explodir.

Nicolas consente sem fazer mais comentários, e toca a campainha de novo, o que faz com que uma enfermeira venha correndo até o quarto. Ela passa as mãos na blusa branca, e apesar de eu não gostar do *branco* daqui, vê-la é um alívio.

— Desculpe pela demora, estávamos atendendo uma emergência que acabou de chegar, e a outra enfermeira do plantão teve que se ausentar rapidamente. Os horários durante a madrugada são os mais agitados, por incrível que pareça. — a mulher ruiva explica o porquê de não ter aparecido quando toquei a campainha antes. — A paciente está melhor, Doutor Ferrazo?

Mesmo sem estar vestindo o jaleco e atendendo como médico, a enfermeira o trata com o mesmo respeito de profissional. Ela o deve conhecer de outros plantões.

— Não avaliei a paciente porque não estou atendendo, Joana, mas aparentemente está se recuperando bem. Hoje só estou como acompanhante. — ele comenta. — Você pode trazer uma jarra de água e um copo, por favor? Já vou conversar com o Doutor Pacheco para que venha avaliar a Betina, aí fica mais fácil de saber o estado dela. Ele que está com os exames e o prontuário.

— Claro, doutor. — ela consente, depois se vira para mim. — Agradeça pela nova chance, menina. Você pode dizer que nasceu de novo.

Como um gato que tem sete vidas, talvez eu tenha mais chances do que a maioria, já que não é a primeira vez que eu sobrevivo a um acidente inesperado. Nas duas vezes eu escapei por pouco, então essa é a minha terceira vida em uma vida só. Não pretendo arriscar uma quarta.

— Vão ter que te manter em observação mais um pouco. — Nicolas senta do meu lado, acariciando minha perna coberta pelos lençóis e um cobertor. — Foram feitos alguns exames e tiraram uma radiografia do tórax para conferir se os pulmões sofreram algum trauma.

— Você me achou. — é o que digo, ignorando os procedimentos médicos feitos no hospital, porque o que quero entender é o que *ele* fez para me salvar. — Como soube que eu fui para o lago? Como chegou a tempo?

— Não se preocupe com isso. — Nicolas tenta me tranquilizar, colocando um sorriso em seu rosto. — O importante é que está bem, o pior já passou. Você precisa repousar para garantir uma recuperação perfeita.

— Por favor. — imploro, tossindo de novo. — Eu não lembro do que houve depois de ter caído. Eu preciso saber, Nicolas.

Ele suspira, assim como Paola. Vejo ela se jogando no sofá, bufando por causa da minha teimosia. Nós duas raramente concordamos uma com a outra, o que é estranho para uma amizade tão duradoura.

— Prometo que vou ficar quietinha depois, vou fazer tudo o que o médico pedir. — digo, esperando convencê-lo. — Só me conte o que viu.

— Você é impossível, Betina. — ele fecha os olhos, cedendo os ombros. Paola também resmunga, concordando com ele. — Tudo bem, eu conto.

— E o prêmio de herói do ano vai para... — Paola diz, fazendo suspense, mexendo as mãos como se estivesse tocando um tambor. — O garanhão do hospital, que arranca calcinhas com um olhar, e tirou toda a ferrugem da boca da minha amiga. Uma salva de palmas para ele!

Tento rir junto com eles, embora não consiga ir adiante sem sentir um desconforto esquisito. Eu não tinha a menor lembrança do que um afogamento podia causar ao corpo. Estou oficialmente em frangalhos.

— Tive que sair no meio do plantão por causa da mensagem que enviou pra mim. Liguei para Paola e ela não sabia do que você estava falando. — minha amiga gesticula, concordando. — Não sei como, nem porque, apenas senti que você estaria no lago. Foi onde tudo aconteceu, e o melhor lugar para buscar as respostas, tinha que ser lá. Ainda bem que o meu instinto estava certo, porque te encontrei praticamente sem pulso. Acredito que ficou uns oito minutos submersa.

Nem metade do tempo que permaneci dentro da água no dia do acidente. Se em oito minutos eu já estava praticamente morta, dentro de poucos instantes não haveria volta.

— Você deve estar com dor no peito porque além de ficar com muita água nos pulmões, eu precisei arriscar uma manobra antes de a ambulância chegar. Te colocamos no centro intensivo durante dois dias e meio, para garantir que a oxigenação do cérebro voltasse ao normal, evitando sequelas pelo tempo que ficou sem respirar. Só depois te trouxemos para o quarto.

Eu fiquei em coma? Quer dizer que hoje não é sexta-feira? Oito minutos quase tomaram todos os minutos restantes. É difícil de acreditar.

— Onde quer que seja o lugar onde estava, você não queria voltar. — Nicolas diz, com a voz embargada, os olhos brilhando. — Eu só implorava para que você não fosse embora, e quanto mais eu implorava, mais parecia que você se afastava.

Concordo, porque entendo o que ele está dizendo. Estar de volta com os meus pais, de fato, parecia a melhor opção. Ainda não sei por que estou aqui, qual o real motivo para ter sido afastada deles de novo. O fim pareceu estar perto demais para ter sumido em um passe de mágica.

— Eu estava com eles. — falo baixinho, devido à garganta ardida. — Não lembro de como voltei, só sei que estou de volta.

— Ainda bem que voltou. — Nicolas sorri, apertando minha mão. — Vou ver se o doutor pode vê-la agora. E antes que pergunte, outro médico

está por dentro do seu estado de saúde, porque preferi não me envolver. A razão e a emoção nem sempre devem caminhar juntas.

Entendo o que Nicolas quer dizer, e nem me atrevo a perguntar mais nada, porque ele passa pela porta e sai do meu campo de vista. Paola toma o lugar dele na cama, e da mesma forma que ele havia feito, toma a minha mão e não desgruda do meu lado nos próximos minutos. Adormeço novamente, assim, sentindo o toque do *vermelho* dela.



Eu nasci de novo.

É o que médico fica repetindo, com surpresa e espanto, enquanto assina a permissão de alta. Tive um grau elevado de afogamento, embora não tenha passado tanto tempo dentro do lago. Ele conta que meus pulmões ficaram cheios de água, o que geralmente leva o paciente à morte, ainda mais pelo fato de o afogamento acontecer em água doce, não salgada. As radiografias e exames não constam nada fora do normal, nenhum tipo de sequela ou risco. Eu fui uma exceção, de novo.

Ao todo, foram seis dias de internação, até que analisaram que eu poderia ir para casa. Dona Eduarda e Caio insistem para que eu vá com eles, e eu aceito sem pestanejar. De toda forma ia sair da casa de Cecília, então é uma boa escolha. Paola não fica muito feliz por eu não ir embora com ela, entretanto, ambas sabemos que é melhor para minha recuperação ficar sob os cuidados de uma pessoa mais experiente.

— Nos entregaram as chaves e já buscamos as suas coisas na casa de Cecília, incluindo o quadro que estava no chão. Você queria ele, né? — Caio pergunta, sabendo que eu já tinha separado os meus pertences para fazer a mudança na semana passada. — Minha mãe adorou aquela pintura.

— Obrigada, Caio, ainda vou recompensá-los por toda a ajuda. — sorrio, colocando a mão em seu ombro. — Veremos o planejamento sobre a confeitaria da Dona Eduarda em breve, eu não esqueci disso.

— Não pense em recompensas agora. Estamos fazendo o possível para que fique protegida, e o que realmente interessa pra nós é que você

está bem, amarelinha.

A forma como Caio se refere ao meu apelido puxa as cenas do acidente com uma naturalidade imprevisível. Ouvir uma voz masculina, como se o meu pai estivesse conversando comigo, é o suficiente para atrair as lembranças que recuperei durante o afogamento. A imagem nítida daquela viatura não sai da minha cabeça.

— Soube que já ganhou alta. — outra voz corta a minha conversa com Caio. — Atendi um senhor e saí rapidinho do consultório para te ver.

Nicolas abraça meu corpo, me pegando desprevenida. Ele beija o topo da minha cabeça, ainda sustentando o abraço aconchegante. O seu perfume é uma essência perfeita para ser sentida, um cheiro que traz mais conforto. Estou muito ansiosa para sair daqui. Tanto branco está me sufocando.

— Ainda bem. — suspiro contra seu peito. — Não aguento mais sentir o cheiro de hospital.

Caio e Nicolas caem na gargalhada, seguido por Paola, que marcha para perto de nós. Ela finge uma risada, odiando saber que perdeu a piada. Na verdade, ela não perdeu nada, os dois é que estão rindo da reclamação que eu fiz. Para uma futura profissional da saúde, até que estou bem fora de forma.

— Não posso sair daqui por causa do meu plantão que vai até mais tarde, mas depois eu vou passar na casa do Caio para termos um tempo juntos. — Nicolas acaricia meu rosto, sem tirar o sorriso dos lábios por nenhum segundo. — Você vai enjoar de mim, de tanto que vou te mimar.

— Vai por mim, amigão, ela não vai enjoar nem que você caia em um pote de mel e se dê de presente pra ela.

Retornamos à programação normal de conversas inapropriadas, atitude típica dos meus amigos. Paola e Caio não perdem a oportunidade de se intrometer nos meus assuntos afetivos, principalmente ao se tratar de Nicolas. Ruborizo instantaneamente com o comentário atrevido de Paola.

— Melhor ainda. — ele pisca o olho, dá um beijo sutil em meus lábios. — Se precisar de qualquer coisa, não importa o que seja, é só me ligar. Vou estar com o celular ligado e cem por cento disponível para você.

Ele se despede, porém parece mudar de ideia ao dar meia volta e chamar pelo meu nome, pedindo que eu chegue mais perto. Deve ser um assunto delicado, porque não quer chamar a atenção de ninguém que está circulando pelos corredores — Cecília ainda não apareceu, não voltou para Ostala. — comenta, em um sussurro baixo. — O patrão dela diz que já ligou várias vezes e não consegue falar com ela. Ninguém sabe onde sua tia se enfiou, a polícia está tentando localizá-la para que venha a depor. A carta de intimação já foi enviada e ela continua sem dar as caras.

— É estranho, ela nunca agiu desse jeito. — retruco, sem entender o que Cecília está tramando. — Por um lado é bom que o confronto vai ser adiado, porque não consigo pensar em julgamento e tensão por enquanto. Desde que ela volte, não vou reclamar se puder descansar mais um pouco.

— Você tem razão, quanto mais repouso e sossego, melhor para sua saúde. — ele escova o polegar em minha bochecha. — Nos vemos depois.

Nicolas olha para trás, encontrando o meu olhar que permanece fixo em seu corpo se movimentando em direção ao seu consultório. Já que ele volta à sua função, nós nos encaminhamos para a saída. O ar fresco da rua é como uma poção de alívio para os meus pulmões, que antes estavam recebendo oxigênio por intermédio de uma máquina.

Abraço os braços, deixo a cabeça pender para trás e puxo uma inspiração longa o bastante para jorrar o ar em todo o meu organismo. Respirar por conta própria é maravilhoso. E como é.



Nicolas faz visitas diárias, leva bombons e livros para que eu evite o tédio. Desde que comecei o curso na faculdade, raramente leio títulos que não sejam sobre o assunto da graduação, por isso ver uma pilha de romances açucarados acaba sendo legal. Meu peito ainda dói um pouco, às vezes eu ainda tusso, achando que estou dentro da água e prestes a morrer, porém a recuperação segue normalmente. Embora eu confirme que estou ótima, meus amigos devem achar que continuo em estado crítico, porque não tiram os olhos de cima de mim, e falta pouco para que se ofereçam a dar comida na minha boca. Chega a ser irritante. Todos a minha volta estão supervisionando cada ação, cada suspiro, cada passo, parecido com o que Cecília fazia. A diferença é que as intenções deles são opostas às dela, pois enquanto ela torcia pelo pior, eu sei que eles querem que eu esteja o melhor possível. Ainda assim, tanta proteção é sufocante.

Paola bate o pé e não concorda que eu vá até o lago na sexta-feira, por motivos óbvios. Eu quase morri lá, não apenas uma, como duas vezes. Aceito que talvez seja perigoso, mas eu os convenço de que quero ir, nem que seja uma passada breve para levar os meus narcisos. Não vou correr nenhum risco se eles estiverem comigo. É só levar as flores e voltar para casa.

— Nem quando o lago quase te engole, você não desiste dele? — Paola cruza os braços, voltando da floricultura com o maço de narcisos. Dona Luísa pergunta por mim através da janela do carro, e eu sou breve ao dizer que estou ótima. Do mesmo jeito que digo para todos os outros que infelizmente não me escutam. — Sério, Betina, não é saudável.

— Eu já disse que eu estou ótima. — repito, pela décima vez no mesmo dia. — Não tem nada de prejudicial em ir lá.

— Eu não estou falando da saúde do corpo. — revira os olhos ao me entregar as flores. — E a saúde da sua mente? Como é que fica? Você vai viver uma vida inteira presa ao compromisso de dedicar o seu dia favorito da semana ao luto, por pura teimosia? Dê flores aos vivos enquanto estão vivos, não depois de mortos, porque realmente eles não vão ver e nem se importar com o seu gesto.

Acaricio as pétalas do narciso, mordendo a bochecha por dentro. Paola vê do lado de fora, não através do meu lado. Eu não estou preparada para deixar de levar as flores. Talvez nunca estarei pronta, talvez o dia chegue naturalmente e eu vou seguir em frente. O meu tempo e a minha dedicação não têm nada a ver com os pensamentos dos outros.

Não quero discutir com ela, apesar de discordar da crítica.

— Eu não estou pedindo para que vá comigo. — digo, ressentida. — Você me acompanha porque acha que eu não sei cuidar de mim mesma, só que o acidente não tem nada a ver com o que você pensa.

— Como não? Você quase morreu naquele lago! — ela coloca as mãos na cabeça, falando mais alto do que deveria. — Pode ter sido um acidente, mas aconteceu porque você insiste em ir naquele lugar, achando que seus pais vão aparecer vivos e eu sinto em dizer que eles não vão, Betina. — continua falando, expondo o que jamais teve coragem de dizer. — Ninguém vai te segurar e te impedir de ir. O que eu quero dizer é que precisa perguntar a si mesma se realmente quer continuar se corroendo dia após dia. Semana após semana. Mês a mês. É um ciclo que nunca vai chegar ao fim?

— Quando achar o culpado, eu vou ser *branco* de novo. — murmuro, grudando o buquê junto ao meu corpo. — Aí eu vou dizer adeus a eles.

— É a versão que você conta, mas será que acredita mesmo nela? — Caio fica quieto, mantendo-se longe da discussão que acaba sendo criada, por mais que eu a tenha evitado. — E se nunca encontrar o responsável? Quero que você encontre a pessoa que causou tudo isso, só que precisa ter em mente que pode não achar, Betina.

— Eu tenho uma pista e vou em frente até descobrir o que aconteceu, Paola, não adianta insistir, não desisti antes e não vou desistir agora. — resmungo, uma mão no buquê, e a outra na porta do carro. O veículo passa

por uma curva, e sei que não vai demorar a chegarmos ao lago. — Não me importo em continuar lutando.

— Claro, a grande pista. — ela ri, aparentemente inconformada. — Vai à procura de viatura por viatura para tentar adivinhar qual delas é a certa? Quem garante que a pessoa continua na polícia? Quem vai poder provar que um policial causou um acidente há doze anos?

— É uma boa ideia. — o carro freia, e eu bato a porta, pisando com raiva para fora dele. — Vou olhar viatura por viatura se for preciso.

Grito, andando com pressa, sentindo o sangue fervendo nas minhas veias. Paola até pode querer o meu bem, no entanto, não é tentando mudar a minha forma de pensar que ela vai conseguir o que deseja.

— Volte aqui, Betina! — Paola grita atrás de mim. — Não me dê as costas!

— Eu não tô afim de discutir mais com você, Paola. — chio, chegando próxima à água. Jogo os narcisos com força, em vez de ser delicada como de costume. — Nem sei por que estamos discutindo.

As pétalas do narciso saltam para fora do caule por causa do movimento brusco que faço ao jogá-los no lago. Destruo as flores novas que trouxe, transformando-as em destroços iguais aos das outras flores que já secaram. O que muda entre elas é que as pétalas de algumas estão viçosas, já as outras estão enrugadas e murchas.

— Quem ama, protege, e consequentemente também discute quando é preciso. — ela diz, colocando a mão em meu ombro. — Durante anos eu te vi fazendo o mesmo trajeto, trazendo as mesmas flores, revivendo a mesma tortura. Eu aceitei que passasse pelo luto, acontece que ele não deve ser eterno. Até o luto precisa chegar ao fim.

— Achei que não se importasse.

— É claro que me importo, Betina! — vejo a testa de Paola franzida. — Não por mim, merda, eu não estou preocupada e nem irritada por ter que fazer companhia para você. Somos melhores amigas e eu te amo, entenda que não tem momento ruim ou situação fodida que vai nos afastar. Vou até o outro lado do mundo se você quiser que eu vá, mas não admito que algo te faça sofrer. — ela aponta para a água, então não sei se quer

mostrar o lago, as flores, ou os dois. — Eu me importo por você não pensar em outra coisa a não ser o acidente. A não ser a morte dos seus pais. A não ser tudo o que perdeu.

— É difícil de esquecer. Para onde quer que eu olhe, automaticamente lembro do passado, Paola. Sou perseguida pelas lembranças, elas vêm ao meu encontro, e a dor é inevitável. Não posso ignorar o que eu perdi, não dá pra fingir que eu aceito o que aconteceu.

— E pode ignorar o que ganhou? Você conheceu o Nicolas, um homem incrível e que é louco por você, e quantas vezes realmente aproveitou a presença dele sem ter metido o passado no meio?

— Ele entende que eu...

— Não perguntei o que ele entende ou deixa de entender. — ela me corta, interrompendo minha linha de raciocínio. — Quantas vezes curtiram um momento especial? Esquece, nem precisa responder. Só pela sua expressão eu já sei.

Nicolas perdeu a mãe e não fala sobre o assunto a cada maldito segundo. Paola quer me fazer enxergar o quanto as feridas antigas são prejudiciais, pois estão refletindo no presente. Ela consegue passar a mensagem.

— Não quero ter que me despedir deles. — confesso, vendo meu reflexo na água. — Eu não quero dizer adeus, e é por isso que reluto tanto em quebrar o ritual, Paola. Eles não estão aqui, não vão sair de dentro da água, mas eu sinto que posso tê-los comigo quando trago os narcisos.

— O Antônio e a Júlia não queriam isso pra você, Betina, tenho certeza. — meu queixo treme antes mesmo de pensar em chorar. — Não temos tantas chances quanto parece que podemos ter, é só parar para pensar que vai perceber. Somos frágeis e suscetíveis à morte. Por pouco você quase morreu, e aí, o que ia levar da vida? Centenas de quilos de narcisos secos? Culpa por não ter conseguido achar o condutor daquele carro? Arrependimento por ter sofrido duramente na mão da sua tia?

Engulo em seco, deixando uma lágrima escapar dos olhos. Eu não sou o melhor exemplo de jovem que sabe curtir os bons momentos. Gostando ou não, Paola está certa. O luto corroeu boa parte da minha rotina, e tenho vivido mais por ele, do que por mim mesma.

— Acha que um dia vai estar pronta para deixá-los ir? — Paola passa o braço por trás, abraçando parte do meu corpo. — Acha que vai conseguir?

Nego veementemente, com mais lágrimas molhando o meu rosto. Eu não posso prometer que vou seguir em frente sem eles.

— Eu vou tentar. — murmuro, observando os narcisos aos pedaços. — Eu vou fazer o que puder para ter o meu desfecho. Depois disso, não sei o que vai acontecer.

— Nunca vou sair do seu lado, é o que posso garantir. Isso sempre vai acontecer, nós duas juntas. — Paola suspira, balançando os seus cachos. — Desde que esteja feliz, eu também vou estar.

— Eles estariam orgulhosos se nos vissem tão unidas. Tá, nem sempre tão unidas, mas pelo menos na maior parte do tempo. — comento, ainda mantendo o costume de pensar neles. Um hábito comum não se perde do dia para a noite. — Sei que nossa amizade jamais vai perder a cor.

— Ah, com certeza, muitas cores. — Paola dá uma risada baixa, tentando quebrar a tensão. — Você traz as piores e melhores cores para a minha vida, pintora malvada. Não estou nada *azul*, e olhe só, a culpa é sua.

— Como é que estávamos discutindo há menos de cinco minutos e agora estamos falando naturalmente a respeito de cores? — rio, tentando entender o nosso comportamento desequilibrado. — Pelo menos você conseguiu acertar um significado. É um avanço.

— Quer dizer que eu estou alegre? Bonita? Maravilhosa? — ela comemora, voltando a caçoar sobre a minha lista, preferindo deixar de lado o motivo da nossa discussão. Também prefiro que a gente fale de qualquer coisa, pois é o melhor. Já chega de tensão entre nós. — Sempre soube que eu era azul, igual ao unicórnio do Caio.

— Sem dúvidas, amiga. — sorrio, passando o braço por trás dela, repetindo sua ação anterior. — Você é a minha *azulzinha*.



Dona Eduarda prepara um cachorro-quente de lamber os dedos, inclusive, Fernando está garantindo que nada seja desperdiçado. Ele lambe o molho dos dedos, e Caio repara na cena com os olhos brilhantes de desejo. O relacionamento dos dois vai muito bem, e aposto que não vai demorar para que um deles acabe tomando a iniciativa e oficializem um namoro. A mãe de Caio é feita de sorrisos durante o jantar, por ver a mesa mais cheia do que o normal. Ela adora cozinhar, e quanto mais pessoas para provarem de sua comida, mais feliz ela fica. Para deixá-la animada, basta organizar uma festa e pedir para que ela se encarregue dos doces e salgados.

— A sua comida é espetacular, dona Eduarda. — Fernando diz, apontando para a tigela cheia de salsichas e molho de tomate. — Posso comer cachorro-quente pelo resto da minha vida e não vou reclamar nem por um segundo.

— Isso porque você ainda não comeu o empadão que ela faz. — acrescento, ao terminar de mastigar. — Essas mãos são simplesmente mágicas, é o que eu sempre digo.

— Cada um com o seu dom. — Dona Eduarda comenta. — Você viu o quadro que estava ali apoiado na entrada, Fernando? A Betina é que pintou quando era criança. Dá pra acreditar?

— Jura? — ele arregala os olhos, limpando a boca com um guardanapo. — É muito bonito, de verdade. Aquela proposta ainda está de pé. Quando quiser, já sabe, é só me avisar.

Fernando dá um toque, evitando ser invasivo como foi na nossa última conversa. Voltar a pintar é um sonho que em breve poderá ser realizado, logo que eu estiver totalmente livre, afastada de Cecília.

Não tenho a menor estrutura para pensar nisso até ela aparecer e irmos em frente com o julgamento.

— Claro, conforme combinamos. — dou um sorriso sem mostrar os dentes. — Vou deixá-los a sós. Preciso de uma boa noite de sono, se é que me entendem.

— Fique à vontade, a casa é sua. — Dona Eduarda repete o discurso, igual aos outros dias. — Durma bem, querida.

Agradeço, coloco meu prato na pia e me retiro. Estou desacostumada a não cuidar da louça, da organização da casa, visto que a mãe de Caio não permite que eu sequer pense em fazer as tarefas domésticas. Ela me acertou sutilmente com a toalha de louça quando tentei lavar um prato, e por pouco não me levou a vassouradas para dentro do quarto.

Estou acomodada no quarto de visitas, um cômodo maior do que o meu próprio espaço na casa de Cecília. Deito na cama, pegando o celular para ver se houve alguma novidade a respeito do retorno de minha tia.

Nada de Cecília, entretanto, Nicolas enviou uma mensagem há quinze minutos.

Nicolas: Não vai dar para eu passar aí hoje. Mudaram o horário e o meu plantão vai até de madrugada.

Suspiro, desapontada. A expectativa para vê-lo fica maior a cada encontro.

Eu: Ah, que pena. Mas tá tudo bem?

O apito de *enviado* soa alto pelo quarto. Abraço o dentão, na expectativa de que Nicolas responda em seguida. Já que não vamos nos ver, se pudermos conversar pelo menos um pouco, vou ficar mais satisfeita.

A resposta demora razoavelmente a chegar. Ele está atendendo pacientes, é óbvio, não vai ficar com o celular na mão enquanto prescreve uma receita. Eu nem deveria contar com algo diferente.

Nicolas: Estaria melhor se você estivesse comigo. Ah, e por falar nisso, eu estive escrevendo uma letra...

Aqueles pontos malditos, que deixam o restante da frase no ar, são armas terríveis contra a ansiedade. O que as reticências estão querendo dizer?

Nicolas está compondo uma música? Por que está contando pra mim que escreveu uma letra?

Eu: Fala sério? Finalmente encontrou a inspiração certa?

Óbvio que não deixo de dar uma indireta, ansiosa para que ele compartilhe a novidade. Agora que ele começou a contar, quero saber mais detalhes sobre a música misteriosa.

Nicolas: E põe inspiração nisso.

Pareço uma adolescente eufórica. Nicolas sabe que eu não contenho a curiosidade e me provoca para que eu implore por informações além das que está contando.

Eu: Fico feliz por você, sabe, pela inspiração. A letra deve estar incrível...

Viro o feitiço contra o feiticeiro. Enfio as reticências infernais na minha resposta, só para que ele tenha o gostinho de imaginar o que eu escreveria em seguida.

Nicolas: Já te mostrei um pedaço dela em outro dia. Não sei se você gostou.

Busco entre as outras mensagens, tentando encontrar a letra da qual ele está falando. Como não costumo estar envolvida em nada do meio musical, realmente, deve ter passado despercebido.

Encontro o trecho que fez meu coração palpitar naquela noite, e de novo, eu o sinto pulsante de alegria. Não sabia que Nicolas é que havia escrito, porém agora que sei, a mensagem se torna ainda mais significativa. Eu o inspirei a escrever, o fiz sentir a arte brotando no interior de sua mente. Dela, a junção de palavras fez por Nicolas o mesmo que fazia comigo quando eu estava segurando um pincel. Ser um artista é como assinar uma permissão que faz com que todos os sentimentos sejam expostos de uma forma única.

Nicolas: Eu me sinto de todas as cores Quando estou perto de você E
não há nada que possa mudar A minha forma de te olhar

Releio uma, duas, três vezes. Quero entrar dentro da tela do celular e abraçar as frases por conterem tanta emoção. É a declaração mais linda que um homem já fez pra mim. Estou dentro daquela letra, eu faço parte dos pensamentos dele, assim como ele faz parte dos meus.

Nicolas: Ficou quieta. Estraguei tudo com o que eu disse?

Rio por ele achar que pode estragar alguma coisa por continuar sendo quem é. Está maluco se acha que o seu jeito romântico é visto com maus olhos, pois a sua forma de ser, na realidade, é o que mais me encanta nele. Às vezes acho que, em meio a tantos homens idiotas, Nicolas nem é real, de tão cavalheiro e gentil que vem se mostrando ao longo das semanas. Quem sabe ele seja uma invenção do meu cérebro carente? Sinceramente, espero que não.

Eu: Impossível. Eu também me sinto de todas as cores, até quando não estou perto de você, porque é isso que o amor faz com as pessoas.

Transforma.



— A paixão é um saco. É tipo um grude que não descola de jeito nenhum. — Paola aponta para nós, as duplas de casais sentados no sofá. — De verdade. Pessoas apaixonadas deveriam ser estudadas pelos cientistas, porque são insuportavelmente melosas.

— Ela está precisando de um amor. — dou de ombros, saboreando a pipoca. — O que você acha, Nicolas? Ela não precisa de um bom desentupidor de lábios? Faz tempo que não entra nem mosquito ali dentro. A situação está crítica.

— Acho que um desentupidor de qualidade faria bem a ela.

Nicolas diz, fingindo estar pensativo. Em contrapartida, Caio abre a boca, sem acreditar no que eu falei. O troco veio em boa hora, não dá para negar. Meus amigos caem em uma risada demorada, incluindo Paola.

— Como assim? — ela arregala os olhos, botando a mão na boca. — Você está transformando essa garota em uma máquina de diretas, Nicolas.

— Estou percebendo. — ele passa o polegar em meu queixo, dando um sorriso bastante orgulhoso. Orgulhoso até demais para a situação. — A Betina estava precisando dizer algumas verdades, afinal.

Nicolas não está falando sobre o estado amoroso de Paola, e Fernando é o único a não perceber o que ele realmente quer dizer por trás daquela fala humorada. Os que estão por dentro da situação entendem o que ele está insinuando e concordam de imediato com a afirmação. Ir em frente com a denúncia foi um passo muito difícil, entretanto, necessário.

Na delegacia, enquanto conversava com Marta, ela fez questão de explicar que muitas vítimas adiam esse momento, por medo, por dúvida, por acharem que não vão superar as agressões. Desculpas por todos os lados. Todas as desculpas parecem ridículas, porém eu também inventei

várias delas por achar que tudo seria diferente no dia seguinte. Tia Cecília talvez caísse em si e poderíamos recomeçar como uma família de verdade.

Infelizmente, quem agride uma vez, agride mil vezes e jamais vai parar de agredir. Ficar calado não ajuda, aceitar em silêncio é pior ainda. O primeiro passo para acabar com a violência é mostrar que ela existe e precisa urgentemente parar de ser desacreditada.

— Vamos brindar às verdades. — Paola ergue o copo cheio de refrigerante. — E aos futuros desentupidores de boca também.

— Saúde. — ergo o corpo, rindo baixinho pelo comentário de Paola.
— Às verdades e ao fim do silêncio.

Caio e Fernando também erguem, e meu amigo é o primeiro a falar.

— Às verdades e ao fim da homofobia. — ele beija Fernando, que bate seu copo descartável no de Caio. — Está na hora de a sociedade perceber que a orientação sexual não diminui, não torna ninguém pior do que o outro.

— Saúde. — Fernando complementa. — Às verdades e à liberdade de amarmos quem quisermos.

O sorriso não desgruda da minha boca, pelo simples fato de que eu admiro a espontaneidade que existe entre nós quando nos reunimos. Os brindes são carregados de emoção, com desejos que têm significados importantes para cada um. Nem melhores, nem piores, apenas iguais e com suas próprias particularidades.

Nicolas é o último a erguer o seu copo, e assim como Fernando fez, dá um toque no meu copo erguido.

— Às verdades e à esperança de dias melhores. Todos merecemos um amanhã mais colorido do que o de ontem, não menos que isso, sempre mais.

Os gritos de *saúde* preenchem o apartamento de Paola. Repetimos a palavra tantas vezes enquanto nos erguemos para brindar, que não duvido que o síndico possa vir nos dar uma multa.

Ao que parece, ninguém está se importando com a possibilidade, de qualquer maneira. Após os copos chocarem-se uns contra os outros, derrubarmos o refrigerante no chão e melecarmos boa parte do tecido do sofá, nos abraçamos, igual ao que costuma-se fazer na virada de ano. Estamos longe do mês de dezembro, mas uma nova fase está começando para nós.

Nicolas passa os braços em redor de mim, para depois beijar os meus lábios. Acabamos brindando ao *vermelho* que se apodera e não deixa espaço para as outras cores invadirem. Embora estejamos envolvidos por diversas colorações, o vermelho é tudo em que consigo me concentrar.

Vermelho. Vermelho.

Apenas vermelho.



Paola escolhe o gênero do filme, poupando sustos e garantindo novas risadas. A noite dos filmes virou a tarde dos filmes, pois estamos assistindo a comédias no domingo às três horas. Uma variação não deve fazer mal. Sair da rotina vem me fazendo muito bem, preciso admitir. Olhar para o relógio não me apavora mais como fazia pouco tempo atrás.

— Está pensando nela, não é? — Paola pergunta, colocando mais pipoca dentro da vasilha. Eu a ajudo a reunir as guloseimas. — Conheço as suas linhas de *preocupação*.

— Expressão, você quer dizer? Linhas de expressão. — corrijo, tirando outro litro de refrigerante da geladeira.

— Eu quis dizer preocupação mesmo. — ela põe uma expressão séria no rosto. — Nos conhecemos há mais de quatorze anos. Ainda acha que consegue esconder alguma coisa de mim?

— Acho. — jogo um punhado de pipoca na boca, dando uma olhada breve para a sala, onde Nicolas está conversando com Caio e Fernando. Paola faz uma careta, insatisfeita com a minha resposta. — Ai, que saco!

Tá bem, eu não acho que dê pra esconder nada. Você me conhece melhor do que ninguém. Odeio quando faz isso.

Bufo, sentando na banquetta.

— E então? — ela cruza os braços, esperando que eu desembuche. — Você acabou de brindar ao fim do silêncio e agora vai ficar quieta? Diz logo o que tá te incomodando.

— O sumiço dela é o que tá me deixando maluca. — suspiro, colocando a mão na testa. — Não localizaram o paradeiro dela até agora e não sei o que a Cecília está pretendendo com esse desaparecimento.

— Vai ver sua tia percebeu que não era amada e notou que todos queriam ela longe?

Reviro os olhos, balançando a cabeça. Cecília adora ser odiada. E adora ainda mais saber que eu a odeio e vivo sob o teto dela por obrigação.

— Em anos ela não pegou férias para garantir que eu não ia curtir o recesso da escola ou da faculdade. Por que agora além de pegar tantos dias para fazer uma viagem misteriosa, chega a faltar ao serviço sem avisar ao patrão? Não é típico da Cecília.

— É uma boa pergunta. — Paola consente, chegando ao ponto em que quero chegar. — Teve um ano que íamos fazer uma viagem com a escola e ela não assinou a sua permissão. Ficou de olho em você pra garantir que não ia fugir pela janela.

Como se eu fosse fazer isso.

— Como se você fosse fazer isso. — Paola diz exatamente o que eu penso, gargalhando alto pelo pensamento insano. Com vinte anos eu ainda não quebro a maioria das regras, imagina com doze. — O que conversamos anteontem no lago também vale pra sua preocupação sobre a Cecília. Não pense no que vai acontecer e deixe que o tempo se encarrega do resto. Tem um bofe maravilhoso no sofá, ali, esperando por você.

Volto a olhar para Nicolas, reparando na forma como ele sorri durante a conversa, na maneira que passa a mão no cabelo sedoso, na covinha sutil que se forma em sua bochecha por causa do riso, e penso em como

inegavelmente eu dou bola para as pequenas coisas que dizem respeito a ele.

Nicolas olha ligeiramente para o lado, e flagra os meus olhos em cima dos seus. O encontro de olhares não deve durar mais do que dez segundos, mas é como se estivéssemos à sós e tudo girasse ao nosso redor. Sustento o seu olhar em vez de virar o rosto, porque Paola continua estando certa, e eu preciso aproveitar o que temos.

— Quem quer mais pipoca? — Paola segue para a sala, erguendo as duas tigelas. — Anda, Betina. Cadê os refrigerantes?

Ela ergue a sobancelha, enquanto se esparrama na almofada do sofá. Eles continuam conversando, com Paola no meio da roda e entrando no assunto, com exceção de Nicolas que espera a minha chegada. Coloco os litros em cima da mesinha, e sento, apoiando as costas no braço dele que está esticado.

A mão de Nicolas desce e sobe pela minha cintura, provocando pequenos arrepios por onde passa. Mesmo por cima da roupa, ele consegue despertar diversas reações com seu toque.

— O que houve? Você está bem?

Um vinco se forma em sua testa, mostrando que ele está preocupado e que percebeu o que estávamos conversando na cozinha. O apartamento de Paola não é tão grande quanto a casa de Caio, portanto dá para ouvir qualquer diálogo com perfeição. Nicolas tem esse costume de se preocupar além do necessário, então não acho estranho o seu questionamento previsível.

— Está sim. — tento sorrir, colocando minha mão sobre a dele. O gesto me tranquiliza. — Eu comentei com a Paola sobre o sumiço da Cecília, enfim, deixa pra lá. Não é nada demais.

— Se está te preocupando, então é alguma coisa. — ele vira minha mão para apertá-la. — Ela vai aparecer e aí o julgamento vai acontecer em algumas semanas. Tudo vai ficar bem.

— É, pode ser. — passo a mão no cabelo, tentando olhar para a televisão. — Vai rir de mim se eu disser que tô com um pressentimento ruim?

Nicolas fica pensativo, seu pomo de adão se move devagar, até que ele gira o corpo para ficar totalmente de frente para mim. Ele fica de costas para os nossos amigos, e os exclui da nossa conversa.

— O quê? Qual pressentimento?

— De que ainda pode piorar. — dou de ombros, sem saber como explicar a sensação de insegurança que está em minha cabeça. — Enfim, não vamos estragar o domingo.

Ele permanece estático, quase anestesiado, por isso paro de falar. Nicolas fica estranho de repente, com a testa franzida e a mente bem distante. Estalo os dedos na frente dele, que mais parece estar em outra dimensão do que aqui conosco. Tento entender o que eu falei para ter causado essa reação tão atípica.

— Nicolas? O filme vai começar.

Dou toques em seu ombro, esperando que ele preste atenção no que estou dizendo. Paola está com o controle na mão, ameaçando apertar o botão para dar início ao segundo filme da tarde.

— Ah, tudo bem. — ele franze ainda mais a testa, se ajeitando no sofá. — Vamos assistir ao filme, tem razão.

As luzes voltam a ser apagadas, Paola aperta o botão do controle remoto e a sala fica em absoluto silêncio para escutarmos o som da televisão. Enquanto todos ficam vidrados no filme, eu fico completamente dispersa, pensando no que aconteceu. Já conversamos sobre todos os assuntos, desde o acidente até às agressões que sofri, e ele nunca agiu desse jeito. O que aconteceu para que Nicolas tenha ficado quieto? Por que ele ficou paralisado quando eu disse sobre o pressentimento de que tudo pode ficar pior?



Volto para a faculdade na segunda-feira com as energias renovadas e as notas melhores, o que me deixa muito animada. Sinto-me acolhida nos corredores do prédio do nosso curso, como há muito não acontecia. Sou parada até por professores, que são gentis ao perguntar como está o meu estado de saúde. Ao que indica, o afogamento de uma das acadêmicas de Psicologia foi noticiado por todos os cantos. Conto a eles que já estou melhor e aproveito para comentar sobre a minha média, pois estou focada e disposta a caprichar mais. Falta pouco para o semestre chegar ao fim e não quero ficar na corda bamba de novo. Meu futuro depende dessas notas.

A manhã passa rápido, principalmente por causa da minha ansiedade para retornar à programação normal. Ficar sob a vigilância de Dona Eduarda sem ter Caio por perto acabaria me deixando maluca. Eu a adoro, apesar de que tende a ser neurótica em vários momentos, especialmente ao se tratar da limpeza da casa.

— Vê se não bobeia no próximo artigo. — Paola aponta para minha carteira, com o trabalho à mostra. — Não quis perguntar ontem, mas o que deu no Nicolas?

— Eu não sei. Ele falou que foi embora mais cedo porque estava com dor de cabeça e avisou por mensagem que não vai poder me ver nos próximos dias. Talvez a semana inteira.

O aviso nem parece ter sido digitado por ele, de tão ríspido que soou. Sem contar que Nicolas sempre dá um jeito de nos encontrarmos, nem que seja por alguns minutos antes do início de um plantão. A história está contada pela metade.

— A semana inteira? — ela senta na cadeira, elevando uma das sobancelhas. — Que estranho. Será que ele está com algum problema e

não quer te preocupar por causa do que houve no lago?

— Pode ser. — reflito, levando em consideração essa possibilidade.
— Pensei em ir até o hospital e fazer uma surpresa pra ele. Às vezes está com um plantão mais longo e não teria como nos encontrarmos, por isso se eu for até lá...

— A garota que não gosta de surpresas, quer surpreender o bofe com outra visita inesperada? — Paola bate as mãos na carteira, super empolgada com o plano. — Por favor! E transem dentro do consultório!

— Não vamos transar no hospital. — rio enquanto afirmo o óbvio, acabando com a alegria de Paola. — Antes de ir até o consultório, eu queria passar na delegacia para conversar com a Marta. Pode ir comigo? O Nicolas a conhece melhor, mas como ele não pode sair e já conversei com ela, não deve ter problema em passar lá sozinha. Quero saber se eles têm alguma notícia sobre o paradeiro da Cecília e quando vou ter que voltar para depor.

— Claro, amiga. Eu vou adorar que aquela secretária volte a fazer careta para nós, porque aí vou me cobrar pelo dia em que ela te destratou. — ela esfrega as mãos, torcendo por isso. — Não vou aturar desaforo de gente tosca. Não mesmo.

— Pega a sua bolsa para irmos, então. — guardo meus cadernos, em seguida pego a mochila. — Vou mandar uma mensagem para o Caio, avisando que vamos demorar um pouquinho. Assim a Dona Eduarda não surta pelo nosso atraso.

— Boa ideia. — ela roda a argola do chaveiro no dedo, tirando a chave do carro para fora do bolso. — Vamos comer e depois passamos na delegacia. Eu tô morrendo de fome.

Consinto, digitando a mensagem para Caio. O dia ainda vai ser longo, por isso temos que almoçar e depois pensar nas nossas paradas. Acabando na delegacia, a próxima escala será o hospital. Vou provar para Nicolas que se ele não vem até mim, eu vou até ele, afinal, encontrá-lo se tornou uma nova prioridade viciante na minha lista de afazeres. Até posso imaginar a sua cara de surpresa. Mal posso esperar para vê-la.



Marta nos recepciona com a mesma simpatia, esbanjando felicidade nos gestos e nas palavras que usa para nos recepcionar. Fico feliz por reencontrá-la, apesar de o motivo para a minha visita não ser um dos melhores. Mais cedo, o oficial Feller é que nos atendeu na recepção, e não pude deixar de mentalizar um agradecimento por não ter sido Carina a nos receber aqui. Paola, no entanto, preferia o contrário.

— Betina, que bom te ver. — ela me abraça assim que me vê. — Soube do seu acidente. Está tudo bem? Que susto, menina.

— Está sim, Marta. Como você mesma disse, foi só um susto.

— Nicolas não pôde vir com você? — ela pergunta, olhando para os lados, e aponta para Paola. — É sua amiga?

— Ele está em plantão, a senhora sabe como é. — explico, e Marta consente. — Sim, é a minha melhor amiga. Paola está comigo desde a nossa infância e nunca saiu do meu lado.

— Oi. — Paola estende a mão para cumprimentá-la, mas Marta a puxa para um aperto caloroso, o que a pega desprevenida. — É um prazer.

As duas ficam presas dentro do abraço durante uns instantes, e Paola arregala os olhos, sem entender direito como funciona a recepção de Marta. Ela é tão exagerada quanto minha amiga, então acredito que vão se entender.

— Já vi muitos casos de violência em todos os meus anos nessa delegacia, mas eu sempre me emociono quando vejo que a vítima tem pessoas que dão suporte a ela, incentivando que denuncie o agressor. — Marta comenta, se sentando em sua cadeira macia. — Parabéns pelo apoio, Paola, e por não desistir da sua amiga. Tenho certeza de que a Betina só conseguiu denunciar a tia por causa da sua persistência, por lutar por ela quando nem ela sabia que tinha forças para continuar lutando.

Paola suga o próprio lábio, segurando o choro. Sorrio para ela, balançando a cabeça em pleno consentimento. Marta diz a verdade, sem

tirar nem pôr. Os meus amigos é que deram força para que eu saísse daquele poço profundo.

— Eu adoro essa mulher. — Paola diz pra mim, apontando para Marta, que ri do comentário. — Sabe, dona Marta, eu faria mil vezes o mesmo pela Betina. Ela nunca mereceu o tratamento que recebia da Cecília e não seria justo que continuasse vivendo naquelas condições desumanas.

— Quanto mais apoio, mais fácil para a vítima fazer a denúncia. Não é fácil contar a verdade, mas ela liberta, não é, Betina?

— Com certeza, Marta. — admito, orgulhosa por ver que a polícia conta com uma funcionária como ela, realmente preparada para lidar com casos delicados de maus tratos. — É por isso que nós viemos, para ser sincera. Desde a denúncia eu não soube mais sobre o andamento do processo. Conseguiram localizar a Cecília?

Marta nega com uma careta no rosto, parecendo incomodada pela demora. Um peso sai das minhas costas por perceber que não sou a única a achar que a intimação está se estendendo demais. Cecília já deveria ter dado seu depoimento.

— Ela ainda não. Não posso dar detalhes, porém eu soube que acharam a última localização em que sua tia esteve, só falta confirmarem e trazerem-na de volta para Ostala. Acredito que até a próxima semana ela apareça na delegacia para dar a sua versão do caso.

— Tenho que esperar, é o único jeito. — digo baixinho, procurando manter a calma. — Mas agradeço por me atualizar, Marta. O que mais quero é não precisar olhar mais para o rosto da minha tia.

Marta explica como funciona, incluindo detalhes que já havia contado no dia em que abri o boletim de ocorrência. Paola presta atenção, e dá corda para que o diálogo vá mais longe. Principalmente ao contar sobre o trabalho do pai no exército, e do quanto ele batalhou por nossa cidade. Conversamos por tanto tempo que nem vemos a hora passar, uma mágica chamada afinidade, que consegue a proeza de fazer com que Paola se identifique com alguém tão rapidamente. Não posso julgá-la, porque Marta é uma mulher sensacional.

Ela nos acompanha até perto da saída, desfrutando de cada segundo da visita proveitosa. Ainda quero ir até a casa dela, para não precisarmos aguentar o clima esquisito da delegacia. A promessa tem que ser cumprida o quanto antes.

— Obrigada pela ajuda, Marta. — me despeço, voltando a abraçá-la.
— Nos veremos em breve. Espero que não precise demorar a voltar aqui, e da próxima vez, tomara que eu saia com uma boa notícia.

— Tenha fé, Betina. A justiça vai sorrir para você quando menos esperar. — ela sorri, me soltando do seu abraço. — Trate de se cuidar.

Deixo que Paola também se despeça da nova amiga que fez, e me apoio em uma das portas, olhando para a rua. O carro de Paola é o único estacionado na frente da delegacia, seguido por várias viaturas. O que me deixa intrigada é que apenas uma das viaturas têm listras brancas e azuis. As outras têm as sirenes idênticas, mas possuem apenas uma faixa azul de espessura mais larga, sem nenhum detalhe em branco.

Minhas mãos começam a suar por causa da imagem e as lembranças que vêm junto com ela. O policial armado que fica perto da primeira porta blindada mantém a postura séria, mas me aproximo, esperando que ele não seja estúpido.

— Boa tarde, oficial. Será que você poderia me tirar uma dúvida?

Ele não diz nada, porém não desisto fácil, e continuo. O policial bufa ao ouvir minha voz que se mantém insistente.

— Por que uma das viaturas é diferente das outras? Não deveriam ser todas iguais?

— Todos têm sirenes, é o que importa.

— Vamos ser mais objetivos? — pergunto, apontando para a viatura idêntica à da minha memória. — De quem é a viatura com listras brancas e azuis?

— O delegado Ferrazo vai adorar saber o porquê de você estar tão interessada na viatura dele. Será que devo chamá-lo para que você converse diretamente com ele?

Pisco, atordoada com a informação que o oficial acaba de passar indiretamente. Mesmo sem querer, ele dá com a língua nos dentes.

— Aquela viatura é do delegado? O senhor Ferrazo é que dirige ela? — demoro a engolir a saliva, ela parece espessa demais. — Desde quando?

— Garota, desacato a autoridade é um crime, caso não saiba. A sua insistência pode colocá-la em problemas, então aconselho que dê meia volta e pare com a impertinência.

Marta e Paola se aproximam, tentando entender o que está acontecendo e porque o policial está tão alterado. Continuo com os olhos parados na viatura, relembrando do acidente.

A sirene desligada.

Os faróis acesos ardendo em meus olhos.

Um policial jogando o carro para cima de nós.

— Betina, o que está acontecendo? Você desrespeitou ele? Não que eu ache que fez isso, só que o cara está possesso, falando que passou dos limites.

Os meus gritos assustados, engolindo a água, morrendo pouco a pouco.

Os meus pais afogando-se por culpa daquela maldita viatura que se enfiou no nosso caminho.

— Betina? — escuto a voz de Marta, mas estou em choque. — Está tudo bem, está tudo bem.

A última visão das listras brancas e azuis.

— Marta, desde quando o delegado usa a viatura com aquelas listras? — pergunto sem olhar para ela, mantendo-me focada na viatura que atormenta os meus pensamentos. — É a única com as duas listras? Não tem mais nenhuma viatura igual a essa?

— Antes mesmo de ele se tornar delegado, eu acho, faz anos que ele a tem. — ela comenta, confusa, tirando o chão de baixo dos meus pés. — Do que está falando? Porque está perguntando isso?

Duas listras. Brancas e azuis.

Iguais àquelas.

Exatamente iguais.

Paola puxa o meu braço, me levando para um canto afastado, onde ninguém pode nos ouvir. Deixo que ela me arraste, pois não consigo raciocinar, não sou capaz de sequer ir para fora daqui sem que ela empurre o meu corpo.

— Quer me dizer que porra é essa, Betina? Que história é essa das listras?

— É aquela viatura.

— O que você tá querendo dizer? Pirou de vez? O policial está apontando para cá e é melhor irmos embora.

Seguro o braço de Paola, olhando para o fundo dos olhos amendoados da minha amiga. O *marrom* é a cor da qual eu preciso. Preciso de algo sólido onde me apoiar, porque sinto que acabei de descobrir quem foi o culpado.

— Acho que o pai do Nicolas é que causou o acidente. O delegado Ferrazo matou os meus pais.



Da delegacia até a casa de Caio, eu permaneço em silêncio absoluto, apesar de Paola continuar chamando pelo meu nome, querendo que eu fale com ela. Da chegada na casa até caminhar para o interior do quarto de hóspedes, eu não abro a boca para ao menos suspirar, no entanto, as mãos permanecem trêmulas e eu continuo perdida dentro da minha própria mente nebulosa.

Dona Eduarda, Caio e Paola seguem os meus passos, ficam em redor da cama como estátuas de gesso, esperando que eu reaja. Insistem para que eu converse, tente explicar o porquê de estar tão abalada, mas não dá. A única coisa que eu sou capaz de fazer, por enquanto, é ficar encolhida no colchão, tentando associar a imagem de doze anos atrás com a imagem e a descoberta insana de hoje. O delegado não pode ter sido o responsável pela morte dos meus pais, não é possível que seja a verdade. Ele é o *pai* dele.

— Deixem ela, não adianta insistir. — Paola diz, avisando para eles saírem. Em seguida, volta a se dirigir a mim. — Daqui a pouco eu volto. Nós vamos conversar, você querendo ou não, Betina. Depois vai me contar sobre o seu surto de loucura, antes que saia espalhando uma mentira por aí.

Mentira? Loucura?

Como vou contar a Nicolas que o seu pai invadiu a pista e forçou o meu pai a jogar o carro no lago? Aliás, como alguém vai acreditar na memória traumatizada de uma garota que sofreu tanto?

Nem eu sei mais no que acredito.

A imagem da viatura é nítida, os fatos indicam que não existe outra igual àquela, mas continua sendo pouco para sustentar uma acusação grave. Além de delegado de Ostala, o senhor Ferrazo é a única família que

restou para Nicolas, o que faz com que a situação se agrave por todas essas peculiaridades. Preciso pensar direito antes de agir para que eu não cometa uma injustiça em cima de outra. Ninguém precisa de mais caos por causa dos meus atos.

Acabo cochilando devido ao turbilhão de informações. Horas mais tarde, Paola cumpre sua promessa e senta perto de mim, desacompanhada dos donos da casa. A cama faz um ruído engraçado quando ela apoia seu bumbum no colchão. Agradeço que tenha vindo sozinha, pois ela me entende melhor e tenta dar ouvidos às minhas insanidades. Paola geralmente escuta e depois dá a sua opinião. Nunca o contrário.

— Quer que eu comece ou você é que vai abrir o bico e explicar o que realmente aconteceu mais cedo na delegacia?

— Parece loucura, mas é uma questão de lógica. — prefiro começar a falar, para que ela saiba da gravidade. — Eu lembrei de uma viatura com listras azuis e brancas. Ela estava lá, vindo para cima do nosso carro, e eu fiquei olhando para aquela viatura enquanto despencávamos no barranco.

— Como pode dizer que o pai do Nicolas é que estava dirigindo a viatura da sua lembrança?

— Porque só existe uma viatura com aquelas malditas listras. — explico, esperando que não soe tão ruim se falar em voz alta, comparando com o quanto parece horrível na minha cabeça. — O policial disse que ela pertence ao senhor Ferrazo. E depois a Marta confirmou que ele a tem já faz anos, antes mesmo de se tornar delegado. Eu vi as placas na casa do Nicolas e ele subiu de cargo anos depois do acidente no lago, Paola.

— Pode ser uma coincidência, eu não sei. — ela dá de ombros, sem ousar julgá-lo com o pouco que estou dando. — Calúnia é muito sério, Betina. Não pode sair por aí dizendo que alguém fez algo sem ter plena convicção de que realmente aconteceu. E se ele for inocente, como é que fica a reputação do delegado? Como o Nicolas vai querer ficar ao lado da mulher que tentou destruir a carreira do pai?

Pensei em todas as possibilidades no tempo em que fiquei quieta, presa no quarto. Quero tirar a dúvida e descobrir o fundamento do que penso em ter lembrado, assim como quero manter a minha relação intacta com Nicolas. Eu não tenho o direito de apontar o dedo para o pai dele, e

ainda achar que vai ficar tudo bem entre nós depois disso. Principalmente se o senhor Ferrazo não tiver envolvimento na história e a lembrança se tratar de uma simples alucinação provocada pelo afogamento.

— O que você vai fazer?

— Ir até o hospital e vê-lo parece um bom começo. Preciso tirar essa ideia maluca da cabeça por enquanto, sinceramente, tenho que me distrair um pouco. Pra isso, nada soa melhor do que estar com o Nicolas. — sento, suspirando alto. — Depois vamos fazer o que nós fazemos de melhor. Voltaremos a ser detetives em busca de explicações, apesar de que não posso ser precipitada, já que tem muita coisa em jogo.

— Boa menina. — Paola mexe a boca, tentando sorrir em vão. — E se depois das nossas pesquisas, for comprovado que ele realmente causou o acidente? Tudo parece surreal, e não acho que seja possível, mas se a sua lembrança não for infundada, o que acontece? Ele é pai do Nicolas...

Interrompo a fala de Paola, porque literalmente pensei em todas as possibilidades. Tremo de tristeza, só de pensar nessa opção.

— Pode ser pai até do presidente da república, não tô nem aí. Se ele for o culpado, vai pagar pelo que fez. — a amargura sobe em meu tom de voz. — Passado o julgamento, eu não vou querer qualquer contato com a família Ferrazo. Nunca mais.



Caminho pelo corredor do hospital, segurando o celular, imaginando se devo enviar uma mensagem para Nicolas. Paola está esperando no estacionamento, pronta para ir embora a qualquer minuto. Nem sei se ele continua no plantão ou se já foi para sua casa. Vendo por essa perspectiva, é bom que Paola tenha topado ficar lá embaixo. Caso ele não esteja, eu não vou ter que esperar a chegada de um táxi.

Sigo direto para a sua sala, sabendo da antipatia que a recepcionista nutre por Nicolas e consequentemente pelas pretendentes que ele arruma.

Não tem tantos pacientes no corredor quanto na última vez em que estive aqui à procura dele. Bato na porta, esperando um sinal de que posso entrar. Caso esteja com alguém sendo atendido, não vou interrompê-lo até que termine a consulta.

— Pode entrar.

Entrada liberada pela voz dele. Alívio toma conta do meu corpo, por ele ainda estar no consultório, por saber que vou poder abraçá-lo, enchê-lo de beijos e sentir o seu cheiro. Nos vimos ontem e é como se fizesse semanas que estivéssemos separados.

Deixo a sutileza de lado e entro na sala com rapidez, justamente pelo intuito de pegá-lo desprevenido. A intenção funciona, porque Nicolas ergue a cabeça na mesma hora, parando de analisar o arquivo que está segurando.

O sorriso largo do meu rosto murcha aos poucos e no lugar dele a boca fica entreaberta. A pasta amarelada tem o número 5676 estampado no papel. O caso dos meus pais.

— Quis fazer uma surpresa. — digo, a voz entrecortada. — O que está fazendo com o arquivo do acidente?

— Oi. — diz ele, se levantando aos tropeços. — Eu não tinha a menor ideia de que seria você batendo na porta, senão teria ido abrir pessoalmente.

Nicolas avança em minha direção, entretanto, só consigo reparar no arquivo que deixa largado em sua mesa. Ele para na minha frente e até tenta me beijar, porém eu o impeço. Ainda não tive a resposta para a pergunta que acabei de fazer, então não quero saber de beijos e abraços.

— O que o arquivo do acidente está fazendo na sua mesa? Por que está agindo tão estranho? Por que não ia me ver nos próximos dias? Eu estou perdendo alguma coisa e não fiquei sabendo?

Uma pergunta vira várias, como um bombardeio de questionamentos que saem em busca de um alvo certo. Inevitavelmente, a afirmação sobre a viatura pertencer ao pai dele, o seu comportamento anormal, eu o flagrar com um arquivo da polícia onde relata os dados do caso, começa a trazer mais dúvidas do que eu já tinha antes.

— Nicolas, eu fiz uma pergunta.

Ele me olha, sem pronunciar qualquer letra, não forma palavras, nem algum som que justifique a atitude que tomou. O silêncio dá espaço para que outras questões apareçam.

— Quer saber a história da garota do arquivo? Vamos lá, eu conto para você. — ele coloca a mão em meu ombro, mas eu a tiro no mesmo instante, com os olhos flamejantes de raiva. — Não toque em mim.

— Betina, não é nada demais, eu só estava...

— Era uma vez, uma garota que adorava pintar. — começo o relato, fingindo que não escutei o que ele disse. — Ela gostava tanto das pinturas, que um dia foi convidada a expor suas obras de arte em um museu renomado. Ela e seus pais foram até lá, empolgados, e felizes pela conquista da filha.

— Betina, para com isso.

— Acontece que nem toda história tem um final feliz. Na volta, os pais estavam planejando a grande comemoração para aquela noite tão especial, quando de repente...

— Ei, não precisa ir adiante. Eu não achei que fosse ficar chateada por eu dar uma olhada no arquivo. Queria saber se tinha algum detalhe extra pra te passar.

— Eu posso terminar a história que estava contando, por favor? — franzo a testa, encarando seus olhos. Nicolas balança a cabeça, com o maxilar travado. — De repente, um carro invadiu a pista. Mais precisamente, uma viatura da polícia.

O plano vai por água abaixo em dois segundos de imprudência. A raiva, junto com a dúvida, faz com que a bola na minha garganta saia para fora em um único disparo. Está feito, e não há mais volta. Digo o que queria dizer desde que saí daquela delegacia.

Nicolas fica pálido, seu peito sobe e desce em movimentos irregulares. Ele passa a mão no cabelo, olha para cima, olha para baixo, não consegue se concentrar em um ponto fixo. Novamente, os seus gestos entrelaçados ao silêncio acabam entregando alguns pontos ao meu favor.

Não há de *cinza* em sua atitude. Nicolas confirma que a história é verdadeira? Ele não está ao menos negando, ou mostrando-se indignado?

— Desde quando? Você pegou o arquivo para tentar descobrir o envolvimento da polícia na ocultação das provas?

— Não é assim, Betina, não é como você está pensando. Eu só tentei entender o que houve.

— A parte da história que ninguém contou, é que a garota sobrevivente pôde recordar de alguns detalhes essenciais durante o seu segundo afogamento no lago, anos depois. — rio, frustrada demais para manter a expressão séria. — Pouco antes de ficar inconsciente, eu lembrei de uma viatura com listras brancas e azuis. A sirene estava desligada, a luz alta dos faróis estava acesa e aquela viatura invadiu a nossa pista. — passo a elevar a voz, até que um grito escapa. — Meu pai nunca esteve bêbado! Meu pai era inocente!

— Eu já exigi que ele se entregue. — ele diz, confirmando com todas as letras do alfabeto que o pai é o culpado. — Ele vai confessar.

O rosto de Nicolas fica molhado por conta do choro que ele não evita de liberar. Nem mesmo isso me comove, porque estou explodindo de indignação.

— Você sabia e nunca falou nada? — as lágrimas descem quentes, escorregadias, quase venenosas. Minha garganta fica mais seca do que posso lembrar de já ter ficado. Quero acordar da realidade e voltar aos sonhos, onde nada disso esteja acontecendo. — O seu pai matou os meus? Ele bateu no nosso carro?

Estou perguntando, o que não faz sentido nenhum, porque sei a resposta. Não entendo por que faço uma interrogação, quando tenho todas as exclamações possíveis ao meu dispor. Nicolas já deixou claro que o delegado foi o homem que destruiu a minha família.

— Ele estava fora de si, Betina. — Nicolas tenta passar a mão em mim, e dou um passo para trás ao vê-lo tão próximo. — Garanto que meu pai não é o monstro que você criou na sua cabeça. Eu sei que ele errou, que ele precisa assumir o erro, mas você não entende.

— Eu não entendo. — Dou uma risada amarga. — Eu não entendo mesmo. Eu não entendo como você pode ser tão frio a ponto de dizer que eu é que estou errada por pensar mal dele.

— Betina, me escuta. Ele vai pagar o preço das atitudes erradas. Ele vai se entregar. Ele...

— Ele não vai trazer ninguém de volta! Não vai! — grito de novo, sendo quase sufocada pelas constatações acumuladas durante anos e anos de sofrimento. — Eles estão mortos por culpa dele! Só dele! E você escondeu a verdade de mim, quando sabia o tempo todo que o seu pai é que tinha causado a minha ruína!

Soco o peito de Nicolas repetidas vezes, querendo afetá-lo tanto quanto eu estou abalada. A dor que eu estou sentindo não pode ser transferida para mais ninguém. Os socos nunca serão suficientes, entretanto, continuo a socá-lo até sentir os meus dedos ardendo como se estivessem pegando fogo.

Nicolas não reage em nenhum momento. Não diz uma só frase de defesa. Ele permite que eu descarregue toda a raiva em cima dele, mesmo sabendo que o sangue que corre em suas veias não foi o responsável por ter dirigido aquele carro. As ações do delegado não respondem pelas ações do filho, mas no fim, acaba dando na mesma.

Ele tinha razão em querer esconder de mim. Ele estava certo em achar que eu o odiaria tanto quanto eu odeio o seu pai. Por mais que eu queira amá-lo, agora que olho em sua direção, repito as visões e relembro da noite em que tomaram tudo o que era meu.

Não posso nem olhá-lo sem pensar em odiá-lo ainda mais.



Sempre odiei surpresas. Sempre odiei as malditas surpresas por algum motivo. Saio do hospital aos prantos e entro em um casulo solitário, impedindo que qualquer pessoa se aproxime. As feridas parecem profundas demais, embora não sejam visíveis. Só preciso ficar sozinha com elas.

Choro agarrada às lembranças da caixa proibida, espalhando todas elas pelo chão do quarto na casa de Caio. As lágrimas pingam nos papéis, só que a dor é tão grande que não consigo sequer me importar com as manchas que se formam nas memórias. Elas estão manchadas, de qualquer maneira.

Não resta nada de *vermelho*. O que sobra é o *preto* em sua pior intensidade.

Meu celular vibra diversas vezes, e não me dou ao trabalho de olhar o visor para saber que Nicolas está ligando. Que Nicolas está mandando mensagens. Que Nicolas está tentando apagar o passado com uma borracha inútil, pois como se não bastasse que o pai dele tenha sido o responsável pela morte dos meus pais, ainda escondeu a verdade para proteger o delegado e permitiu que eu me apaixonasse. Entre tantos homens no mundo, eu escolhi amar o filho do homem que causou as minhas maiores perdas.

As lembranças da caixa devem ajudar a cicatrizar parte da sensação horrível que está consumindo as cores que eu havia recuperado. Praticamente me afogo de novo, só que dessa vez em um lago de decepção que eu mesma crio. Lidar com expectativas é estar sujeito a vários graus de decepções inevitáveis.

Todas as memórias estão viradas para cima, então eu olho o amontoado delas, e depois é que começo a analisar cada uma. São várias

fotos, bilhetes carinhosos, os recortes dos jornais, inclusive ingressos do parque de diversões. Rio no meio do choro, sentindo saudade daquela inocência que perdi na infância. Para uma criança o pouco é muito, enquanto para os adultos o tudo às vezes é nada.

No fundo da caixa, meus olhos esbarram na frase que eu não lia há vários anos. A mesma letra cursiva da tampa encontra-se na parte interna.

Você é especial, assim como suas memórias sempre serão. Não as deixe desaparecer. Olhe para dentro e repita comigo: Guarde cada uma. Ame todas elas.

— Eu quero que elas desapareçam, mãe. — os soluços continuam alto, não parecem que vão acabar nem tão cedo. — Não quero guardar cada uma. Não quero amar todas elas. Simplesmente, não posso amar.

Giro a caixa nos dedos, e como se pudesse receber uma resposta para o comentário que acabo de fazer, encontro uma nova frase que percorre as beiradas da caixa. Nunca a percebi antes, porque eu não me permitia abri-la.

Assim como as suas cores, Betina, as memórias boas e ruins formam quem você é.

A caligrafia nesta parte não é tão perfeita quanto na tampa e no fundo, devido a posição desconfortável em que o pulso deve ter ficado para gravar a mensagem. Quase consigo visualizar a cena da minha mãe, dedicando minutos do seu dia para me presentear com uma caixa do sucesso, garantindo que eu lembraria do que ela gostaria que eu tivesse. O sucesso não significa vitória. Significa o quanto consegue absorver as vitórias e os fracassos, formando assim a sua essência. Igual as minhas cores e as minhas memórias.

Cada um pinta o próprio quadro e ele se torna o único no mundo. Embora possa existir alguma semelhança, não existe um quadro idêntico ao outro. Nós somos como quadros pintados por nós mesmos. Todos feitos por pinceladas diferentes.

Esfrego as mãos nos olhos, afastando as lágrimas. Sorrio ao tirar a primeira lembrança em ordem aleatória, pois já se torna uma das favoritas devido ao conforto que ela traz. Na foto, eu estou pintando uma tela que não reconheço à primeira vista. Muitas das minhas telas foram jogadas

fora pela Cecília, por isso é difícil lembrar de todas. Em vez de ficar triste pela lembrança ruim que a primeira lembrança boa traz, eu fico feliz por meus pais terem fotografado os bastidores de uma cena que costumava ser comum.

Volto a olhar para o chão e noto que não é a única foto em que apareço pintando. Tem várias delas, em diversas poses e dias diferentes. Em uma, estou com o cabelo amarrado, em outra estou com um vestido de flores manchado por respingos de tinta que não devem ter saído da roupa.

Tinta. Lençóis sujos. Respingos coloridos por todos os lados.

Ignoro o aperto no peito, fingindo que Nicolas não significa nada e que eu estou vendo fotos antigas, matando a saudade da infância e da minha família.

Família destruída por causa do pai dele.

Devo amar as memórias da caixa e tentar esquecer o ódio das memórias recentes. Elas não fazem parte do que eu sou. Ou, pelo menos, não quero que sejam.

Ele não merece seus pensamentos, Betina.

Passo o restante da noite e o início da madrugada olhando para dentro de tudo aquilo que me privei por mais de uma década. Finalmente, não repito a mesma frase que dizia quando olhava para a caixa proibida. Libero uma permissão que sempre dependeu de mim, e me agarro às memórias felizes, de uma época que não volta mais, mas que pode ser revivida através do que está guardado aqui. Esqueço o antigo mantra, já que quero olhar para dentro disso e sonhar com outras memórias tão felizes quanto as antigas.

Começo a pôr em prática o pedido feito pela minha mãe, pois para seguir em frente e ter um futuro, não posso mais ignorar o meu passado. Eu a escuto. Eu adoto um novo mantra para repetir ao olhar para a caixa, conforme as instruções.

— Guarde cada uma. Ame... — paro em seco devido à palavra que deveria vir a seguir, concluindo que não consigo amar todas. Não ainda. — Ame elas.

Felizmente, ela tem razão. Olho para dentro e não me arrependo.



Conforme Nicolas havia comentado, o delegado se entrega no dia seguinte à nossa última conversa. Ele confessa ter invadido a pista contrária, e o caso vai ser reaberto para apuração dos fatos. Também assumiu ser o responsável por me tirar do lago, e mesmo sendo consumida pela repulsa, não sei o que pensar sobre ele ter sido o homem que causou a morte dos meus pais, e ao mesmo tempo, aquele que permitiu que eu continuasse a viver.

Um arquivo antigo não costuma ser desenterrado assim, por isso, depois de alguns dias após a confissão, continuamos vendo Ostala virada do avesso. Os burburinhos giram em torno do acidente de doze anos atrás, que está passando por uma reviravolta inacreditável, e tudo o que posso pensar é que a *bomba* veio para acalantar a alma dos fofoqueiros de plantão. Evito até sair de casa para não ter que ser cercada pelos curiosos. Sou um alvo para eles.

— Eu não sei o que é pior. — Paola começa a falar, olhando para a fachada da casa de Caio tomada por repórteres. — O pai do Nicolas ser o culpado. O Nicolas ter escondido isso, achando que estava tudo bem. Ou se é ter que ver esses urubus parados aí fora, esperando que você saia e dê comida a eles. Ou a sua opinião, que seja.

— Comida e opinião é a mesma coisa? — Caio pergunta, trazendo uma bandeja cheia de biscoitos quentinhos. Abocanho um assim que consigo alcançá-lo, saboreando a especialidade de dona Eduarda.

— Para jornalistas carniceiros, sim. — ela mostra a língua, tentando convencê-lo de sua teoria. — Eles não querem a verdade. Querem transformar em algo feio e cruel. Não se importaram com os fatos quando falaram que o pai da Betina estava embriagado sem terem certeza se realmente estava. Olha aí, estão pagando com a língua.

— Você tem razão. — digo, descruzando as pernas, olhando para as câmeras ocultas pelo tecido fino da cortina. — Eles não se importaram.

— Claro que tenho razão. — ela joga os cabelos para o lado. — Desde quando não tenho? É por isso que eles merecem mofar aí do lado de fora.

— Não. Eles não merecem.

— Como não? — Caio franze a testa, confuso em relação ao meu comportamento. — Você odeia os jornalistas daqui. Eles querem notícia a qualquer custo, não importa o que precisem fazer para conseguir.

— Por isso mesmo. — levanto, piscando devagar. — Ninguém defendeu os meus pais na época. Eu nem sabia o que estava acontecendo, era somente uma criança sem conhecimento de causa. — puxo uma inspiração profunda no meio da pausa. — Eu não sou mais aquela menina.

— O que pretende fazer? — Paola também levanta, parando na minha frente. — Você não pode ir falar com eles, Betina. Está sensível, magoada e confusa com tudo, e sabe que eles vão usar isso contra você.

— Não vou dizer nada além do que eu tenho que falar, o que a Betina de doze anos atrás deveria ter dito e não pôde. — explico, tranquilizando-a. — Nenhum tribunal vai me permitir pôr isso pra fora. Nenhum julgamento vai excluir a necessidade que eu sinto de falar o que está guardado dentro de mim durante todos esses anos.

Paola dá um passo para o lado, provando que entende o que eu pretendo fazer e o quanto mereço ir em frente. Não vou fazer isso pelos repórteres, nem pelas manchetes, nem para derrubar ninguém. Deixo que a luz forte do flash das câmeras arda em meus olhos exclusivamente por causa deles, pensando nos meus pais que não tiveram a chance de se defender.

Os cliques nos botões são disparados assim que me veem do lado de fora da casa onde ficaram plantados por horas. Gravadores são erguidos em volta de mim, várias mãos estão levantadas. Escuto tantas vozes diferentes perguntando coisas totalmente diferentes, que nem sei por onde devo começar.

— Betina Garec, como se sente sabendo que o caso está sendo tirado dos arquivos? Você esperava esse novo desfecho?

— Agora que o culpado veio à tona, o que você espera que aconteça?

— Soubemos que você estava namorando com o filho do delegado. Ele tentou defender o senhor Ferrazo em algum momento? Ele fingiu um relacionamento só para ocultar a culpa do pai? — a repórter enfia o gravador no meu rosto, com os olhos arregalados enquanto faz as perguntas. — Como está se sentindo sabendo que teve relações amorosas com o culpado pela morte dos seus pais?

Paola não queria que eu me colocasse na situação de entrevistada por conta de perguntas indelicadas sobre fatos que não interessam a ninguém além de mim. Nós sabíamos que elas viriam e também tínhamos noção de que lidar com elas em uma fase emocional turbulenta não costuma ser tão fácil. Os jornalistas nunca as deixam de escanteio, e embora estivesse pronta para recebê-las, ouvir sobre a traição de Nicolas é doloroso e infinitamente ruim.

— Eu não quero falar da minha vida pessoal. — empurro o gravador, incomodada com a falta de ética profissional. — Vocês deveriam divulgar a notícia, informar um conteúdo verídico, e não perderem a credibilidade montando manchetes que falam do sofrimento amoroso de alguém só porque isso vende. É errado, é mesquinho.

— Você confirma que esteve envolvida com o doutor Nicolas Ferrazo? Anota aí, Germano! Temos que aproveitar que ela está contando!

Ela vira para falar com o companheiro que está segurando a câmera, sem prestar atenção em nada do que acabei de dizer. Finjo que não escuto o questionamento, e puxo o gravador para perto da minha boca.

— Querem saber o que eu acho? — corto o assunto pela metade, adiantando o encerramento do interrogatório. — Ninguém quer saber o que eu realmente acho. Ninguém está preocupado comigo ou com o acidente. Não vieram até aqui querendo saber o que a filha sobrevivente tem a dizer em memória aos pais que morreram inocentemente em um acidente. Eu não sou a juíza do caso e não vou me pronunciar sobre a família Ferrazo, porque diferente de vocês, não desvalorizo publicamente aqueles que não conheço.

Pelo menos metade dos jornalistas baixam a cabeça, sentindo-se atingidos pela minha afirmação. Sei que existem exceções, mas entre eles, a maioria só se importa em encontrar o *babado* perfeito.

— Doze anos atrás, muitos dos mesmos jornais que publicaram matérias apelativas, para ganhar ibope na cidade, estão aqui esperando mais uma brecha para publicar mais ofensas contra a minha família. A melhor matéria é um possível namoro da Betina? Jura? — rio, não por achar engraçado, e sim por ser absurdo. — Lembra do que divulgaram no passado ou aquilo caiu no esquecimento? Eu posso lembrá-los. Culparam o meu pai pela tragédia, disseram que provavelmente ele tinha ingerido meia dúzia de latas de cerveja para ter caído no lago, e nem se importaram com o luto dos outros. Como se sentem sabendo que destruíram a imagem de um homem que só fez amar a filha e a esposa? Homem que nunca teve a menor intenção de nos ferir, que foi obrigado a agir por causa do erro de outro motorista? Não por ele, não porque queria, mas devido ao desespero daquele momento?

A repórter que fez a pergunta sobre meu antigo relacionamento com Nicolas até tenta abrir a boca para falar alguma coisa, no entanto, a fecha no instante seguinte. Eu estou tremendo de raiva por ter que explicar a eles o que é puramente questão de bom senso. Falta empatia no vocabulário de muita gente.

— Eu perdi os meus pais, perdi uma carreira, e perdi o direito de defesa naquela época. Uma criança não deveria ser submetida a tantas perdas. — fecho os olhos, sentindo a raiva se dissipando. — Um jornalismo sério se preocupa com as notícias que, de fato, importam para a sociedade. Onde está essa preocupação no momento que, em vez de pensarem em uma retratação merecida, querem saber sobre um caso amoroso que não deu certo?

As câmeras são guardadas conforme eu falo o que estive entalado entre os meus pensamentos, em conversas que eu tive sozinha diante do espelho. Um pouco de alívio surge no lugar da fúria. Parece que estou até mais leve.

— Anotem aí: Antônio Garec foi inocente, é inocente, e sempre será completamente inocente. Júlia Garec amou o Antônio na vida e também perto da morte. Eles foram os melhores pais que eu sequer cogitaria em ter. Antes eu já sabia, e agora eu sei ainda mais.

— Mais alguma coisa a acrescentar? — ela pergunta, olhando para baixo, aparentemente envergonhada. — Nós podemos estar publicando

uma nota em respeito aos seus pais.

— Eu já disse tudo o que tinha a dizer. — pouco depois balanço a cabeça, voltando atrás na afirmação. — Aliás, quero acrescentar, sim. Podem espalhar por toda a Ostala que a pintora sumida ainda está viva. — ela ergue o gravador apenas um pouco, o suficiente para captar a minha voz. — Ela existe graças aos pais dela, que sempre a incentivaram a amar todas as suas cores.



Cecília volta para a cidade em uma manhã chuvosa e é levada diretamente até a delegacia, onde vai ser informada com precisão sobre a denúncia que fiz contra ela. Marta liga para que eu vá até lá, pois o embate está armado e chegou o momento de confrontá-la.

Meus amigos garantem que vai dar tudo certo. Tanto Paola quanto Caio fazem questão de ir comigo, para dar força, para mostrar aos policiais que eu não estou sozinha. Inevitavelmente, penso que Nicolas faria a mesma questão de fazer companhia pra mim, óbvio, se ainda estivéssemos juntos. Agora ele precisa dar apoio ao pai, afinal, o delegado vai precisar de mais proteção familiar do que nunca. Para quem já fez algo semelhante antes, não custa nada voltar a defender a família.

— Ah, querida. — Marta abre os braços ao me ver, visivelmente feliz por terem encontrado a Cecília, mas ainda chateada pelo rolo da família Ferrazo. Ela é mais amiga deles, do que minha, e sei bem que é complicado ficar de um lado específico. — Venha, temos que ir. Vou levá-la para uma sala e quando sua tia for liberada para que as duas possam conversar, nós a levaremos imediatamente para lá.

— Tudo bem. — digo, me despedindo dos meus amigos que precisam aguardar na recepção. Somente a vítima pode ir adiante, é o que um dos oficiais diz. — Vai dar tudo certo, ela não tem como escapar de novo.

— Pega aquela megera e dê a ela o que realmente merece. Alguns anos na cadeia estão de bom tamanho. — Caio bate a mão no meu ombro, dando um sorriso vitorioso.

— Sabe o que precisa fazer. — Paola encaixa seus braços ao redor do meu corpo, me dando um abraço no momento certo. — A Cecília vai pagar por cada lágrima sua. Eu te amo e tenho orgulho por finalmente estar fazendo o que é justo.

Concordo com um aceno, indo ao encontro de Marta, não sem antes murmurar que os amo também. Eles jogam beijos no ar enquanto caminho para os fundos do prédio, verificando o lugar para onde estamos indo. Balanço os dedos da mão, de tanta ansiedade, torcendo para que Cecília confesse a verdadeira versão dos acontecimentos. Andamos bastante, até que Marta aponta para uma das salas e alerta que eu devo esperar um pouco.

— Você precisa ouvir isso. — ela coloca as mãos no meu rosto, sugando os próprios lábios até se resumirem a uma linha fina. — Pode me agradecer mais tarde. Boa sorte.

Ela segura a maçaneta até fechá-la, e eu sento, olhando para os lados. A sala não parece um bom espaço para colher confissões, o que é estranho, porque não é para isso que fui chamada?

O movimento na maçaneta volta a ser visto depois de um tempo razoável, mas até que não demorou tanto. Ajeito o bumbum na cadeira, engolindo em seco por saber que minha tia vai aparecer e eu terei que fazê-la admitir os maus tratos aos quais fui submetida por ela.

Nem pisco ao ver que Marta mentiu, já que não é Cecília que surge em minha frente. A porta é aberta pelo pai do Nicolas, o delegado de Ostala, o condutor que invadiu a pista com o seu carro e fez com que meu pai agisse sem pensar, o homem que salvou a minha vida. Não sei qual das definições eu devo usar, porque estou confusa demais para ser capaz de decidir. Penso em gritar para que ele saia daqui, porém não consigo dizer nada.

— Oi, Betina. — ele diz, se senta na cadeira, com apenas uma mesa nos separando. — Sei que não quer me ver, não quer falar comigo, não quer fazer outra coisa além de me odiar. E eu entendo.

Balanço a perna, tamborilo os dedos na mesa, respiro fundo e só então eu direciono o olhar para o rosto do senhor Ferrazo. Há traços de cansaço nele, as olheiras fundas abaixo dos olhos e a boca fina formando uma careta.

— Pensei que a conversa seria com a minha tia, não com você.

— Eu não vou demorar. — ele suspira, derrotado. — Fui afastado do meu cargo por tempo indeterminado até o julgamento ser realizado, e por

isso não estou vindo falar como delegado.

Consinto, ainda sem falar nada.

— Imagino que queira saber o que realmente aconteceu naquela noite do acidente. Vou dar o meu depoimento no dia do julgamento, é óbvio, mas você merece saber antes.

Agora ele acha que mereço? Engraçado, ele teve tempo para contar o que sabia, e preferiu ficar quieto para salvar sua pele.

— Sei que pensa o pior de mim. E você tem razão. — ele coloca a mão na nuca, parecendo incomodado com a situação. — Minha esposa soube da doença pouco tempo antes de vir a falecer. Ela sabia que estava com os dias contados, nós dois sabíamos que era grave e que a qualquer momento um vaso do cérebro poderia se romper. Nosso casamento sofreu tanto com isso, que no dia 13 de maio, decidimos que Nicolas passaria alguns dias na casa do irmão de Laura. Seria melhor se ele não precisasse ouvir as nossas discussões e ser submetido a tanto estresse.

Embora eu não queira admitir, ouvir o nome dele faz com que meu coração fique apertado. Além de esconder a verdade sobre o envolvimento do pai dele no acidente que destruiu a minha família, Nicolas escondeu vários detalhes sobre a morte da sua mãe. Eu coloquei todas as cartas na mesa, enquanto ele fez questão de guardar todas elas na manga. A traição foi dupla.

— Ele morava a poucos quilômetros de distância daqui, então fomos com a viatura da polícia. Era sábado e eu queria voltar à delegacia para trabalhar em um caso, em vez de dar atenção para a minha mulher e meu filho. — sua voz fica embargada, e ele puxa algumas inspirações, com lágrimas nos olhos. — Sempre que eu me doava muito para um caso, eu afastava os dois, e eu costumava beber para aliviar a cabeça. Naquela noite não bebi mais do que dois goles de cerveja, mas foi o suficiente para causar tanto estrago.

Sinto uma lágrima quente escorrendo pela minha bochecha. Mordo o lábio com força, tentando controlar minhas emoções.

— Aquela noite vai ficar marcada para sempre na minha memória. Laura insistiu, implorou, bateu o pé, pediu de todas as formas para que eu não voltasse para o escritório porque já estava tarde e não passávamos

algum tempo juntos como um casal já fazia meses. — Marcelo relata os detalhes de uma noite que aconteceu há doze anos. Ele realmente não esqueceu o que houve. — Nós discutimos. Foi feio. Eu queria achar um criminoso que estava sendo procurado, e ela queria o marido. A pressão de Laura começou a subir, mas eu só pensava em estar com a razão, tinha tanto que estar certo, ao ponto de não perceber o quanto aquilo foi afetando o seu bem-estar.

Abro a boca para dizer o quanto ele foi idiota, porém fecho ela no segundo seguinte. Eu sou a ouvinte, não a narradora.

— Eu não costumava fazer o trajeto de volta pelo caminho perto do lago, nunca fiz, para ser sincero. Por causa da discussão com Laura, eu perdi o trevo em que precisava entrar, e não podia fazer o retorno em outro acesso. Isso me deixou ainda mais irritado e a junção da bebida com a raiva não tinha como ser boa. Elevamos a voz dentro do carro, gritamos um com o outro, e eu estava cansado de ter que explicar para a Laura o quanto eu precisava subir de cargo. A vaga de delegado tinha que ser minha, e eu tinha que fazer por merecê-la, tinha que concluir o máximo de casos que fosse possível.

Tenho vontade de rir de frustração pela versão que ele está contando. O destino é uma porcaria fodida, que os guiou até lá. Não dá para acreditar em tanto azar.

— Gritei sozinho alguns segundos até perceber que Laura não estava mais gritando de volta. Ela nunca baixava a guarda, era persistente e conseguia tudo o que queria. Sua insistência é igual a de Nicolas, nisso os dois são idênticos.

Agora entendo de onde aquilo vem.

— Foi tudo muito rápido. — Marcelo esfrega os olhos. — Laura desmaiou e estava presa pelo cinto de segurança, e eu comecei a mexer com ela, a gritar pelo seu nome, a tentar acordá-la sem tirar as mãos do volante e sem prestar atenção na estrada. Como eu disse, foi rápido. De repente senti que o volante estava distorcido demais, e quando olhei para a pista, vi faróis de frente com os meus e o carro dos seus pais sendo puxado em direção ao lago. Eu freei em seco, mas... já era tarde demais.

Reluto em colocar as mãos nos ouvidos e parar de ouvir, porque apesar de ter desejado a vida inteira por uma explicação, é horrível ouvir a versão real dos fatos.

— Eu fiquei em choque. Estava levemente alcoolizado, minha mulher estava inconsciente e um carro havia acabado de despencar em um lago. — ele explica, e mesmo que não concorde, entendo o que Marcelo está tentando dizer. — Não sei o que passou na minha cabeça. Fui egoísta, fui insensato, fui negligente. Eu tinha que ter acionado a ambulância de imediato, mas naquela hora só conseguia pensar que a culpa era minha e que toda a minha carreira e o meu esforço iriam pelo ralo.

Levanto da cadeira, não aguentando o rumo da conversa. Aí está a raiva que aparece quando ele diz que sua maldita vaga valia mais do que uma família inteira.

— Sente-se, Betina. Eu ainda não terminei, por favor, não vá embora antes que eu acabe. — Marcelo gesticula, apontando para a cadeira. — Depois de tantos anos, você não pode se enganar de novo, e eu sei que dói ter que ouvir o que eu estou contando porque a verdade raramente é fácil de ser engolida. Quando eu terminar, tire as suas conclusões e faça o que achar que deve fazer.

Cruzo os braços, mas mesmo estando carrancuda, faço o que pede. Sento para que ele termine o que começou, por infelicidade, no 13 de maio daquele ano terrível.

— Eu saí em disparada para o hospital, deixando vocês para trás, é horrível e eu me arrependo daquela decisão. — ele diz, pesaroso. — Da mesma forma que foi horrível ver a mulher que eu amava, à beira da morte. Laura não respondia, não se mexia, eu estava tão nervoso que pra mim ela sequer estava respirando.

— Você nos deixou para morrer. — sussurro, com amargura.

— Eu não cheguei a cogitar que o acidente seria tão grave, que não se salvariam. Achei que a minha mulher tinha menos chances do que as pessoas que estavam no outro veículo.

— Claro, porque ser forçado a cair em um lago congelante é um sonho para toda e qualquer criatura.

Ele percebe que comecei a falar porque não estava aguentando escutar sem rebater os argumentos. Em vez de incentivar a minha teimosia, ele continua narrando os próximos passos que deu.

— Como estava dizendo, no hospital o procedimento foi ainda mais rápido. Nem dei entrada no atendimento para a minha esposa, não fiquei ao lado dela, apenas a deixei nas mãos dos enfermeiros, informei o nome da paciente, expliquei que ela tinha um aneurisma grave no cérebro e pedi às pressas que fizessem o impossível para salvá-la.

A dor em sua fala me comove um pouco, a empatia se volta contra mim. Imagino que não deva ter sido uma decisão agradável. Sua esposa ficou sozinha, e ele acabou retornando até o lugar do acidente. Sei que ele me salvou, que voltou para nos tirar de lá.

— Liguei para a ambulância nesse momento, avisando que um acidente havia acontecido naquele trajeto, e que um carro havia despencado no lago. Depois de ter certeza de que a Laura seria atendida e que ela ficaria bem, eu segui direto para lá, voltei logo em seguida. Ultrapassei os limites de velocidade, e por pouco não sofri um acidente em um dos semáforos. — ele lembra. — A temperatura daquela noite estava abaixo do normal para a época. Maio é um mês de noites frias, mas aquela estava congelante. A brisa que batia no lago fazia parecer tudo ainda mais gelado.

Dona Luísa deu essas informações, assim como as outras que me passou. Eu não lembro do frio que eu senti, só conheço as informações por causa do que os outros disseram na época.

— Você estava boiando na superfície. — Marcelo chega na pior parte do relato, e o meu nariz começa a arder, dando indícios do choro que está por vir. — O carro não afundou tão longe da beirada, porque despencou no início do lago, só que aquelas águas são traiçoeiras demais para a tranquilidade que dão a entender. Não dava para ver nada além do seu corpo.

— Por que eles não boiaram também? — pergunto, olhando para cima, evitando chorar. — Você poderia tê-los tirado da água como me tirou, não é?

Marcelo consente, dando de ombros.

— Eu queria ter feito isso, Betina. Queria muito que eles não tivessem afundado daquele jeito. A água escura impediu que eu sequer tentasse mergulhar à procura deles.

Solução, agarrando a ponta da minha camiseta. De novo, as perguntas surgem, disparando entre os meus pensamentos.

Por que não eles? Por que eu é que sobrevivi? Por que a segunda chance foi oferecida pra mim?

— Eu te peguei no colo, e você era tão pequena, tão inocente, e o meu mundo ruiu a partir da hora que te tirei daquele lago. — Marcelo chora junto comigo, e estamos mutuamente despedaçados. — Fiz os procedimentos que conhecia para tentar salvá-la, aguardei pelos outros policiais, e com você nos meus braços, eu chorei pelas vidas que eu havia roubado sem qualquer intenção.

O plural é bem-vindo na colocação, pois ele está certo, várias vidas foram raptadas. Meus pais morreram, sob o teto de Cecília eu também perdi parte da minha alegria, a esposa dele veio a falecer e Nicolas perdeu a mãe.

— Todos ficaram surpresos por você ter resistido. O falatório girou em torno de acompanhar o seu estado de saúde, entender como uma garota de oito anos não teria morrido diante de tantos agravantes. — Marcelo apoia as mãos na mesa, olhando em meus olhos. — Naquela noite, ninguém perguntou nada sobre o resgate, como eu havia te encontrado, as investigações a fundo só começaram horas depois. Eu voltei para o hospital dentro da ambulância, tendo que olhar para você, precisando encarar que a pequena garotinha havia ficado órfã por culpa dos meus atos impensados.

— E a sua esposa?

Marcelo fica surpreso com a pergunta que eu faço. Devo parecer um monstro, porque ele franze a testa, sem entender o motivo da minha curiosidade.

— Ela faleceu na madrugada do dia 14 de maio, um dia depois do óbito dos seus pais. — sua testa continua franzida, absorvendo todos as lembranças. — Nicolas sofreu muito com a morte da Laura, no início, até mais do que eu. Não porque eu não a amava, óbvio que sim, é que a culpa

me consumiu tanto que eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser que nada daquilo teria acontecido se não fosse por minha causa.

— Por isso ele se surpreendeu tanto quando soube que meus pais tinham morrido no dia 13. — falo baixinho, pensando em Nicolas.

Marcelo, ainda assim, escuta o que eu disse.

— Ele nunca soube o que aconteceu com a mãe, não a história completa. Só achou que a doença havia tirado ela de nós. — vejo a dor em suas feições. — Eu tentei contar para todos na delegacia, apesar de ter consciência de que o meu destino na polícia não seria o mesmo. Na segunda-feira após o acidente, eu cheguei no prédio, e o delegado que estava se aposentando me chamou. Ele nem sequer deixou que eu abrisse a boca. Só disse que havia dado uma entrevista para todos os jornais da cidade, que eu era o mais novo herói de Ostala. Eu tinha salvado a garota prodígio de um fim cruel, a pintora em ascensão ainda estava viva devido a minha coragem.

Ele ri, frustrado.

— Foi aí que eu fui covarde. Minha esposa seria enterrada naquele dia, e eu não consegui dizer algo que contrariasse o delegado, não pude desmenti-lo. A única coisa que eu pedi foi para que não anunciassem o meu nome, porque eu não era o herói de nada. E eu realmente não era, nunca fui.

Tento imaginar a cena, e não consigo pensar em como pode ter sido. Suponho que tenha sido uma tortura sem fim.

— Eu fiquei de olho em você o tempo todo, Betina, ia no orfanato para vê-la brincando no meio das outras crianças. Eu que sugeri que você devesse ficar com a irmã da sua mãe, para não ser totalmente afastada da família.

Engulo em seco, enjoada.

— Você que me colocou dentro daquela casa? — pergunto, raivosa. — Você foi o culpado pelo meu sofrimento, não só uma, mas duas vezes?

— Pensei que fosse o melhor, eu nunca poderia imaginar que ela te maltrataria. Era sua tia, e você era uma menina radiante. — ele lembra. — Mesmo sem os seus pais, você alegrava a todos no orfanato. Continuou

pintando durante o tempo que passou na instituição, e não tinha uma só pessoa que não ficava encantada com o seu talento.

Forço a memória em busca de lembranças daquela temporada no orfanato, entretanto, não lembro de muita coisa. Os quadros que pinteí são borrões totalmente inexistentes na minha mente.

— Eu cheguei a cogitar a ideia de adotá-la. Parecia que você gostava de mim, nós conversávamos às vezes na sala de pintura. A princípio eu só queria saber se você estava sendo bem cuidada, mas eu passei a ter carinho por aquela garotinha que havia perdido tudo, e ainda assim não se fechava para o mundo como eu tinha feito.

Eu e Nicolas poderíamos ter sido como irmãos? O pensamento me faz ter náuseas.

— Acabei desistindo, porque seria um absurdo eu tentar a adoção de um caso que eu mesmo havia causado. Sua tia parecia a escolha mais justa.

Nenhuma das escolhas parece boa, pra falar com sinceridade.

Entendo o seu ponto. Até, de certo modo, admiro a sua forma de pensar. Ele lutou para que eu ficasse com a minha família, apesar de Cecília não considerar que eu fosse importante.

— Até os quatorze anos, eu fiquei de olho em você, cheguei a pedir para que a assistente social estendesse um pouco o prazo e visse se ia tudo bem na nova casa. Ela sempre garantia que parecia ser um lar de muito amor e que você dizia adorar a sua tia.

Ela me forçava a falar. Cecília sabia os dias em que a assistente vinha, e ensaiava as falas que eu teria que dizer para a mulher do conselho tutelar. Aterrorizada, eu dizia tudo o que minha tia exigia.

— A Cecília te forçou a mentir, não foi?

Confirmo, olhando para baixo.

— Eu jamais teria permitido que sua guarda continuasse com ela, se soubesse o que realmente acontecia. — Marcelo lamenta. — Eu não sou um monstro, Betina. Eu erreí com muita gente, incluindo minha mulher que

morreu por conta disso, e principalmente o meu filho, que pagou caro mesmo sendo inocente. Nicolas também perdeu os pais, assim como você.

— Acontece que ele ainda tinha você. — resmungo, segurando meus braços. — A mãe dele tinha uma doença e infelizmente não dá para controlar. Já os meus...

— Os seus te amavam e dariam qualquer coisa por você, eu garanto. — ele me interrompe. — Sim, a Laura poderia ter morrido de qualquer forma, mas também poderia ter feito um tratamento e sobrevivido, como tantos outros pacientes com aneurisma. Nicolas perdeu a mãe para uma doença, e o pai para a culpa. Nunca consegui olhar para o meu filho sem sentir um peso enorme no peito, e por isso eu o afastei o quanto pude. Ele me odiaria se soubesse o porquê. — Marcelo complementa, a tristeza vibrando em seus lábios. — Assim como está me odiando agora.

Ele se ajeita na cadeira, tossindo para limpar a garganta. Me pergunto porque Nicolas está com raiva, se sabia de boa parte do acidente.

— Nicolas é um bom investigador, tenho que admitir. Deve ter puxado isso do pai, assim como puxou a persistência da mãe. Ele começou a desconfiar de algumas informações há poucas semanas. — estreito os olhos, sem entender o que ele está dizendo. — Há cinco dias, consegui fazer com que eu admitisse a verdade. Desde aquele dia, Nicolas saiu de casa, deixando claro que tinha vergonha de ser meu filho, e que você nunca iria amá-lo depois de saber o que eu tinha feito.

— Espera aí, você quer dizer que o Nicolas descobriu que você era o condutor que causou o acidente dos meus pais praticamente ao mesmo tempo em que eu? — franzo a testa, confusa. — Não, o senhor está enganado, ele sabia há mais tempo.

Marcelo dá um sorriso triste, negando com a cabeça várias vezes.

— Ele te disse isso ou você é que supôs desse jeito? — sua pergunta é indelicada, porém justa. — Apesar de ter sido um péssimo pai para o Nicolas, conheço a integridade do meu filho. Ele jamais cooperaria com uma injustiça, e foi ele que exigiu para que eu me entregasse.

Pisco, atordoada com que o Marcelo está afirmando. A porta é aberta em um supetão, e o oficial Feller está nos encarando, envergonhado por ter interrompido a conversa.

— Peço desculpas, achei que a Betina estivesse sozinha. — ele explica, voltado para mim. — Sua tia já foi liberada. Nós a levamos para uma sala com câmeras escondidas, só para garantir que ela admita sobre as agressões que você relatou no boletim de ocorrência.

— Obrigada, oficial. — digo, levantando para segui-lo. — Podemos ir, já acabei com o senhor Ferrazo.

— Betina?

O pai de Nicolas volta a me chamar, sentado na cadeira, virando a cabeça para trás. Paro com a mão na porta, esperando o momento em que ele vai pedir para que eu implore por misericórdia ao juiz que analisará o caso. Afinal, os seus relatos me fazem crer que o apelo emotivo tem algum fundamento em mente. Deve pensar que eu sou boba. Entendo que o acidente não foi intencional, que falhas acontecem, mas se ele acha que vou pegar leve, está enganado.

— Meu filho te ama. — sua declaração, no entanto, desarma o meu julgamento prévio. — Se tem alguém que deve ser condenado, sou eu. Deixe Nicolas de fora da minha sujeira.



Seco as lágrimas, apesar das mãos trêmulas. A conversa com o pai do Nicolas tira qualquer resquício de tranquilidade que eu tinha guardado para o dia em que enfim cobraria um posicionamento claro de Cecília. Não sei se consigo lidar com dois confrontos em sequência.

Sou informada de que ela está à minha espera, o que me deixa mais nervosa. O oficial Feller me leva para a outra sala do terror, dando algumas instruções e táticas para não deixar que ela perceba que está sendo vigiada pelas câmeras. Paola e Caio permanecem na recepção, só que eu adoraria que eles estivessem por perto. Não sei como posso olhá-la nos olhos e não dar pistas de que os policiais estão à espera de um pulo errado para prendê-la.

— Só precisamos de uma confissão. — ele sussurra, depois abre a porta e fala com um tom mais autoritário na frente dela. — Vocês podem chegar a um acordo se quiserem, então vou deixá-las a sós para que decidam. Depois, se a denúncia permanecer registrada, aí interrogaremos uma de cada vez.

Após o aviso, a porta é fechada atrás de mim. Cecília está sentada e a sala se parece muito com a outra, onde conversei com o senhor Ferrazo, exceto pela existência da câmera escondida.

Ela está furiosa. Ainda não disse uma só palavra e nem é necessário que diga para que eu reconheça a sua expressão fatal. Puxo a cadeira, sentando de frente para minha tia. Ela mexe a boca, esperando que eu diga alguma coisa, entretanto, eu fico quieta.

— Você me denunciou. — ela não aguenta o silêncio e toma a iniciativa. Acredito que nunca chegou a passar pela cabeça dela que eu teria coragem de confessar tudo. Eu mesma cheguei a pensar que nunca conseguiria.

— Sim. — pareço tranquila por fora, enquanto por dentro eu estou morrendo de medo. — Denunciei.

Cecília sorri, e seu sorriso diabólico é um complemento para aumentar a minha tensão.

— E como você pôde fazer isso, sua vadia?

Ela demora a aparecer, no entanto, sua versão verdadeira não deixa de dar as caras. Estou nervosa pra caramba. Se eu pudesse escrever uma carta para confrontá-la, seria muito mais cômodo do que olhar para seu rosto tomado pela raiva.

— Por que eu mereço tanta violência? — pergunto, em vez de responder ao seu questionamento óbvio. Preciso saber o porquê de ela achar que eu mereço sofrer.

Eu nunca mereci.

— Quantas vezes vou precisar dizer que você *nasceu*? Sua piranha maldita. — ela chia, esticando os braços para me alcançar. Eu encosto a coluna na cadeira, temendo que ela volte a me fazer mal.

Respiro fundo, rápido, tentando assimilar o rancor que Cecília nutre por mim. As peças não se encaixam, não é possível que ela possa me odiar por eu ter permanecido viva.

— Não entendo. — franzo a testa, apertando a coxa onde está a cicatriz. — A minha guarda foi passada para você. Somos parentes, e eu só era uma criança órfã, querendo um lar repleto de amor.

— Nenhuma pentelha como você merece ser amada, quantas vezes eu vou ter que repetir? — ela cruza os braços, zombando. — Eu fiz pouco com você, Betina. Eu fui boazinha e não te destruí por causa *dele*. Dei uma colher de chá, para sua sorte.

Em que mundo amargurado ela vive, para pensar que ser maltratada dia após dia significa ter *sorte*? Os meus traumas foram multiplicados diversas vezes por conta de uma tutora que nunca quis a guarda para si. Ela jamais deveria ter me tirado daquela casa de adoção, se fosse para transformar as minhas cores em *preto* igual ao dela. O seu vazio não deveria se tornar o meu.

— Você é minha tia. — digo, amargurada. — Minha mãe queria o melhor pra mim. Ela era sua irmã, sangue do seu sangue.

— Ela era uma vadia, assim como você! — ela grita, batendo a mão na mesa, perdendo a paciência. — Sempre que eu olho pra você, eu quero te matar, assim como queria matar aquela traidora.

Balanço a cabeça, suando frio. Os policiais deveriam interromper a conversa, se por acaso ela perder as estribeiras? Porque acho que ela está indo além do permitido, e conhecendo-a bem, não é um bom sinal. Eles deveriam mesmo estar invadindo a sala e tirá-la rapidamente, mas nada acontece. Continuamos sozinhas.

— Do que você está falando?

Passo as mãos na nuca, mais perdida do que nunca. Cecília dá uma gargalhada alta, e eu quero pular em seu pescoço e exigir que ela explique logo qual é o seu problema comigo. Minha mãe não tem porque estar metida na conversa.

— Quantas vezes ela debochou de mim. Quantas vezes ela esfregou no meu nariz o maldito prêmio que havia conquistado. — Cecília faz um som com a boca, reprimindo o que quer que tenha sido guardado com ela. — O seu pai era como um troféu para aquela vagabunda. Ele não a amava, eu sei que não, ele só não sabia como abandoná-la estando grávida.

Cale a boca, eles se amavam.

Cale a boca, cale, cale, você que não sabe o que é o amor.

— Você não sabe de nada. Eles se amavam!

Os gritos estão saindo de minha boca, e eu grito como se dependesse deles para colocar para fora os sentimentos reprimidos durante a maior parte da minha vida. Elevar a voz sempre foi proibido, retrucar não era o correto, e assim, pouco a pouco, Cecília raptou totalmente o meu direito à liberdade de expressão.

Por isso, não me calo. Não permito que ela fale sobre os meus pais, porque todos podem usá-los no meio das conversas, menos ela. Estou exausta de ficar calada.

— Ela roubou o Antônio de mim! — Cecília explode, gritando como eu. — Ele era meu! Meu namorado, meu amigo, meu amor! Ele nunca foi dela!

Não, não pode ser. Ela está inventando outra de suas histórias. Cecília levou a loucura para outro grau, não é possível que esteja em tão plena consciência. Coloco a mão na testa, atordoada, odiando-a mais do que eu achei que fosse possível.

— Mentira! Pare de mentir!

— Estúpida, sua mãe ficou com o meu namorado sem ter a menor vergonha!

— O meu pai nunca se envolveria com alguém como você. — cuspo as palavras, inconformada com a invenção de Cecília. — Ele tinha um bom coração.

— Fique sabendo que ele adorava o nosso envolvimento. — ela diz, debochando. — Namoramos quase um ano. Antônio adorava a minha risada, a minha vontade de viver a vida sem pensar no amanhã, o quanto eu curtia os momentos que vinham pela frente. Nós eramos o casal perfeito.

Hum, então ela quer insistir nessa desculpa surreal? Entro na onda, para ver até onde minha tia é capaz de ir. A insanidade precisa ter um limite, até mesmo para ela, que parece desconhecer o que é real e o que é fantasia.

— Aí você perdeu ele para a minha mãe? — é a minha vez de dar uma risada. — Parece que ele não gostava tanto assim do seu *envolvimento*.

Cecília se levanta, engasgando com o próprio veneno. Ela não admite que eu diga que minha mãe era melhor do que ela. Sempre foi, sempre vai ser.

— Ela não se conformou em perder pra mim. Ela fez de tudo para tirá-lo dos meus braços, e engravidou para conseguir isso. — diz, crente de que está com razão. — Tive que engolir um casamento arranjado, a felicidade da família por ver a Júlia construindo um relacionamento que deveria ser meu! Tive que vê-los se casando, mas o Antônio ia voltar para mim, porque era óbvio que nos amávamos. Ele só não fez porque sua

garotinha ia nascer. Ele mentia quando dizia que amava sua mãe, ele amava a irmã dela! Era em mim que ele pensava!

Não digo nada, porque não acompanho o raciocínio maluco de Cecília. Ela realmente teve um caso com o meu pai? Ou ela está inventando tudo?

— Quando você nasceu, ele me proibiu de chegar perto dele e de qualquer coisa que dissesse respeito aos dois. A Júlia o obrigou a me excluir de tudo! Praticamente baniram o meu nome da família. — Cecília resmunga. — Você e ela, duas malditas! Vocês me tiraram o meu Antônio!

Agora faz sentido. A conversa dos meus pais no dia do acidente, falando que tinham feito tudo por amor, o senhor Diogo da mecânica, que havia dito que meu pai não se arrependia de ter escolhido a minha mãe. Tudo começa a ficar mais claro, embora seja difícil de acreditar.

— Você está enganada. — digo, com tranquilidade. — O meu pai escolheu a minha mãe e nunca se arrependeu de ter casado com ela. Ele a amou cada segundo do tempo que eles tiveram, inclusive, pouco antes da morte, se declararam um para o outro. Isso é amor, Cecília, não o que você acha que ele sentia por você.

— Ele não podia ter morrido! — ela grita, chorando, e é a primeira vez em doze anos que eu vejo ela demonstrando algum sentimento de dor. — Só vocês duas! Eu queria que vocês duas morressem, não ele!

Engulo a repulsa, sem acreditar que minha tia está dizendo com tanta normalidade que gostaria que eu e minha mãe tivéssemos falecido.

— Estava tudo planejado! Tudo! — ela continua gritando, e começa a andar em minha direção. Quase caio da cadeira, tentando sair de cima dela. — Os freios foram cortados. O acidente ia acontecer, e o Antônio só teria a mim! Ele ia voltar comigo! Ele ia ser feliz, nós íamos construir a nossa família sem vocês, malditas!

Freio cortado? Planejado?

Tento respirar, mas não consigo puxar o ar, o choque é maior do que eu posso ter controle. Ando para trás, sem olhar para ela, sem olhar para lugar nenhum. Minha mente está em branco, e não no melhor sentido da cor.

— Você me faz lembrar da Júlia, da felicidade que eu perdi por causa dela, e eu só quero te espancar todos os dias da sua vida até você se arrepender por ter nascido e estragado tudo pra mim. — ela sussurra, me prensando contra a parede. — Eu não deveria ter apenas te batido, eu deveria ter te matado quando tive a oportunidade. Do mesmo jeito que eu consegui matar a sua mãe.

Meu queixo está trêmulo. Minha mão está suando. Esqueço de quem eu sou, de onde eu vim, e foco no que ela acaba de afirmar.

Tudo foi premeditado.

De um jeito ou de outro, nós íamos sofrer um acidente. De um jeito ou de outro, poderíamos ter morrido. De um jeito ou de outro, com o pai de Nicolas aparecendo ou não no nosso caminho, a falha mecânica ia transformar aquela noite no meu maior inferno.

As mãos dela estão grudadas no meu pescoço. Ela está me asfixiando com a pressão dos dedos, e eu não reajo. Ela já tirou tudo o que eu mais amava, não há mais nada a ser tirado de mim.

Os policiais invadem a sala, armados, arrancando ela para longe do meu corpo. Coloco as mãos no joelho, tossindo em busca de oxigênio, chorando de raiva, me perguntando como pude procurar na rua durante anos pelo responsável por tudo aquilo, enquanto vivia sob o teto daquela que havia bolado um plano para nos matar.

Apoio o corpo nos braços do oficial Feller, que prontamente me leva para fora dali. Onde estamos, no meio do corredor, ainda posso ouvi-la gritando e alegando uma inocência que nunca a pertenceu.



A enfermeira mede minha pressão, e aproveita para conferir meus batimentos cardíacos. Quase pergunto a ela se depois de ser asfixiada é comum que o coração fique acelerado ao ponto de quase sair pela garganta. Chego a cogitar a possibilidade de saber o que ela acha sobre a própria tia ser a assassina dos seus pais, se é normal passar por isso e não ter a saúde abalada.

Ela sorri, sem jeito, então decido que não seria educado enchê-la com as minhas dúvidas inúteis.

— O doutor precisou se ausentar, mas já devem estar chamando outro para que dê uma olhada em você. Vamos deixá-la em observação aqui no ambulatório enquanto espera, tudo bem?

Sento na maca, concordando com o pedido da enfermeira. Ela sai, e nisso o oficial Feller entra, juntamente com Paola e Caio. Não penso duas vezes em descer a escada e correr para abraçá-los, diante a um pranto que surge com desespero. Eu devo a eles tantas coisas, inclusive o confronto com Cecília e o desfecho do caso.

Devido à confissão, ela irá para julgamento e nenhum advogado poderá argumentar contra um vídeo onde ela assume claramente o que fez. Os trâmites e a burocracia não irão salvá-la do futuro na prisão. É questão de semanas até que ela tenha o que merece.

Devo muito a Nicolas também, porque sem o apoio que me deu eu não teria vindo até a delegacia para abrir uma denúncia oficial. Ele é que me trouxe até aqui, para garantir que eu ficasse segura. A junção desse pensamento com a conversa que tive com o pai dele faz com que o nó em minha cabeça fique mais apertado.

— A delegacia inteira está comentando. — Paola diz, segurando minha cabeça, garantindo que eu olhe para ela. — É verdade? Ela fez o

que estão dizendo que fez?

— Fez, ela confessou no meio da discussão. — explico, tentando entender junto com eles. — Ela falou alguma coisa sobre ter planejado o acidente e de os freios terem sido cortados. Eu... não sei... Só não consigo pensar nisso.

— Meu Deus, eu sinto tanto, amiga. — Paola tenta dar algum consolo, embora não seja possível. — Como ela fez isso? No documento estava escrito que não havia nada de errado com o carro. Será que ela alterou as provas para que não desconfiassem?

Caio se intromete, dando sua versão.

— Ou vai ver ela subornou o mecânico para que ele garantisse que não havia nada de errado.

— Não sei o que houve, e não sou eu que vou descobrir. Chega de brincar de detetive. — dou de ombros, exausta. — Eu só quero ser liberada pelo médico para ir embora. Se o Caio não se importar, posso ficar no seu apartamento até que a justiça determine o veredito, Paola? Aí eu paro de importunar os dois e arrumo um canto para mim.

— Não precisa nem pedir, Betina. O meu apartamento é seu.

— A minha mãe vai ter um pequeno surto por causa disso, mas eu entendo sua decisão e não vejo nenhum problema.

Uma batida intrometida é ouvida por todos, e nada mais, nada menos, do que Nicolas é quem coloca a cabeça para dentro do ambulatório. Meu coração para de bater por um segundo ao encontrá-lo, para depois voltar ao ritmo frenético. Entendo que avisaram que um profissional viria para me atender, no entanto, tinha que ser justamente ele?

Não nos falamos desde a briga no hospital. Sinto um pouco de vergonha por tê-lo julgado sem escutá-lo naquela noite, embora seja óbvio que eu não iria ouvi-lo devido à raiva. Mesmo tendo ouvido o que o senhor Ferrazo falou, não sei a que conclusão eu devo chegar.

— O que você está fazendo aqui? — Paola pergunta, erguendo o tronco, com o dedo erguido para ele. — Você não tem amor à vida? Eu e o Caio vamos te expulsar aos pontapés.

— Eu não vou expulsar ninguém, querida, não conte comigo. — Caio acena para Paola, tirando uma risada minha. Ele sai, já entendendo que deve nos deixar à sós. Minha amiga não pensa igual, pois não desgruda da maca, olhando para mim.

Nicolas permanece parado, com as mãos para trás, quando a enfermeira aparece e conversa com ele. Então é isso? Depois de dois confrontos tensos, o médico que vai me atender é o homem que partiu o meu coração e feriu os meus sentimentos? Não existe nenhum outro em Ostala que possa vir até a delegacia?

— O Doutor Ferrazo vai atendê-la, Betina, já passei as informações sobre a triagem, assim ele poderá ajudá-la com mais facilidade.

Por pouco eu digo a ela que discordo, pois acho que ele não vai me ajudar muito. A relação de médico e paciente nunca funcionou direito entre nós. Somos imprevisíveis demais para tanta simplicidade.

A enfermeira exige que eu seja atendida em particular, leva Paola para a rua, que sai resmungando até a porta ser fechada e não conseguir olhar mais para dentro do ambulatório. Nicolas aponta para que eu suba na maca, pega o estetoscópio e o coloca em volta do pescoço. O jaleco branco cobre o corpo que eu já tive o prazer de sentir sobre o meu.

Balanço a cabeça, espantando os pensamentos sensuais a respeito dele, tentando não focar nos sentimentos intensos que continuo tendo por Nicolas. A confissão de Cecília ainda é muito recente e não sei se consigo engolir os últimos fatos como se eles não tivessem acontecido. Apesar de a roda ter girado e mudado a perspectiva da situação, preciso de um tempo para assimilar tudo.

— Seu pescoço está doendo?

Pelo tom da pergunta, ele sabe que Cecília tentou me asfixiar. Deram um relatório completo, ao que parece. Também não sei o que pensar sobre isso.

Faço um sinal positivo, apesar de óbvio.

— A enfermeira disse que sua pressão estava um pouco alta, mas é por causa do estresse, não tem com o que se preocupar.

A voz de Nicolas sai grave, séria, no lugar. Não é o mesmo Nicolas que cantou comigo em um karaokê lotado de gente, que me ajudou a escrever em bilhetes para um mural, ou aquele que se deixou ser pintado para que eu me sentisse cheia de cores. Ele é o Doutor Nicolas Ferrazo atendendo a uma paciente qualquer, e eu não sei como lidar apenas com o seu lado profissional. Não sei se estou pronta para ficar cara a cara com ele, assim, sem tê-lo inteiramente comigo. Enquanto estava cega pelo ódio, foi bem mais fácil de ignorá-lo.

— Tudo bem, doutor.

Ele encosta os joelhos nos meus, e coloca o estetoscópio dentro da minha blusa. Meus olhos são atraídos pelos olhos dele, e meu coração que já estava acelerado, palpita mais rápido do que antes.

Embora o meu cérebro seja sensato e diga não, o restante do meu corpo diz sim, sim, sim.

Mil vezes, sim.

— Temos um problema aqui, porque os seus batimentos estão anormais. Precisa cuidar melhor do seu coração, Betina, antes que ele se machuque.

— Outra pessoa já fez isso por mim, fique tranquilo.

Me arrependo do que digo no instante em que as palavras saem da minha boca, afinal, ele estava tentando desconstrair. A confusão entre odiá-lo por algo que eu achei que soubesse e amá-lo por tudo o que fez por mim está me deixando maluca. Nicolas retira o estetoscópio, e coloca dentro de uma maleta sem retrucar a minha fala.

Em seguida, arranca uma folha do bloco. Ele anota algumas medicações, depois assina e carimba a receita. Penso que ele vai perguntar sobre a discussão que tive com a minha tia, ou saber mais sobre o que ela confessou, até mesmo comentar sobre a parcela de inocência do seu pai.

No entanto, Nicolas só estende a receita, agindo como o médico que foi chamado para ser.

— Os policiais interviram rapidamente, então não vou precisar interná-la nem nada do tipo. A dor no local não vai demorar a passar, mas

receitei um analgésico. Também incluí uns tranquilizantes e remédios para dormir, caso precise. Você passou por muitos traumas em pouco tempo, então não se culpe se precisar tomar alguma medicação mais forte.

— Obrigada, doutor, pode deixar.

— Precisa de mais alguma coisa? — ele pergunta, fechando a maleta.
— É só falar.

— Não, doutor, isso é tudo. Estou liberada?

— Claro. — ele movimenta os ombros, como se não tivesse outra escolha a não ser me dispensar. — Hum, eu sinto muito por tudo. A Cecília vai pagar por cada crime que cometeu contra a sua família, pode ter certeza.

Nicolas sorri sem mostrar os dentes, um sorriso forçado e triste, diferente dos diversos tipos de sorrisos que eu já vi em seu rosto.

— Agora que conseguiu o que você tanto queria, achando *os culpados* e colocando um ponto final no caso, finalmente vai poder ter a sua paz de volta.

Não *a culpada*, e sim, *os culpados*. Ele faz questão de frisar sobre a culpa do pai, embora não saibamos como o delegado será realmente julgado tendo em base a confissão cruel de Cecília, que admitiu ter planejado o acidente.

A amargura em seu tom de voz surge apenas depois de vários minutos do nosso reencontro indesejado, e segundos antes de ele arrastar os pés para fora. Nicolas passa do meu lado, faz um pequeno cumprimento com a cabeça, e sai da sala da mesma maneira como entrou. Ignorando que já fomos um casal apaixonado.

Mal sabe ele o quanto está enganado.

Achar o culpado não faz com que a morte dos meus pais suma, nem com que o nosso término tenha sido apenas um pesadelo ruim.

Contraditoriamente, tudo o que eu não tenho é paz.



Dona Eduarda não gosta da minha decisão, só que acaba cedendo que eu vá para o apartamento de Paola. Aceitei passar uma curta temporada na casa deles devido à gravidade do afogamento, porém me sinto mais confortável convivendo com a minha melhor amiga. Paola entende quando preciso de espaço, quando preciso de um abraço, quando preciso do meu silêncio e quando tem que ficar neutra. É disso que eu preciso, de flexibilidade em relação aos meus sentimentos bagunçados. Minhas cores estão esparramadas por todos os cantos.

— Eu adorei passar os dias com vocês. — beijo a bochecha de dona Eduarda, grata pela hospitalidade e a preocupação que demonstra constantemente. — Obrigada, de verdade. Tenho muito pelo que agradecer.

— Nós fizemos de coração, Betina. — ela devolve, com um sorriso no rosto. — Você é da família. Pode contar conosco quando precisar.

Paola buzina, chamando minha atenção. Sou péssima com despedidas e, para variar, ela sabe disso. Costumo prolongar um *adeus*, mesmo que nesse caso seja apenas um *até breve*. Sinto os olhos marejarem de emoção por poder contar com mais dádivas como eles. Todas as merdas que vem acontecendo comigo não superam a minha alegria por tê-los. Meus amigos são o meu maior tesouro.

— Deixaram esse envelope pra você. — Caio estende o braço e entrega o envelope pardo na minha mão. — Não tem remetente e não sei quem deixou porque só colocaram na frente da porta, mas tem o seu nome aí, então é seu.

Nem preciso virar o envelope, porque meu nome está escrito nos dois lados do papel. Reconheço a letra de imediato.

— Valeu, por tudo mesmo. — agradeço, erguendo o envelope e acenando para os dois. Caio segura Fifi, balança a patinha dela e devolve o aceno. Paola levanta os braços em comemoração, por finalmente eu entrar no automóvel. — Podemos ir, amiga?

— O que é isso? — ela passa a marcha, buzina novamente para Caio e sua mãe, e dá a partida. — Caio escreveu uma carta de amor com uma despedida adequada pra você? — ri, entrando na rua à direita. — Não sei

se te falaram, mas acho que ficaram meio chateados por preferir ir para o meu apartamento. A Dona Eduarda ama uma visita e adora ter mais bocas famintas para alimentar.

— É, eu percebi. — de toda maneira, eu ia sair em breve. Saindo antes, automaticamente, incomodo menos. — Eu não sei o que tem no envelope. Caio disse que jogaram na frente da casa e não consta o remetente.

Comprimo os lábios, sabendo que disse uma meia verdade. Desconheço o conteúdo de dentro do envelope, porém o fato de ter ou não o remetente é um mero detalhe dispensável. A caligrafia conhecida é um afago delicado, um toque de atenção que, embora confuso, parece necessário.

Nego que eu o compreendo, porque sou incapaz de entendê-lo no momento, contudo, não nego que estou curiosa para abrir o que tenho em mãos. O envelope é leve, então a culpa de parecer tão pesado é totalmente da minha ânsia de descobrir o que ele enviou.

— Não vai abrir? — Paola pergunta o óbvio, e franze a testa ao ver que não movo um dedo sequer para ver o conteúdo. — Hum, entendi.

Ela *entendeu*, eu tenho plena convicção da sua capacidade em decifrar os meus sinais, por menor que sejam. Se fôssemos gêmeas, talvez Paola não me conhecesse tão bem.

— Chegando no apartamento eu vejo o que mandaram. — mordo a ponta do polegar, tentando pensar em outra coisa que não seja o pacote misterioso. — Não deve ser nada importante.

Paola entra no meu jogo, evitando qualquer pronunciamento. Ficamos em silêncio em boa parte do trajeto, exceto pela música que está tocando na rádio, melodia que chego a apreciar. Até nisso ele conseguiu pôr seu dedo e efetuar uma mudança. Quanto mais tento tirá-lo da cabeça, mais ele aparece nela.

Checo o celular só agora, depois de muitas horas de afastamento tecnológico. Mais precisamente, cento e vinte horas. Nas notificações, algumas chamadas de Cecília, uma meia dúzia de mensagens também. Excluo tudo o que tenha a ver com ela, e sigo para o restante do que está armazenado na pasta.

O que mais me surpreende é ver que ao lado do nome dele, o número 135 está em negrito. Não 5, não 20, muito menos 48. Entre ligações e mensagens enviadas, Nicolas tentou me contatar mais de cem vezes ao longo dos dias em que estivemos separados. Paraliso, sem acreditar.

— Chegamos, distraída. — Paola puxa a marcha a ré, balançando seu molho de chaves, apontando para o prédio onde mora. — Preciso ir ao mercado. Pode ficar no apartamento enquanto isso, depois a gente carrega as suas coisas lá pra dentro.

Ela olha para o envelope, depois me encara, e volta a balançar suas chaves. Faço o que Paola sugere, porque eu não suporto ir em mercados, e não vou aguentar mais uma hora sem rasgar em pedacinhos o envelope que recebi.

— Tenha cuidado. — digo alto, segurando a bolsa, as chaves e o pacote do Nicolas. Minha amiga buzina, consentindo, e desaparece de vista.

Cumprimento o porteiro, subo as escadas e ao chegar no apartamento dela é que noto o meu nervosismo exagerado. Encaixo a chave na fechadura com dificuldade, mas depois de duas tentativas, ouço o clique.

Jogo a bolsa no sofá e me sento em um dos assentos, onde fizemos brindes há um par de semanas. Parece ridículo o quanto as coisas mudaram em um piscar de olhos. Nos beijamos aqui mesmo no domingo retrasado, e agora tudo o que eu tenho dele é um pacote inanimado e algumas memórias para as quais talvez não devesse olhar.

Descolo a aba do envelope em vez de rasgá-lo como cogitei. Ele teve o cuidado de enviá-lo intacto, portanto o mantenho assim. Ao menos isso permanecerá intocado pelo desastre que nos tornamos por falhas alheias.

Respiro lentamente, puxando uma partitura para fora do envelope. Além das notas musicais, tem uma letra preenchendo a folha.

Revejo um dos versos que recebi por *sms* e, na mesma hora, sei que a letra é aquela que Nicolas compôs para mim. Ela está completa e ele a trouxe para que eu a guarde. A letra é sobre nós, mais especificamente, sobre o que eu dei a ele.

Todo vermelho

Entre paredes brancas
Surge um ponto de cor dentro de mim
Que se multiplica a cada dia
E as são tantas
De todos os tipos

É verdade
Eu me sinto de todas as cores
Quando estou perto de você
E não há nada que possa mudar
A minha forma de te olhar

Até parece estranho
O quanto vermelho.
Nunca mais será o mesmo
Sem você

Então, querida,
Me dê todo o vermelho que puder
Porque estou apaixonado
Sempre estarei

Com quantas cores se faz um amor?

Por favor, me dê mais
Me dê todo o vermelho que puder
Porque estou perdidamente
Apaixonado

Com quantas cores se faz um amor?
Com quantas cores se faz um amor?

A partitura não é tudo. Um pequeno dispositivo de armazenamento está preso no fundo do envelope, e eu o tiro, vacilando mais do que já estava. As palavras de Nicolas tocam no fundo da minha mente, e por um

segundo, não sou a Betina que odeia o pai dele, a garota que o esmurrou na noite em que descobriu uma suposta traição. O nome da música faz sentido, porque também estou vermelho da cabeça aos pés.

Um vermelho proibido, insensato, mas ainda assim, todo vermelho.

Conecto o dispositivo no computador de Paola, puxando outras inspirações profundas antes de clicar no único arquivo salvo. O áudio tem cinco minutos e meio, quase seis, que certamente vai parecer um par de horas ao ser captado pelos meus ouvidos.

Aumento o volume, dou dois cliques e espero. Espero mais. Dez segundos depois, continuo esperando por algum som. Até chego a aumentar o volume de novo, achando que o problema está no computador de Paola. Quando a barrinha de áudio chega ao nível máximo, enfim percebo o que houve. Ele é que está em silêncio.

Mais segundos se passam até que ele solta um suspiro e começa a falar. Repito a ação, suspirando para ser capaz de ir até o final e escutar o que foi gravado.

— Dez e cinquenta da manhã. Acabo de sair de casa, porque não consigo olhar para o meu pai, sabendo que ele destruiu a sua família e também destruiu a nossa. Eu até tentei abrir o jogo, mas não tinha a menor condição de contar pra você, porque vi de perto o quanto queria encontrar o responsável. Você o odiou por anos sem saber quem ele era, e quando finalmente viesse a descobrir o que meu pai fez, também ia descontar em mim. Em nós dois.

Pauso a gravação, tentando manter a calma. Prefiro que ele esteja contando sua versão agora, afinal, naquela noite eu não iria ouvi-lo, já que a raiva não ia permitir que qualquer palavra fosse absorvida.

— Não estou julgando a sua atitude. Eu entendo que vê o meu pai como o pior ser humano do mundo, e sei que o acidente te torturou por mais de uma década. É muito tempo pra que você esqueça de tudo por causa de um cara que conheceu faz poucos meses.

Coloco a mão na cabeça, com as primeiras lágrimas já formadas no canto interno dos olhos. Ouvir a voz de Nicolas dizendo o que está pensando é muito doloroso e me deixa despedaçada.

— Algumas pessoas dizem que quem ama, às vezes, abre mão da própria felicidade para ver a felicidade do outro. Agora entendo isso. Eu vou sofrer, mas prefiro que siga em frente sem a sombra de um erro, do que te forçar a aceitar aquilo como se fosse normal. O meu pai errou, vai pagar pelo erro, mas sei que sempre que estivermos juntos, o fantasma do acidente vai te perturbar. Não seremos os mesmos de antes. Não quero que sejamos diferentes. Então, guarde essa música na caixa proibida, e nunca mais olhe para dentro dela. Deixe tudo no passado. Eu te amo, Betina, não tenha dúvida. Escrevi a música dias antes de descobrir a verdade, e pelo visto já estava prevendo o fim, porque o vermelho realmente perdeu o sentido depois do que houve. Espero que possa viver as suas cores da forma que sempre mereceu.

Os acordes do violão aparecem pouco depois de ele terminar de falar. A melodia é doce, tranquila, e é a música mais linda que já ouvi antes mesmo de terminar de escutá-la. O choro reprimido sai sem pudor, lavando a mente de dentro para fora, permitindo que eu veja o seu lado da dor, um lado que ignorei por puro egoísmo. Ambos estamos sofrendo com a verdade. Ambos queríamos que tudo fosse de outro jeito, embora seja duro e complicado, praticamente impossível de ser alterado.

Paola entra de supetão, sem carregar nenhuma sacola, provando que saiu com o carro para me dar privacidade, não pelas supostas compras. Ficamos quietas, apesar de meus soluços não serem tão silenciosos. Ela se agacha ao meu lado enquanto Nicolas continua cantando, e como a amiga que é, seca cada uma das lágrimas que despejo por um amor que não é mais o mesmo *vermelho*.



— Preparada? — Paola alisa a minha camisa e um terno social que escolhi para o grande dia. O aguardado julgamento de Cecília está prestes a ter início, e a ansiedade faz com que eu ande de um lado para o outro. Os advogados pediram para aguardarmos mais alguns instantes, devido a outro caso que está sendo julgado. Meu estômago dói só de lembrar que o próximo é o meu.

— Uma vida inteira esperando por uma resolução, e agora que está na hora, nem parece que é real. — Paola emenda, antes que eu me pronuncie. — Se eu estou uma pilha de nervos, imagino o quanto você deve estar nervosa.

Ela tira as palavras da minha boca, sem precisar acrescentar qualquer fala a mais. Nem parece que estou dentro de um tribunal, pronta para encarar um juiz, aguardando o fechamento de um caso antigo que não deveria ter sido arquivado na época em que aconteceu. Sonhei tanto com o responsável sendo punido pelo acidente, e apesar de não contar com a reviravolta onde Cecília revelava-se como culpada, as cenas simbólicas em minha mente eram muito semelhantes às da realidade.

A palma da mão está suada, não paro de esfregá-la na calça de linho escura. Meu advogado afirma que a confissão dela é mais do que o suficiente para a condenação estar garantida. A defesa de Cecília pode tentar livrá-la de alguns anos na cadeia, inventando desculpas baratas, mas o senhor Conrado diz estar preparado para revidar. Eles têm pouco a favor, enquanto nós temos um vídeo e outras provas contra minha tia. O que importa é que ela responda criminalmente por suas ações premeditadas, pois meus pais estão mortos devido à sua crueldade.

— O caso do delegado Ferrazo acabou de ser julgado. — meu advogado se aproxima, apontando para as pessoas que estão saindo pela

porta onde iremos entrar daqui a pouco. — Foi absolvido. O juiz entendeu que a perda dele foi maior do que qualquer penalidade judicial.

Conrado ergue os ombros, fazendo uma careta. Vejo alguns rostos conhecidos saindo, porém não encontro Nicolas, e fico um pouco frustrada por não vê-lo. Faz duas semanas desde que ouvi a música e eu a escuto bastante desde então, absorvendo cada palavra escrita e posteriormente cantada. Não consigo colocá-la no passado, embora tenha tentado.

O senhor Ferrazo é o último a sair, ao lado do seu advogado de defesa. Eles sorriem, satisfeitos com o resultado. Para a justiça, ele está livre. Para mim, eu não sei o que dizer, mas acredito que a morte da mulher realmente foi um preço alto a ser pago.

Inevitavelmente, assim que olha para o lado, Marcelo vê que eu o estou encarando. Baixo a cabeça, fingindo que não estava reparando neles, que foi puro acaso nossos olhares se encontrarem.

Ele diz algo para o advogado, que parece murmurar alguma coisa. Em seguida, caminha até onde estamos, marchando em minha direção.

— Betina. — faz um gesto com a cabeça, e cumprimenta meu advogado com um tapinha no ombro. — Conrado, que bom vê-lo defendendo esse caso. Você é um ótimo advogado e tenho certeza de que vai ter sucesso no veredito.

Ah, maravilha. Os dois são amigos e vou precisar acompanhar a troca de figurinhas? Eu entendo tudo o que Marcelo passou, mas não quer dizer que o tenha perdoado completamente.

— Vou fazer o impossível para garantir que a justiça seja feita. — Conrado comenta, pedindo licença. — Já volto, Betina. Preciso conversar com o promotor antes de entrarmos na corte.

O advogado se retira, deixando-nos a sós. Paola e Caio já entraram e em breve eu também estarei lá. Basta que Conrado volte para que possamos tomar o nosso lugar diante das autoridades.

— Já deve saber que não tive uma pena grave, pelo menos não como você esperava que eu tivesse. — ele volta a falar, cruzando os braços e olhando para o chão. — Fui afastado permanentemente da polícia. Não

sou mais delegado, nem sequer policial. Se Laura estivesse viva, ela ficaria feliz por eu parar de viver em função da delegacia.

Meu advogado esqueceu de falar sobre essa parte da pena, o que significa que a justiça não o liberou totalmente. Perder o cargo na polícia deve estar sendo difícil para ele.

— Mas o juiz está certo. — Marcelo aproveita que não digo nada para acrescentar sua fala. — Eu guardei esse segredo e minha função de policial não deveria ser essa. Se tivesse contado tudo como aconteceu, teriam ido a fundo, descoberto sobre a falha mecânica provocada por Cecília, sua tia seria presa e eu teria cumprido com o meu papel de agente garantidor. O preço do silêncio pode ser alto, e nós sabemos disso como ninguém, né?

Ele dá um sorriso curto e breve. Tanto Marcelo quanto eu guardamos segredos que mudaram o andamento de nossas vidas. Há uma remota possibilidade de sermos parecidos, e pensar nisso também aumenta a chance de perdoá-lo. Ele errou e pagou por isso, novamente, tanto quanto eu.

— Sei que não quer falar comigo, e estou aqui te incomodando antes de entrar na corte. Desculpa. — ele faz uma careta parecida com a do filho. — Só queria perguntar mais uma coisa. Hum, tem falado com o Nicolas?

Nego, rapidamente. Vejo que Conrado faz um sinal de longe, para avisar que está na hora de entrarmos. Marcelo também percebe, e começa a mover os pés em passos sutis.

— Ele não veio no meu julgamento, mesmo sabendo que Cecília é que foi a causadora de tudo. Pelo visto meu filho me odeia pra valer. — ele ri, os olhos marejados. — O juiz tirou o meu cargo, mas as perdas que eu sofri não se comparam. Além da minha Laura, também perdi o meu Nicolas.

A voz carregada de tristeza faz o meu peito doer, porque por mais que os erros tenham existido, Nicolas está tratando o pai com um rancor que não fará bem a nenhum dos dois. As lágrimas de Marcelo são sentidas por mim, de forma bastante inesperada.

Se Cecília chorasse na minha frente, a faria engolir cada uma das lágrimas falsas, até que ela parasse com o teatro fajuto. Já o choro do pai de Nicolas é sincero, e me faz querer chorar junto com ele. Ninguém chora por alguém que odeia. No fundo, eu o perdoei, antes sequer de perceber o perdão agindo lentamente.

— Você não o perdeu. — digo, andando apressada, mas ainda assim olho para trás. — Ele está vivo, e enquanto for assim, pode tentar recuperá-lo. Não deixe para amanhã o que pode ser feito hoje, porque nem todos têm essa oportunidade.



— Sessão de número 12, da cidade de Ostala. Ordem e silêncio no tribunal. — a oficial de justiça diz, anunciando o início do julgamento. — Todos de pé para o meritíssimo senhor Leonardo Vichi.

O juiz entra por uma porta diferente de onde passamos, e senta-se em sua cadeira, encarando os que estão presentes. Um bom número de curiosos se aglomera nas cadeiras, incluindo meus vizinhos, a mãe de Caio, os meus amigos, dona Luísa e outros conhecidos. Gosto de saber que todos estão aqui para presenciar o desfecho tão aguardado.

— Podem trazer os jurados. — o meritíssimo fala no microfone, se dirigindo a um dos oficiais. — Tragam também a ré.

Sete jurados enfileirados aparecem, ocupando as cadeiras destinadas a eles. O único rosto familiar é o do senhor Vilson, dono de uma padaria a qual frequento. São quatro mulheres e três homens, os sorteados que irão avaliar a gravidade do crime. Nos dois casos, o *acidente* dos meus pais e a violência que sofri nas mãos de Cecília. Eles é que vão definir o futuro da víbora assassina.

Cecília entra algemada no tribunal ao lado de dois policiais, e seu advogado a recebe após a retirada das algemas, indicando onde deve se acomodar. Ela está sem qualquer maquiagem no rosto, com roupas singelas, usa uma sapatilha e não o sapato favorito de salto alto. Nem mesmo quando ela acordava de manhã eu a via tão despreocupada com a

aparência como está agora. Apesar da prisão temporária, sei que ela teve o direito de vestir-se conforme sua preferência, e essa escolha de vestuário não parece ter partido dela.

— Tática para convencer o júri de que ela é uma mulher com desequilíbrio emocional. — Conrado comenta, provavelmente por perceber que estou embasbacada ao ver o estado deplorável da minha tia. — A aparência externa às vezes engana muito, e não custa nada usar uma tentativa de apelação. Eles estão desesperados.

Pelo menos ela não está chorando, pois eu não ia aguentar tanta falta de bom senso. O promotor levanta-se, para na frente dos jurados, e começa a detalhar sobre o acidente premeditado. O que ele conta é basicamente o que já foi dito por muita gente, com exceção de que faz questão de acrescentar duramente sobre o vídeo de Cecília. Ele a quer tanto na prisão quanto eu.

— Podem exibir a prova. — ele diz, e a confissão começa a ser exibida. — Como podem ver, não há qualquer possibilidade de excluir a ré da culpa. É um crime passional de uma crueldade gigantesca, que colocou em risco não apenas a família da qual dois integrantes morreram, como também a outros condutores inocentes.

Alguns dos espectadores começam a cochichar, o que deixa o juiz extremamente irritado. Dou uma olhada e vejo que os cidadãos estão indignados com o vídeo em exibição. O advogado de Cecília chega a afundar um pouco na cadeira pela comoção do público.

— Ordem no tribunal! — ele praticamente grita no microfone, batendo o martelo para exigir silêncio. — Advogado de defesa, pode tomar a palavra.

O homem, que parecia estar desconfortável, toma outra postura ao se erguer e passar a mão no terno. Ele anda até a frente dos jurados, aponta para a cliente, e depois fixa o olhar em mim.

— Não estamos aqui para tentar negar a participação da minha cliente no acidente, mas para mostrar a vocês, jurados, de que as suas ações foram completamente movidas por um desequilíbrio psicológico que ela sofre há anos. — o dedo do advogado continua erguido, e a cara de choro

de Cecília me faz querer rir. Ou melhor, esganá-la pela encenação. — Ela jamais machucaria alguém se tivesse controle total de suas emoções.

— Não é possível. — chio na cadeira, querendo levantar e dizer algumas verdades para esse advogado de uma figa. — É mentira, ela tem total controle do que faz, ele não pode dizer isso para os jurados duvidarem da confissão.

— Betina, fique calma. — Conrado diz, tentando prestar atenção na defesa. — Eu disse que vou fazer o impossível pelo seu caso. Só tenha calma.

Encosto na cadeira, suspirando alto. Cerro os punhos de raiva por causa das mentiras que o infeliz está contando. Cecília jamais foi uma boa pessoa para agora ser tachada como inocente por problemas mentais que é óbvio que não existem. Ela é uma psicopata, não retardada.

— Cecília é uma mulher sensata, que cometeu erros devido à sua incapacidade de diferenciar o certo do errado. — ele encerra, juntando suas mãos. — É por isso que peço que tenham outra visão, e deem a esta mulher a possibilidade de ser curada em uma instituição própria, e não na penitenciária, onde vai sofrer com o tratamento de uma criminosa que não é. Ela é apenas doente.

Mais uma vez, a comoção devido à fala do advogado é grande, e todos vãoiam a desculpa que ele dá aos jurados e para o juiz. Há uma mistura de cores bem agressiva no tribunal, causada pela ira de ver-se uma defesa tão mesquinha.

— Ordem no tribunal! — novamente, o som do martelo faz os ruídos cessarem. — Se não conseguirem manter o silêncio, vou exigir a retirada dos espectadores. Exijo ordem!

O advogado abaixa a cabeça, diz que isso é tudo, e volta a se sentar. Conrado coloca a mão no meu ombro, sabendo que será chamado para revidar, e é o que acontece. O juiz o chama e ele repete os passos do seu colega de profissão, embora agora esteja mais para nosso inimigo.

— Eu poderia passar o resto do dia dizendo todos os motivos, e não são poucos, para que a ré passe a vida inteira na prisão. — Conrado diz satisfeito, me encara e depois se volta para o juiz. — No entanto, eu

gostaria de trazer uma testemunha para falar por mim. O meritíssimo permite?

Acenando, o juiz consente. Conrado não falou nada sobre ter conseguido uma testemunha, então fico perdida, sem saber o que esperar. Meu advogado se aproxima do meritíssimo, e sussurra o nome da pessoa que vai depor.

— Que entre o senhor Carlos Fonseca.

As portas se abrem, o mecânico entra, e os olhos a ficarem arregalados não são apenas os meus. Cecília e o advogado de defesa mantêm-se boquiabertos, sabendo que agora estão literalmente na merda. A única pessoa que poderia detoná-la é quem está sentado ao lado do juiz, disposto a destruir a versão que apresentaram aos jurados. Ele sabe o que aconteceu. Ele vai testemunhar contra ela, dar o depoimento ao meu favor. Estou nas nuvens e não quero ser tirada de cima delas.



Carlos conta em detalhes o suborno que Cecília fez na época, alegando que tinha sido a culpada pela falha mecânica e que não poderia ser presa por causa de uma vadia como a minha mãe. Ele aceitou o dinheiro, e diz estar arrependido por ter colaborado com uma megera que deveria estar atrás das grades. Aceitou contar a verdade no tribunal, para que conseguisse uma redução da própria pena por ter colaborado com uma criminosa como minha tia. Com essas palavras, ele desmascara e desmonta o papel de doente mental que o advogado tentou pintar para ela. Alguém sem consciência não tentaria destruir as provas de sua maldade. Ela premeditou o acidente, e além disso, pagou para que ocultassem as provas do seu envolvimento. É o fim da linha para Cecília.

Estamos na sala de espera, aguardando o veredito, enquanto os jurados decidem por quais crimes ela irá pagar. O juiz depois vai determinar a sua pena, e em seguida iremos para o segundo caso. Os crimes contra mim.

— Os jurados regressaram. — Conrado avisa, depois de esperarmos mais de uma hora pela decisão final deles. — Espero que tenham sido sensatos.

— Eu também espero. — fecho os olhos, torcendo para que o testemunho de Carlos baste. — Vamos entrar.

Conrado, além de advogado, acaba sendo um suporte a mais para que eu permaneça firme durante todo o julgamento. Ele não é só um profissional agindo em seu ambiente de trabalho, como também está se mostrando um amigo, preocupado com a verdadeira justiça, disposto a exigir que se cumpra o que é justo e necessário.

— Permaneçam de pé. — o oficial alerta, e em seguida o meritíssimo entra.

— Podem trazer. — ele diz, permitindo que os jurados entrem novamente. Os sete sentam-se, com exceção da líder, que segura um papel. — Júri, chegaram a um veredito?

— Sim, meritíssimo. — a jurada confirma. — Aqui está.

O papel é passado para as mãos de um dos oficiais, que o leva até o juiz. Minhas pernas estão trêmulas e se não falarem logo, não sei se vou aguentar de pé por muito tempo.

— É unânime? — ele pergunta, correndo os olhos pela decisão. — O que dizem?

— Na acusação de homicídio doloso quadruplamente qualificado contra Antônio Garec e Júlia Garec, tentativa de homicídio doloso contra Betina Garec, vítima menor de 14 anos na época, e suborno a fim de destruição das provas, nós declaramos a ré, Cecília Fernandez, culpada.

Culpada. Culpada. Culpada.

Meu advogado me abraça, radiante pela condenação óbvia de Cecília. Paola e Caio gritam atrás de nós, vibrando pela decisão do júri.

— Ordem no tribunal. — o juiz bate o martelo, duas vezes seguidas. — Com base no veredito do júri, devo dar a pena para a ré, mas gostaria de fugir um pouco do protocolo devido ao segundo caso que a mesma irá responder neste momento. Portanto, peço que Betina Garec se aproxime para dar o depoimento contra a acusada pelos crimes alegados no boletim de ocorrência.

Estática, olho para meu advogado, que acena para que eu faça o que o juiz está solicitando. Conrado sussurra para que eu diga o que aconteceu e faz um gesto com o polegar, incentivando a próxima etapa da condenação. Ela vai responder por mais crimes do que imaginou.

Evito olhá-la enquanto ando até o banco para testemunhas fixado ao lado do juiz, porém ao sentar de frente para o restante do tribunal, a tentativa torna-se inútil. Ela coloca um sorriso diabólico no rosto, apesar de ter sido julgada como culpada há menos de um minuto.

— Erga a mão direita. — a oficial pede, e eu o faço. — Jura dizer a verdade, somente a verdade, e nada mais que a verdade?

Eu juro, e o faço. Conto tudo o que lembro, o impedimento de continuar a pintar, o tratamento severo de Cecília, os maus tratos, a vez em que avançou para cima de mim com uma faca, a proibição de ter amizades, as ameaças, a humilhação, o quanto virei prisioneira dentro da casa da minha própria tia. Não derramo uma só lágrima, porque os choros que Cecília tirou de mim já bastaram por uma vida inteira. Estou cansada de permitir que ela cause mais sofrimento.

Outras testemunhas são chamadas para depor, incluindo Paola, Caio, meus vizinhos que se mantiveram em silêncio por puro receio. O advogado de defesa novamente tenta fazer perguntas ridículas, apoiando a inocência de Cecília, apesar de os depoimentos serem convincentes por si só. Cecília também dá sua versão, o que me dá náuseas e desperta o mais profundo rancor dentro do meu peito. Não é possível que ela seja tão ridícula a ponto de tentar desmentir o que disse na mesma gravação onde confessou ter destruído minha família.

— Ainda temos mais uma testemunha. — Conrado cochicha, para que eu saiba do peso de mais um depoimento contra Cecília. — Ele já vai ser chamado.

Abro a boca para perguntar quem é, quando a oficial fala, e eu amoleço na cadeira. Entre os bilhões de seres humanos no mundo, ele é o único que eu não apostaria que veria hoje.

— Que entre Nicolas Ferrazo.



A presença de Nicolas passa batida até que ele se apresenta para o juiz, a fim de dar um depoimento contra minha tia. Ele não esteve no julgamento do pai, no entanto, está presenciando o de Cecília e veio testemunhar para que eu tenha mais provas ao meu favor. É uma surpresa, desta vez, muito boa.

— Jura dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade?
— escuto a mesma pergunta que já foi feita para os outros, porém fico satisfeita por ver que está sendo dirigida a ele, que deu apoio para a

realização da denúncia. Nicolas seria a última pessoa que eu imaginei a estar aqui, falando diante do tribunal. Mais pelas circunstâncias atuais, do que por ele mesmo.

— Eu juro. — ele diz, com os olhos em cima de mim, fazendo com que eu desvie o olhar devido à intensidade da sua encarada. Nicolas está com a barba por fazer e parece meio abatido, para dizer a verdade.

O trunfo de Conrado era justamente esse, desestabilizar o advogado de defesa e o ataque de Cecília. O que ele não previu é que ia me desestabilizar com o depoimento de Nicolas, pois estamos afastados, e eu não suporto encará-lo depois de tê-lo desprezado.

— Pode nos contar o que sabe sobre os abusos de Cecília contra a Betina? Você chegou a ver hematomas, sinais de que ela estava sendo violentada?

— A Betina sofreu na mão da Cecília e dos namorados da tia, à mando dela. Vi vários hematomas, não só uma vez, mas várias. Incluindo uma cicatriz na perna, que poderia ter sido deferida em outra parte do corpo.

— Protesto! — o advogado de defesa interrompe o depoimento, alterado. — Não há provas de que minha cliente realmente a acertou com uma faca. Ela mesma pode ter provocado essa lesão e está usando isso contra a tia, que está vulnerável.

— Você quer dizer que a vítima é capaz de enfiar uma lâmina em si mesma, para anos depois vir a acusar um agressor supostamente inocente? Acha que faz sentido? — Nicolas dispara, apesar de não poder questionar algo ao advogado, e sim responder as perguntas feitas.

— Seu testemunho consiste em apenas dar respostas, então, atenha-se aos fatos. Se voltar a fazer perguntas, seu depoimento será invalidado. — o juiz se refere à Nicolas, depois fala com o advogado de defesa. — Protesto negado.

As perguntas continuam sendo feitas, até que o advogado de Cecília usa de artimanhas mais baixas do que as anteriores, para aliviar o lado de sua cliente.

— Vocês são namorados, certo? Este tribunal pode entender que por afinidade, está dando um testemunho exagerado, somente para proteger sua

parceira. Afinal, não esteve presente e não pode confirmar que Cecília Fernandez cometeu os atos que estão sendo relatados.

Sinto a ira de Nicolas porque a prepotência e jogo sujo que o advogado tenta jogar para cima dele é ridículo. Ele sabe que com todos os depoimentos, o buraco está se fechando para Cecília, e quer conseguir alguma brecha para fazer com que o juiz diminua a pena que só cresce.

— Não somos mais namorados. Na verdade, nem chegamos a ser. — ele suga o lábio, franzindo um pouco a sobrancelha. A afirmação de que nem chegamos a namorar dói mais do que o esperado. — Quando estávamos juntos, vi de perto o medo que ela sentia. Ela mal saía, não recebia ninguém naquela casa, tinha pavor de agir contra as ordens da tia. Eu a convenci de fazer a denúncia, mas ela quase desistiu por mais ameaças. Na última vez, a Cecília disse que se a Betina não a obedecesse, iria fazer mal aos amigos dela.

Conrado toma a frente, fazendo uma pergunta crucial para Nicolas.

— Acha que a Cecília precisa pagar por todos os crimes relatados no boletim feito pela sobrinha? Acredita que realmente aconteceu conforme o descrito pela vítima?

Novamente, Nicolas me olha, e eu vejo o *marrom* em cada gesto, em cada movimento de seus lábios. Ele está seguro do que afirma.

— A Betina sofreu muito na mão de uma tia que deveria ter dado amor e carinho, mas que jamais soube o significado desses sentimentos. Além de ter confessado matar os pais da Betina, a infernizou por todos esses anos, e embora não estejamos mais juntos, não tenho medo de dizer que ela merece cores mais bonitas do que as de Cecília. — Nicolas não está depondo para eles, agora está falando para que eu o escute. Ninguém além de nós entende o que isso significa. — Ela merece branco, não preto. Tomara que ela tenha o branco quando sair desse tribunal.

Dou um sorriso tímido por conta do que ele diz. Os advogados o liberam do depoimento e Nicolas sai, passando por mim com outro aceno que não diz praticamente nada. Viro a cabeça para vê-lo, porém o perco de vista em instantes.

Após a confirmação dos depoimentos das testemunhas a meu favor e também as do lado de Cecília, o juiz se retira, pois ele é que analisará o

meu caso, não o júri popular.

Ele vai para a sala secreta, e nós voltamos para a salinha de espera. Paola, Caio, todos se aglomeram ao meu redor, confiantes de que temos mais provas do que Cecília. Os relatos vagos dos amigos dela não vão salvá-la de mais punições.

Por incrível que pareça, somos chamados para voltar à corte em menos tempo do que no primeiro caso. Temo que seja um mau sinal, e que Carina tenha razão ao dizer que casos de violência não vão para frente por não ter provas.

Não quero lidar com a frustração de mais um caso arquivado. Ainda mais esse caso.

— Permaneçam de pé. — a fala da oficial se assemelha a de um gravador, que fica programado a repetir a mesma coisa.

O juiz Leonardo pede para que sentemos assim que ele se posiciona em frente à sua bancada.

— Está bem claro para mim que temos um grande número de crimes bem aqui. — ele diz, segurando sua folha de anotações. — Violência doméstica, ameaça, restrição de liberdade, injúria, calúnia, cárcere privado, retenção de bens, entre demais crimes já supracitados anteriormente quanto ao caso 5676. — o juiz coça a cabeça, larga a folha, e dá o veredito final. — Cecília Fernandez é considerada culpada, e não poderá responder em liberdade devido à gravidade e quantidade de crimes. Sua pena será de 47 anos, 6 meses e 2 dias, em regime fechado. A sessão está encerrada.

O som do martelo é a confirmação de que não estou sonhando. Ele é repetido três vezes, e eu fico tão aliviada, que mal percebo meus amigos vindo para perto, pulando em cima de mim e do meu advogado. A alegria é coletiva, vem de todos os lados.

Mantenho os olhos em Cecília, que é cercada por policiais, e reparo no advogado dela que joga a pasta no chão, irritado por ter perdido. Penso que é bem feito para ele, já que escolheu defender o culpado, não o inocente. As algemas são presas no braço dela, onde deveriam estar desde sempre, prendendo uma criminosa fria e calculista.

Quando ela olha para mim, os papéis se invertem. Enquanto Cecília chora pelos motivos errados, eu sorrio pelos motivos certos. Sinto que estou mais *branco*, quase tocando os dedos na serenidade do *azul*. Onde quer que estejam, meus pais devem estar satisfeitos. Finalmente, em paz.



Dona Eduarda organiza rapidamente uma festa de arromba para comemorarmos a condenação de Cecília. Meus amigos, óbvio, também estão por trás do plano. Boa parte da vizinhança aparece para brindar à minha liberdade e a prisão da mulher que causou tanta dor para a família Garec.

— Anda logo, Betina. — Paola pega uma taça de espumante e a coloca na minha mão. — Vamos brindar por finalmente tudo ter se resolvido. A Cecília está na cadeia e vai passar o resto dos dias lá. Você merece essa comemoração.

O ato de brindar me faz lembrar de alguém que não está aqui. Aí é que mora o problema.

— O importante é que a justiça venceu. — tomo um gole, sem brindar. — Tomara que sirva de exemplo para mais pessoas.

— Com certeza, vai abrir os olhos de muita gente. — Paola também bebe, e aponta para Fernando. — Ah, ele chegou! Temos mais uma surpresa para você!

Viro a cabeça, com um olhar mortal, recriminando a atitude de Paola. Ela sabe o quanto não gosto dessa história de ser surpreendida. Não deu certo com Nicolas e nossa separação é a maior prova de que há grandes chances de ser um desastre.

— Deixa de ser pessimista, você vai amar. — ela segura minha mão, e praticamente me arrasta para perto de Fernando, que está no meio de um grupo que desconheço. — Gente, essa é a Betina, a pintora da qual estávamos falando.

Eles soltam suspiros de admiração, e eu fico me perguntando o que diabos é que Paola inventou junto com Fernando.

— Betina, esses são os meus amigos da galeria de arte. Os pintores dos quais contei? — ele questiona, tentando reviver a conversa que tivemos uns tempos atrás. — Eu tirei uma foto do seu quadro "Amarelinha", aquele que estava na casa do Caio, e ficaram impressionados.

— Se com menos de oito anos você pintou aquele quadro, imagina o que pode fazer agora sendo adulta e tendo mais amadurecimento artístico? — a garota de cabelos loiros é que fala, e os outros soltam exclamações. — Onde é que você se escondeu e como nunca te achamos antes?

Eles riem, e eu dou um riso para acompanhar, enquanto respondo mentalmente que estava sob o domínio de uma psicopata. Tantos elogios e suposições me deixam sem graça, porque faz doze anos desde que senti algo parecido, com aplausos admirados para a minha arte.

— O Fernando falou muito de vocês. — digo, e não estou mentindo. — Fico feliz por conhecê-los.

— Vai ficar ainda mais feliz quando souber a ideia que eles tiveram. — Paola me cutuca, esperando que algum deles conte a novidade. — Não tem mais desculpa para ignorar o seu dom.

Posso chutar um palpite, porém, é loucura. Paola não pode achar que eu vou voltar a pintar de repente. O processo precisa ser natural, a inspiração ficou reprimida por mais de uma década, e ela ainda não encontrou sua saída.

— Pensamos em abrir uma edição especial da galeria daqui a três semanas. Especial porque só colocaríamos os seus quadros. — outro homem explica. — A pintora prodígio de Ostala está de volta e temos que celebrar em grande estilo.

Quem disse que está de volta? Eles? Porque toda a pressão não está ajudando. Eu só quero dar uma volta na rua e respirar ar puro.

— Respira, Betina. — Paola adivinha o surto interno que está acontecendo em minha mente, porque viro para o lado, deixando-os no vácuo. — Qual foi a sensação de contar tudo para Marta naquele dia em que denunciou a Cecília?

— O que isso tem a ver com pintar? — gesticulo, sem acompanhar o raciocínio dela. — Eu nem tenho quadros novos para expor. Só tenho um quadro de doze anos atrás, de quando era uma garotinha inocente.

— Diz qual foi a sensação, porra. — ela revira os olhos, aguardando.
— Você achou que ia conseguir contar para ela?

Seguro a taça com firmeza, entendendo o ponto de Paola.

— A sensação foi boa, só que não achei que ia conseguir contar tudo aquilo para uma estranha.

O seu olhar *de te peguei* é irritante. Minha amiga adora ganhar, e geralmente ela ganha. Está para nascer alguém que a dobre ou a enrole. Paola é certa e tem todas as teorias prontas.

— É normal ter medo, Betina, você não pinta há anos e já adianto que aquela meleca erótica com o Nicolas não valeu. Pelo menos não se tratando de obras de arte que possam ser *expostas*. — sua risada me deixa vermelha de vergonha por falar do sexo mais incrível que já tive. — No começo pode ser assustador, depois costuma ser incrível.

— Eu nem tenho os materiais para voltar a pintar. Tem tantas coisas acontecendo que não sei se dou conta.

Estou dando desculpas porque estou realmente apavorada. Uma exposição tomou os meus pais, e embora pense em voltar a pintar, o bombardeio é assustador. Além de retomar as pinturas, querem que eu exponha em uma galeria com novos quadros autorais.

— Ah, dá conta, e ainda vai sobrar espaço. Talento você tem de sobra, Betina. Só falta a coragem. — ela faz um sinal para Caio, que carrega um cavalete, Fernando que traz várias telas, a mãe de Caio e Dona Luísa trazendo caixas cheias de pincéis, paletas e tintas. — Sorte a sua que nós fomos atrás dos materiais necessários, caso tentasse inventar tantas ladainhas sem sentido. Fizemos bem em antecipar o processo.

Os materiais ficam enfileirados, quase me encarando e suplicando para que eu mergulhe neles de uma vez por todas. As pessoas ao meu redor fazem a mesma coisa, quase caem de joelhos na minha frente. Seria engraçado, mas nada necessário. Eles estão dando o melhor presente que poderiam ter me dado.

— Eu nem sei o que dizer. — coloco a mão na boca, pasma com o que eles prepararam. — Vocês pensaram em tudo por mim?

Eles confirmam, e Fernando se pronuncia, voltando a insistir sobre a proposta.

— Basta dizer sim, Betina. Nós confiamos na sua capacidade e queremos que volte a fazer o que ama. Não é justo que Ostala perca uma pintora fantástica como você.

A emoção pelo desfecho do caso junta-se com a emoção pela atitude dos meus amigos e faz com que gotas de felicidade transbordem. O choro é de completa alegria, tanto que não consigo arrancar o sorriso dos meus lábios.

— Sabe que vou sujar o seu apartamento todo de tinta, né, Paola? — rio, enxugando a bochecha molhada. — Depois não ouse reclamar da sujeira.

— Meu bem, desde que não invente de me pintar, está tudo perfeito. O resto tá liberado.

A risada coletiva e a empolgação dos convidados acabam motivando que eu aceite o desafio. Em pouco mais de quinze dias, devo apresentar novos quadros e expor a minha nova arte, uma visão mais madura dos meus traços artísticos. Cecília impediu que eu continuasse a amar as pinturas, porém mereço retomar o que comecei no passado e para isso tenho que explorar as telas com o mesmo amor que dedicava quando era criança. Dessa vez, vou pintar e ninguém vai me impedir.

— Daqui a três semanas? Eu topo.



Fico a madrugada inteira olhando para a tela em cima do cavalete, sentindo o cheiro das tintas, a textura, as cerdas dos pincéis.

A mesma conexão que senti no quarto de Nicolas retorna intensamente e preenche minha mente, meus dedos, os movimentos que faço no tecido.

Sei o que devo pintar assim que recordo da tarde em que voltei a sentir as tintas.

Tenho uma inspiração que não é mais minha, porém pelo menos posso retratá-la na arte que crio. Ela permite que eu reviva o que tive e não soube aproveitar. Pela situação, pelo receio, por causa do ódio infundado. Já é tarde para voltar atrás, mas um artista tem licença poética para aproveitar-se dos sentimentos que precisar, por quanto tempo ele quiser.

Adormeço no chão, ali diante da tela que já está quase pronta, em cima dos materiais sujos de tinta e rodeada por aquilo que me traz cores *reais*. A vontade de pintar veio com tanta força e fez com que eu praticamente concluísse um quadro em apenas uma noite. Jamais pinteí com tanta agilidade.

Mais tarde, Paola me cutuca repetidamente, esperando que eu acorde, porém estou exausta demais para sequer abrir os olhos. Parece que um caminhão passou por cima do meu corpo e arrancou a minha cabeça.

— Acorda, Betina. Já passa de uma hora da tarde. — insistente, cutuca de novo. — Você tá toda pintada e precisa ir tomar um banho antes que isso aí grude pra sempre na sua pele.

— Só é permanente na roupa. — resmungo, de olhos fechados. — Não aconselho que se aproxime se não quiser sair manchada.

— Se for para te fazer levantar, eu destruo todas as minhas roupas. — ela se agacha, e diz. — É um dos quadros mais lindos que já vi e olha que nem está finalizado.

Um quadro lindo é tudo o que tenho dele. Obrigada por lembrar, Paola.

— Aham. — abro os olhos, e dou uma espiada na tela que, à luz do dia, parece ainda mais marcante. — Daqui a cinquenta anos, quando estiver rodeada por vários gatos e pintando novas telas, pelo menos vou poder olhar para esse quadro e lembrar de um momento bom.

— Ou você pode ir atrás dele e ter vários outros quadros assim para pintar. Podem até fazer um quadro a quatro mãos, ou corpos, sei lá. — Paola dá uma risada, de novo, ao falar do sexo provocado pelas tintas. — Eu também fiquei com raiva, Betina. Qualquer um teria ficado, mas já foi

resolvido. Não tem porque continuar batendo na mesma tecla, sendo que está bem óbvio que os dois se amam.

Depois da forma que agi com ele, não posso aparecer e fingir que está tudo bem, que errei e estou arrependida. Fui injusta com Nicolas e não é como se eu pudesse apagar o passado. Como ele mesmo disse, preciso colocar o que vivemos na caixa proibida e não olhar mais para dentro de nós.

Mal sabe que não é mais proibida, aliás.

— Você tem razão, eu tenho que levantar. — digo, passando a mão na pele pintada. — Preciso tomar um banho.

— Isso! É disso que tô falando!

— Afinal, eu vou no lago, levar as flores para os meus pais. — termino o que ia dizer na última frase.

Ao perceber que não pretendo ir atrás de Nicolas, ela me fulmina com um olhar de recriminação, porém a ignoro. Não digo nada e sigo para o banheiro. Um banho quente, reconfortante, talvez ajude a clarear as ideias.

Arranco as roupas sujas, jogando-as no canto sem qualquer cuidado. Elas estão destruídas, não vou poder usá-las para sair, de qualquer maneira.

Infelizmente, o banho também não ajuda. Acabo toda enrugada por ficar minutos seguidos embaixo do chuveiro, deixando a água cair em mim, e não acontece nenhum milagre. A tinta se aglomera no ralo, vívida. Continuo unindo os prós e contras, e não tenho nem que dizer em voz alta qual dos lados é que ganha.

Os próximos passos são mais simples do que os anteriores. Trocar de roupa, ligar para o táxi, esperá-lo me buscar, passar na floricultura e buscar os narcisos. Paola fica com medo de deixar que eu vá desacompanhada, porém eu peço para que ela confie em mim. Tenho que ir sozinha. Não é algo que possa ser feito com alguém supervisionando.

Dona Luísa faz a mesma cara triste ao ver que compro mais narcisos, portanto, retribuo com uma careta igualmente descontente. João, também preocupado, retoma a pergunta que fez pouco antes do meu último

afofamento, e questiona se quero mesmo ir para lá. Ele reluta, mas cumpre com o seu trabalho, e por fim chegamos ao lago.

Paola garantiu que vai passar aqui para irmos embora daqui a quinze minutos. Olho no relógio do celular, e agora só restam doze. Um vento gelado bate em meu rosto, fazendo com que o cabelo voe descontrolado.

Cada passo que dou para mais perto do lago, é um empurrão que me forço a dar. Não foi fácil antes, não foi fácil durante, e não vai ser fácil agora. Muito menos hoje.

Paro na beirada, reparando no meu reflexo formado na água. As pétalas secas de outras semanas ainda estão boiando. Por um segundo, posso visualizar milhares de pétalas iguais àquelas, todas que foram despejadas em homenagem a eles. Milhares de narcisos perdidos no lago. A água fica forrada por resquícios dos pedaços da flor favorita da minha mãe.

Permaneço de pé, embora a vontade seja de cair de joelhos e me desmanchar até o ponto em que não sobre mais água para ser expelida pelos olhos. Busco uma força que não sei de onde surge, mas que faz com que eu continue erguida, determinada a terminar o que comecei.

— A Cecília começou a pagar o preço por ter nos destruído naquela noite, mãe. — jogo o primeiro narciso, igual à todas as sextas em que repeti esse ritual. — Não deve ter sido fácil admitir que a sua irmã era a sua maior inimiga, aquela que queria o seu mal a todo o custo. Olha só até onde a maldade dela nos trouxe. A vovó teria tanto desgosto.

Olho para o céu, puxo o ar e tento controlar as emoções. Eles merecem ouvir o que eu quero dizer, e se começar a chorar, sei que não vou conseguir parar.

— Pai, você não era perfeito. Eu achava que fosse. Fico até mais aliviada por saber que o meu modelo de perfeição também era falho. — expiro pela boca, e jogo o segundo narciso. — Como pôde amar a Cecília? Como pôde se envolver com alguém como ela? Não entendo, juro que não dá para entender.

Em vez de ficar de joelhos, eu me agacho e coloco a mão na água, entre as flores. A sensação gelada não faz com que eu lembre do acidente, não mais.

— Vocês sabem o quanto eu precisava desse desfecho para nós. Foram anos procurando uma resposta, ignorando meus amigos, perdendo noites de sono em cima de pesquisas, até mesmo perdendo um amor por causa da obsessão pelo caso. — arrependida, seguro o último narciso, a flor que me representa. — Não tinha mais esperanças de que conseguiria vir para cá com a sensação de alívio, e vejam só, deu certo. Acabou.

Os lábios e meu queixo começam a tremer, avisando o que está por vir.

— A despedida é a pior parte. Nunca mais vou vê-los, nunca mais vou tocá-los, e isso ainda vai doer pelo resto da vida, mas as minhas lágrimas não continuarão sendo de culpa ou indignação. Serão apenas de saudade.

Os olhos que estão ardendo desde que cheguei aqui não suportam mais as lágrimas e liberam o choro contínuo. Solução alto, agradecendo por ninguém escutar o barulho estridente.

— Prometo que vou continuar a pintar. — engulo o choro, fechando o punho em cima da boca. — Juro que vou conquistar os meus objetivos, e nunca mais vou deixar que alguém me impeça de ser quem nasci para ser. Ainda vou orgulhá-los disso.

Passo o dorso da mão livre nos olhos, mordendo meu lábio inferior para suportar a tristeza. A dor tira um pouco o meu foco.

— Tentei odiar as memórias por uns bons anos, mãe, mas eu prometo que vou olhar para dentro e rever as suas palavras quando achar que não posso amar as novas lembranças. Apesar de tudo, os dois foram pais perfeitamente imperfeitos, e o meu amor por vocês é infinito.

Agarro o narciso restante, toco-o na água, até que ele também se despede dos outros. Uma lágrima tímida escorre em minha bochecha, sabendo que está na hora de libertá-los. De me libertar ao deixá-los a sós.

— Obrigada por terem ensinado o que eu sei, por terem me incentivado a amar as cores desde o começo. — levanto, vendo a flor sendo afastada das duas que permanecem na água. — Acabou, de verdade. Não tenho mais porque reviver o passado, só devo amar as lembranças e guardá-las comigo. Vocês estão livres, então podem descansar em paz. — deixo que a última lágrima caia, sentindo o fim do meu luto, os últimos instantes dele. — Assim como eu.

Coloco o narciso junto ao meu peito, abraçando a flor amarela, a garota que sobreviveu, a chance de recomeçar.

Dois narcisos boiam no lago, cercados por pétalas secas e sem vida, que em breve irão afundar lentamente. Embora pareça triste, ambos não estão mais sozinhos. Eles farão companhia um para o outro até o fim. Nós teremos uns aos outros nas memórias mais lindas que nunca, passe o tempo que for, vão desaparecer.



Viro para trás, passando os dedos na pétala do narciso que pretendo levar para casa, sorrindo satisfeita ao vê-lo em minha mão, não dentro do lago. Paola não vai se importar com o aroma dele, pelo contrário, teremos muitos narcisos espalhados em seu apartamento. Minha amiga vai ficar orgulhosa por eu ter conseguido, enfim, deixá-los partir sem mim.

Caminho com determinação, deixando o lago em uma página antiga, sem encará-lo enquanto me afasto. Olho para frente, procurando por Paola, e meu sorriso congela ao encontrar outra pessoa em seu lugar.

— Nicolas? — quase esmago o caule entre os dedos. — A Paola...

— Não pôde vir. — ele completa o que eu ia dizer, se aproximando. — Ela teve um problema com o carro e pediu para que eu viesse buscá-la. Faz parte.

Os movimentos de Nicolas são lentos, porém vejo os passos cada vez mais frequentes, as pernas trazendo-o para perto. Estou tão estática que não movo nem um dedo. Desde quando a Paola liga para ele e pede que venha em seu lugar? Qual é a parte da história que eu estou perdendo?

— Você não jogou os três. — ele constata, surpreso. — Por quê?

Nicolas sabe a resposta. Tivemos essa conversa aqui mesmo, há algum tempo. Ainda assim, quer ouvir a explicação saindo da minha boca.

— Não estou perdida, nem morta. — mordo o lábio, me achando ridícula por dizer algo tão óbvio. — Nunca estive.

Ele balança a cabeça, concordando.

— A Cecília finalmente está presa, então imagino que esteja tranquila. Soube que o Manuel também foi detido logo em seguida. — em nenhum

momento ele para de caminhar. — Estava na hora de perceber que você merece mais do que vinha se permitindo.

De fato, pouco depois da prisão de Cecília, o mandato de prisão para Manuel foi emitido, por conta de todos os depoimentos que o incriminavam. Os outros namorados serão julgados em breve, o que me tranquiliza, assim ninguém mais irá sofrer nas mãos deles.

— Quanto a isso, obrigada. — dou um sorriso meio de lado, constrangida por Nicolas estar a míseros cinco passos de distância. — Por depor no julgamento. Com certeza ajudou muito para que o juiz percebesse a verdade.

Quatro, agora.

Três... dois...

— Jamais perderia a chance de mostrar a realidade às pessoas. Eles tinham que saber o quanto você sofreu nas mãos da sua tia. — Nicolas dá o último passo, e então ficamos frente a frente. — Nem o meu pai, nem o nosso desentendimento, seriam mais fortes do que o meu desejo de defendê-la. *Nada* seria.

A forma como ele frisa o quanto continuaria me defendendo, apesar de como o tratei, só faz com que eu fique ainda pior. O ódio transpôs qualquer carinho e é bem provável que nem merecesse a ajuda de Nicolas. Ele continua se mostrando incrível, enquanto eu só o machuquei.

— Ouvi sua música. — abaixo a cabeça, evitando reparar em sua expressão. — Muitas vezes para alguém que não gosta de músicas, tenho que admitir.

Quando seus dedos puxam o meu queixo, do jeito doce e sutil com o qual eu jamais sonhei sentir novamente, um arrepio intenso percorre a minha espinha. Engulo em seco ao ver o olhar menos *verde* possível. Não há nada de equilíbrio ao olhá-lo, só uma agitação constante.

— A Paola e o Caio me contaram. — além de continuar mantendo a minha cabeça erguida, o polegar acaricia parte do pescoço, trazendo mais arrepios. — Eu não ia mais te procurar, como expliquei naquele áudio. Achei que seria o melhor para você.

A princípio, parecia que sim. Os erros dos nossos pais acabaram nos engolindo e fizeram com que novos erros fossem cometidos. Mais precisamente por mim, já que Nicolas tentou se explicar e estive do meu lado mesmo quando eu praticamente o expulsei.

— Não deu tão certo quanto achei que daria. — confesso, franzindo a testa. — Olhar para dentro não é mais proibido. E eu olhei várias e várias vezes, apesar de ter pedido para que eu não olhasse para dentro de nós dois.

— Sei o que eu disse. Sei o que você falou e também sei que não fez por mal. — Nicolas solta meu queixo, para pôr as duas mãos no meu rosto. — Quer continuar olhando para dentro ou quer parar de olhar? Porque se quer saber o que eu quero, não tem nada no mundo que pode me fazer mais feliz do que olhar para um futuro com você.

Estou chorando sem ao menos perceber, as lágrimas intrometidas que rolam em minha bochecha, deixando o meu rosto mais vermelho do que já deve estar. A fala de Nicolas me comove, porque sei que eu também quero olhar para dentro de qualquer memória ao seu lado, embora continue sem saber se estamos preparados para elas.

— Não acha que é cedo demais para tentarmos de novo?

Nicolas não responde, apenas nega com um aceno, e move um pouco a cabeça para frente.

— Não acha que o acidente vai ficar no meio de nós e estragar tudo como da outra vez?

Ele continua negando, e meus batimentos cardíacos saem de controle. Lambo o lábio, procurando uma certeza de que, dessa vez, nada vai nos atrapalhar.

— Como tem tanta convicção? Estivemos separados por causa disso e é muito recente, nem ao menos o seu pai você perdoou.

Penso que Nicolas vai revidar, embora não aconteça. Ele sorri, e esse é um sorriso igual àqueles que sempre exibiu. Confiante, realmente feliz.

— Antes de vir para cá, eu e ele conversamos. Sinceramente, conversamos mais em dez minutos do que em doze anos. Estamos trabalhando nisso, em aceitar o que houve no passado. — ele se move

alguns centímetros, repetindo a ação de antes. — Todos nós erramos. Ele já pagou pelo erro e foi afastado da delegacia. Decidiu que vai voltar a tocar na banda, e tentaremos seguir em frente, de cabeça erguida.

— Está tudo bem entre vocês? — pergunto, ainda sem acreditar. — Quer dizer que tudo se ajeitou? De verdade?

Nicolas consente, e depois acrescenta: — Quase tudo. Só falta você.

Eu não entendo como ele pode ignorar as minhas falhas e seguir adiante assim, tranquilo, pronto para um recomeço instantâneo.

— Me dê um bom motivo para achar que estará melhor comigo. — dou de ombros, tentando olhar para o lado, porém Nicolas não solta o meu rosto. — Eu não deixei que sequer explicasse o que havia de errado naquela noite, fui uma completa estúpida, e ainda por fim, cometi uma injustiça com a sua família. Como pode continuar me querendo?

— Eu me sinto *todo vermelho* quando estou com você. — ele sussurra, próximo aos meus lábios, perto o bastante para eu sentir o sopro de suas palavras. Não é nada do que eu esperava ouvir. — E não quero outra cor senão o vermelho. Você pode dá-la para mim?

A boca dele está milimetricamente distante, tanto é que chega a roçar na minha, um simples toque que destrói qualquer resquício de consciência, levando todo o bom senso para longe daqui. Esqueço a resposta que havia cogitado a dizer. Lembro apenas de que eu também sinto *vermelho*, e é por ele que a cor existe para mim.

Os lábios se juntam com fome, desespero, emoção que flui em cada movimento das línguas. Nosso beijo tem gosto de saudade, de lágrimas que choramos enquanto nos reencontramos de todas as maneiras que um reencontro permite.

— Eu te amo. — Nicolas diz, beijando cada parte do meu rosto que está ao seu alcance. Desde a ponta do nariz, até minha testa, o que me faz rir. — Ou seria melhor "eu te vermelho"?

Sorrio, impressionada com a nova dádiva que acabo de ganhar no meio das outras merdas, aliás, pouco importantes se comparadas aos acontecimentos recentes. Cecília está na prisão, Nicolas voltou a falar

com seu pai, e nós estamos nos dando uma nova oportunidade. Recomeço, em todos os sentidos da palavra.

— "Eu te vermelho" é perfeito.

Ele concorda, pois volta a me beijar e recupera, em instantes de carinho, as duras semanas em que nos perdemos um do outro.

É tudo o que existe naquele momento. Um casal apaixonado, o narciso na mão, e todo o *vermelho* do mundo pincelado em duas pessoas.



Os novos quadros estão enfileirados e cobertos por um pedaço de cetim, garantindo que a arte permaneça em segredo até a abertura da exposição. O nervosismo toma conta do meu cérebro. Conto até dez, porém não resolve. Desde a reconciliação com Nicolas, três semanas pareceram três minutos, e em um piscar de olhos vimos o sábado batendo na porta. Não um sábado qualquer, porém, o sábado em que vou expor quadros para uma grande plateia. Sinto um embrulho tão grande na barriga, que não garanto que o jantar vai ficar preso no meu estômago até o final da noite.

— Está tudo pronto. — Luciana, amiga de Fernando e dona da galeria, aparece em seu vestido esvoaçante. — Os quadros mais antigos estão pendurados e os novos vão ficar no centro do palco, pra dar evidência mesmo.

— Dá pra dizer que vou desmaiar a qualquer minuto? Por favor, não diz que parece. — passo a mão no vestido longo e vermelho que Paola ajudou a escolher. Não sou a garota mais ligada em moda que já se viu por aí, portanto, é bom ter uma amiga que gosta do assunto. — Eu nem sei o que devo falar quando subir naquele palco, Luciana.

— A sua arte vai falar por você, fique tranquila.

Luciana exagera se pensa que posso ficar bem com esse conselho. Tranquila é tudo que não estou, e não é para menos. A noite de hoje é uma extensão daquela que vivi aos oito anos.

— Ah, vocês chegaram. — Luciana ergue os braços, agradecendo por não ter que lidar sozinha com os meus surtos de ansiedade. — A Betina acha que vai desmaiar. Vou pegar um copo de água para ela antes que isso aconteça e a artista não apresente os seus quadros.

Paola e Caio chegam, e Nicolas também reaparece em seguida, já que se ausentou rapidamente para buscar o pai. Marcelo parece renovado e nós estamos nos entendendo muito bem, melhor do que o esperado. Temos conversado bastante e ele está feliz por ver o nosso relacionamento prosperando.

Nicolas dá um beijo em minha cabeça, passando delicadamente a mão em meu ombro. Ele veste um suéter e parece tão elegante, que é o homem mais lindo e encantador da galeria. Nem vi as pessoas que estão lá fora, ainda assim, a beleza dele é inigualável pela junção da aparência e pela verdadeira essência. É o que o torna único.

— O que houve, amor? — Nicolas pergunta, preocupado, e Paola e Caio soltam gemidos de deboche por causa da maneira apaixonada como ele está se referindo. — Você vai arrasar, não se preocupe.

— Amiga, o Nicolas tem razão. — Paola para de rir e sorri com sinceridade. — A galeria está linda e muita gente está ansiosa para ver o seu retorno como pintora. Acredite nisso.

Luciana traz a água conforme prometido, e bebo o líquido com avidez, em um gole só. Às dezenove horas, meus amigos saem da sala e seguem para o interior da galeria, levando os quadros para os cavaletes montados no palco. Nicolas beija sutilmente os meus lábios, sussurrando para que eu olhe para dentro e apenas deixe fluir. Faço um aceno, engolindo em seco quando vejo ele saindo em direção ao público.

Marcelo, que fica quieto no camarim desde o momento de sua chegada, espera que todos caminhem para fora, para enfim se pronunciar.

— Imagino o que esteja passando pela sua cabeça. — ele para, olhando para mim. — Eu estou orgulhoso por ver que aquela garotinha que pintava no orfanato teve a coragem de crescer e mostrar o seu talento. E se eu estou me sentindo assim, com certeza *eles* estão te aplaudindo tanto, que o céu inteiro vai ouvir os aplausos para você.

— Verdade? — dou batidinha com o lenço nos olhos, impedindo que a maquiagem, que Paola insistiu que fosse feita pelo menos em uma ocasião especial, borre o meu rosto.

— O meu Nicolas tem sorte de ter encontrado você. — Marcelo sorri, segura minha mão e se levanta. — Agora está na hora de mostrar para

todo mundo que está lá fora quem é a Betina Garec. Eles vão ficar encantados, posso apostar.

Levanto, suspirando alto e ergo os ombros.

— Luciana? — a amiga de Fernando, que está à minha espera, aparece ao ser chamada. — Podemos ir.

Marcelo pisca o olho, e então sai, satisfeito com o efeito que seu comentário surte em mim. Já Luciana se aproxima, explica como será a apresentação, deixando claro que vai me chamar no microfone para que eu apareça ao lado dela.

Arrisco dar uma espiada pela brecha da cortina, e a quantidade de pessoas lotando o espaço é absurda.

— Boa noite, amigos de Ostala. — Luciana é pintora, entretanto, parece uma modelo desfilando graciosamente na passarela. — Uau, temos a casa cheia e não é para menos. É uma honra saber que a galeria está aberta para receber uma artista que já teve seu brilho apagado, mas que está pronta para brilhar novamente depois de doze anos. O que acham de a recebermos com uma grande salva de palmas?

Os espectadores fazem o que Luciana pede, e mais do que isso, gritam pelo meu nome. Repetidamente. Eles falam como se fosse uma prece, um louvor. Os pedidos por "*Be-ti-na, Be-ti-na, Be-ti-na*", lentos e pausados, ficam ainda mais erçados quando dou a eles o que tanto pedem. Apareço no palco, cintilando nos holofotes que miram para o meu corpo. Os pequenos pontos brilhantes do vestido parecem uma imensidão de estrelas vermelhas.

— Aí está ela! — Luciana pede mais barulho com gestos, e novamente, a plateia faz. É um coro de palavras, palmas, tão emocionante que quase choro de alegria na frente do público. Jamais ouvi o meu nome na boca de tanta gente ao mesmo tempo. Além de aplaudirem a minha arte, aplaudem quem eu sou, a mulher por trás da pintora.

Luciana entrega o microfone em minhas mãos que tremem sem parar. Meus amigos continuam erguendo os braços e gritando por mim. Nicolas, ao lado deles, faz a mesma coisa. De onde está, vejo sua boca sussurrando *eu te vermelho*.

— Caramba. — a voz sai tão trêmula quanto eu estou, e rio pelo nervosismo. Assim que falo, aos poucos a multidão fica em silêncio, de modo que só escuto o som assustado que sai da minha garganta. — Fiquei pensando o que deveria dizer e nada parecia bom o bastante. A última vez que expus minhas pinturas foi no mesmo dia 13 de maio que tomou minha família há doze anos, e hoje, no dia 21 de outubro, volto a fazer isso com o coração explodindo de alegria. É como se eu nascesse aqui, na frente de todos vocês.

Paola seca as lágrimas e sorri, vibrando pela minha conquista. Sua atitude só faz com que eu decida mostrar o primeiro quadro do lado direito.

— Tive três semanas para pintar esses três quadros, e resolvi pintar as três coisas mais importantes pra mim, aquelas que realmente motivaram para que a arte transbordasse pelos meus dedos depois de tanto tempo sem pintar.

Puxo o primeiro pano, e exclamações admiradas surgem atrás de mim. Apesar de estar excitada pela comoção dos que estão presentes, o que eu quero ver é o olhar de Paola e Caio. É para eles a primeira pintura.

Ambos estão boquiabertos, porque sabem o que aquilo representa. Nada teria mais sentido do que retratar a nossa amizade em um quadro especial. Eles me trouxeram até aqui, e foi por causa dos dois que eu tive forças para levantar de vários tombos. Todas as versões da Betina continuam vivas por causa do apoio inesgotável que recebi de Caio, e principalmente, de Paola.

— O quadro se chama "Multicor", porque todos somos feitos de cores diferentes e proporcionamos outras cores para aqueles que estão à nossa volta. Tenho dois amigos que fazem isso por mim há anos, e eu tinha o dever de retratá-los em um dos quadros. Eles merecem todas as cores que o mundo tem para dar.

Os aplausos reaparecem e o holofote para em cima do primeiro quadro, tirando a evidência da pintora, para focar no que está exposto. Na pintura, estamos os três de costas, o cabelo cacheado de Paola e sua pele negra, Caio com sua extravagância, e eu no meio, sendo protegida pelos dois. Ao fundo, mesclado entre nós, uma grande explosão de cores, desde

azul até o rosa, com exceção do preto, a cor detestável que não aparece em nenhuma das telas.

Paola não controla a emoção e chora no ombro de Caio, que manda beijos para mim. Quase não consegui guardar segredo sobre o quadro porque estava muito ansiosa para saber o que eles achariam. Vê-los tão felizes faz o esforço ter valido a pena.

— O segundo quadro se chama "Todo Vermelho". — a ideia de não olhar para Nicolas enquanto falo não dá certo, pois é justamente nele que eu foco. Há um traço de espanto em sua expressão, o que indica que ele não esperava por isso. Seu sorriso se alarga antes de ver a pintura, e ele está olhando tão fixamente para mim, que me vejo sorrindo junto. — O vermelho, para muitas pessoas, é o significado do amor, porém também remete à intensidade, e nós sabemos que nem todos os amores são vermelhos. Quanto aos outros eu não sei, mas ainda bem que eu conheci o *meu* vermelho.

A pintura, que comecei a criar quando eu e Nicolas estávamos separados, acaba tendo um significado novo por estarmos juntos novamente. Há vermelho em todos os cantos da tela. Diversos tons de vermelho preenchem o quadro, formando a imagem de um casal que está prestes a se beijar. Somos vermelho do início até o final.

Nicolas bate palmas junto com os outros da plateia, movimentando a cabeça sem acreditar no que vê. Seus olhos brilham como os cristais do meu vestido. É lindo ver o quanto está sentindo e amando a minha pintura, da mesma forma que eu pude sentir a paixão na música que ele compôs. Embora distintas, as duas artes falam sobre a existência de um mesmo amor.

Paro diante do último quadro, mordendo o lábio ao saber que estou a um pequeno movimento de mostrá-lo a todos. Uma dor íntima e um momento que antes era somente meu, vai ser compartilhado com dezenas de pessoas desconhecidas. A arte tem o poder de tornar público o que antes era particular, sentido por um, e que de repente, pode vir a ser sentido por muito mais.

— Não é novidade para ninguém que meus pais morreram em um acidente e eu sobrevivi. Durante anos, em toda sexta-feira de todas as

semanas de cada mês, eu levava três narcisos no lago para homenageá-los, e nisso incluía eu mesma. — seguro a ponta do tecido, respirando fundo. — Faz três semanas desde que fui até o lago e joguei dois narcisos, em vez de três. Decidi que não vou mais jogá-los no lago, porque encontrei uma nova forma de olhar para dentro do meu passado. Este quadro que se chama "Amarelos" é a maior homenagem que eu poderia dar aos meus pais. Por eles é que eu continuo sendo *amarelo*.

O tecido cai aos meus pés e o quadro é recepcionado por uma salva de palmas estrondosa. Assovios, gritos, sons que saem dos lábios de toda aquela gente. Apesar de os três quadros terem sido admirados, a pintura feita para os meus pais é a mais apreciada. De norte a sul, não há um espectador sequer que não esteja aplaudindo com força e vontade.

O fundo branco ressalta tudo o que importa. Os três narcisos amarelos estão retratados lado a lado em uma pintura que ficará eternizada e jamais perderá sua cor, o oposto do que acontecia com as flores no lago, que secavam logo após alguns dias. Neste quadro, continuaremos sendo tão amarelos quanto antes, e ficaremos unidos através das pinceladas que eles tanto incentivaram. Para sempre, juntos como uma família.

Luciana murmura *parabéns* fora do microfone, se juntando às outras palmas. Diante dos holofotes, vendo minhas novas pinturas em destaque, sendo aplaudida pela minha arte e por quem eu me tornei, finalmente, viro *laranja* mais uma vez.



Várias fotografias são tiradas na frente dos quadros, além das entrevistas as quais sou submetida. De algumas eu tento fugir, entretanto, não escapo de todas. O que vale de verdade é a quantidade de pessoas incríveis que conheço durante as conversas descontraídas, e não as matérias que estamparão o meu nome nas mídias. Passei muito tempo me preocupando com o que saía nos jornais, e por uns bons meses não quero voltar a vê-los na minha frente.

— Aquele quadro é o mais maravilhoso que você já pintou. — Paola diz, me abraçando como se não tivesse acabado de fazer isso. — O do Nicolas não é o mais bonito, eu estava equivocada. Perdeu o posto depois que vi o meu e do Caio, sinto em informar, o nosso é o melhor.

— Vai ter que replicar porque quero um igualzinho no meu quarto. — Caio diz, fechando um abraço duplo. — É lindo demais.

— Caio, bem lembrado. — Paola dá um peteleco no braço dele. — São dois quadros. Também quero um, porque você vai sair do meu apartamento na próxima semana, vai levar o quadro embora e eu *preciso* dele.

Rio, procurando por Nicolas e Marcelo. Não os vejo em lugar nenhum. Acho esquisito, mas não pergunto nada, porque um senhor se aproxima de nós e cumprimenta o grupo. Luciana o acompanha, sendo extremamente simpática com ele.

— Boa noite. — ele acena com a cabeça, e logo direciona os elogios para mim. — Fiquei impressionado com o seu talento, Betina Garec. Você é uma artista que merece reconhecimento e tenho certeza que a sua carreira será muito promissora.

— Obrigada. — digo, enrubescida. Paola sorri como se o elogio fosse para ela, e eu a amo por ficar feliz com o meu sucesso.

— Eu estava contando ao senhor Mullire que você é uma pintora autodidata e não fez nenhum curso de especialização. Ele nem acreditou.

O senhor Mullire, como Luciana chama, concorda.

— É raro ver pintores tão talentosos que só contam com o dom da arte. A maioria se especializa ao longo dos anos. — ele puxa um envelope para fora do casaco, e me entrega. — Acredito que o meu convite vai ser uma boa oportunidade para você, ainda mais sabendo que nunca teve nenhuma especialização na área.

Puxo o papel de dentro do envelope, curiosa para saber do que se trata. Ao ler o conteúdo, coloco a mão no rosto, incrédula demais para fazer outra coisa, senão tremer como uma vara verde.

Paola e Caio param do meu lado, e quando veem o convite, começam a comemorar antes que eu mesma expresse qualquer emoção. Continuo sem acreditar que está mesmo acontecendo.

— Sou reitor da Faculdade Estudarte, que é focada em oferecer cursos nas áreas da arte em geral, e estamos oferecendo uma bolsa integral para que curse Artes Plásticas conosco. — o senhor Mulleri fala, e a ficha começa a cair aos poucos. — Será uma honra para nós termos uma aluna tão talentosa como você, Betina. Caso aceite, pode começar em fevereiro, no início do próximo ano letivo.

Parece inadequado, porém não ligo para boas maneiras, não depois de ouvir que acabo de ganhar uma bolsa para cursar o que sempre desejei. Pulo em cima do senhor Mulleri e o abraço tão forte, que talvez ele até desista de dar a vaga para mim. A emoção é a única coisa em que penso, tudo o que sinto.

— Em fevereiro estarei lá. — o solto, passando a mão em baixo dos olhos. — Não tenho nem como agradecer, senão dizendo mil vezes obrigada, senhor Mulleri.

Luciana seca suas lágrimas, emocionada com a minha evidente paixão pela arte e por saber que eu não cursei essa faculdade antes devido à proibição de Cecília. Agora não há nada que me impeça.

— Agradeça comparecendo em nosso prédio e sendo uma ótima aluna. — ele brinca, se despedindo. — Até fevereiro.

Acenamos para o reitor, que sai acompanhado por Luciana, e meus amigos começam a pular ao meu redor. A felicidade quando compartilhada tem um sabor mais gostoso.

— Digam olá para a mais nova acadêmica de Artes Plásticas, minha gente! — Paola grita, escandalosa como de costume. Caio a acompanha, e caímos na gargalhada.

— Lindinha, é um máximo que tenha conseguido a bolsa, mas vai terminar o curso de Psicologia com a gente, né? — ele aproveita e engata a pergunta.

— Claro. — digo, disposta a concluir a primeira graduação, ainda mais pelo fato de que está quase no final. Até que a primeira termine, vou precisar rebolar entre as duas.

Só então que Nicolas aparece, com Marcelo logo atrás. Fico preocupada pelo sumiço e me adianto, caminhando para perto deles.

— Está tudo bem? Vocês desapareceram de repente e nem avisaram nada.

— É, e perderam a maior novidade. — Paola fica de braços cruzados. — A Betina ganhou uma bolsa integral para cursar Artes Plásticas.

Apesar de minha amiga estar carrancuda, a expressão no rosto de Nicolas se abre de um jeito excepcional.

— Jura? — pergunta, e assim que eu concordo, ele me puxa para si e ergue o meu corpo para o alto. — Parabéns, meu amor, eles é que estão ganhando uma aluna e pintora inigualável.

Nicolas me beija ainda no alto, e depois coloca no chão, embora continue tocando carinhosamente a minha pele exposta.

— Fui no carro buscar um presente para você. — ele explica, e aí Paola desarma a carranca e descruza os braços. — Uma noite especial, merece uma lembrança igualmente especial.

Marcelo, que estava com as mãos para trás, ergue um buquê de narcisos amarelos.

— Uma garota merece mais do que rosas. — o pai diz, e Nicolas sorri, lembrando da fala de sua mãe. Marcelo passa ao lado do filho, e me

abraça, entregando as flores em seguida. — Parabéns pela exposição maravilhosa, por ganhar a bolsa do curso que ama. — com lágrimas nos olhos, acrescenta. — E obrigado pelo perdão que me deu e por ser a responsável pela alegria do meu Nicolas. A Laura teria te amado como uma filha.

Seguro o buquê de narcisos, sentindo o aroma deles, e também recordando do cheiro que a minha mãe adorava. Marcelo se afasta, com os olhos avermelhados de emoção, e deixa que Nicolas tome a iniciativa novamente.

— Achei que precisasse de uma nova caixa de lembranças. — ele entrega um pacote em minhas mãos, por isso passo o buquê para Paola. — Vai ter muitas memórias incríveis para guardar.

Desfaço o laço, e ao tirar a caixa, sorrio abertamente para Nicolas. A frase na tampa é semelhante à que ganhei quando criança, por exceção de uma palavra.

Sempre olhe para dentro.

A caligrafia de Nicolas marca a frase que complementa o desejo de minha mãe. Ela queria que eu olhasse para dentro das memórias, enquanto ele quer mais, quer que eu faça isso *sempre*, não só às vezes. É o presente ideal para a noite em que retomo oficialmente à carreira de pintora.

— Já tem uma lembrança aí dentro. — ele se antecipa, colocando a mão sobre a minha, ajudando a levantar a tampa. — Na verdade, vai ser uma lembrança bem melhor se aceitar o pedido.

Os olhos dele cintilam, e embora a galeria continue com espectadores ao redor, parece que somente nós dois existimos, absolutamente, nada a não ser a gente. Olho para o interior da caixa, e um papel desdobrado está centralizado, contendo uma única pergunta.

Além de vermelho, fico *azul, rosa, amarelo, laranja, verde, cinza, marrom, roxo*, até mesmo um pouquinho *branco*. Várias cores oscilam entre nós, exceto o preto, o único tom a ficar de fora. Estamos cheios de tonalidades intensas, envolvidos por muitos sentimentos bons.

O amor, como disse, é feito de todas as cores. Nicolas me dá cada uma delas e eu dou o mesmo a ele. Nos tornamos quadros mais coloridos

nas mãos um do outro.

Quer namorar comigo?

Eu olho para dentro.

Olho de novo.

E aceito.

Epílogo



Nicolas ajuda a trazer os panfletos para cima do palanque, enquanto Paola e Caio colam outros ao redor do parque. Formulamos o projeto juntamente com o prefeito, Marcelo e o novo delegado de Ostala. Marta também fez questão de colaborar, e acredito que a partir dele, conseguiremos resultados melhores do que os atuais. Temos que discutir o assunto e exterminar o silêncio. Todos concordam plenamente com isso.

Sempre olhe para dentro: não deixe que a violência doméstica saia impune. Denuncie, converse, lembre-se que não está sozinho. Estamos dispostos a olhar, se você também estiver.

Olhe para dentro. Sempre.

— Preciso dizer o quanto eu estou orgulhoso? — alguém me abraça por trás, e nem posso adivinhar quem deve ser. — O projeto ficou sensacional.

— Hum, precisa dizer, sim. — jogo a cabeça para trás, e Nicolas beija a minha testa. — O prefeito e o delegado Feller devem estar chegando daqui a pouco.

A vaga da delegacia sendo repassada para ele foi uma decisão justa. O oficial Feller sempre fez por merecer e será um ótimo delegado.

— Tenho certeza que a apresentação do projeto será bem recebida pelos moradores. — Nicolas me vira para ele. — Não esperava menos de você. Pensa tanto nos outros que vai tirar um tempo diário para conversar com as vítimas. É um serviço comunitário maravilhoso, Betina.

— Já estive do outro lado e sei as inseguranças, o medo de denunciar, de se abrir para um estranho que não entende o que é se sentir assim. — seguro o panfleto, e fico orgulhosa pela proporção que o projeto está tomando. — O prefeito quer levar a ideia para outras cidades, outros

estados e até mesmo países. Uma ação pode desencadear quantas mais? É surreal.

Nicolas ergue meu queixo, beija meus lábios, e com a testa encostada na minha, diz: — Você vai garantir que muitas pessoas olhem para dentro do que tem, do que elas podem ter, e de como é necessário olhar para um futuro menos doloroso. Você que é surreal, Betina, e eu te *vermelho* ainda mais por causa da sua bondade infinita e pela vontade de ajudar o próximo.

— Eu te *vermelho* também, Nicolas Ferrazo. — sorrio, antes de roubar um novo beijo dele. — Agora me ajude a estender o mural antes que o pessoal comece a chegar. Quero que tudo esteja impecável.

A praça fica cheia de cores e cartazes explicativos, com a frase "sempre olhe para dentro" espalhada nas redondezas. O prefeito parabeniza pelo esforço e a primeira dama fica empolgada com o que falo sobre a iniciativa. Lentamente, mais moradores vão chegando e sentando-se nos bancos que dispomos de modo aleatório. Às dezoito horas, respiro fundo para subir no palanque ao lado das autoridades e conversar diretamente com os cidadãos de Ostala. Conseguimos chamar a atenção de um grande número de habitantes, o que é ótimo, pois precisamos da participação deles.

— Eu sofri durante doze anos nas mãos de uma tia, irmã da minha mãe. Pela lógica, não deveria ser assim, mas a realidade é dura e a violência doméstica acontece onde menos se espera. — depois de falar tantas vezes sobre esse assunto, agora nem é mais tão difícil me pronunciar a respeito dele. — Fui agredida, humilhada, impossibilitada de seguir meus sonhos e ter minha liberdade. Cheguei a achar que ela tinha razão em me maltratar, e se tem algo que posso dizer, é que esse foi o meu maior erro. Quem é vítima de maus tratos tem o costume de pensar que as coisas podem melhorar, que logo vai passar a ser diferente. Mas infelizmente não funciona desse jeito.

Quanto mais eu falo, mais pessoas aparecem. Paola, Caio, Nicolas, Marcelo e outros conhecidos, entregam os panfletos, enquanto eu continuo relatando o que enfrentei.

— Tive o apoio de amigos e pessoas que lutaram para que eu saísse da posição de vítima. Fiz a denúncia, e contrariando o que eu achava, minha tia foi presa. Ela tentou me matar mais de uma vez, e se eu continuasse permitindo aquela violência, talvez eu nem estivesse aqui para contar o meu relato. — aponto para o mural, esperançosa. — Quantos daqui conhecem vítimas que já sofreram com algo semelhante? Podem levantar a mão.

Impressionantemente, quase metade dos que estão sentados, erguem o braço. A quantidade de violentados confessos, seja pela própria família, cônjuges ou namorados, é triste e desoladora. O pior é que muitos casos são mantidos em sigilo total, e estes nem estão sendo mencionados.

— Agora, fiquem com a mão levantada, se conhecem vítimas que denunciaram os agressores. — vejo a maioria das mãos sendo abaixadas, de modo que menos de meia dúzia permanece erguida. — Percebem o quanto o assunto é grave? Temos que propiciar uma mudança para que as vítimas criem coragem e parem de colaborar com os agressores. Eles merecem estar na cadeia, concordam?

O consentimento é unânime. O barulho, a inquietude, a vontade de expor o desprezo por quem agride, é a prova de que a ideia tem tudo para dar certo. Os próprios moradores dão o gás que alavanca mais o desejo de pôr o projeto em prática.

— É por isso que, juntamente com a delegacia e a prefeitura de Ostala, criamos o projeto "Sempre olhe para dentro", que visa dar o suporte para os cidadãos da nossa cidade e, quem sabe no futuro, para outros lugares do mundo. O que queremos é mostrar que a violência doméstica existe, mas deve ser erradicada. Se a vítima olhar para dentro de si mesma, vai perceber que merece mais, e nós iremos ajudá-la a conquistar um ponto final digno.

Explosões de confetes coloridos e brilhantes caem em cima do público, que de imediato, tenta agarrar os pedaços cintilantes de papel. A luz do sol ao fim da tarde faz com que eles brilhem lindamente.

— O mundo precisa de mais cor. Garantam que as vítimas de violência doméstica consigam alcançar cores melhores do que as de hoje. — finalizo, sorridente e orgulhosa. — Estamos à disposição para tirar

dúvidas sobre o projeto e lembrem-se: sempre olhem para dentro, e deixem que a gente tenha a oportunidade de olhar também.

As autoridades tomam a fala para dar outros detalhes assim que termino a minha parte, e Nicolas vem correndo para me abraçar. Sinto um aperto reconfortante e seu cheiro que eu tanto adoro invade nas narinas. Entre os narcisos e o perfume dele, é difícil escolher o meu aroma favorito.

— Ouvi tanta gente garantindo que vão espalhar a novidade e convencer as vítimas que conhecem a virem a falar sobre as agressões. — ele se empolga tanto quanto eu. — Você tem muito trabalho pela frente, *amarelinha*.

Paro, surpresa, por Nicolas me chamar dessa forma. Ele nunca tinha dito o meu antigo apelido, e é estranho que esteja falando de repente.

— Me chamou de *amarelinha*?

— Ah, e como chamei. — ele passa a mão em minha nuca, mostrando o seu sorriso empolgado. — Você é luz, meu amor. Não só para mim, para os seus amigos, como também para todas as vítimas que vão procurar ajuda por causa do seu projeto. Seu pai tinha razão, porque você é *amarelinha* de verdade.

— Eu já falei que te *vermelho*? — passo a mão em volta de seus ombros, radiante. — Temos que comemorar mais tarde, afinal, o projeto merece.

Nicolas morde o lábio, dando uma risada suave.

— Tenho um plano infalível para isso. — ele olha para o alto, fingindo estar bolando a estratégia. — Infalível, não. *Irresistível*.

— Não me diga. — abro a boca, encenando junto com ele. — O que você tem em mente?

Olho de soslaio para o lado e noto que Paola sai saltitante pelo parque, mostra a língua e coloca as mãos na sua cabeça, atrapalhando o beijo de Caio e Fernando. O casal a enxota, balançando as mãos. Nicolas também percebe a cena hilária, o que nos faz dar risadas por fora do que estávamos comentando.

— Temos que fazer a noite da pizza lá em casa. — ele já adianta, descendo a mão até a minha cintura. — E você pode escolher os sabores que quiser.

Damos as mãos, andando a caminho de onde os nossos amigos estão parados.

— Todos? Até pizza de calabrerango e peixolate? — pergunto, interessada no que ele diz. — Posso inventar novos sabores também? Tipo, franchurros?

Nicolas para de caminhar, franze a testa, para depois voltar a sorrir.

— O que você quiser, desde que role a criação de um quadro humano depois. O lençol ainda não está colorido o suficiente. — ele negocia, mexendo as sobrancelhas com intenções maliciosas. — Uma pizza estranha por um pouco de pintura corporal. Nem parece tão ruim, né?

Nisso eu tenho que concordar.

Não parece nada ruim. Pelo contrário, é a melhor proposta que já recebi.

— Fechado.

fim

Agradecimentos



Quando eu olho para dentro, em primeiro lugar, vejo o quanto sou grata por ter escrito a história da Betina. Acredito que um escritor é convidado a conhecer uma vida que não é a sua, e eu fui escolhida para ser a autora que contaria essa. Os personagens apareceram para mim, e eu permiti que eles contassem o que foi retratado no livro. Falar sobre a violência doméstica e os traumas de alguém não é uma tarefa fácil, aliás, é bem difícil. São temas delicados e que precisam de muita cautela, pois lidam com situações reais do nosso cotidiano. É ficção, e ao mesmo tempo, não é. Já chego aonde quero chegar, aguentem aí.

Sou grata também aos meus pais e minha irmã por serem a família que dá o mesmo amor que a Betina recebia do Antônio e da Júlia. Sou de *todas as cores* graças a vocês, Maria Aparecida Dalsenter Costa, Walmir Henrique Costa e Suéllen Dalsenter Costa.

Sem minhas betas, o que seria de mim? Sou grata por cada mensagem entusiasmada, pelas lágrimas de emoção, pelos arquivos lotados de comentários e a torcida para que tudo terminasse bem no final. Tatiane Rodrigues, Patrini Viero, Camila Paiffer, Luiza Miranda, Maria Eduarda Razzera, Julia Menezes, Ingrid Mello Stoffeli, eu só tenho a agradecer. Aliás, gostaria de fazer um agradecimento especial à minha amiga Jéssica Driely, por betar todos os meus livros e por ser a irmã de outra mãe mais incrível que já se viu. Destaco também às betas que ajudaram na parte criminal da história, porque sem o toque das duas, teria sido ainda mais difícil: Gli Freire, você me salvou! Em muitos momentos, os seus toques abriram os meus olhos e deram outra perspectiva para detalhes que eu não perceberia sozinha. Bruna Soares, ter pesquisado sobre Direito Penal nas suas férias fez com que eu chegasse ao julgamento perfeito para a Cecília, e além disso, permitiu que nos tornássemos amigas. A literatura me trouxe vários presentes, e um deles foi a sua amizade.

Sou grata pela sensibilidade do Marcus Vínicius Pallas por ter criado a capa perfeita para retratar uma das cenas mais marcantes do livro. Quem chegou até aqui, nesta página, sabe do que eu estou falando. Além de uma imagem, entramos na cena e isso só é possível graças ao trabalho impecável do capista. Aproveito a brecha para agradecer à revisão feita pela Luciane Rangel, tornando o texto ainda mais correto para ser apreciado pelos leitores.

Agradeço de coração aos blogueiros que sempre me apoiam, ajudando a divulgar as minhas histórias. Vocês são nota mil.

Chego ao final dos agradecimentos com uma sensação de dever cumprido, porque se tem outra coisa pela qual sou grata, é por ter leitores para quem escrever e ser lida por tanta gente. Se está lendo isso, é sinal de que leu todo o restante, então sabe o quanto temos que espalhar a mensagem deixada pela Betina. O projeto criado por ela não existe, infelizmente, mas podemos seguir os princípios dele. Olhe para dentro e não se esqueça de quem se tornou, do quanto as suas memórias são importantes, mesmo as ruins. Nós somos feitos de memórias e as cores que nos permitimos sentir.

Conhece alguma Betina na vida real? Ajude, dê apoio, mostre que se importa. Sabe de alguma Cecília, que maltrata, que humilha, que destrói as esperanças de uma vítima? Denuncie. Não permita que um crime seja deixado de lado. A sua denúncia pode salvar uma vida.

Lembre-se de olhar para dentro e permitir que mais gente também olhe. E como falei logo no início, dê valor e ame todas as suas cores. Todas elas.

Com todo o *vermelho*,

Amanda Ághata Costa.